

**Para uma análise do conceito de “exótico”
O Interesse Japonês na Cultura Europeia (1549-1598)**

Catarina Anselmo Santana Simões

Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos

Setembro, 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História Moderna e dos Descobrimentos, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor João Paulo Oliveira e Costa.

Aos meus pais e ao meu irmão.

Agradecimentos

Ao longo do último ano e meio de trabalho, que teve como resultado esta tese de Mestrado, várias foram as pessoas que contribuíram, de uma forma ou de outra, para o produto final, e às quais, por isso, devo um agradecimento.

Em primeiro lugar, não poderia deixar de agradecer ao Professor Doutor João Paulo Oliveira e Costa, o meu orientador, pela disponibilidade constante, pelas sempre pertinentes sugestões, e por ter acreditado na viabilidade e relevância deste trabalho desde o princípio.

À Doutora Elsa Penalva, por ter permitido o equilíbrio, nem sempre fácil, entre o meu trabalho como bolsista de investigação no projecto “Prosopografia das Comunidades Lusófonas residentes e de passagem nas Filipinas (1582-1654)”, e a produção da minha tese, aliviando-me das minhas obrigações em alturas mais críticas, e apoiando-me e motivando-me sempre.

Aos Professores Jessica Hallett, Angelo Cattaneo e André Teixeira, porque foi nas suas aulas, nos seminários de Mestrado, que comecei a trabalhar sobre este tema e realizei os ensaios que deram origem à presente tese. Os seus comentários, sugestões e ajuda foram indispensáveis.

À Alexandra Campos, à Carla Veloso e à Paula Monteiro, pela imensa generosidade e pela inesgotável disponibilidade. São elas, em grande parte, que tornam o Centro de História de Além-Mar num óptimo local de trabalho, zelando para que nada falte aos investigadores.

Aos meus colegas e amigos do CHAM, em especial, a Raquel Prazeres, a Inês Cristóvão, a Ana Serrano, a Joana Torres e o Luís Gil, pelo apoio constante, e por sempre que necessário, conseguirem afastar dos meus pensamentos as preocupações académicas. Devo, igualmente, uma palavra de reconhecimento à Sara, à Silvana e à Sofia, pela dedicação e pela imensa amizade de vários anos.

Finalmente, aos meus pais, porque sem eles nada disto seria possível. E ao Gonçalo, o meu irmão e melhor amigo, uma vez que os seus conhecimentos, a sua ajuda e a sua paciência foram absolutamente fundamentais para a parte da tese sobre a música europeia no Japão do século XVI.

PARA UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE “EXÓTICO”.

O INTERESSE JAPONÊS NA CULTURA EUROPEIA (1549-1598)

Catarina Anselmo Santana Simões

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Japão, Europa, Cultura Material, Cerimónias Religiosas, Música.

A presente dissertação tem como objectivo o estudo do interesse manifestado pelos japoneses na cultura europeia a partir de meados do século XVI, aquando da chegada dos portugueses ao Japão. Com base nas fontes produzidas por jesuítas no contexto da Missão do Japão na segunda metade do século XVI, serão identificados e explanados os elementos da cultura europeia (nomeadamente cultura material, cerimónias religiosas e música) que foram introduzidos no Japão e que, pelo seu “exotismo”, suscitaram interesse entre os japoneses. Importa também discernir os motivos que poderão ter contribuído para este interesse, e apresentar os dois tipos de utilização da cultura europeia, que se podem identificar nas fontes: pelos padres, para aliciar à conversão, e pelas elites militares japonesas, como forma de demonstração de poder e estatuto social. Procurar-se-á, por fim, lançar questões essenciais para a produção de um discurso sobre o conceito de “exótico”, inverso ao que é habitualmente produzido pela historiografia.

ABSTRACT

KEYWORDS: Japan, Europe, Material Culture, Religious Ceremonies, Music.

This thesis aims at studying the interest manifested by the Japanese in the European culture in the second half of the 16th century, from the moment when the Portuguese arrived in Japan. From the documentation produced by the Jesuits in the context of the Japanese Mission, the elements of the European culture (namely the material culture, religious ceremonies and music) that were introduced in Japan, and that, by their “exoticism”, arose interest amongst the Japanese, will be identified and explained. It is also important to understand the motives that might have contributed to this interest, and to describe the two types of appropriation and utilisation of the European culture that can be identified in the sources: on the one hand, by the Jesuit priests, in order to allure the Japanese to the evangelisation; on the other hand, by the Japanese military elite, as a form of demonstrating power and social status. Finally, the objective is to establish essential questions towards the presentation of an inverse discourse of what is usually produced by the historiography of the Expansion about the concept of the “exotic”.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
1. Contextualização	
1.1. Os europeus no Japão no século XVI.....	5
1.2. Fontes utilizadas.....	13
2. O interesse japonês na cultura europeia	
2.1. Considerações gerais.....	28
2.2. A embaixada japonesa à Europa.....	35
2.3. Cultura Material	
2.3.1. As armas de fogo.....	41
2.3.2. Os óculos.....	47
2.3.3. O relógio.....	50
2.3.4. Têxteis e vestuário.....	55
2.3.5. A cadeira.....	60
2.3.6. A importância da dádiva na sociedade japonesa.....	64
2.4. As cerimónias religiosas europeias.....	70
2.5. A música europeia.....	78
3. Balanço: o conceito de “exótico”	
3.1. O “exótico” enquanto fonte de maravilhamento e poder.....	88
3.2. A curiosidade japonesa.....	92
3.3. O “exótico”: tentativa de definição.....	95
CONCLUSÃO.....	100
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	103
APÊNDICE A – IMAGENS.....	I
APÊNDICE B – REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS.....	IV

INTRODUÇÃO

“Depoes da embaixada do Pe. Vizitador ficarão nossas couzas em tanto conceito acerca dos japões, que quem não tem na corte alguma couza de vestido portuguez, não se tem por homem; e assim correm que hé couza estranha, e muitos senhores tem diversas esquipações de capas, mantilhas, camizas d’avanos, meas, calças, chapeos, gorras, etc. E quando se foi Taicosama [i.e. Hideyoshi] de Nangoya para o Miaco, toda a cidade e corte de Nangoya o acompanhou vestidos ao nosso modo, e assim tambem entrou no Miaco. Os alfayates de Nangazaqui não tem vagar, porque todos são occupados e vão para o Miaco. Correm tambem agora entre elles pellas d’ambre, cadeas de ouro, botoens, etc^a. (...) E tem tanto nome as couzas dos portuguezes entre elles que hé espanto.”¹

Este testemunho de João Rodrigues, citado por Luís Fróis na sua *Historia de Japam*, revela o enorme entusiasmo e interesse pelo vestuário europeu que se verificou entre os japoneses após a embaixada de Valignano à corte de Hideyoshi, em 1591. Foi a leitura desta referência, devido à semelhança que reconhecemos entre a atitude japonesa em relação à cultura material europeia, e a valorização do “exótico” a que se assistiu na Europa no século XVI, que motivou a escolha do tema da presente tese. Após um primeiro contacto com as fontes e a bibliografia, foi possível concluir que este interesse japonês pela cultura europeia foi algo constante durante o século da presença portuguesa no Japão, sobretudo no período de aproximadamente 50 anos que antecedeu ao início das perseguições aos cristãos.

Assim, se o alargamento do contacto com culturas e realidades naturais extra-europeias, proporcionado pela Expansão tornou cada vez mais notória a valorização do *diferente* pelas Casas Reais e pelos grupos sociais privilegiados na Europa, facilitando o acesso a produtos de origem extra-europeia, que a partir de então foram utilizados por reis e aristocratas, como forma de demonstrar poder pessoal, distinção e prestígio social, parece ter ocorrido um processo semelhante no Japão, aquando dos primeiros

¹ Cf. Luís Fróis, *Historia de Japam*, vol. 5, capítulo 65, p. 508. Citação de uma carta de João Rodrigues, de 1593.

contactos com os europeus. Efectivamente, quando os portugueses chegaram ao Japão em meados do século XVI, membros da elite militar nipónica, sobretudo na figura de Oda Nobunaga, manifestaram um particular interesse em produtos e objectos europeus inexistentes no Japão, alguns dos quais chegaram mesmo a ser utilizados como forma de representação simbólica, no quadro da construção de imagens de poder pessoal, à semelhança do que ocorria na Europa coetânea.

Pareceu-nos, então, pertinente produzir um discurso inverso ao que é habitualmente produzido pela historiografia da Expansão, e apresentar o “exótico” sob o ponto de vista do Japão, uma civilização extra-europeia. Adoptaremos, para tal, uma nova perspectiva sobre as fontes jesuíticas produzidas no contexto da missão do Japão, colocando a tónica, não nas percepções dos jesuítas sobre os japoneses, nem no processo da evangelização, mas no interesse que os japoneses demonstraram em vários elementos da cultura europeia.

Deste modo, no primeiro capítulo da tese far-se-á uma breve contextualização sobre a presença dos europeus no Japão na segunda metade do século XVI, e de seguida, serão sumariamente abordadas as fontes consultadas, procurando salientar as motivações e objectivos dos autores na produção dos documentos. É igualmente importante explicar, visto que foram utilizadas fontes produzidas por europeus religiosos que se encontravam no Japão para propagar o Cristianismo, de que forma estes textos são válidos para o estudo desta temática, e quais os cuidados a ter na sua interpretação, com vista à consecução de um discurso não demasiado parcial, que reconheça as complexidades do processo histórico e da construção historiográfica.

No segundo capítulo, serão identificados os elementos da cultura europeia pelos quais os japoneses manifestaram interesse. Procuraremos fazer uma análise sistemática das fontes textuais, nomeadamente das obras e cartas produzidas por padres jesuítas no contexto da missão do Japão, bem como de fontes produzidas aquando da embaixada japonesa à Europa em 1582, recolhendo todas as referências relevantes sobre o tema. Posteriormente, proceder-se-á a uma análise não cronológica dos dados recolhidos, isto é, depois de escolhidas as referências mais marcantes e elucidativas, estas serão apresentadas e agrupadas segundo o elemento da cultura europeia que representam: cultura material, cerimónias religiosas e música. No que diz

respeito à cultura material, será analisado individualmente cada tipo de objecto ou produto europeu que segundo as fontes terá suscitado interesse entre os japoneses, designadamente as armas de fogo, os óculos, os relógios, os têxteis, e a cadeira. Em relação às cerimónias religiosas, também elas serão analisadas individualmente, separando-se os rituais fúnebres de outras cerimónias cristãs. No que concerne à música, procuraremos sobretudo identificar os instrumentos a que se referem os padres na documentação, e salientar as diferentes atitudes dos japoneses em relação à música europeia. É de referir que por opção pessoal, e por constrangimentos de espaço, não serão abordadas a ciência, a astronomia e a filosofia europeias no Japão, temáticas que já foram alvo de investigações sistemáticas e plurais nos últimos anos.²

O terceiro capítulo consistirá numa reflexão em torno do conceito de “exótico” partindo da informação recolhida e apresentada no capítulo anterior, e da bibliografia sobre o tema. Na última década, a disciplina que tem protagonizado verdadeiramente as reflexões em torno dos discursos sobre o exótico tem sido a História da Arte, sendo de referir o importantíssimo contributo de Annemarie Jordan Gschwend. Contudo, mesmo nas obras mais recentes permanece mais ou menos central a perspectiva europeia sobre o “exótico” extra-europeu, faltando uma teorização sobre o conceito e a sua validade. Assim, adoptando uma perspectiva em que é a cultura europeia que é apresentada como sendo tendencialmente “exótica”, procurar-se-á mostrar a transversalidade de certos comportamentos humanos, neste caso o interesse pelo *diferente*, o uso do “exótico” como marca de poder e distinção, e a sua importância na construção de uma identidade própria, percebida por oposição a um “outro”.

Por fim, será apresentado em anexo um apêndice documental, no qual constarão as referências recolhidas nas *Cartas de Évora* e na *Historia de Japam* de Fróis, por estas constituírem as principais fontes de informação para o tema. Uma vez que nos deparámos com uma grande profusão de referências ao interesse japonês na cultura europeia, foi necessário fazer uma selecção das mais passagens marcantes para serem utilizadas no corpo da tese. No entanto, nos Anexos apresentaremos a

² Refira-se, a este propósito, a dissertação de Doutoramento apresentada em 2012 à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa por José Miguel Pinto dos Santos, *A Study in Cross-cultural Transmission of Natural Philosophy: the Kenkon Benseitsu*, e os vários estudos de Noël Golvers sobre o tema.

totalidade dos resultados, de forma a reforçar a ideia de que o interesse dos japoneses pelas coisas europeias, não se encontrando, de facto, no centro das preocupações dos missionário jesuítas, terá sido suficientemente significativo para merecer uma grande quantidade de comentários, por parte de vários padres diferentes. Deste modo, nos Anexos poderão encontrar-se, para além de todas as referências citadas no corpo da tese (pertencentes às *Cartas de Évora* e à *Historia de Japam* de Fróis), algumas que não serão particularizadas, e que consistem sobretudo em numerosas descrições de cerimónias cristãs no Japão, e referências sobre a importância da dádiva na sociedade japonesa.

1. Contextualização

1.1. Os europeus no Japão no Século XVI

Até meados do século XVI, o conhecimento europeu acerca do Japão era praticamente inexistente. Embora Marco Polo tenha sabido da existência do arquipélago através dos habitantes das cidades costeiras chinesas que visitou,³ a sua célebre descrição de Cipango, país maravilhoso onde abundava o ouro, tem pouco de verdadeiro e revela que o mercador veneziano nunca pisou, de facto, solo nipónico.⁴ Posteriormente, e até ao início dos contactos, apenas um português, Tomé Pires, escreveu sobre o Japão, sem, porém, o relacionar com o Cipango de Marco Polo. Dedicou ao arquipélago uma breve passagem da sua *Suma Oriental* (1515), para a qual se baseou em informações que recolhera em Malaca,⁵ e em que ressalta, desde logo, a utilização do nome “Jampom”, e a afirmação de que os japoneses “tratam na chijna poucas vezes”,⁶ situação que mais tarde se viria a mostrar deveras favorável para os portugueses. Contudo, nos quase trinta anos que se seguem à produção da *Suma Oriental*, a documentação portuguesa é silenciosa no que diz respeito ao Japão, não se tendo encontrado evidências de um aprofundamento do conhecimento sobre o arquipélago, ou até de um eventual interesse neste pelos portugueses.⁷

Assim, foi aparentemente de uma forma accidental que, em 1543, ocorreu o primeiro contacto documentado entre europeus e japoneses, quando três portugueses a bordo de uma embarcação chinesa desembarcaram em Tanegashima. De acordo com Diogo do Couto, que, tendo escrito já no final do século XVI, parece ter baseado a sua narração sobre a chegada dos portugueses ao Japão no *Tratado dos*

³ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, Lisboa, Instituto Cultural de Macau – Instituto de História de Além-Mar, 1995, p. 157.

⁴ Cf. Antonio Cabezas, *El Siglo Ibérico de Japón. La Presencia Hispano-Portuguesa en Japón (1543-1643)*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1994, p. 19; João Paulo Oliveira e Costa, *Portugal e o Japão. O Século Namban*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993, p. 14.

⁵ Cf. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, p. 367.

⁶ Cf. *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Leitura e Notas de Armando Cortesão, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978, p. 374.

⁷ Cf. Loureiro 2000, p. 367.

Descobrimentos de António Galvão (Lisboa, 1563),⁸ os três portugueses seriam António da Mota, Francisco Zeimoto e António Peixoto, que haviam decidido partir do Sião em direcção à China, “por ser então viagem de muito proveito”.⁹ Porém, quando procuravam o porto do Chincheu, onde eram autorizados a comerciar, um violento tufão desviou-os da rota, deixando o junco “tão desgovernado, que não houve outro remedio mais, que deixarem-se ir á vontade dos ventos”.¹⁰ Ao fim de quinze dias, chegaram a umas ilhas desconhecidas, cujos habitantes os auxiliaram e informaram de que se encontravam no Japão.¹¹ É de referir que embora esta seja a hipótese mais provável,¹² não existem certezas em relação ao ano e aos protagonistas do primeiro encontro entre portugueses e japoneses, pelo que tem havido alguma controvérsia em torno desta questão.¹³ Outra versão dos acontecimentos é a de Fernão Mendes Pinto, em que o autor declara ter sido um dos primeiros portugueses a chegar ao Japão, juntamente com Cristóvão Borralho e Diogo Zeimoto.¹⁴

A falta de certezas, patente na documentação, acerca dos protagonistas deste acontecimento parece demonstrar que provavelmente os agentes portugueses nesta parte do globo, aventureiros que viviam à margem das autoridades, adoptavam uma atitude discreta, procurando mesmo passar despercebidos, o que explica as sombras em torno da sua identidade.¹⁵ Porém, o facto de na célebre crónica japonesa *Teppô-Ki*, um dos portugueses ser identificado como “Kirishita ta Mota” (isto é, Cristão da Mota),¹⁶ aponta para uma maior verosimilhança da versão de António Galvão e Diogo do Couto. Mas mais importante do que a identidade dos protagonistas é o facto de ser

⁸ Cf. Costa 1995, p. 165. Vd. António Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, edição anotada e comentada pelo Visconde de Lagoa com a colaboração de Elaine Sanceau, 4ª ed., Porto, Livraria Civilização Editora, 1987, pp. 164-165.

⁹ Cf. Diogo do Couto, *Da Ásia. Década Quinta, Parte Segunda*, liv. 8, cap. 12, pp. 262-263.

¹⁰ Cf. Diogo do Couto, *Da Ásia*, V, II, 8, p. 265.

¹¹ Cf. Diogo do Couto, *Da Ásia*, V, II, 8, p. 265.

¹² Vd. Georg Schurhammer, S.J., “O Descobrimento do Japão pelos Portugueses no Ano de 1543”, *Anais da Academia Portuguesa de História*, Série 2, n.º 1 (1946), pp. 1-172; Kiichi Matsuda, *The Relations Between Portugal and Japan*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar – Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, pp. 2-3; Charles Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, Manchester, Carcanet, 1993, pp. 18-27.

¹³ Cf. Costa 1995, p. 124.

¹⁴ Cf. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação & Cartas*, 1.º volume, Lisboa, Edições Afrodite – Fernando Ribeiro de Mello, 1989, capítulo 132 e seguintes.

¹⁵ Cf. Costa 1995, p. 124.

¹⁶ Cf. Daiiruiji Bunji, “Teppô-Ki (1596-1614)”, in *Orientalia*, Georg Schurhammer (ed.), Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu – Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, p. 536.

consensual entre as fontes portuguesas e japonesas que os portugueses foram bem recebidos no Japão, tendo o primeiro contacto sido amigável. De facto, os japoneses terão considerado os portugueses “gente errante” e sem “um rigoroso ceremonial de cortezia”, mas inofensiva.¹⁷ Tal como abordaremos adiante, este primeiro contacto foi também marcado por um acontecimento que iria mudar decisivamente o devir da história política japonesa: a introdução da espingarda no país.

À data da chegada dos primeiros portugueses, o Japão atravessava um período comumente designado por *Sengoku-jidai* (1467-1590). Era um país fragmentado e marcado por um clima de guerra civil endémica, onde centenas de daimios lutavam pelo poder, conseguindo por vezes, e por breves momentos, estabelecer hegemonias regionais, enquanto o imperador não possuía qualquer autoridade efectiva. Neste contexto, a introdução das armas de fogo por via dos portugueses foi decisiva, na medida em que tirando partido desta novidade militar, Oda Nobunaga (1534-1582) iniciou o processo de unificação do território, o qual foi ulteriormente prosseguido e consolidado por Toyotomi Hideyoshi (1536-1598) e Tokugawa Ieyasu (1542-1616).

No entanto, os principais agentes do encontro cultural entre a Europa e o Japão, no período que a historiografia tem chamado de “Século Cristão” ou “Século Namban”, foram os missionários jesuítas, que a partir de 1549, quando Francisco Xavier fundou a missão do Japão, foram uma presença constante no Império do Sol Nascente.¹⁸ Assistiram de perto ao processo de unificação política, e introduziram não só o Cristianismo, mas também uma série de conhecimentos científicos e tecnológicos, assumindo-se como os emissários culturais da Europa no Japão, e simultaneamente

¹⁷ Cf. *Ibidem*.

¹⁸ Sobre a missão do Japão, vd. Charles Boxer, *The Christian Century in Japan: 1549-1650*, Manchester, Carcanet, 1993; Léon Bourdon, *La compagnie de Jésus et le Japon. La fondation de la mission japonaise par François Xavier (1547-1551) et les premiers résultats de la prédication chrétienne sous le supérieurat de Cosme de Torres (1551-1570)*, Paris, Centre Culturel Portugais, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993; Neil S. Fujita, *Japan's Encounter with Christianity. The Catholic Mission in Pre-Modern Japan*, Mahwah (New Jersey), Paulist Press, 1991; João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, dissertação de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998; João Paulo Oliveira e Costa, *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

como os disseminadores, na Europa, do conhecimento sobre a civilização japonesa.¹⁹ Sobre os contornos deste encontro de culturas debruçar-nos-emos mais adiante. Por ora, importa apresentar brevemente algumas características importantes da presença da Companhia de Jesus no Japão.

Em primeiro lugar, refira-se que numa primeira fase os portugueses, tanto mercadores como missionários, se fixaram na ilha de Kyûshû, onde acabaram por se estabelecer de forma definitiva no porto de Nagasaki, em 1571. No entanto, desde o início da missão, logo com Francisco Xavier, que a chegada à capital, Miyako, era um objectivo: a partir de 1551 várias tentativas de chegar à cidade foram levadas a cabo pelos Jesuítas, mas só no começo de 1560 conseguiram estabelecer aí uma missão, composta pelo padre Gaspar Vilela, o irmão Lourenço e o dógico Damião, estes dois últimos japoneses.²⁰ No entanto, nas primeiras décadas, as relações entre portugueses e japoneses mantiveram-se centradas em Kyûshû, e limitadas a alguns dáimios, como o de Bungo, Ôtomo Yoshishige, e o de Ômura, Ômura Sumitada.

Nesta sequência, é importante mencionar que a proximidade dos jesuítas às elites políticas e sociais japonesas se revelou uma condição absoluta para o sucesso da missão, pelo que rapidamente a estratégia de conversão adquiriu contornos sociais e políticos claros.²¹ De facto, na já mencionada conjuntura de guerra civil, a protecção por parte das autoridades locais, conseguida através de boas relações diplomáticas com as elites no poder, era fundamental para que os padres pudessem circular com segurança pelo território japonês.²² No entanto, esta protecção era extremamente difícil de obter e, sobretudo de manter, e quando conseguida, não raras vezes se revelava fruto dos interesses comerciais dos dáimios.²³ De qualquer forma, foi em larga medida esta necessidade de colaboração com as autoridades que conduziu a que

¹⁹ Cf. Jurgis Elisonas, "Christianity and the daimyo", in *The Cambridge History of Japan*, 6 vols., *Early Modern Japan*, John Whitney Hall & James L. McClain (eds.), Cambridge, Nova York e Melbourne, Cambridge University Press, 1991, vol. 4, pp. 302-303.

²⁰ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, "Oda Nobunaga e a expansão portuguesa", in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaios de história luso-nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, p. 109.

²¹ Cf. Ana Fernandes Pinto, "Japanese Elites as Seen by the Jesuit Missionaries. Perceptions of Social and Political Inequality Among the Elites", in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 1 (Dec. 2000), pp. 29-43.

²² Cf. *Ibidem*, p. 30.

²³ Cf. Elisonas 1991, p. 310.

os missionários jesuítas adoptassem, no Japão, uma atitude inovadora, abandonando o princípio da *tabua rasa*, que se baseava num padrão de “europeização” dos convertidos, em função de uma adaptação e respeito pelos costumes locais.²⁴

Pode considerar-se que esta estratégia da Companhia de aproximação às elites foi bem-sucedida: não só vários dáimios se converteram ao Cristianismo e zelaram pelo sucesso da missão,²⁵ mas também os primeiros unificadores, Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi, embora nunca se tenham convertido, se mostraram de uma maneira geral favoráveis à presença dos padres, tendo recebido por diversas vezes audiências dos mesmos. Na verdade, Oda Nobunaga, na sua própria estratégia de consolidação e centralização do poder, permitiu a propagação do Cristianismo, em parte porque este enfraqueceria o poder dos bonzos, permitindo-lhe que os controlasse, e tal como será explanado à frente, aproveitou alguns dos presentes europeus que recebeu dos jesuítas para a construção da sua imagem de poder e prestígio pessoal.²⁶ Quanto a Hideyoshi, os padres reconheciam-lhe, de uma maneira geral, um carácter mais imprevisível e irascível do que a Nobunaga, tendo mesmo este chefe militar chegado a promulgar um édito anti-cristão em 1587 e a promover perseguições ao Cristianismo, sendo de referir, a este propósito, o martírio de Nagasaki de 1597.

Tanto a historiografia como os próprios missionários que se encontravam no Japão quando Hideyoshi lançou este édito atribuíram-no à imprevidência das atitudes de Gaspar Coelho, então vice-provincial do Japão. Em 1584, o padre havia sugerido ajuda militar espanhola, proveniente de Manila, aos dáimios cristãos de Kyûshû.²⁷ Ulteriormente, em 1586, numa audiência com Hideyoshi, prometeu, certamente crendo que assim agradava ao *kanpaku*, conseguir o apoio dos dáimios cristãos de

²⁴ Cf. Isabel Pina, “The Jesuit Missions in Japan and in China: Two Distinct Realities. Cultural Adaptation and the Assimilation of Natives”, in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 2 (Jun. 2001), p. 60.

²⁵ Ômura Sumitada, Ôtomo Yoshishige e Arima Harunobu, referidos nas fontes, respectivamente, como D. Bartolomeu, D. Francisco e D. Protásio, são os mais célebres exemplos desta realidade, bem como Takayama Ukon (D. Justo) e Konishi Yukinaga (D. Agostinho). Vd. Madalena Ribeiro, *Samurais Cristãos. Os Jesuítas e a Nobreza Cristã do Sul do Japão no Século XVI*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar, 2009.

²⁶ João Paulo Oliveira e Costa, “Oda Nobunaga e a expansão portuguesa”, in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI: Ensaios de história luso-nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 107-128.

²⁷ Cf. Boxer 1993, p. 168.

Kyûshû contra o dáimio de Satsuma e Ryuzoji Masaie, e a ajuda militar do Estado da Índia, que se materializaria sobretudo na cedência de dois navios portugueses, para a expedição militar de Hideyoshi na China.²⁸ Embora Gaspar Coelho pensasse agradar a Hideyoshi, este considerou que esta intromissão nos assuntos políticos nipónicos se poderia revelar perigosa, na medida em que se o vice-provincial mostrava ter poder e influência para o auxiliar naquele momento, mais tarde, poderia decidir prejudicá-lo, e atentar contra as suas ambições hegemónicas. Todavia, importa salientar que Hideyoshi não fez cumprir este édito de uma forma estrita. Com efeito, as missões não foram suspensas, e o número de jesuítas no Japão continuou a aumentar depois de 1587: em 1590 verificou-se um crescimento de 20,72% no corpo missionário, e entre 1586 e 1590, registou-se um aumento exponencial do clero nativo (163,9%), considerado pelos europeus demasiado rápido, o que conduziu à suspensão de novas admissões até 1595.²⁹ Para além disso, segundo Michael Cooper, foi inclusivamente já depois de 1587, designadamente em 1591-92, que se verificou o apogeu do interesse japonês na cultura europeia.³⁰

A partir de 1596, porém, um incidente controverso, o naufrágio do Galeão *San Felipe*,³¹ inicia uma profunda viragem na história da presença dos Europeus no Japão, na medida em que após este naufrágio, o rumor de que os franciscanos seriam espiões ao serviço de uma força militar estrangeira que pretendia invadir o Japão conduziu a uma drástica mudança de atitude por parte de Hideyoshi face aos missionários. Em Fevereiro de 1597, o *kanpaku* ordenou a prisão e crucificação de 26 cristãos – seis franciscanos, três irmãos jesuítas japoneses e dezassete convertidos, e em Março foi

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 141.

²⁹ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, “Os Jesuítas no Japão (1549-1598). Uma análise estatística”, in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaio de história luso-nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, p. 32-33.

³⁰ Cf. Michael Cooper, *Rodrigues, o Intérprete. Um Jesuíta no Japão e na China*, Lisboa, Quetzal Editores, 1994, p. 105.

³¹ Os Franciscanos haviam obtido de Hideyoshi autorização para estabelecerem uma missão no Japão em 1593, aquando da célebre embaixada franciscana proveniente de Manila, o que acabou, na prática, com o exclusivo da influência da Companhia de Jesus e do Padroado Português do Oriente no Japão, conduzindo a um clima de rivalidade e tensão latente entre Jesuítas e Franciscanos. Sobre este assunto, vd. João Paulo Oliveira e Costa, “Aspectos do quotidiano dos Jesuítas no Japão na conjuntura de 1587-1593”, in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 186-188; Costa 1998, pp. 202-222; Pedro Lage Reis Correia, “Alessandro Valignano Attitude Towards Jesuit and Franciscan Concepts of Evangelization in Japan (1587-1597)”, in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 2 (Jun. 2001), pp. 79-108.

promulgado um novo édito de expulsão, que acabou por conduzir à supressão da missão franciscana e a perseguições aos missionários e cristãos.³²

Posteriormente, em 1600, a batalha de Sekigahara e a consequente afirmação de Tokugawa Ieyasu enquanto homem mais poderoso do Japão marcou um novo e definitivo ponto de viragem, uma vez que ao contrário dos seus antecessores, Ieyasu nunca revelou particular interesse pelos padres,³³ embora inicialmente, depois da sua ascensão ao poder, se tenha assistido a uma diminuição da hostilidade em relação aos cristãos, que permitiu que o trabalho de evangelização prosseguisse.³⁴ No entanto, a chegada dos holandeses, no mesmo ano, permitiu a percepção por parte do poder central de que a Cristandade era, afinal, uma entidade fragmentada, e que as relações comerciais com os europeus poderiam ser mantidas sem que a presença dos padres fosse uma condição imperativa, uma vez que os holandeses não demonstravam ter interesses proselitistas.³⁵ Este factor terá contribuído fortemente para que, a 27 de Janeiro de 1614, Ieyasu lançasse um novo édito que proibia o exercício público e privado do culto cristão.³⁶ O Cristianismo desde cedo se mostrara potencialmente incompatível com o processo de unificação do Japão e com a afirmação de um poder central forte, na medida em que impossibilitava um controlo eficaz de toda a população. Deste modo, uma vez cimentado o seu poder e praticamente reunificado o território, Ieyasu tomou a decisão de eliminar definitivamente esta religião.³⁷ Em 1616, o seu sucessor, Hidetada, promulgou uma nova lei que ditava que todo o comércio externo deveria ser conduzido apenas a partir dos portos de Hirado e Nagasaki,³⁸ e que qualquer indivíduo que tentasse proteger os missionários seria condenado à morte.³⁹ Assim, ao contrário do que se verificara com Hideyoshi anos antes, a partir de 1614

³² Cf. João Paulo Oliveira e Costa, "Japão", in *História dos Portugueses no Extremo Oriente: De Macau à Periferia*, dir. A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, p. 416.

³³ Cf. Sofia Diniz, *A Arquitectura da Companhia de Jesus no Japão. A criação de um espaço religioso cristão no Japão dos séculos XVI e XVII*, tese de Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII) apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2007, p. 44.

³⁴ Cf. Costa 2000, p. 417.

³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 418.

³⁶ Cf. José Miguel Pinto dos Santos, *A Study in Cross-cultural Transmission of Natural Philosophy: the Kenkon Bensetsu*, Dissertação de Doutoramento em História dos Descobrimentos, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2011, p. 180.

³⁷ Cf. Costa 2000, p. 423.

³⁸ Cf. Santos 2011, p. 188.

³⁹ Cf. Costa 2000, p. 423.

assistiu-se a uma efectiva expulsão dos missionários do território, dando o édito início a um período de violentas e severas perseguições aos convertidos e a padres clandestinos.

Em 1624, todos os portugueses e espanhóis que residiam no Japão foram expulsos, e obrigados a abandonar as suas mulheres e filhas.⁴⁰ No mesmo ano, os japoneses cristãos foram impedidos de participar no comércio externo, e em 1636 todos os japoneses foram proibidos de sair do país ou regressar, dependendo do sítio onde se encontravam.⁴¹ Também em 1636, todos os estrangeiros ficaram confinados à ilha artificial de Deshima, construída em frente ao porto de Nagasaki nos dois anos anteriores, numa clara tentativa por parte do poder central de controlar os estrangeiros, impedindo que contactassem com os japoneses, e assim eliminando qualquer possibilidade de influência estrangeira sobre a população autóctone.⁴² No ano seguinte, a revolta de Shimabara, embora tenha sido motivada por factores económicos e sociais, relacionados com a actuação tirânica dos senhores locais, os quais submetiam os camponeses a uma intensa exploração, foi rapidamente encarada pelo poder como uma luta religiosa.⁴³ De facto, o levantamento ocorreu na península de Shimabara e nas ilhas de Amakusa, em cujas populações o Cristianismo havia penetrado com bastante sucesso, e a questão da opressão religiosa acabou por se fundir no protesto. Esmagada com a chacina de Hara, em que cerca de 37.000 cristãos perderam a vida, a revolta de Shimabara tornar-se-ia, assim, num marco para a eliminação da Cristandade, e num pretexto para a suspensão dos contactos comerciais com os mercadores de Macau.⁴⁴ Por fim, em 1639, os portugueses foram definitivamente expulsos do território nipónico, terminando assim um século de presença portuguesa no Japão.⁴⁵

É de salientar, no entanto, que esta fase final, de perseguições e violência, não será sistematicamente estudada neste trabalho, uma vez que não se encontra dentro dos seus limites cronológicos. Mesmo a própria questão da evangelização, apesar de

⁴⁰ Cf. Costa 2000, p. 427; Cf. Santos 2011, p. 190.

⁴¹ Cf. Santos 2011, p. 190.

⁴² Cf. Valdemar Coutinho, *O fim da presença portuguesa no Japão*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, p. 142.

⁴³ Cf. Diniz 2007, p. 46; Fujita 1991, pp. 183-187.

⁴⁴ Cf. Santos 2011, pp. 190-191.

⁴⁵ Sobre este assunto, vd. Coutinho 1999.

estar necessariamente sempre presente, na medida em que constitui o pano de fundo, não é o nosso principal objecto. Este será, ao invés, aquele que consideramos o factor essencial que terá proporcionado este século de convivência: o profundo interesse japonês em elementos da cultura europeia, que por serem estranhos e “exóticos”, foram uma fonte de fascínio e maravilhamento, desde o desembarque em Tanegashima, em 1543, até encontrar o seu apogeu nos anos que se seguiram à embaixada de Valignano à corte de Hideyoshi.

1.2. Fontes utilizadas

Devido à natureza do presente trabalho, bastante centrada na análise textual de testemunhos coevos dos acontecimentos relatados, revela-se imprescindível uma apresentação sumária das fontes e autores consultados.

Indiscutivelmente, o autor de referência para a análise do tema é Luís Fróis. Nascido em Lisboa em 1532, Luís Fróis talvez tenha sido criado num ambiente cortesão.⁴⁶ Tendo recebido formação humanística, entrou na Companhia de Jesus em 1548, partindo logo de seguida para a Ásia em missão apostólica. Depois de uma passagem pela Índia, entre 1554 e 1557 esteve em Malaca. Foi durante estes três anos que terá começado a evidenciar o talento para a escrita⁴⁷ que o tornou, posteriormente, num dos mais destacados jesuítas portugueses que estiveram na Ásia Oriental, onde se fixou em 1562, depois de ter sido ordenado sacerdote.

Chegou ao Japão em Julho de 1563, e em 1565 tornou-se superior da missão de Miyako, onde esteve durante dez anos, findos os quais se deslocou para a região de Bungo, da qual também foi superior.⁴⁸ Adepto do método da chamada “acomodação

⁴⁶ Cf. Rui Manuel Loureiro, “A visão do *outro* nos escritos de Luís Fróis, S.J.”, in *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993). Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (eds.), Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa e Instituto de História de Além-Mar, 1994, p. 648.

⁴⁷ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, dissertação de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998, Apêndice “Jesuítas no Japão”, “FRÓIS, Luís”, p. 776.

⁴⁸ Cf. *Ibidem*, p. 776.

cultural” desenvolvido pelos jesuítas em contextos asiáticos, Luís Fróis desempenhou um importante papel na aproximação dos padres a Oda Nobunaga,⁴⁹ a quem foi apresentado em Abril de 1569 por um lugar-tenente deste, Wada Igano-Kami,⁵⁰ o que foi imprescindível para o sucesso da missão no Japão.⁵¹

Em 1581, acompanhou Alessandro Valignano, o Padre Visitador, durante a sua visita ao centro do Japão, e posteriormente foi companheiro de Gaspar Coelho, o vice-provincial. No mesmo ano, numa carta escrita em Outubro a Everardo Mercuriano (o Padre Geral da Companhia de Jesus), Lourenço Mexia afirmava peremptoriamente que Fróis ultrapassava todos os padres no domínio da língua japonesa.⁵² Em Outubro de 1592, Fróis acompanhou novamente Valignano, desta vez a Macau, tendo regressado ao Japão apenas três anos depois, e acabou por morrer em Nagasaki, no ano de 1597, alguns meses depois do martírio dos 26 cristãos.⁵³

Entre as suas variadas obras, destacam-se a *Historia de Japam* e o *Tratado das diferenças de costumes entre a Europa e Japam*.⁵⁴ Contudo, é também importante não esquecer a sua vasta obra epistolar, que embora tenha vindo a ser editada já desde o século XVI pelos jesuítas na Europa,⁵⁵ não o foi na sua totalidade, permanecendo uma parte significativa ainda em suporte manuscrito. Conheceu de uma maneira profunda

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, p. 776.

⁵⁰ Cf. Armando Martins Janeira, *O impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, 2ª edição, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988, p. 91.

⁵¹ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, “Oda Nobunaga e a Expansão Portuguesa”, pp. 107-128.

⁵² Cf. Carta de Lourenço Mexia a Everardo Mercuriano, Padre Geral da Companhia de Jesus. Bungo, 8 de Outubro de 1581, in ARSI, Jap-Sin 9 I, fl. 37.

⁵³ Cf. Michael Cooper, “Notes on Authors”, in *They Came to Japan. An Anthology of European Reports on Japan, 1543-1640*, Berkeley, University of California Press, 1981, p. 409.

⁵⁴ Título completo, *Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradisões e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta provincia de Japão. E ainda que se achem nestas partes do Ximo algumas couzas em que parese comvirem os japões connosco, não he por serem commuas e universais nelles, mas por aqiridas polo comercio que tem com os portuguezes que ca vem tratar com elles em seus navios. – E são muitos de seus costumes tão remotos, peregrinos e alongados dos nossos que quasi parece incrível poder aver tão oposita contradisção em gente de tanta policia, viveza de emgenho e saber natural como tem. E pera se não confundirem humas cousas com outras, dividimos isto com a graça do Senhor em capitulos. – Feito em Canzusa aos 14 de Junho de 1585 Annos.* Cf. Luís Fróis S.J., *Kulturgegensätze Europa – Japan (1585). Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradicções e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta provincia de Japão*, ed. Josef Franz Schütte, S.J., Tokyo, Sophia Universität, 1955, p. 92.

⁵⁵ São de referir, neste contexto, pela sua importância, as *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da Índia, & Europa, des do anno de 1549 até o de 1580*, 2 tomos, Maia, Castoliva editora Lda., 1997 (edição fac-similada da edição de Évora de 1598).

o Japão do seu tempo,⁵⁶ tanto no que diz respeito à política como à sociedade, cultura e religião, tendo estudado o Xintoísmo e o Budismo, dos quais existem inúmeras referências na *Historia de Japam*.

A produção da *Historia de Japam*, a obra que de seguida será profusamente citada, foi sugerida em 1579, pelo Padre Giovanni Pietro Maffei ao Padre Geral Everardo Mercuriano. Segundo este autor italiano, que então se encontrava em Portugal a pesquisar para a sua *Istorie dell' Indie Orientali*, o Padre Luís Fróis, “com a sua experiência, ciência e habilidade”,⁵⁷ poderia escrever uma história da evangelização do Japão, onde vivia havia já vários anos. Uma vez que Mercuriano morreu no ano seguinte, acabou por ser o seu sucessor, Cláudio Aquaviva, a aceitar a sugestão de Maffei e escrever a Valignano para transmiti-la a Luís Fróis.⁵⁸ Fróis aceitou o empreendimento, e produziu a sua mais conhecida obra aproximadamente entre 1585 e 1593.⁵⁹ Contudo, o Padre Visitador considerou-a demasiado extensa e imprecisa tendo em consideração o público-alvo,⁶⁰ e não chegou sequer a enviá-la para Roma, caindo a *Historia de Japam* praticamente no esquecimento até ao início do século XX,⁶¹ quando os manuscritos foram descobertos pelos padres Cros e Schilling. Actualmente, tendo sido já sujeita a várias edições, é considerada uma fonte incontornável para o estudo da presença portuguesa no Japão, e da própria história do Japão na segunda metade do século XVI.

A obra encontra-se dividida em três partes. A primeira parte, que cronologicamente se estende entre 1549 e 1578, na edição anotada por José Wicki, S. J., corresponde aos dois primeiros volumes; a segunda parte, entre 1578 e 1587, ao terceiro e quarto volumes, e a terceira parte, entre 1588 e 1593, ao quinto volume.

Para uma melhor compreensão da informação que de seguida será apresentada, importa salientar alguns aspectos da obra que influenciaram

⁵⁶ Cf. Janeira 1988, p. 91.

⁵⁷ Cf. José Wicki, “Introdução”, in *Historia de Japam*, vol. I, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1976, p. 11.

⁵⁸ Cf. *Ibidem*, p. 11.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*, p. 12-13.

⁶⁰ Cf. Francisco Roque de Oliveira, “A Treatise Inside a Treatise: Chinese Matters in the *Historia da Igreja do Japão* by João Rodrigues Tçuzu S.J.”, in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 18/19 (2009), p. 141; Luís Filipe Barreto, *Macau: Poder e Saber – Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Presença, 2006, pp. 377-380.

⁶¹ Cf. Wicki 1976, p. 1.

directamente a forma como o autor optou por abordar os temas que analisaremos. O facto de Luís Fróis ser um padre jesuíta marcou de uma forma bastante notória a sua *Historia de Japam*. Desde já, o supramencionado propósito para o qual foi escrita pode ser comprovado pelo facto de a narrativa começar em 1549, ano em que os primeiros missionários jesuítas, chefiados por S. Francisco Xavier, desembarcam em Kagoshima. Efectivamente importa reforçar que o principal objectivo de Fróis não foi fazer uma história do Japão propriamente dita, nem uma história da presença portuguesa no Japão, mas sim uma história da Companhia de Jesus no arquipélago. Deste modo, o plano que se revela central na obra é o plano religioso, havendo uma intenção notória de narrar os principais acontecimentos na história da evangelização do Japão e enaltecer os feitos da Companhia neste contexto.

Contudo, estando o sucesso da cristianização bastante dependente dos vários poderes políticos que concorriam em território nipónico (sobretudo os diversos dáimios, o xogum, e até os líderes religiosos budistas e xintoístas), e da sua adesão, permissão ou proibição do Cristianismo, houve uma necessidade efectiva por parte do autor de articular a dimensão religiosa com episódios da história política do Japão no período sobre o qual escreve, uma vez que estes dois planos são absolutamente indissociáveis. Assim, ao longo da obra, Fróis acaba por produzir um pormenorizado retrato dos assuntos seculares do Império do Sol Nascente, podendo encontrar-se vários relatos de conflitos entre senhores feudais, particularmente no que diz respeito às lutas travadas em Kyûshû, a história da ascensão e morte de Oda Nobunaga e a acção de Toyotomi Hideyoshi, bem como explicações sobre a forma como todos estes acontecimentos influenciaram a missão jesuítica e a propagação do Cristianismo.

É, ainda de referir que no prólogo da obra, o autor refere explicitamente que uma das suas intenções é dar a conhecer ao público europeu a realidade japonesa, desconstruindo a imagem deturpada que existia na Europa em relação ao Japão, e que segundo o próprio, em parte decorria das cartas particulares escritas ao longo dos anos pelos jesuítas da missão do Japão.⁶²

⁶² Cf. Luís Fróis, *Historia de Japam*, edição anotada por José Wicki, S. J., Lisboa, Biblioteca Nacional, 1976, vol. I, p. 5.

Identificados os principais temas abordados por Luís Fróis na *Historia de Japam*, importa ressaltar, então, que as referências específicas que analisaremos de seguida, relativas à curiosidade inerente aos japoneses e ao interesse manifestado por estes em produtos europeus surgem sempre claramente motivadas por uma “agenda”, isto é, num contexto em que se pretende demonstrar, em primeiro lugar, a abertura dos japoneses à conversão, e por outro lado, os feitos dos padres e a influência que detinham junto do poder político de forma a garantir a propagação da fé cristã.

Uma outra importante obra de Luís Fróis é o já referido *Tratado das diferenças de costumes entre a Europa e Japam*, em que o autor aponta, numa longa lista, as diferenças que observou entre os hábitos e costumes europeus e japoneses. Ressalta deste tratado o discurso sintético e sistemático do autor, que apenas refere as contradições, sem nunca produzir comentários de qualquer espécie, e por isso, não adoptando uma atitude favorável nem crítica em relação ao seu objecto.⁶³ Assim, este não se trata, de todo, de um tratado ideológico ou de edificação moral, mas provavelmente de um manual sobre os costumes japoneses, que teria como objectivo apresentar de uma forma breve aos missionários recém-chegados a nova e singular realidade cultural que iriam encontrar. Inteiravam-se, deste modo, sobre os hábitos japoneses que não tinham paralelo, ou que seriam reprováveis na Europa, e evitavam atitudes, que sendo comuns no seu continente de origem, eram claramente opostos aos códigos comportamentais e de conduta japoneses.⁶⁴

É de salientar que no seu *Tratado das diferenças de costumes entre a Europa e Japam*, e em algumas partes da *Historia de Japam* Fróis adopta uma perspectiva inesperadamente moderada, tendo em consideração a época e o contexto cultural em que viveu e cresceu, e quase sempre imparcial (excepto, como seria de esperar, no que concerne a assuntos do foro religioso e relativos ao comportamento dos bonzos) que lhe mereceu a equiparação por parte de Donald F. Lach a “um moderno estudioso da antropologia cultural”.⁶⁵ No entanto, é importante reforçar e ter-se em consideração ao ler a sua obra, que o autor se tratava, de facto, de um jesuíta, o que influenciou de

⁶³ Cf. Loureiro 1994, p. 661.

⁶⁴ Cf. *Ibidem*, p. 662.

⁶⁵ Cf. Donald F. Lach, “Japan”, in *Asia in the Making of Europe*, vol. I, book 2, Chicago – London, The University of Chicago Press, cop. 1965, p. 687.

forma determinante o conteúdo do que escreveu. Tal não diminui de forma nenhuma a sua obra. Trata-se apenas do reconhecimento de que as fontes escritas são fruto de uma construção humana, e como tal, marcadas por uma indelével subjectividade.

No que diz respeito à epistolografia jesuítica, esta também constitui uma fonte de informação primordial para a análise do tema. Devido à quantidade extraordinária de documentação manuscrita existente, auxiliámo-nos, em larga medida, de colectâneas documentais impressas, sendo a mais relevante as *Cartas de Évora* (1598), um vasto conjunto de epístolas redigidas maioritariamente por missionários jesuítas,⁶⁶ e seleccionadas e editadas por padres da própria Companhia de Jesus a mando do Arcebispo de Évora. Também os *Documentos del Japón*, editados por Juan Ruíz-de-Medina entre 1990 e 1995,⁶⁷ são uma antologia documental incontornável, constituída por transcrições paleográficas anotadas das cartas manuscritas originais, e que difere significativamente das *Cartas de Évora* por disponibilizar os documentos na íntegra, isto é, sem cortes nem adaptações de conteúdo. Dentro do *corpus* epistolar produzido pela Companhia de Jesus no contexto da missão japonesa, são de particular interesse para o tema do presente estudo as cartas produzidas por Francisco Xavier, Cosme de Torres, Luís Fróis, Gaspar Coelho, Organtino Gneccchi-Soldo e Alessandro Valignano.

Importa, nesta fase, fazer uma breve ressalva sobre as cartas de produção jesuítica. Fundada em 1540, desde o início que a Companhia de Jesus assumiu a missão nos territórios extra-europeus como uma das suas actividades essenciais, tal como sugere o facto de Francisco Xavier ter partido para a Índia logo em 1541. Tendo como palco de acção territórios geograficamente vastos e distantes, cedo se percebeu a necessidade de manter a coesão e unidade da Ordem através de uma regulamentação estreita das relações entre o centro, em Roma, e as várias missões.⁶⁸ A correspondência revelou-se, assim, um elemento essencial no sistema de organização da Companhia, pelo que regularmente os Provinciais enviavam cartas para

⁶⁶ As excepções são doze cartas seculares: cinco escritas em nome de D. Sebastião (rei de Portugal), duas de Otomo Yoshishige (daimio de Bungo), duas de Shimazu Takahisa (daimio de Satsuma), uma de Matsuura Takanobu (daimio de Hirado), e duas anónimas (uma de um “português honrado” e outra de um “português”).

⁶⁷ *Monumenta Japoniae: Documentos del Japón*, 2 vols. (1547-1562), edição e anotações por Juan Ruíz-de-Medina, Roma, Instituto Histórico de la Compañía de Jesús, 1990-95.

⁶⁸ Cf. Héléne Vu Thanh, “Principles of Missionary Geography in Jesuit Spirituality and Their Implementation in Japan (16th-17th Centuries)”, in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 18/19 (2009), pp. 177-178.

o Padre Geral, que se encontrava em Roma, relatando o progresso e as dificuldades da missão nas respectivas províncias, e a hierarquia da Companhia respondia, orientando o trabalho missionário com vista à prossecução dos objectivos da Congregação.⁶⁹ O fundador da Companhia, Inácio de Loyola, rapidamente se apercebeu do potencial propagandístico das cartas, pelo que começou a publicá-las,⁷⁰ depois de seleccionadas e censuradas, sendo eliminadas quaisquer passagens que fossem consideradas imorais, inconvenientes, ou de qualquer forma desedificantes. Na verdade, a comparação entre versões editadas e versões manuscritas e originais de cartas, nomeadamente a identificação de excertos omitidos, pode constituir um exercício bastante interessante, na medida em que, por vezes, são estes excertos que mais revelam sobre a personalidade, convicções e opiniões dos autores. Por outro lado, demonstram também quais eram os critérios utilizados na edição das cartas.⁷¹

Foi neste contexto que, em 1579, se instituiu o sistema de cartas ânuas, que eram produzidas com base nas cartas e relatórios que os jesuítas dispersos pelo mundo enviavam aos superiores das respectivas missões.⁷² Pretendia-se desde logo que estas cartas fossem impressas e divulgadas nas outras províncias, de forma a promover as acções da Companhia, e a motivar os próprios missionários.⁷³ Torna-se, pois, evidente que as cartas ânuas, e de uma maneira geral, todas as cartas impressas, devem ser lidas tendo estes factores em consideração. De facto, tal como afirmou Michael Cooper, “um tom geral de optimismo” ressalta de uma grande parte das cartas publicadas, em que os japoneses são apresentados como extremamente devotos, dados à flagelação e ao martírio, e não raras vezes encaminhados para a conversão depois de literalmente exorcizados dos seus demónios pagãos pelos

⁶⁹ Cf. Ana Fernandes Pinto, *A Aristocracia Guerreira Nipónica nas Cartas Jesuítas de Évora (1598)*, Macau, Instituto Português do Oriente – Fundação Oriente, 2004, p. 21.

⁷⁰ A primeira colectânea de cartas impressa em Portugal foi publicada em Coimbra, em 1551, e consistia na cópia de algumas cartas de Francisco Xavier, do Padre Mestre Gaspar e de outros padres jesuítas. Cf. João Paulo Oliveira e Costa, “O Japão e os Japoneses nas obras impressas quinhentistas”, in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 226-227. Em 1565, também em Coimbra, foi editada a primeira colectânea inteiramente dedicada à missão do Japão. Cf. Pinto 2004, p. 22.

⁷¹ Vd. Rebecca Catz e F. M. Rogers, *Cartas de Fernão Mendes Pinto e Outros Documentos*, Lisboa, Editorial Presença – Biblioteca Nacional, 1983.

⁷² Cf. Ribeiro 2009, p. 16.

⁷³ Cf. Diniz 2007, p. 22; Pinto 2004, pp. 28-29.

padres.⁷⁴ Não surgem sequer indícios de divergências entre os missionários, quando actualmente sabemos que duas facções claras se opunham na missão jesuítica do Japão.⁷⁵ O próprio Francisco Xavier afirmou, logo em 1549, que todos os assuntos que não fossem de edificação deveriam ser omitidos destas cartas.⁷⁶

As *Cartas* de Évora são a mais extensa colectânea publicada na Europa dedicada exclusivamente à missão do Japão,⁷⁷ e por esse motivo, a principal compilação de cartas de jesuítas utilizada para o presente estudo. Para além das características supramencionadas, esta edição ainda se encontra associada a interesses políticos muito precisos, uma vez que foi feita num período em que as autoridades políticas japonesas, na figura de Toyotomi Hideyoshi, começavam a limitar a acção dos missionários,⁷⁸ e em que a Companhia de Jesus havia perdido, na prática, o monopólio da missão no Japão, com a entrada da Ordem de S. Francisco no território, em 1593.⁷⁹ De facto, todas as últimas cartas se reportam às perseguições aos padres e à situação vulnerável da missão, omitindo o período de nova aproximação ao poder que se verificou após a promulgação do édito, e que foi particularmente visível aquando da embaixada de Valignano à corte de Hideyoshi, em 1591. Segundo Ana Fernandes Pinto, esta omissão foi intencional, devendo-se à luta da Companhia de

⁷⁴ Cf. Cooper 1994, p. 167.

⁷⁵ Por um lado, a facção adepta do método mais progressista da inculturação, e por outro, Francisco Cabral, apoiado por poucos missionários, mais conservador, e defensor do princípio da *tabua rasa* e da “europeização” dos convertidos. Para além disso, o Superior da missão era contrário ao envolvimento dos padres no comércio, e ao uso de sedas pelos mesmos, advogando o voto de pobreza (Carta de Francisco Cabral a Diego Mirão, Nagasaki, 6 de Setembro de 1571, ARSI, Jap-Sin 7 I, fl. 23-24). Sobre este assunto, vd. Pedro Lage Reis Correia, “Francisco Cabral and Lourenço Mexia in Macao (1582-1584): Two Different Perspectives of Evangelisation in Japan”, in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 15 (2007), pp. 47-77.

⁷⁶ Cf. Cooper, 1994, p. 168.

⁷⁷ Cf. Pinto 2004, p. 23.

⁷⁸ Relembre-se que em 1587 Hideyoshi lançou o primeiro édito anti-cristão. Em 1597, apenas um ano antes desta edição, ocorrera o primeiro ataque declarado das autoridades japonesas aos padres, com o Martírio de Nagasaki. Devido à lentidão da circulação de informações entre a Europa e o Japão, este martírio ainda seria desconhecido na Europa aquando da edição das *Cartas*. Para além disso, a edição estava a ser preparada havia vários anos, e as autorizações para a publicação foram obtidas ainda em 1596.

⁷⁹ Cf. Pinto, 2004, p. 23; Costa 1998, p. 179. Refira-se, porém, que sob o ponto de vista institucional, a Companhia de Jesus só perdeu o exclusivo da evangelização do Japão a 12 de Dezembro de 1600, quando Clemente VIII promulgou a bula *Onerosa pastoralis*, que abriu o arquipélago nipónico às ordens mendicantes do Padroado Português do Oriente. Cf. Costa 1998, p. 211.

Jesus no sentido de assegurar de novo o exclusivo da missão, que lhe havia sido cedido pelo Sumo Pontífice em 1585 com a breve *Ex Pastoralis Officio*.⁸⁰

Contudo, mesmo tendo em mente que a documentação impressa produzida pelos jesuítas, não só obedecia, mas verdadeiramente defendia os interesses da Companhia, saliente-se que a maioria dos relatos sobre o interesse dos dáimios japoneses na cultura material europeia, que se encontram quer na epistolografia impressa, quer numa narrativa que, à data da sua produção, se pretendia oficial, como é o caso da *Historia de Japam* de Luís Fróis, não se nos afiguram inverosímeis ou deturpados por este carácter tendencialmente predicatório. Na verdade, a maioria das referências que se encontram sobre esta temática são breves e esparsos apontamentos, que no seu conjunto nos proporcionam uma visão muito mais alargada do que seria, de facto, a intenção inicial dos autores. Pode, inclusivamente, argumentar-se que não seria do maior interesse da Companhia que fossem amplamente divulgados os gastos efectuados na aquisição de presentes para os missionários oferecerem às elites no poder, quando na maioria das situações nem havia expectativas de que estes indivíduos se convertessem, como se observava com Oda Nobunaga ou Toyotomi Hideyoshi. Quanto aos relatos que dizem respeito ao interesse japonês em cerimónias religiosas e rituais fúnebres, estes sim, devem ser analisados com bastante cuidado e sentido crítico, uma vez que haveria uma tendência dos padres para exacerbar estas descrições. No entanto, tal como será explanado mais à frente, há indícios suficientes para crermos que este interesse era efectivo, não necessariamente exclusivo dos convertidos, e potenciado pelo facto de estas cerimónias constituírem uma novidade. No que concerne à música, por fim, visto que a maioria dos missionários concordava que, de uma maneira geral, a música europeia não era do agrado dos japoneses, as referências que apontam no sentido contrário são absolutas e inesperadas excepções, que não devíamos, por isso, omitir.

Por fim, uma última nota sobre a epistolografia jesuítica: é importante salientar que cada uma das cartas, e sobretudo, cada um dos autores é importante por motivos diferentes. De facto, se a missão e a propagação do Cristianismo são quase sempre a principal temática das cartas, conferindo um pano de fundo comum a estas narrativas,

⁸⁰ Cf. Pinto, 2004, p. 25.

os detalhes que cada autor optou por acrescentar às suas cartas diferem de caso para caso. Assim, se as obras e cartas de Fróis são, de uma maneira geral, onde se encontram as mais detalhadas referências ao interesse japonês na cultura material europeia, Francisco Xavier e Cosme de Torres, protagonistas dos primeiros encontros entre jesuítas e japoneses, relevam mais as questões relacionadas com as características culturais particulares dos japoneses, apontando por vezes aquelas que consideram diferentes ou semelhantes às dos europeus. Ambos perceberam, desde o início, que tinham de se adaptar a rigorosas regras de etiqueta e cerimonial se pretendiam uma aproximação às elites. Por outro lado, o observador Cosme de Torres, logo em 1555, refere que os japoneses se manifestavam deveras interessados na forma de os Cristãos enterrarem os mortos, e Gaspar Vilela dedica extensas passagens das suas epístolas a este tema, bem como às procissões e celebrações religiosas. Mais exemplos poderiam ser enunciados, e evidentemente, estas categorizações não são absolutamente estanques. No entanto, no conjunto é possível identificar as motivações e sensibilidades próprias de cada padre através dos pormenores que optou por incluir nas suas cartas. Embora esta asserção possa parecer irrelevante, é importante perceber que os missionários não eram um grupo monolítico e destituído de complexidade, e não obstante o facto de as cartas serem editadas e obedecerem a padrões específicos, há individualidades e singularidades que, ainda assim, se podem intuir através destes escritos.

Para além das principais obras de Luís Fróis e da epistolografia jesuítica, são igualmente de grande interesse para o tema as fontes produzidas por ocasião da embaixada dos emissários japoneses à Europa, nomeadamente a obra *De Missione Legatorum Iaponensium*,⁸¹ de autoria controversa,⁸² e o *Tratado dos Embaixadores Japões que forão de Japão a Roma no anno de 1582*, de Luís Fróis.⁸³

⁸¹ Duarte de Sande, S. J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, prefácio, tradução do latim e comentário de Américo da Costa Ramalho, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Fundação Oriente, 1997.

⁸² Acerca da controvérsia em torno da obra, sobre a qual não nos debruçaremos, vd. J. F. Moran, "The Real Author of the *De Missione Legatorum Iaponensium Ad Romanam Curiam... Dialogus*. A Reconsideration", in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 2 (Jun. 2001), pp. 7-21, em que se defende que o verdadeiro autor foi Valignano, e Américo da Costa Ramalho, "Prefácio" de *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, 1997, pp. 13-15; e Américo da Costa Ramalho, "O Pe. Duarte de Sande S. I., Verdadeiro Autor do DE MISSIONE IAPONENSIUM AD ROMANAM

Em 1582, quatro jovens japoneses pupilos no seminário jesuíta de Arima, Mâncio Ito, Miguel Chijiwa, Martim Hara e Julião Nakaura, foram enviados numa embaixada a Portugal, Espanha e Roma, oficialmente por Ôtomo Francisco Yoshishige, Arima Protásio Harunobu e Ômura Bartolomeu Sumitada. Idealizada por Valignano, esta embaixada tinha como principal objectivo que os jovens japoneses conhecessem as grandezas do Velho Continente, jurassem obediência ao Papa, e depois de regressados ao Japão, transmitissem aos seus congéneres o que tinham visto.⁸⁴ Valignano entendia, certamente, que a realidade europeia do Renascimento, sendo completamente nova para estes jovens japoneses, lhes causaria grande impacto e espanto, e contava que os jovens fossem tratados com toda a cortesia e aparato, como veio a acontecer.⁸⁵ E o espanto e admiração assim propositadamente incutidos nos embaixadores nipónicos reflectir-se-iam na informação que depois transmitiriam aos japoneses.

As duas obras supramencionadas foram escritas na mesma altura, após o retorno dos jovens embaixadores ao Japão, e de acordo com os próprios autores, tiveram como fonte os apontamentos feitos pelos próprios japoneses enquanto se encontravam na Europa. Não obstante o facto de, na sua essência, estas serem duas obras bastante diferentes, se transpusermos as singularidades estilísticas e retóricas de cada autor, e nos focarmos em algumas semelhanças de conteúdo entre os textos, torna-se bastante plausível que as mesmas fontes tenham sido utilizadas por ambos.

No que diz respeito ao *De Missione Legatorum*, esta obra foi impressa em Macau em 1590,⁸⁶ e escrita sob a forma de diálogo, um género literário bastante em voga durante o Renascimento, tendo claramente como alvo um público japonês. Sucintamente, esta obra pode ser caracterizada como um verdadeiro elogio da Europa, na medida em que todo o diálogo, embora adoptando um tom conciliador e apaziguador, está construído de forma a exaltar as virtudes, beleza e magnificência do

CURIAM...DIALOGUS, in *Humanitas*, vol. XLVII, t. II (1995), pp. 777-789, em que se atribui a autoria a Duarte de Sande.

⁸³ Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões que forão de Japão a Roma no anno de 1582*, in *La Première Ambassade du Japon en Europe, 1582-1592*, edição e anotações de J. A. Abranches Pinto, Yoshimoto Okamoto e Henri Bernard S. J., Tokyo, Sophia University, 1942.

⁸⁴ Cf. Janeira, 1988, p. 107.

⁸⁵ Cf. *Ibidem*, p. 108.

⁸⁶ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 5 (frontispício da primeira edição).

Velho Continente. Para não ofender os leitores nipónicos, o autor recorreu a um habilidoso estratagema, incluindo entre os intervenientes dois adolescentes apaixonados pelos costumes japoneses, Lino e Leão.⁸⁷ Estes criticam várias vezes alguns hábitos europeus⁸⁸ e advogam a excelência das práticas japonesas,⁸⁹ embora acabem muitas vezes por ceder aos argumentos de Miguel, o protagonista, que corporiza os intentos da Companhia, convencendo os seus interlocutores da superioridade europeia. Na base desta tentativa de inculcação da ideia de superioridade europeia nas mentes japonesas encontrava-se, por um lado, a desconfiança dos japoneses relativamente aos estrangeiros;⁹⁰ por outro, a importância atribuída pelos nipónicos ao prestígio social e político e ao aparato.⁹¹ A estratégia do autor foi, assim, demonstrar o poder e riqueza dos grandes senhores cristãos, procurando apelar, em benefício da missão, à particular sensibilidade japonesa para a questão da exterioridade.⁹²

Sobre esta obra é ainda importante referir que constitui um verdadeiro manual sobre a Europa do século XVI, e uma fonte de referência para o estudo das mentalidades e do quotidiano das elites nas penínsulas ibérica e itálica, no que diz respeito à cultura material, habitações, religião ou mesmo teoria política. Tal deve-se

⁸⁷ Cf. Juan Gil, “Europa se presenta a sí misma: el tratado *De missione legatorum Iaponensium* de Duarte de Sande”, in *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993). Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (eds.), Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da UCP e Instituto de História de Além-Mar da UNL, 1994, p. 412.

⁸⁸ Vd. por exemplo, Duarte de Sande, S. J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, pp. 99 e 101.

⁸⁹ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 102.

⁹⁰ Desde o início da missão jesuítica no Japão que os padres se deram conta desta característica dos japoneses, que é uma das mais profusamente repetidas nas primeiras missivas. A este propósito vd. por exemplo, a carta de Cosme de Torres aos Jesuítas de Goa, escrita em Yamaguchi, 29 de Setembro de 1551: “Porque estes japões, como são agudos de engenho, de todos fazem bulrra, com a boca e com as mãos, para humilhar os estrangeiros, porque a seu parecer não há outra gente em o mundo de mais saber nem de mais honrra que elles.” (*Documentos del Japón*, vol. 1, doc. 41, p. 218); e a carta de Francisco de Xavier aos Jesuítas da Europa, escrita de Cochim, 29 de Janeiro de 1552: “São os japões gente de muita openião em lhes parecer que em armas e cavalarias não hai outros como eles. Gente hé que têm em pouquo a toda a outra gente estramgeira” (*Documentos del Japón*, vol. 1, doc. 56, p. 292).

⁹¹ Sobre esta temática reflectiremos ao longo dos próximos capítulos.

⁹² Cf. Américo da Costa Ramalho, “Portugueses e Japoneses no *Dialogus* de Duarte de Sande (1590)”, in *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993). Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (eds.), Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da UCP e Instituto de História de Além-Mar da UNL, 1994, p. 352.

ao facto de o criador do texto final ser indubitavelmente um jesuíta cuja intenção era transmitir o melhor e mais sofisticado da realidade europeia a leitores que conheciam um contexto cultural completamente diferente, o japonês, pelo que se verifica um empenho e rigor em descrever certos pormenores, que em textos destinados a um público europeu, não seria tão imperativo. Por exemplo, numa obra destinada a ser lida por europeus não se justificariam longas descrições sobre as características genéricas das residências régias e aristocráticas, dos espaços interiores e do mobiliário; não seria necessário dissertar sobre as tapeçarias e colchas usadas para ornamentar as paredes, sobre o hábito de os europeus se sentarem em cadeiras, nem sobre os materiais usados na confecção do opulento vestuário das elites e a profusa utilização de jóias.⁹³ Para além disso, o facto de a obra ter sido impressa pela primeira vez em Macau talvez também possa ser considerado indicador de que o público-alvo não era o público europeu.

Para o tema específico deste estudo, *De Missione Legatorum* é uma obra particularmente difícil de analisar, uma vez que mesmo afirmando o autor que se baseou nos diários dos embaixadores japoneses, o facto de o texto se encontrar escrito sob a forma de diálogo torna, por vezes, bastante complexa a tarefa de perceber se algumas passagens são puramente fruto de uma construção jesuítica, ou se são verdadeiramente inspiradas nos diários. Para esta percepção contribui significativamente a leitura da obra de Luís Fróis, o *Tratado dos Embaixadores Japões*, que consiste num relato detalhado da embaixada à Europa, sendo um texto bastante típico deste autor, no que concerne, por exemplo, ao rigor⁹⁴ e ao carácter descritivo. No entanto, evidencia um discurso tendencialmente mais sóbrio do que a *História de Japam*, talvez porque, ao contrário do que se verifica em grande parte desta última obra, Fróis não presenciou os acontecimentos que descreve no *Tratado*. É ainda interessante notar que esta obra parece ter sido escrita, não tanto para um público japonês, ao contrário do texto anterior, mas mais para um público europeu, o que poderia explicar o motivo da produção de duas obras sobre o mesmo tema, na mesma altura, pela Companhia de Jesus. Uma das diferenças mais evidentes reside no facto de

⁹³ Todos estes aspectos são abordados por Sande no *De missione legatorum*.

⁹⁴ Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, pp. 50-53, em que o autor cita, *ipsis verbis*, Constantino Dourado, um dos japoneses que acompanhou os legados na embaixada, a propósito da grande quantidade de prata em Vila Viçosa.

que, enquanto em *De Missione Legatorum* a tónica é colocada no maravilhamento dos japoneses face à Europa, na obra de Fróis ressalta mais o oposto, isto é, o interesse demonstrado pelos europeus em relação à exótica embaixada, nomeadamente no que dizia respeito às vestes japonesas e à língua.⁹⁵ Refira-se, no entanto, que à semelhança da *Historia de Japam*, esta obra de Fróis não chegou a ser publicada na altura, mantendo-se inédita até 1942, quando foi publicada por J.A. Abranches Pinto, Yoshitomo Okamoto e Henri Bernard S.J..⁹⁶

Deste modo, para a análise do interesse japonês na cultura europeia, o cruzamento destas duas obras auxilia-nos, sobretudo, quando identificados os pontos em comum entre as narrativas, e estes prendem-se claramente com o destaque conferido à música e ao vestuário europeu. Tendo em consideração a extraordinária quantidade de referências, em ambas as obras, à música europeia e às características do vestuário europeu (nos dois textos pontuam quase todas as páginas), afigura-se-nos que quase de certeza estes pontos seriam no mínimo tocados, se não até enfatizados, nos diários dos embaixadores japoneses.

Convém, igualmente, não esquecer o *Teppô-ki*⁹⁷, um pequeno texto de produção nipónica, mais conhecido como “Crónica da espingarda”. Escrito em 1606 por Daiiruiji Bunshi, um bonzo budista Zen de Satura, o *Teppô-ki* foi impresso pela primeira vez em 1625 na *Nanpo Bushû* (Colectânea Literária de Nanpo),⁹⁸ e é de grande interesse para este estudo na medida em que contém dados interessantes sobre a introdução das armas de fogo no Japão e sobre os primeiros contactos com os portugueses. Não sendo de autoria europeia, este documento é fundamental para o estudo do primeiro contacto entre japoneses e portugueses, e sobretudo para a tese de que o exotismo dos portugueses, que demonstravam possuir características e adoptar comportamentos tão contrários aos dos japoneses, suscitou a curiosidade e interesse dos últimos. Partindo deste princípio, é razoável aceitar a ideia veiculada por

⁹⁵ Cf. *Ibidem*, p. 155.

⁹⁶ Cf. J. A. Abranches Pinto, Yoshimoto Okamoto e Henri Bernard S. J., “Préface”, in *La Première Ambassade*.

⁹⁷ George Schurhammer, *Orientalia*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu – Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, pp. 535-538; Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “Nova Tradução de *Teppôki* (Crónica da Espingarda) – Uma Nova Perspectiva sobre as Datas do Descobrimento do Japão”, in *Revista de Cultura / Review of Culture*, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, International Edition 27 (Julho / July 2008), pp. 20-22.

⁹⁸ Cf. Ping e Zhiliang 2008, p. 14.

alguns autores jesuítas que a mesma curiosidade, interesse e até maravilhamento tenham sido manifestados pelos japoneses à medida que iam sendo apresentados a novos objectos e práticas europeias.

Por fim, importa mencionar algumas fontes que, não apresentando informações tão específicas como as anteriores sobre o tema da presente tese, e por isso não sendo tão relevantes para a parte descritiva do estudo, são imprescindíveis para uma boa problematização. Por um lado, a inacabada *Historia da Igreja do Japão*, de João Rodrigues Tçuzzu,⁹⁹ e por outro, os *Advertimentos*, de Alessandro Valignano¹⁰⁰ dão-nos informações preciosíssimas sobre os hábitos e regras de cortesia e civilidade dos japoneses, nomeadamente no que diz respeito à oferta de prendas.¹⁰¹ À semelhança das duas obras mencionadas sobre a embaixada de 1582 à Europa, também estas são particularmente úteis quando lidas em conjunto, fazendo o cruzamento dos dados, na medida em que se a primeira foi escrita com o intento de ser uma obra de divulgação, sobre o território japonês, as suas condições políticas e as guerras relacionadas com o progresso da evangelização,¹⁰² a segunda era uma obra de circulação interna na Companhia de Jesus, nomeadamente entre os padres que iriam em missão para o Japão, que deveria funcionar como um manual de comportamentos e regras a seguir nas relações com os japoneses. Tendo cada uma destas obras sido produzida obedecendo a objectivos diferentes, quando a informação relativa a determinadas questões se repete, torna-se mais verosímil. Para além disso, estas obras também incluem, ainda que pontualmente, menções sobre os interesses dos japoneses e os bens materiais que mais valorizavam, o que, em conjunto com os elementos recolhidos das restantes fontes, são preciosas adições à nossa análise.

⁹⁹ João Rodrigues, *História da Igreja do Japão*, preparada por João Abranches Pinto, 2 vols., Macau, Notícias de Macau, 1954-1956.

¹⁰⁰ Alessandro Valignano, *Il cerimoniale per i missionari del Giappone. Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues de Jappão*, ed. Joseph Shütte, SJ, Roma, 1946.

¹⁰¹ João Rodrigues, *História da Igreja do Japão*, 2º. vol., pp. 311-326; Alessandro Valignano, *Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues de Jappão*, Roma, 1946, cap. 6, pp. 156-168.

¹⁰² Esta tarefa foi inicialmente delegada pelo Padre Geral Everardo Mercuriano a Luís Fróis, que resultou na produção da *Historia de Japam*. No entanto, uma vez que, tal como já foi referido, a *Historia* não chegou a ser publicada, e o tratado *Del Principio y Progreso de la Religion Christiana en Japon*, que Valignano começou a escrever, foi interrompido em 1601, pelo que, teoricamente, permanecia inexistente e necessário um trabalho desta natureza. Vd. Oliveira 2009, p. 141.

2. O interesse japonês na cultura europeia

2.1. Considerações gerais

A partir de 1543, com a chegada dos primeiros portugueses ao Japão, os japoneses entraram pela primeira vez em contacto com inúmeros objectos e produtos que até então desconheciam, e que por via dos padres jesuítas e dos mercadores portugueses e japoneses, se difundiram pelas ilhas num relativamente curto período de tempo.¹⁰³ Alguns destes produtos, como relógios, tecidos indianos e europeus e peças de vestuário específicas, serão abordados individualmente na presente tese, uma vez que constituem os exemplos mais amplamente comentados na documentação.

No entanto, muitos mais produtos poderiam ser referidos. Alguns destes, que não serão particularizados, mas ainda assim merecem uma breve menção, foram produtos alimentares como o azeite, o vinho, o açúcar, ovos ou carne de vaca;¹⁰⁴ instrumentos como o quadrante, o astrolábio e a bússola;¹⁰⁵ e globos e planisférios,¹⁰⁶ que permitiram o contacto japonês com o tipo diferente de estudo da geografia que se fazia na Europa, e que foram reproduzidos em vários biombos. Para além disso, aos terços, imagens devotas e outros objectos de culto é conferido algum destaque na documentação; porém, também estes objectos não serão particularizados neste capítulo, mas apenas abordados no seguinte, uma vez que se revelam um importante elemento para a compreensão do conceito de “exótico”.

Ao longo da leitura das fontes, sobretudo das primeiras cartas e da *Historia de Japam* de Fróis, por diversas vezes nos deparamos com referências à curiosidade como uma característica inerente aos japoneses. Adiante desenvolveremos este assunto mais pormenorizadamente, mas por agora importa reconhecer que, de facto, se afigura mais ou menos clara a existência de um interesse por coisas “estranhas”, “que não há em Japam”, duas expressões recorrentemente utilizadas pelos padres. Igualmente parece que a abertura dos japoneses ao contacto com os europeus e à

¹⁰³ Cf. Costa 1993, pp. 32-33.

¹⁰⁴ Cf. *Historia de Japam*, vol. V, capítulo 65, p. 508.

¹⁰⁵ Cf. *Historia de Japam*, vol. V, capítulo 37, p. 281.

¹⁰⁶ Cf. *Historia de Japam*, vol. V, capítulo 37, p. 280.

presença dos jesuítas se deveu, pelo menos em parte, a um gosto pela nova cultura material que estes lhes davam a conhecer.

Um dos episódios mais marcantes a este nível, que mostra de forma bastante elucidativa a importância e o impacto destes objectos, pode encontrar-se logo na primeira parte da *Historia de Japam*, nomeadamente nos capítulos 5.º e 23.º. No 5.º capítulo, Fróis descreve a segunda visita do Padre Francisco Xavier a Yamaguchi, nomeadamente à corte de Ōuchi Yoshitaka, dáimio da província de Suō. Importa recordar a primeira e malograda audiência de Xavier na corte deste dáimio, no final de 1550. Nesta ocasião, os trajes pobres e a aparência pouco cuidada de Xavier e do irmão João Fernandes, aliados ao carácter pouco polido da linguagem utilizada pelo último para transmitir os princípios básicos da doutrina cristã parecem ter desagradado ao dáimio,¹⁰⁷ que abruptamente deu por terminada a audiência quando Fernandes abordou e condenou de forma descomedida a prática da sodomia.¹⁰⁸ O insucesso desta audiência terá sido absolutamente fulcral para a posterior acção da Companhia de Jesus no Japão, uma vez que permitiu que o fundador da missão tomasse conhecimento de algumas normas de civilidade incontornáveis para uma aproximação às elites nipónicas. De facto, o cuidado com a aparência, a dádiva de presentes e a erudição da linguagem utilizada eram imperativos para o sucesso da missão, e começaram, a partir de então, a nortear o comportamento dos padres junto das elites, tendo mesmo adquirido posteriormente um carácter quase normativo quando foram fixados e sistematizados por Valignano na sua obra *Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues de Jappão*.

Na segunda visita de Francisco Xavier a Ōuchi Yoshitaka, em Abril de 1551, o padre apresentou-se na condição de enviado do Governador do Estado da Índia, Garcia de Sá, envergando uma sumptuosa veste de seda, e oferecendo ao dáimio duas cartas – de Garcia de Sá e do primeiro Bispo de Goa, D. João de Albuquerque – escritas em pergaminhos “ricamente iluminados”,¹⁰⁹ e treze valiosos e exóticos presentes que terão causado grande admiração.¹¹⁰ Entre as peças mencionadas por Fróis, que

¹⁰⁷ Cf. Elisonas 1991, p. 313.

¹⁰⁸ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 3, p. 32.

¹⁰⁹ Cf. Georg Schurhammer, S.J., *Francisco Javier. Su vida y su tiempo*, t. IV, *Japón – China 1549-1552*, Bilbao, Mensajero, 1992, p. 277.

¹¹⁰ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 5, pp. 39-40.

havia sido concedidas a Xavier para o efeito por Garcia de Sá e pelo capitão de Malaca, D. Pedro da Silva, contam-se um “relogio de horas de grande artificio”, uma “espingarda rica de pederneira de tres canos”, tecidos brocados, peças de vidro, espelhos e um par de óculos.¹¹¹ Segundo o autor, estes presentes, por serem produtos inexistentes no Japão,¹¹² impressionaram de tal forma o dáimio que estiveram na base da sua decisão de autorizar os padres a pregar na província sujeita à sua autoridade, sem que os seus súbditos lhes colocassem entraves. Autorizou igualmente os súbditos a converterem-se se assim o desejassem, e assegurou habitação aos padres, concedendo-lhes um mosteiro que se encontrava vazio.¹¹³

No entanto, ainda mais significativa é uma passagem da *Historia de Japam* já relativa ao ano de 1559. Nesta, Fróis refere que quando o Padre Cosme de Torres procurava visitar um alto sacerdote, parente do imperador e cabeça da universidade de Hiei-zan, principal universidade japonesa da altura, este, tendo conhecimento das raridades anteriormente oferecidas a Ōuchi Yoshitaka, exigia que o padre lhe oferecesse alguma coisa também. Entendia possuir uma maior dignidade do que um senhor leigo como o dáimio de Suō, e a fim de decidir se aceitaria ou não a visita do padre, perguntou-lhe que presente lhe levaria.¹¹⁴ Fosse por não ter possibilidade de oferecer prendas ou por considerar que esta atitude do sacerdote não revelava um efectivo interesse em conhecer a doutrina cristã, Cosme de Torres acabou por não oferecer nada, e a visita não se concretizou. No entanto, é surpreendente verificar que oito anos volvidos, a memória do presente oferecido por Francisco Xavier a Ōuchi Yoshitaka ainda se encontrava viva.

Numa carta de Luís Fróis, de 6 de Março de 1565, a ideia de que os senhores japoneses apreciavam produtos vindos de fora é reforçada. Segundo o padre, quando

¹¹¹ Georg Schurhammer acrescenta a estes presentes, panos e vinhos portugueses, livros, quadros, um serviço de chá, e uma peça que identifica como um relógio de música, mas que, com base nas fontes, outros autores defendem a hipótese de se tratar de um cravo ou clavicórdio. Cf. Schurhammer 992, p. 277 (a propósito da última peça referida, cf. nota 21).

¹¹² Tanto Luís Fróis, na *Historia de Japam* (vol. I, p. 39), como Cosme de Torres, numa carta de 29 de Setembro de 1551 (CE, t. I, fl. 17) utilizam a expressão “cousas nunca vistas” para se referirem ao presente de Francisco Xavier, como argumento fundamental para o agrado demonstrado por Ōuchi Yoshitaka. Esta parecença demonstra que provavelmente a carta de Cosme de Torres terá sido uma das fontes utilizadas por Fróis para a construção deste capítulo.

¹¹³ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 5, pp. 39-40.

¹¹⁴ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 23, pp. 149-150.

fez a sua primeira visita ao xogum, acompanhando Gaspar Vilela, havia sido aconselhado por um senhor japonês cristão a levar ao xogum alguns presentes provenientes da Índia ou de Portugal, uma vez que todos no Japão estimavam estes produtos “por serem de tão longe”.¹¹⁵ Pode, então, inferir-se que o fascínio exercido sobre os japoneses pelos produtos que os missionários lhes mostravam ou ofereciam, não derivava apenas das suas características diferentes e singulares, mas também da sua longínqua proveniência.

É igualmente de referir outro comentário feito por Fróis, já relativo ao ano de 1569 e, portanto, ao período de grande protagonismo de Oda Nobunaga. Neste excerto, o autor refere que devido à presença frequente dos padres na corte de Nobunaga, os japoneses que travavam contactos com este, apercebendo-se do gosto que tinha pelas “couzas da India e Portugal”, começaram a oferecer-lhe grande quantidade de presentes destas proveniências, que incluíam roupa e chapéus de plumas europeus, têxteis indianos, relógios e vidros de Murano.¹¹⁶ Entre estas ofertas Fróis também identifica “medalhas d’ouro com a imagem de Nossa Senhora”,¹¹⁷ que podemos afirmar que neste contexto não possuíam necessariamente um carácter sacro, uma vez que Oda Nobunaga nunca chegou a converter-se ao Cristianismo, nem Fróis explicita se alguns destes japoneses a que se reporta eram cristãos ou não. Pelo seu relato, apenas entendemos que estas peças, sagradas para os europeus, eram oferecidas ao primeiro unificador do Japão exclusivamente por serem elementos de uma cultura material, sob um ponto de vista civilizacional, estranha e diferente.

Já em 1581, uma outra epístola de Luís Fróis demonstra nitidamente a particular sensibilidade deste missionário para a questão do interesse e da curiosidade revelados pelos japoneses em relação aos europeus, ao declarar que os primeiros “são amigos de nouidades, & nos, & nossas cousas todas são pera elles neste reino nouas”.¹¹⁸ Anteriormente, na mesma carta, o padre havia referido que um senhor, Xibatadono, do reino de Canga (provavelmente Maeda Toshiie, do domínio de Kaga) se disponibilizara para, se necessário, emprestar aos portugueses quinze ou vinte taéis, só

¹¹⁵ Cf. CE, t. I, fl. 178v.

¹¹⁶ Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 86, pp. 273-274.

¹¹⁷ Cf. *Ibidem*.

¹¹⁸ Cf. CE, t. II, fl. 12v.

para que pudesse ver a nau da China, “hũa cousa tam noua nestas partes”.¹¹⁹ Não é possível atestar, com certezas, que este senhor estava, de facto, na disposição de pagar aos portugueses para poder ter a nau da China por perto, de forma a ter acesso às suas novidades. No entanto, é deveras evidente, pela constante evocação de Fróis, o fascínio exercido pelos produtos e objectos europeus sobre os senhores nipónicos, fascínio cuidadosamente observado e estudado pelo autor da *Historia de Japam*, tal como se pode confirmar pela carta que escreveu a Valignano em 1577, quando teve a notícia da primeira ida do padre Visitador ao Japão. Nesta carta, Fróis apresenta uma extensa relação dos produtos e objectos mais apreciados pelos senhores japoneses, e por isso adequados para serem oferecidos como presentes pelos padres:

“(…) As cousas que agora boamente me occorrem que elles estimão são sombreiros de Portugal, forrados de dentro de tafeta, ou veludo, relógios de area, vidros, oculos, peles de cordouão¹²⁰, bolsas de veludo, ou de grã¹²¹, lenços finos laurados, frascos de confeitos, algũas conseruas boas, fauos de mel, capas de pano de Portugal, cheilas¹²² boas ainda que sejam da China, peças douradas da China boas, esteiras da China que se poem ás janelas que são lauradas com fios de seda, algũa aguila¹²³, ou calamba¹²⁴ fina, algũs papos dalmiscre¹²⁵, bocetas grandes de Pegu, ou de Bengala, ou de Cambaia, retros¹²⁶ carmisim, alguns liquiros¹²⁷ da China bons que são hũas bocetas grandes, que tem dous ou tres, hũs sobre os outros, qualquer lapão ahi sabe que cousa he liquiro que se fazem em Cantão, hũa jarra de bolos dacucar, e outra de fartens¹²⁸, algũa

¹¹⁹ Cf. CE, t. II, fl. 11v.

¹²⁰ “Couro de cabra preparado para fazer calçado” (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª edição, revista e actualizada, Lisboa, Porto Editora, 1999, p. 429).

¹²¹ Tinta obtida através da cochinhilha; grainha; lã (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa* 1999, p. 835).

¹²² “Tecido de algodão, mais encorpado e menos liso e de côres menos vivas que a chita. «Pano da India de varias cores, e figuras» (Bluteau)” (Cf. Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919, p. 270). Chita: “Tecido de algodão, estampado a côres. Pano pintado”. A palavra vem do sânscrito (Cf. Dalgado 1919, vol. I, p. 276).

¹²³ “É o pau, usado como incenso. (...) Era muito apreciada outrora na Europa. (...) Camões chama à águila «pau cheiroso», e Vasco Calvo designa-a por «pão de syam». Orta dedica-lhe um colóquio muito erudito, sob o título de *linaloes*.” Vem do malaio (Cf. Dalgado, 1919, vol. I, p. 17).

¹²⁴ “É o nome malaio, *kalambaq*, da superior qualidade de águila” (Cf. Dalgado 1919, vol. I, p. 180).

¹²⁵ Substância de origem animal utilizada na perfumaria.

¹²⁶ “Fio de seda torcido, geralmente usado em costura” (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa*, 1999, p. 1431).

¹²⁷ “Jiquiró (jap. jikiró). Caixa em que se transportam comidas no Japão” (Cf. Dalgado, 1919, vol. I, p. 490).

¹²⁸ Fartem = farte, “espécie de bolo doce com amêndoas, envolvido em farinha; bolo com creme” (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa* 1999, p. 736).

pimenta em achar¹²⁹, algũs panos de frandes¹³⁰ ou godomecim,¹³¹ ou alcatifa. Aponto estas cousas todas pera vossa Reuerencia mandar buscar ahi as que boamente puder achar pera as visitações, que como digo hão de ser muitas, & em diuersos reinos, isto que atè aqui aponto he pera os gentios.

Pera alguns fidalgos Christãos nobres assi do Miâco, como doutras partes podia vossa Reuerencia mandar fazer dez ou doze relicairos de prata de diuersas feições, porque os fazem ahi os Chinas muito bem feitos, contas pera rezar não muito meudas, nem muito grandes, as quaes se fazem na China brancas, & pretas, algũs alambres¹³² se os ouuer, contas // de santo Thome estimão em muito, idest do pao de são Thome, algũas Imagens de Christo nosso Senhor, ou nossa Senhora, ou de santos, & sobretudo contas bentas, isto he o que se pode dar aos Christãos, & o porque elles esperão. Tambem seruem pera os de riba algũas cangas¹³³ da China brancas, & pretas, & nunos [?], & damasquilhos. E finalmente as cousas que la não parecem ás vezes serem de nenhũ momento, são nestas partes muito estimadas.”¹³⁴

Nesta relação ressalta, em primeiro lugar, a distinção clara e propositada entre os presentes para senhores gentios e os presentes para senhores cristãos. Interessamos, para o presente estudo, sobretudo os primeiros, uma vez que são aqueles que eram utilizados pelos padres para maravilhar os membros da aristocracia guerreira, e assim aliciá-los para a manutenção dos contactos, de forma a concretizarem o derradeiro objectivo da conversão. Posteriormente, nos já referidos *Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues de Jappão*, Valignano dedica um capítulo ao cerimonial a cumprir em ocasiões como a recepção de embaixadores e outras pessoas importantes, e na dádiva de presentes,¹³⁵ codificando uma série de normas, que incluem a quantidade e o tipo de objectos ou produtos a oferecer, de acordo com o

¹²⁹ Conserva indiana em vinagre e sal (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa* 1999, p. 22).

¹³⁰ Flandres.

¹³¹ Guadamecil / Guadamecim: “antiga tapeçaria feita de couro pintado e dourado, aplicada sobre folhas de estanho” (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa* 1999, p. 845).

¹³² “âmbar; fio de arame” (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa* 1999, p. 54).

¹³³ “O significado oriental desta palavra é «tábua de suplício», usada especialmente na China e Cochinchina. Joaquim Calado Crespo descreve-a do seguinte modo (*Cousas da China*): «A canga é um pesado quadrado de madeira com 80 centímetros de lado por 5 de espessura, tendo um buraco central onde fica preso o pescoço do condenado.» (Cf. Dalgado 1919, vol. I, p. 203.)

¹³⁴ Cf. CE, t. I, ff. 397-397v.

¹³⁵ Cf. Valignano, *Advertimentos e Avisos*, pp. 256-268.

estatuto e a importância do presenteado e do padre e a ocasião da oferta. Neste capítulo, numa das observações de Valignano pode ler-se que na primeira visita de um Superior Universal do Japão a alguém importante, o padre poderia mostrar-se generoso e oferecer “algum menzuraxi”,¹³⁶ isto é, alguma raridade,¹³⁷ referindo-se o autor provavelmente às coisas europeias desconhecidas no Japão. Assim, numa ocasião à partida significativa, em que se pretendia causar uma primeira impressão forte, por um lado manifestando poder e por outro, reconhecendo o estatuto do presenteado, as “raridades” eram as ofertas perfeitas. Nesta sequência, e regressando à carta supracitada de Fróis, importa destacar a última frase, em que o padre afirma que objectos que na Europa não seriam considerados valiosos, no Japão eram muito apreciados, o que derivava certamente do facto de serem diferentes, isto é, excêntricos em relação à cultura material japonesa.

Na verdade, aquando dos primeiros contactos, a estranheza e diferença das coisas europeias redundaram numa extrema valorização destas no mercado japonês.¹³⁸ As trocas comerciais eram extremamente lucrativas para os europeus por este motivo, porque os seus produtos, comprados com prata japonesa,¹³⁹ adquiriram, por serem *diferentes*, a qualidade de produtos de luxo, não pelo seu valor intrínseco, mas pela sua estranheza, e esta é uma ideia que deve estar presente na reflexão sobre esta temática. De facto, a procura pelos produtos da nau do trato era de tal forma intensa, que Nagasaki, o porto que a partir de 1571 se tornou na principal base de operações dos portugueses no Japão, em relativamente poucos anos se transformou numa cidade próspera,¹⁴⁰ à qual acorriam, periódica ou permanentemente,

¹³⁶ Cf. *Ibidem*, p. 262.

¹³⁷ “Mezurashii = unusual, rare”, <http://www.freedict.com/onldict/onldict.php>.

¹³⁸ Cf. David S. Landes, “Japão: e os últimos serão os primeiros”, in *A Riqueza e a Pobreza das Nações. Por que são algumas tão ricas e outras tão pobres*, 7.ª edição, Lisboa, Gradiva, 2005, p. 395.

¹³⁹ Cf. Joaquim Romero Magalhães, *Portugueses no Mundo do século XVI. Espaços e produtos*, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1998, p. 81.

¹⁴⁰ Sobre Nagasaki, vd. Alexandra Curvelo, “Nagasaki. An European artistic city in early modern Japan”, *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, vol. 2 (June 2001), pp. 23-35; João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o episcopado de D. Luís Cerqueira*, dissertação de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998, pp. 441-466; João Paulo Oliveira e Costa, “Macau e Nagasaki. Os pólos da presença portuguesa no mar da China na segunda metade do século XVI”, in *Portugal e a China – Conferências no III Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI a XIX)*, Jorge Manuel dos Santos Alves (coord.), Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 79-103; Carlos Francisco Moura, “Nagasaki, cidade portuguesa no Japão”, *Stvdia*, n.º 26 (1968), pp. 115-148. Fontes sobre a fundação de Nagasaki: Diego Pacheco, *A Fundação do Porto de Nagasaki e a sua cedência à Sociedade*

mercadores de diversas partes do arquipélago, “como a feira vniuersal”, seduzidos pelas riquezas da nau, entre as quais se contavam sedas, damascos, almíscar, ouro e espingardas.¹⁴¹ Assim, é pertinente afirmar que o célere crescimento de Nagasaki se deveu, em larga medida, ao importante papel que o porto veio a adquirir no contexto do comércio externo japonês, primeiro por via da nau do trato, e depois também através dos juncos chineses que começaram a ancorar no porto, sendo ainda de relevar que Nagasaki se tornou igualmente no principal ponto de comércio entre o Japão e as Filipinas.¹⁴² Para além disso, importa ainda referir que muitos dos japoneses que se deslocavam ou fixavam em Nagasaki devido ao comércio acabavam por contactar com os padres e com a nova religião que estes pregavam, o que conduziu a um aumento significativo das conversões (numa carta ânua de 1585, Fróis menciona que todos os anos se baptizavam cerca de 300 pessoas¹⁴³).¹⁴⁴

2.2. A embaixada japonesa à Europa

Durante todo o século da presença portuguesa no Japão, o momento em que talvez tenha sido mais evidente o interesse japonês na cultura europeia foi a célebre embaixada de 1582 à Europa, depois da qual Valignano e os quatro legados japoneses, Mâncio Ito, Miguel Chijiwa, Martim Hara e Julião Nakamura,¹⁴⁵ foram recebidos na corte de Hideyoshi, oferecendo-lhe diversos e valiosos presentes. Uma vez que vários episódios relativos a esta embaixada serão abordados adiante, é pertinente fazer uma

de Jesus / The Founding of the Port of Nagasaki and its Cession to the Society of Jesus, Macau, Centro de Estudos Marítimos, 1989; *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 98, pp. 376-382.

¹⁴¹ Cf. CE, t. II, fl. 129; Rui Loureiro, “Navios, Mercadorias e Embalagens na Rota Macau-Nagasaki”, *Revista de Cultura / Review of Culture*, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, International Edition 24 (Outubro / October 2007), p. 35.

¹⁴² Cf. Costa 1998, p. 446.

¹⁴³ Cf. CE, t. II, fl. 129.

¹⁴⁴ Vd. *Cartas Ânuas do Colégio de Macau (1594-1627)*, direcção e estudo introdutório de João Paulo Oliveira e Costa, e transcrição de Ana Fernandes Pinto, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Fundação Macau, 1999.

¹⁴⁵ Mâncio ia como representante do daimio de Bungo, Miguel como legado dos daimios de Omura e Arima, e Matim e Julião eram os seus companheiros. Cf. J. F. Moran, *The Japanese and the Jesuits. Alessandro Valignano in Sixteenth-century Japan*, London – New York, Routledge, 1993, p. 6.

breve descrição da embaixada, de forma a melhor contextualizar as posteriores referências.¹⁴⁶

Tal como foi referido anteriormente, esta embaixada foi concebida por Valignano, com o objectivo de reforçar a missão jesuíta no Japão, reunindo mais apoios na Europa,¹⁴⁷ e de, por outro lado, comprovar a autenticidade da informação que os padres transmitiam aos japoneses sobre a Europa, mostrando a um grupo de quatro jovens nobres as maravilhas europeias. O próprio Visitador, nas instruções que redigiu em Goa, a 12 de Dezembro de 1583, para o padre Nuno Rodrigues, o qual, na sua ausência¹⁴⁸ acompanhou os enviados na condição de Procurador das Províncias da Índia e do Japão na Europa,¹⁴⁹ manifesta claramente que estas eram as suas principais intenções. No décimo terceiro ponto das instruções, o primeiro objectivo enunciado é o de “buscar o remedio que no temporal y no espiritual he necessario em Japão”,¹⁵⁰ e o segundo o de demonstrar aos legados japoneses a “gloria y grandeza” do Cristianismo, a excelência dos príncipes cristãos, e a riqueza dos reinos e cidades, de forma a que depois pudessem reproduzir o que haviam visto, esperando-se que tal conduzisse a uma credibilização do Cristianismo no Japão, uma vez que, segundo Valignano, o facto de os padres levarem a cabo uma viagem tão longa e dificultosa fazia com que alguns japoneses suspeitassem que na verdade, aqueles homens procuravam solução para a miséria a que estariam sujeitos na Europa, sob o pretexto de propagarem a fé.¹⁵¹

A embaixada abandonou Nagasaki em Fevereiro de 1582, tendo os quatro enviados entre 14 e 15 anos de idade. Valignano considerava que o facto de serem tão jovens os tornaria por um lado, mais aptos para suportar os rigores da longa viagem, e por outro, mais impressionáveis e susceptíveis de aceitar a estreita supervisão jesuíta

¹⁴⁶ Um breve resumo sobre a embaixada japonesa à Europa pode ler-se em Moran 1993, pp. 6-19.

¹⁴⁷ Cf. Lach 1965, p. 688.

¹⁴⁸ Contrariamente ao que havia planeado, Valignano não pôde acompanhar a embaixada à Europa, uma vez que em 1583 recebeu uma carta de Cláudio Aquaviva, o Padre Geral da Companhia, a nomeá-lo Provincial da Índia. Designou, assim, Nuno Rodrigues para chefiar a embaixada em sua substituição.

¹⁴⁹ Cf. J. A. Abranches Pinto e Henri Bernard, “Les Instructions du Père Valignano pour l’ambassade japonaise en Europe. (Goa, 12 décembre 1583)”, *Monumenta Nipponica*, vol. 6, n.º 1/2 (1943), p. 391.

¹⁵⁰ Cf. *Ibidem*, p. 395.

¹⁵¹ Cf. *Ibidem*, pp. 395-396.

durante a viagem.¹⁵² De facto, pelos relatos produzidos por Fróis e por Duarte de Sande sobre a embaixada, torna-se bastante evidente que Valignano pretendia que os jovens japoneses fossem constantemente acompanhados e orientados por padres da sua confiança. Esperava-se então que ficassem com a “melhor impressão possível da Europa Católica”, pelo que não deviam tomar qualquer tipo de conhecimento sobre as divisões religiosas que nas últimas décadas assolavam a Europa, nem estabelecer contactos com pessoas de fora sem a vigilância dos padres.¹⁵³ Deveriam manter-se ocupados a estudar japonês, latim e música, e sempre que possível, deveriam ficar acomodados em colégios jesuítas, onde seriam recebidos com entusiasmo e amabilidade, mas “sem pompa ou extravagância”.¹⁵⁴

Os quatro legados foram, assim, acompanhados pelos padres Nuno Rodrigues e Diogo de Mesquita, Jorge de Loyola (um irmão japonês), e dois criados japoneses. Ainda acompanhados por Valignano, chegaram a Macau em Março de 1582, onde um criado chinês se juntou ao grupo.¹⁵⁵ Depois de quase um ano em Macau, em Fevereiro de 1583, a embaixada partiu rumo à Índia, chegando a Lisboa apenas em Agosto de 1584; acabariam por passar quase dois anos na Europa antes de regressarem ao Japão. Em Lisboa, foram recebidos pelo Cardeal Alberto de Áustria, vice-rei de Portugal, pelo Arcebispo de Lisboa, e por Frei Luís de Granada, e tiveram um primeiro contacto com a arquitectura e os meios cortesãos europeus; visitaram Sintra, o convento do Carmo e o mosteiro dos Jerónimos. Foi durante as semanas que passaram em Lisboa que terão começado a escrever os apontamentos que serviram de base aos tratados de Duarte de Sande e Fróis. Em Setembro retomaram a viagem, passando por Évora, onde foram recebidos pelo Arcebispo D. Teotónio, e depois por Vila Viçosa, tendo sido convidados para uma visita à residência dos duques de Bragança.¹⁵⁶

No dia 1 de Outubro de 1584 chegaram a Toledo, onde foram recebidos pelo Arcebispo Gaspar Quiroga, e no dia 20 a Madrid. Já em Novembro assistiram e participaram na cerimónia do juramento de obediência a Filipe, o príncipe herdeiro e

¹⁵² Cf. Judith C. Brown, “Courtiers and Christians: The First Japanese Emissaries to Europe”, *Renaissance Quarterly*, vol. 47, n.º 4 (Winter, 1994), p. 875.

¹⁵³ Cf. Lach 1965, p. 691.

¹⁵⁴ Cf. Moran 1993, p. 9.

¹⁵⁵ Cf. *Ibidem*, p. 690.

¹⁵⁶ Cf. *Ibidem*, p. 692.

futuro Filipe III, e no dia seguinte tiveram uma audiência privada e informal com Filipe II, em que apresentaram ao rei as cartas de Ōtomo Yoshishige, Arima Harunobu e Ōmura Sumitada, os senhores de quem os jovens eram representantes oficiais. Antes da partida para Alcalá de Henares, os embaixadores fizeram uma visita ao Escorial, onde mais uma vez lhes foi mostrada a magnificência da Europa. Passaram o Natal em Múrcia, e a 7 de Fevereiro embarcaram para a Itália no porto de Alicante.¹⁵⁷ A 1 de Março de 1585 a embaixada chegou a Livorno, cidade que pertencia aos domínios de Francesco de Medici, grão-duque da Toscana. Visitaram Pisa, e ficaram alojados durante cinco dias em Florença, no palácio do grão-duque.¹⁵⁸

Mais de três anos depois de abandonar Nagasaki, a 22 de Março de 1585, a embaixada chegou finalmente a Roma, e no dia seguinte, numa cerimónia solene, Mancio Ito, Martim Hara e Miguel Chijiwa, envergando vestes japonesas, juraram obediência ao Papa Gregório XIII e apresentaram as cartas dos senhores japoneses que representavam.¹⁵⁹ Dos quatro enviados, só Julião Nakaura não pôde participar na cerimónia, uma vez que se encontrava doente.¹⁶⁰ Após a cerimónia, foram convidados pelo cardeal de Santo Xisto, sobrinho do Papa, para um banquete em que também estiveram presentes o cardeal Vastavillano e o duque de Sora, Diogo (Giacomo) Boncompagni. De seguida, tiveram nova audiência com Gregório XIII, que no dia seguinte lhes ofereceu trajes à moda europeia, confeccionados com tecidos de seda e veludo.¹⁶¹ Os japoneses, por seu turno, ofereceram ao Sumo Pontífice os biombos que Nobunaga havia oferecido a Valignano em 1581 com a representação do castelo de Azuchi.¹⁶²

¹⁵⁷ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 199.

¹⁵⁸ Cf. Lach 1965, p.694.

¹⁵⁹ Sande, *Diálogo*, p. 217. É de referir, no entanto, que havia sido acordado entre Valignano e o Padre Geral, Cláudio Aquaviva, que os embaixadores deveriam conhecer o Sumo Pontífice numa audiência privada, sem pompa nem magnificência, mas Gregório XIII, numa decisão de última hora, decidiu recebê-los numa cerimónia pública. Para além disso, estipulou que de então em diante, os legados japoneses deveriam ser recebidos sempre com solenidade, alterando assim o rigoroso plano traçado pelo Visitador. Tal ter-se-á devido, porventura, a uma tentativa por parte do Papa de publicitar o resultado dos esforços missionários da Igreja Católica, personificado nos quatro cristãos de tão longínqua proveniência, numa altura em que a Europa atravessava uma cisão religiosa sem precedentes e sem retorno. Cf. Moran 1993, p. 10-11.

¹⁶⁰ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 218.

¹⁶¹ Cf. Sande, *Diálogo*, pp. 218-223.

¹⁶² Sobre estes biombos, vide a carta anual de Gaspar Coelho para o Padre Geral da Companhia de Jesus, escrita em Nagasaki, 15 de Fevereiro de 1582 (CE, t. II, ff. 39-39v).

Entretanto, no dia 10 de Abril de 1585, Gregório XIII faleceu, com 85 anos de idade, o que significa que antes de abandonarem Roma, os jovens japoneses tiveram a oportunidade de presenciar não só as exéquias do papa, mas também a eleição e a cerimónia de aclamação do novo Sumo Pontífice, Sisto V. Dois meses depois, em Junho, os emissários deixaram Roma para iniciarem a sua longa viagem de regresso ao Japão, levando cartas de Sisto V para os seus senhores.¹⁶³ Uma vez que Valignano queria que visitassem várias cidades italianas, passaram por Nápoles, Ancona, Bolonha, Ferrara, Veneza, Pádua, Verona, Mântua, Cremona e Milão. Abandonaram Milão a 3 de Agosto de 1585, e visitaram ainda Pavia no caminho para Génova, onde, a 8 de Agosto, embarcaram para a viagem de retorno a Espanha.¹⁶⁴

De regresso à Península Ibérica, a embaixada permaneceu em Barcelona durante quase um mês, findo o qual retomou o caminho. Os jovens reencontraram Filipe II, e tornaram a passar por Alcalá de Henares e Madrid, antes de partirem para Portugal, em Outubro.¹⁶⁵ Pararam novamente em Vila Viçosa, depois em Évora, e passaram o Natal em Coimbra. No princípio de Janeiro de 1586, rumaram a Lisboa, visitando, pelo caminho, os mosteiros da Batalha e de Alcobaça. Em Lisboa, despediram-se do Cardeal Alberto de Áustria, para a 8 de Abril de 1586, embarcarem finalmente para o Japão.

A principal repercussão da embaixada japonesa entre os europeus prendeu-se sobretudo com um aumento do interesse e curiosidade no Japão, que se pode comprovar pela existência de várias obras impressas sobre o tema a partir de 1585, o ano em que os embaixadores chegaram a Roma e foram recebidos solenemente por Gregório XIII. Com efeito, em 1585, 79 obras com referências ao Japão e aos japoneses foram impressas na Europa, 64 das quais dedicadas exclusivamente à embaixada. Podem mesmo encontrar-se, neste conjunto, os primeiros livros impressos em Praga, Cracóvia e Vilna sobre os japoneses.¹⁶⁶ Nos anos que se seguiram a 1585, para além de

¹⁶³ Cf. Lach 1965, p. 698.

¹⁶⁴ Sande, *Diálogo*, Colóquios XXVI, XXVII, XVIII, XXIX e XXX (pp. 251-308).

¹⁶⁵ Cf. Lach 1965, p. 701.

¹⁶⁶ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, "O Japão e os japoneses nas obras impressas na Europa quinhentista", in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, p. 207; Sobre o impacto da embaixada na Europa, vide Adriana Boscaro, *Sixteenth-century European Printed Works on the First Japanese Mission to Europe*, Leiden, Brill, 1973.

reedições de obras sobre a embaixada, ainda se verificou um aumento significativo dos livros de conteúdo histórico ou geográfico, o que resultou num alargamento dos conhecimentos sobre o Japão na Europa, ainda que muitas vezes fossem reproduzidas nestas obras concepções erradas e fantasiosas.¹⁶⁷ É ainda de referir a pintura mural que se encontra da Biblioteca do Vaticano, com a representação dos legados japoneses na coroação de Sisto V, e o retrato provavelmente inacabado e nunca encontrado dos quatro embaixadores, da autoria de Tintoretto.¹⁶⁸

Depois de terem de ficar estacionados em Madagáscar durante vários meses, esperando ventos favoráveis, os legados acabaram por chegar a Goa a 29 de Maio de 1587, onde se reuniram com Valignano, que no princípio desse ano se havia tornado novamente Visitador da Índia,¹⁶⁹ e preparava então uma nova visita ao Japão.¹⁷⁰ A 22 de Abril de 1588, o Visitador e os emissários japoneses partiram de Goa, e chegaram a Macau no dia 28 de Julho, tomando apenas nessa ocasião conhecimento do édito anti-cristão que Hideyoshi havia lançado no ano anterior. No entanto, uma vez que em Goa, Valignano havia sido nomeado embaixador pelo vice-rei D. Duarte de Meneses, o qual lhe entregara uma carta e presentes para Hideyoshi, com o intuito de agradecer a sua benevolência para com os padres, o estatuto diplomático do Visitador permitiu que a visita se realizasse com o consentimento do *kanpaku*.¹⁷¹ Deste modo, em Julho de 1590, Mâncio, Martinho, Miguel e Julião, regressaram, na companhia de Valignano, a Nagasaki, onde tiveram uma calorosa recepção e reencontraram os seus familiares. Daí seguiram para o Miyako, onde chegaram em Março de 1591, para a esplêndida embaixada à corte de Hideyoshi, na qual os legados se apresentaram vestidos com trajes europeus, oferecendo magníficos presentes ao *kanpaku*. Como consequência, nos anos que se seguiram à embaixada à corte de Hideyoshi, verificou-se entre as elites nipónicas uma onda de entusiasmo pelas coisas europeias, tal como se poderá verificar nas páginas seguintes, em que serão particularizados alguns dos elementos da cultura material europeia que, segundo as fontes consultadas, parecem ter suscitado maior interesse entre os japoneses.

¹⁶⁷ Cf. *Ibidem*, p. 207-208.

¹⁶⁸ Cf. Moran 1993, p. 12; Fróis, *Tratado dos Embaixadores*, p. 230.

¹⁶⁹ Cf. Costa 1998, p. 811.

¹⁷⁰ Cf. Cooper 1994, p. 72.

¹⁷¹ Cf. Moran 1993, p. 16.

2.3. A Cultura Material

2.3.1 As armas de fogo

Em 1543, quando desembarcaram pela primeira vez no Japão, os portugueses introduziram nas ilhas as armas de fogo, que se viriam a revelar um elemento catalisador do processo de unificação, ao contribuírem de uma maneira decisiva para uma profunda mudança ao nível das formas de fazer a guerra. Existem ainda alguns autores que colocam dúvidas sobre o papel exclusivo dos europeus nesta introdução, uma vez que na China as armas de fogo já eram conhecidas havia vários séculos.¹⁷² Todavia, por si só, a existência de armas de fogo na China não nos parece suficiente para permitir extrapolar que também já existiam no Japão, uma vez que alguns dos produtos levados pelos europeus, que eram desconhecidos dos japoneses e terão suscitado o seu interesse eram precisamente provenientes da China.¹⁷³

Embora a *Historia de Japam* de Fróis contenha apenas poucas referências às espingardas, e não havendo qualquer indício de que tenham sido europeus os responsáveis pela apresentação deste tipo de armamento aos japoneses, tal dever-se-á, provavelmente, ao facto de Luís Fróis ter chegado ao Japão apenas em 1563, duas décadas depois do primeiro desembarque de portugueses, e por isso, numa altura em que a espingarda já se encontrava difundida o suficiente para não ser mais considerado um objecto raro. No entanto, a documentação portuguesa, japonesa e chinesa apontam para a origem europeia da importação da espingarda.¹⁷⁴ Através da leitura da célebre “Crónica da Espingarda”, ou *Teppô-Ki*, torna-se evidente que antes do desembarque dos portugueses em Tanegashima, esta arma ainda não era conhecida no Japão. Segundo esta fonte japonesa, a 23 de Setembro de 1543, um grande navio aportou na angra de Nishimura, na ilha de Tanegashima, trazendo uma

¹⁷² Cf. Geoffrey Parker, *The Military Revolution. Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988, p. 211, nota 79.

¹⁷³ Cf. Yosoburo Takekoshi, *The Economic Aspects of the History of the Civilization of Japan*, 1967, citado por David S. Landes, em “Japão: e os últimos serão os primeiros”, *A Riqueza e a Pobreza das Nações. Por que são algumas tão ricas e outras tão pobres*, 7.ª edição, Lisboa, Gradiva, 2005, p. 393.

¹⁷⁴ Vd., a este propósito, João Paulo Oliveira e Costa, “A introdução das armas de fogo no Japão pelos Portugueses à luz da HISTÓRIA DE JAPAM de Luís Fróis”, in *O Japão e o Cristianismo no século XVI: ensaios de história luso-nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, notas 5 e 6, p. 72; e Jin Guo Ping e Wu Zhiliang 2008.

tripulação de cerca de 100 homens de fisionomia e língua estranhas, que maravilharam “todos os que os viam”.¹⁷⁵ Entre os membros da tripulação, encontrava-se um “conhecedor da escrita chinesa”, que explicou ao senhor de Nishimura que aqueles homens estranhos eram negociantes de Seinanban”,¹⁷⁶ que evidenciavam desconhecer as regras de civilidade mas pareciam inofensivos. De acordo com o *Teppô-ki*, os dois líderes destes mercadores carregavam consigo um objecto de menos de um metro de comprimento, de linhas direitas, oco por dentro e com uma passagem interior. Uma das extremidades era tapada, e a outra tinha um abertura por onde deitava fogo, com um som tão estrondoso “como um trovão assustador”.¹⁷⁷ Estes homens são identificados por vários autores como sendo os portugueses Francisco de Zeimoto e António da Mota.¹⁷⁸

Ainda segundo este texto japonês, o governador Tokitaka considerou a espingarda um verdadeiro tesouro, devido ao seu enorme poder devastador, que tornaria qualquer chefe militar invencível, e um dia pediu aos bárbaros que o ensinassem a usá-la. Depois de aprender e fazer uma demonstração pública, atirando sobre uma pequena bandeira branca,¹⁷⁹ muitos mais japoneses quiseram aprender. Tokitaka comprou duas espingardas, ordenou a um dos seus súbditos que aprendesse o fabrico da pólvora, e ter-se-á eventualmente tornado num hábil atirador, decidindo, um dia, produzir uma réplica, mas sem sucesso, uma vez que os ferreiros japoneses não sabiam como fazer o remate da culatra.¹⁸⁰ Assim, quando no ano seguinte, os mercadores portugueses regressaram à ilha, o ferreiro que fazia parte da tripulação ensinou aos japoneses a técnica para fechar a culatra, e ao fim de um ano, foram produzidas dez espingardas na ilha.¹⁸¹

Outra versão do primeiro contacto dos japoneses com a espingarda pode ler-se na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Não obstante as diferenças profundas entre os dois relatos, há semelhanças importantes que ressaltam. Em primeiro lugar, refira-

¹⁷⁵ Cf. Daiyuji Bunji, “Teppô-Ki (1596-1614)”, p. 536.

¹⁷⁶ País dos bárbaros do Sudoeste. Cf. Daiyuji Bunji, “Teppô-Ki (1596-1614)”, p. 536, nota 111. Mais tarde, esta designação foi substituída por “Nanban”, isto é, bárbaros do Sul.

¹⁷⁷ Cf. Daiyuji Bunji, “Teppô-Ki (1596-1614)”, p. 536.

¹⁷⁸ Cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang 2008, p. 21; Daiyuji Bunji, “Teppô-Ki (1596-1614)”, p. 536, notas 118 e 119.

¹⁷⁹ Cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang 2008, p. 21.

¹⁸⁰ Cf. Daiyuji Bunji, “Teppô-Ki (1596-1614)”, p. 537

¹⁸¹ Cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang 2008, p. 22; Daiyuji Bunji, “Teppô-Ki (1596-1614)”, p. 538.

se o protagonismo de um português, Diogo Zeimoto, na introdução da espingarda. Por outro lado, também na *Peregrinação* um senhor japonês compra a espingarda a Zeimoto, pedindo-lhe que o ensine a fazer a pólvora, e aprende a atirar, decidindo mais tarde produzir réplicas. No entanto, segundo este autor a difusão terá sido muito mais rápida, e não terão existido dificuldades na construção das primeiras réplicas, uma vez que, cinco meses e meio depois, na segunda visita dos portugueses à ilha de Tanixumá (Tanegashima?), já existiriam mais de seiscentas espingardas no local.¹⁸² Deste modo, embora seja aconselhável uma leitura crítica desta fonte, tal como, aliás, de todas as fontes de uma forma geral, o cruzamento da informação transmitida por Fernão Mendes Pinto com os episódios narrados no *Teppô-ki* revelam uma história de base comum, em que a espingarda, apresentada pelos portugueses, suscitou grande interesse entre os japoneses, que acabaram por aprender a produzir autonomamente este tipo de arma, que se difundiu num curto período de tempo. Na verdade, em 1571, Gaspar Vilela afirma, numa carta para um irmão do Colégio de Évora, numa passagem sobre as armas utilizadas em contextos bélicos no Japão, que os japoneses possuíam muitas espingardas, não existindo qualquer referência à introdução desta arma por parte dos portugueses, o que demonstra que a espingarda era um instrumento já comum e amplamente integrado na cultura marcial nipónica menos de trinta anos após a sua introdução.¹⁸³

Tal como já foi mencionado anteriormente, à data da chegada dos primeiros portugueses ao Japão, o arquipélago encontrava-se politicamente fragmentado, atravessando um longo período de guerras civis. Assim, depois de 1543, vários senhores feudais compreenderam as vantagens que uma nova arma tão poderosa poderia trazer se incorporada nas suas forças militares, e rapidamente começaram, à semelhança de Tokitaka, a encomendar aos seus ferreiros arcabuzes que copiassem os modelos europeus,¹⁸⁴ e em pouco tempo, Kyûshû e Honshû tornaram-se em importantes centros de produção de espingardas.¹⁸⁵ Gradualmente, o uso das armas

¹⁸² Cf. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação & Cartas*, 1.º volume, Lisboa, Edições Afrodite – Fernando Ribeiro de Mello, 1989, capítulo 134, pp. 493-496.

¹⁸³ Cf. CE, t. I, fl. 305.

¹⁸⁴ Cf. Sanjay Subrahmanyam e Geoffrey Parker, “Arms and the Asian. Revisiting European Firearms and Their Place in Early Modern Asia”, *Revista de Cultura / Review of Culture*, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, International Edition 26 (Abril / April 2008), p. 31.

¹⁸⁵ Cf. Costa 1999, p. 73.

de fogo por alguns chefes militares mais astutos começou a destruir o relativo equilíbrio que existia entre várias dezenas de pequenos daimios, e a segunda metade do século XVI foi marcada por uma concentração de poder cada vez maior num número cada vez menor de daimios.¹⁸⁶ A data que marca a primeira utilização efectiva de espingardas em batalhas no Japão permanece, segundo Geoffrey Parker, alvo de debate, mas terá sido provavelmente ainda em 1555 por Takeda Shingen.¹⁸⁷ No entanto, é consensual que a primeira demonstração espectacular do poder das espingardas japonesas ocorreu em Maio de 1575, na batalha de Nagashino, quando Oda Nobunaga experimentou, pela primeira vez, a táctica do tiro contínuo, dispondo 3000 espingardeiros em três fileiras, que disparavam em sequências alternadas, permitindo que os soldados, em cada um dos grupos, recarregassem as suas armas em segurança, enquanto os outros continuavam a disparar. Os efeitos foram devastadores, e a batalha terminou com a aniquilação da cavalaria do exército opositor,¹⁸⁸ materializando a principal consequência humana do surgimento da artilharia: o aumento exponencial de mortos e feridos nos campos de batalha.¹⁸⁹

Este episódio demonstra claramente a originalidade dos japoneses na utilização militar das espingardas. Enquanto os manuais de guerra europeus evidenciavam uma particular preocupação em ensinar os soldados a recarregar mais rapidamente as suas armas, os manuais japoneses concentravam-se sobretudo em como conseguir uma melhor precisão, uma vez que a táctica treinada e aperfeiçoada por Nobunaga desde a década de 1560, e que lhe proporcionou a vitória de Nagashino, solucionava o problema da recarga. Na Europa, esta táctica foi sugerida pela primeira vez apenas em 1594, tendo-se difundido somente a partir da década de 1630.¹⁹⁰ Pode, então, afirmar-se que Oda Nobunaga revelou um entendimento sem precedentes das potencialidades militares desta arma, o que lhe permitiu iniciar o processo de reunificação política do Japão, continuado por Toyotomi Hideyoshi e terminado por Tokugawa Ieyasu.¹⁹¹

¹⁸⁶ Cf. Santos 2011, pp. 48-49.

¹⁸⁷ Cf. Parker 1988, p. 140.

¹⁸⁸ Cf. Costa 1999, p. 113; Parker 1988, p. 140.

¹⁸⁹ Cf. Santos 2011, p. 49.

¹⁹⁰ Cf. Parker 1988, p. 140.

¹⁹¹ Cf. Costa 1999, pp. 112-115.

No que diz respeito à dádiva deste tipo de armas à aristocracia japonesa por parte dos portugueses, podem identificar-se nas fontes dois tipos distintos de oferta. Por um lado, as ofertas cerimoniais, de que são exemplo a “espingarda rica de pederneira de tres canos” que fazia parte do presente de treze peças que Francisco Xavier ofereceu a Ōuchi Yoshitaka, em Abril de 1551,¹⁹² bem como as duas espingardas “muy estranhas para Japão”, e o “traçado que juntamente era espingarda, bem guarnecido” enviados por D. Duarte de Meneses a Hideyoshi por ocasião da embaixada de Valignano em 1591.¹⁹³ Nestas situações, pretendia-se sobretudo que a oferta satisfizesse o presenteado pela sua raridade, adornos e excelência estética, mais do que pela sua utilidade e eficiência prática. Por outro lado, também se podem encontrar nas fontes algumas situações em que a dádiva tinha um valor predominantemente prático, destinando-se a engrandecer a autoridade e o poder de quem a recebia.¹⁹⁴ Nesta categoria podem incluir-se as ocasiões em que os portugueses forneciam armas aos seus aliados, como aconteceu em 1566, aquando do levantamento da fortaleza e povoação de Sonogi (em Hizen), uma das principais possessões de Ōmura Sumitada. Neste episódio, o capitão Simão de Mendonça emprestou “muitas espingardas” ao dáimio, o que conduziu à retirada dos seus adversários assim que tomaram conhecimento do armamento que Sumitada tinha à sua disposição.¹⁹⁵

Em relação à artilharia pesada europeia, mais uma vez Oda Nobunaga teve um papel importante, uma vez revelou antecipadamente uma compreensão ímpar sobre as vantagens militares que este tipo de armamento lhe poderia trazer, e soube defender-se dos danos que a sua utilização por parte dos opositores poderia causar. No Japão quase todas as fortalezas e castelos eram construídos em altura, de forma a prevenir invasões, pelo que eram bastante vulneráveis ao impacto devastador dos tiros de canhão. Deste modo, à semelhança do que se verificou na Europa no período caracterizado por Sanjay Subrahmanyam e Geoffrey Parker como a segunda fase da

¹⁹² Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 5, p. 40.

¹⁹³ Cf. *Historia de Japam*, vol. V, capítulo 39, p. 299.

¹⁹⁴ Vd. o critério proposto por George Bryan de Souza para identificação das várias categorias de presentes diplomáticos: George Bryan de Souza, “Gifts and Gift-Giving in Portuguese-Indonesian Diplomatic Relations”, *Revista de Cultura / Review of Culture*, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, International Edition 24 (Outubro / October 2007), pp. 20-32.

¹⁹⁵ Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 73, p. 154.

revolução militar,¹⁹⁶ um novo tipo de construção defensiva, com muralhas de pedra mais baixas e resistentes, emergiu. A primeira fortaleza construída no Japão seguindo estes parâmetros foi a de Azuchi, erigida por ordem de Nobunaga entre 1576 e 1579, e quase completamente destruída após o seu assassinato.¹⁹⁷

No entanto, a utilização da artilharia pesada no Japão verificou-se com maior intensidade sobretudo a partir do início do século XVII, quando os holandeses e ingleses começaram a estabelecer-se no arquipélago, uma vez que ofereciam frequentemente peças de artilharia aos membros da aristocracia guerreira que pretendiam aliciar. Ao contrário dos portugueses, que eram movidos por ideais proselitistas, para os holandeses e ingleses, os interesses comerciais sobrepunham-se, pelo que não faziam este tipo de oferta apenas aos senhores cristãos. Esta concorrência e competição entre europeus pelo mercado japonês coincidiu com o final do processo de unificação do Japão, sob a égide de Tokugawa Ieyasu, que soube aproveitar a nova conjuntura em seu benefício, utilizando a artilharia pesada que lhe era colocada à disposição por ingleses e holandeses para consolidar a sua posição política e militar.¹⁹⁸ No entanto, é importante salientar que no Japão a artilharia pesada nunca se desenvolveu de forma significativa, e embora na batalha de Sekigahara (1600) e no ataque a Osaka (1615), se tenha verificado o uso da artilharia por parte de Ieyasu, este tipo de armamento revelou-se, na verdade, pouco decisivo.¹⁹⁹

Por fim, é de referir que uma das características do período que se seguiu à unificação do Japão, com a instituição do xogunato Tokugawa, foi o encerramento do Japão à influência externa, que se traduziu, entre outras questões, numa deliberada exclusão de objectos e conhecimentos estrangeiros.²⁰⁰ Para além disso, logo no final do século XVI, o poder central que se afirmava, ainda sob a figura de Hideyoshi, iniciou a desmilitarização do Japão, em parte numa tentativa de reposição da ordem social. Assim, em 1588, todos os camponeses foram obrigados a entregar qualquer tipo de arma que possuísem, o que logicamente incluía as espingardas, devendo, a partir de

¹⁹⁶ Cf. Subrahmanyam e Parker 2008, p. 13.

¹⁹⁷ Cf. Parker 1988, p. 142.

¹⁹⁸ Cf. Costa 1999, p. 81-82.

¹⁹⁹ Cf. Parker 1988, p. 144.

²⁰⁰ Cf. Landes 2005, p. 401.

então, dedicar-se exclusivamente ao cultivo das terras. Nesta sequência, em 1591, também os samurais foram proibidos de exercer qualquer tipo de actividade ligada ao cultivo. Por fim, em 1615, Tokugawa Ieyasu decretou que nenhum senhor poderia possuir mais do que um castelo. De aí em diante, o armamento ficou praticamente apenas ao alcance do Xogunato, e a produção de armas de fogo foi reduzida, passando a ser permitida apenas mediante licença. Símbolo do que restava de quase um século de presença estrangeira no Japão, e elemento catalisador da unificação política do território, a espingarda foi, por fim, praticamente banida do Japão.²⁰¹

2.3.2. Os óculos

Um dos artefactos europeus que, segundo a *Historia de Japam*, terá causado maior espanto entre os japoneses foram os óculos. Embora já existissem na Antiguidade, nomeadamente entre os egípcios e os romanos, mecanismos que utilizavam o vidro como forma de apurar o alcance e precisão da vista humana, os óculos propriamente ditos tiveram origem provavelmente na Itália do século XIII. No início do século XIV os óculos já se encontrariam mais ou menos difundidos pela Europa, transformando-se num verdadeiro objecto de moda que conferia distinção a quem os usava.²⁰² Foi, contudo, só em meados do século XVI que os óculos terão conhecido um grande aperfeiçoamento ao nível da sua capacidade e utilidade²⁰³, tendo sido provavelmente já nesta forma melhorada que chegaram ao Japão por via dos mercadores e jesuítas europeus.

Já foi mencionado que entre as treze prendas oferecidas por Francisco Xavier a Ōuchi Yoshitaka se encontrava um par de óculos.²⁰⁴ No entanto, encontramos menção a uma verdadeira manifestação de curiosidade perante este objecto muito depois, na descrição de um episódio que terá ocorrido já em 1571. Neste relato, Fróis revela a sua

²⁰¹ Cf. Subrahmanyam e Parker 2008, p. 32.

²⁰² Cf. Jorge Boaventura e Costa Santos, *Óculos e Lunetas : Alguns dados colhidos para a história da sua introdução e desenvolvimento na Europa e nos Estados Unidos da América*, Lisboa, Livraria Central, 1925, p. 21

²⁰³ Cf. Boaventura e Santos 1925, p. 22.

²⁰⁴ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 5, p. 39.

própria surpresa quando constata o espanto dos japoneses ao verem o Padre Francisco Cabral, superior da missão do Japão, a auxiliar-se de um par de óculos para melhor “ver o sitio e nobreza daquela terra”. O autor revela, então, que se o plebeus japoneses já consideravam estranhas as indumentárias dos padres, “sem comparação foi nelles mayor a admiração que tiverão dos oculos”, convencendo-se de que o padre tinha quatro olhos, “dous no logar comum, onde os tem naturalmente todos os homens, e outros dous, com alguma distancia deitados para fora, que reluzião como espelho e que era couza temeroza de ver.”²⁰⁵ A notícia ter-se-á alastrado de tal forma que no dia em que os padres se iam embora daquela cidade (Gifu), uma multidão de quatro ou cinco mil pessoas se juntou para “poderem ver esta maravilha do mundo”.²⁰⁶ É provável que este relato tenha sido um pouco exagerado por Fróis, nomeadamente no que diz respeito à quantidade de pessoas que se juntou para ver Francisco Cabral a usar os seus óculos. Porém, este episódio elucida-nos bastante sobre o assombro causado pelo encontro entre duas civilizações com passados culturais tão distintos.

Importa referir que um dos aspectos que Fróis salienta neste episódio é precisamente o facto de ter ocorrido em Gifu, uma cidade do interior, que ainda não havia sido tocada pela influência da cultura material dos *nanban-jin*, e onde os padres ainda não haviam penetrado, sendo, por isso, ainda considerados “gente (...) estrangeira e mui peregrina”.²⁰⁷ Deste modo, pode intuir-se que ainda que possa ter sido exacerbada por Fróis, a surpresa provocada pelos óculos, um objecto estranho à cultura material japonesa, terá sido ampliada pelo facto de a população de Gifu ainda não estar de todo acostumada à presença de europeus. Em 1571, se este episódio tivesse ocorrido em Nagasaki ou em Miyako, provavelmente não suscitaria tanto assombro, porque muitos elementos da cultura material europeia já não constituíam uma novidade absoluta, ao contrário do que acontecia em Gifu, onde ainda eram completamente estranhos.

Embora este seja o único relato que encontrámos nas fontes de um episódio sobre o interesse manifestado por japoneses nos óculos, pode afirmar-se com alguma

²⁰⁵ Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 95, p. 363.

²⁰⁶ Cf. *Ibidem*.

²⁰⁷ Cf. *Ibidem*.

segurança que não terá sido um incidente pontual, uma vez que na carta anteriormente citada, que Fróis escreveu a Valignano em 1577 e em que fez uma longa relação dos objectos que poderiam ser oferecidos em visitas aos senhores japoneses, os óculos são mencionados. A mera referência aos óculos nesta carta, embora possa parecer praticamente irrelevante, acaba por facultar ainda mais informações do que o enfático relato de Fróis sobre a reacção dos plebeus japoneses ao observarem os óculos de Francisco Cabral. Por um lado, os óculos encontram-se listados precisamente entre os objectos apropriados para dádivas aos senhores gentios, e já referimos que por oposição às prendas para os senhores cristãos, que deveriam constituir preferencialmente objectos ligados ao culto, estes eram os objectos utilizados pelos padres para maravilhar e aliciar à manutenção dos contactos. Por outro lado, o facto de os óculos surgirem nesta carta em particular demonstra que os padres provavelmente já os haviam oferecido a alguns senhores, tendo obtido reacções positivas a ponto de poderem figurar entre os artefactos que impressionavam, e que foram posteriormente qualificados por Valignano como “menzuraxi”. Como consequência, a última conclusão que se pode retirar da inclusão dos óculos nesta relação de Fróis, é que as manifestações de interesse neste objecto não terão sido exclusivas dos “plebeus japoneses”, como se poderia depreender por uma primeira leitura da descrição anteriormente abordada, mas socialmente transversais e verificadas também entre as elites.

Por fim, é ainda de referir que os japoneses parecem ter-se interessado pelos óculos a ponto de, nos biombos, se poderem encontrar várias representações de portugueses a usar óculos. Para além disso, rapidamente os japoneses aprenderam a produzir as lentes. No entanto, à semelhança do que se observou com outros objectos europeus, o Xogunato Tokugawa acabou por proibi-las, no contexto da sua política de encerramento à influência externa.²⁰⁸

²⁰⁸ Cf. Landes 2005, p. 401.

2.3.3. O relógio

O relógio foi um dos objectos europeus que maior impacto teve no Japão, surgindo nas fontes como uns dos artefactos mais utilizados pelos Jesuítas para impressionar os indivíduos do topo da hierarquia social japonesa. Segundo Geoffrey Parker, a par das armas de fogo e da astronomia, os relógios foram mesmo um dos elementos da cultura europeia que mereceu mais atenção dos japoneses da Idade Moderna.²⁰⁹

Afirma João Rodrigues na sua *História da Igreja do Japão* que “os Japoens não tem relogios ordinarios para medir as horas”.²¹⁰ Em vez de relógios mecânicos, os japoneses utilizariam, aquando da chegada dos portugueses, relógios de fogo para contar o tempo, dividindo o dia em duas partes de 6 horas cada. Estes relógios consistiam em caixas quadradas de madeira cheias de cinza plana, onde se desenhavam uns sulcos que enchiam com pó feito através da madeira seca de uma determinada árvore, ao qual se pegava fogo.²¹¹ Cada sulco deveria demorar uma hora a queimar, tendo por isso um comprimento variável, consoante a maior ou menor duração dos dias e das noites.²¹² Contudo, refira-se que embora no seu *Tratado das diferenças*, Fróis refira a divisão dos dias em 12 horas, 6 de dia e 6 de noite, encontrando-se, neste aspecto, de acordo com João Rodrigues, em vez de relógios de fogo, refere que os japoneses utilizavam relógios de água,²¹³ instrumentos nesta altura muito comuns na China.

Por sua vez, o surgimento dos relógios mecânicos ocorre na Europa Central no século XIV, possibilitado pela invenção da roda de escape, sendo em última análise, devedor de uma utilização cada vez mais sistemática e especializada dos metais,²¹⁴ e de uma civilização em que a divisão do tempo se tornava numa preocupação cada vez mais premente.²¹⁵ Em meados do século XV, talvez em 1459, a invenção da “mola real”

²⁰⁹ Cf. Parker 1988, p. 144.

²¹⁰ Cf. Rodrigues, *História*, p. 129.

²¹¹ João Rodrigues, na sua exposição sobre os relógios de fogo, não explicita qual era a madeira utilizada para fazer este pó,

²¹² Cf. Rodrigues, *História*, p. 129-130.

²¹³ Cf. Fróis, *Tratado*, capítulo 5, ponto 12, p. 92.

²¹⁴ Cf. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 175-176.

²¹⁵ Cf. David S. Landes, *A Revolução no Tempo. Os relógios e o nascimento do Mundo Moderno*, Lisboa, Gradiva, 2009, p. 76.

abriu caminho à criação de relógios portáteis e de relógios de bolso, que começam a vulgarizar-se em finais do século.²¹⁶ Embora as fontes não nos providenciem muitas informações sobre o tipo de relógios que os europeus levavam para o Japão e os padres mostravam aos grandes senhores, podemos afirmar que muito provavelmente seriam relógios portáteis.

É na *Historia de Japam* de Luís Fróis que se podem encontrar as mais expressivas referências sobre o interesse manifestado pelos japoneses nos relógios europeus. Para além do já mencionado “relogio de horas de grande artificio”²¹⁷ oferecido em 1551 a Ōuchi Yoshitaka por Francisco Xavier, são particularmente memoráveis três situações referidas por Fróis relacionadas com o relógio. Na primeira, datada pelo autor de 1569, Oda Nobunaga, antes de uma audiência com o próprio Fróis, manifesta-lhe o seu desejo de ver novamente um relógio que o padre já lhe havia mostrado antes e que tinha despertado grande interesse. O padre acata o pedido de Nobunaga, e durante a audiência mostra-lhe, pela segunda ou terceira vez, o mesmo relógio, que o dáimio acaba por recusar novamente, uma vez que embora o apreciasse muito, sentia grande dificuldade em “o consertar”.²¹⁸ Este “consertar” pode significar uma de duas coisas: ou o autor se refere ao enrolamento da mola, necessário para fazer um relógio portátil trabalhar, ou ao acerto dos ponteiros, que pontualmente seria conveniente, uma vez que certos relógios do século XVI continuavam a não ser totalmente precisos, podendo atrasar ou adiantar entre uma hora e uma hora e meia por dia.²¹⁹ Não deixa de ser interessante neste episódio verificar que o relógio terá causado tal impacto em Oda Nobunaga, que este pediu para o ver mais do que uma vez, quando o hábito comum era levarem-lhe produtos e presentes novos para cada audiência.

O segundo episódio²²⁰ em que o relógio assume um papel central ocorre também em 1569, quando um bonzo com quem o irmão Lourenço e Fróis haviam tido uma disputa teológica na corte de Nobunaga, para se vingar, conseguiu que o *Dairi*

²¹⁶ Vd. Landes 2009.

²¹⁷ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 5, pp. 39-40.

²¹⁸ Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 86, pp. 276-277.

²¹⁹ Cf. Delumeau 1994, p. 176.

²²⁰ Este episódio e o anterior são também descritos por Fróis numa carta a Belchior de Figueiredo, escrita a 1 de Junho de 1569 (CE, t. I, ff. 262 e 266).

(isto é, o Imperador) ordenasse a expulsão dos padres do Miyako e do Sakai. Para garantir a permanência e segurança dos padres, Fróis e Wada Igano-Kami, apelaram ao “Cubosama”, que era, na verdade, o xogum Ashikaga Yoshiaki. Tal como Nobunaga, o xogum havia concedido aos padres patente para poderem permanecer no Miyako, e face a esta adversidade, a forma de captar o seu interesse e ajuda, sugerida por Wada, é através do mesmo relógio que “por ser couza rara e linda”, causara grande furor junto de Nobunaga. Nesta audiência o relógio voltou a merecer grande atenção e curiosidade. Não foi, porém, suficiente para garantir a segurança do padre, que só foi conseguida por intermédio do próprio Wada Igano-Kami, que tomou abertamente o seu partido e o protegeu. Todavia, ressalve-se que numa situação de tamanha dificuldade, o relógio foi considerado por um japonês suficientemente relevante para influenciar a posição do xogum face aos jesuítas.²²¹

A terceira referência que merece a nossa atenção data de 1587, e encontra-se na enumeração por Fróis das deliberações do primeiro édito anti-cristão, promulgado por Toyotomi Hideyoshi. De facto, a 18.ª cláusula mencionada na *Historia de Japam* consiste numa ordem de confisco de todos os “relogios de horas que se achassem nas igrejas do Ximo”,²²² o que é bastante revelador da importância reconhecida a este artefacto, porventura encarado por Hideyoshi como uma fonte de poder, cuja exclusividade se pretendia tirar aos jesuítas. Com efeito, tal como já foi observado, o sistema de medição do tempo utilizado pelos japoneses era menos preciso e contradizia o relógio mecânico, dividindo o tempo diurno e o tempo nocturno em partes iguais, algo que só acontece verdadeiramente duas vezes por ano, nos equinócios.²²³ Este princípio e outros que contrariavam uma cronometragem precisa, foram aplicados aos relógios que os japoneses começaram a produzir após a chegada dos europeus, o que poderá ter estado na origem desta apreensão. No entanto, consideramos mais provável que esta medida de Hideyoshi tenha sido movida por uma vontade de uniformizar o método de contagem do tempo no Japão, mais do que

²²¹ Sobre este episódio vide *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 88, pp. 295-296.

²²² Cf. *Historia de Japam*, vol. IV, capítulo 55, p. 419.

²²³ Cf. Landes 2005, p. 402.

propriamente por querer apropriar-se das técnicas europeias de relojoaria, as quais os japoneses não adoptaram propositadamente, e não por inabilidade.²²⁴

Outras referências ao fascínio provocado entre os japoneses pelos relógios podem ler-se no *Diálogo* de Duarte de Sande, e reportam-se a dois relógios que os quatro legados japoneses viram na Europa e que terão considerado interessantes. Um destes é o famoso relógio do engenheiro italiano Juanelo Turriano de Cremona, em Toledo, que apresentava o sistema planetário através de “mil e oitocentas pequenas esferas, construídas com tal artifício, que a fábrica de nenhuma delas se repete numa outra”,²²⁵ de acordo com a concepção ptolemaica do universo, em que a Terra ocupava o lugar central.²²⁶ Segundo Sande, que se terá baseado nos apontamentos tirados pelos embaixadores durante a sua longa viagem, este relógio de “quatro palmos apenas de altura” demorou vinte anos a ser concebido, e três anos e meio a ser efectivamente produzido, sendo uma das mais admiráveis maravilhas da cidade de Toledo.²²⁷ O relógio terá impressionado os jovens japoneses de tal forma, que torna a ser referido no Colóquio 28.º, sobre as “coisas notáveis observadas em Veneza”,²²⁸ nomeadamente quando Sande menciona uma torre desta cidade que tinha um relógio público de grande “artifício e trabalho”, ao qual apenas era comparável, em requinte, o relógio de Toledo.²²⁹

É certo que o *Diálogo* de Duarte de Sande é uma fonte secundária, e uma construção jesuíta sobre as excelências da Europa, em que tal como já foi referido, se pretendia demonstrar, e provavelmente enfatizar, todo o maravilhamento dos embaixadores quando colocados em contacto com a magnificência europeia. No entanto, tendo em consideração que noutras fontes o relógio mecânico europeu parece, de facto, ter impressionado os japoneses, as referências de Sande não são despiciendas, parecendo-nos possível que figurassem alguns comentários elogiosos sobre estes relógios nos apontamentos em que o autor se terá baseado.

²²⁴ Cf. Landes 2005, p. 402.

²²⁵ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 177.

²²⁶ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 177 (nota do autor da edição, Américo da Costa Ramalho).

²²⁷ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 177.

²²⁸ Cf. Sande, *Diálogo*, pp. 271-283.

²²⁹ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 272.

Finalmente, interessa fazer uma menção à igreja de Nossa Senhora da Anunciação em Nagasaki, inaugurada em Setembro de 1601 pelo bispo D. Luís Cerqueira, à qual, em 1603 foi acrescentada uma torre com um relógio “grande e bem lavrado que afora demonstrar as horas que estão assinaladas com letras latinas e japoas, mostra também o curso quotidiano do Sol, enchentes e minguentes da Lua, que para os japões como he cousa nova, folga muito de ver aquele artificio e se espantam da delicadeza dos engenhos da gente da Europa.”²³⁰ Embora esta referência seja posterior ao período em estudo na presente dissertação, é relevante, na medida em que reforça a ideia de que o relógio foi, efectivamente, um dos elementos da cultura material europeia que mais êxito teve entre os japoneses, mesmo numa altura em que a conjuntura política se começava a alterar, não sendo já tão favorável à presença dos padres.

É ainda importante referir que, de acordo com as tipologias de dádivas diplomáticas propostas por George Bryan Souza, o relógio pode enquadrar-se na categoria dos objectos “preciosos e esotéricos”, uma vez que o seu valor, para quem os recebia, prendia-se com a sua natureza curiosa e estranha, não se podendo propriamente reconhecer a este tipo de objecto um valor cerimonial e simbólico adicional, ou até uma importância prática,²³¹ uma vez que tal como já mencionámos, o método de contagem do tempo utilizado pelos japoneses era diferente e assim permaneceu mesmo depois de conhecerem o relógio mecânico. Deste modo, embora a oferta de um relógio se destinasse a agradar e impressionar o destinatário, o objecto em si não era, em princípio, passível de ser usado pelo último posteriormente como manifestação de poder e autoridade ou como forma de representação simbólica.

Os dois elementos da cultura material europeia que se seguem, pelo contrário, são exemplos por excelência de presentes cerimoniais, isto é objectos que eram oferecidos pelos padres com o objectivo de obsequiar os membros da aristocracia, e que estes últimos souberam enquadrar habilmente nas suas estratégias de afirmação política e distinção social, no âmbito da construção de imagens de poder pessoal, em

²³⁰ Carta anual de 6 de Outubro de 1603 (BA, 49-IV-59, fl. 124v), citada em Costa 1998, p. 457.

²³¹ Cf. Souza 2007, p. 28.

termos sociológicos e antropológicos bastante à semelhança do que se verificava na Europa do Renascimento.

2.3.4. Têxteis e vestuário

No que diz respeito aos têxteis e vestuário europeus, este é o elemento da cultura material mais presente na documentação, seja na *Historia de Japam* de Fróis, na epistolografia, ou nos dois tratados sobre a embaixada japonesa à Europa. De facto, parece mesmo ter sido um dos elementos da cultura europeia que terá causado maior impacto entre os japoneses, mas tem sido praticamente ignorado pela historiografia sobre a presença portuguesa e a influência europeia no Japão, em benefício das armas de fogo e da ciência. Embora inegavelmente efémero, porque foi um interesse que sob o ponto de vista cronológico se circunscreveu apenas ao século da presença europeia no Japão, com breves períodos de maior intensidade, o fascínio pelo vestuário europeu pode mesmo ser considerado um factor fundamental para o início e manutenção dos contactos dos padres com os japoneses. Para além disso, os têxteis eram alguns dos produtos mais importantes no comércio entre europeus e japoneses.

Pelas descrições de Fróis das audiências dos padres com os membros da alta aristocracia japonesa, parece que os tecidos europeus e indianos, nomeadamente os brocados,²³² eram um dos elementos mais frequentes das prendas oferecidas. É de mencionar que não encontrámos entre 1549 e 1587 (isto é, nas primeiras duas partes da *Historia de Japam*), indícios de uma efectiva adopção por parte dos japoneses de elementos da indumentária europeia. Encontrámos, sim, várias manifestações de curiosidade e até maravilhamento. Por exemplo, logo em 1551, quando Francisco Xavier leva a Ōuchi Yoshitaka um segundo conjunto de presentes, composto por uma Bíblia iluminada, uma Glosa e uma “vestimenta de borcado”, é aparentemente a

²³² Brocado é um tecido de seda ornado em relevo com fios de ouro e prata. Embora tivesse origem asiática, era importado de Florença, tendo sido os mercadores desta cidade os responsáveis pela difusão deste tipo de tecido na Europa. Vd. Fernando de Oliveira, “O Vestuário Feminino dos Séculos XV e XVI”, in *Oceanos*, n.º 21 (Jan.-Mar. 1995), pp. 128 e 136. Apesar do título deste artigo se reportar especificamente ao vestuário feminino, contém várias informações sobre tecidos e moda e um glossário de têxteis e peças de vestuário.

última peça que merece a atenção do dáimio, que pediu ao padre que a vestisse, equiparando-o, depois a um deus vivo, talvez pela sumptuosidade do fato.²³³

Anos depois, em 1569, no final da mesma audiência em que Fróis mostrou a Oda Nobunaga pela segunda ou terceira vez o relógio anteriormente referido, este requisita o jesuíta para um outro encontro, dizendo-lhe para levar, desta vez uma vestimenta de brocado da Europa, “por ser couza que nunca tinha visto”.²³⁴ No capítulo seguinte, porém, em vez de um traje de tecido europeu, o padre leva a Nobunaga uma veste sacerdotal “de borcadilho de Ormuz”, que este observa demoradamente e elogia pela sua “pompa e aparato”.²³⁵

A primeira e única referência deste autor na *Historia de Japam* que ultrapassa a mera curiosidade e interesse, e se reporta, de facto, à adopção do vestuário europeu por japoneses, encontra-se já no quinto volume da obra, isto é, na terceira e última parte. Esta referência, de 1593, faz parte de uma carta ânua citada por Fróis, mas escrita por João Rodrigues, e consiste numa afirmação de que depois da embaixada de Valignano à corte de Hideyoshi em 1591, “quem não tem na corte alguma couza de vestido portuguez, não se tem por homem”²³⁶. De facto, João Rodrigues afirma que após esta embaixada, as coisas europeias terão conhecido uma renovada valorização entre os japoneses, ao ponto de muitos homens do topo da elite social nipónica começarem a envergar vários elementos da indumentária europeia, como calças, capas e chapéus. Embora toda esta referência se encontre claramente voltada para um universo masculino, não existindo nunca nenhuma alusão ao uso de roupa europeia pelas mulheres japonesas, entre as peças de vestuário que João Rodrigues identifica como sendo utilizadas por “muitos senhores”, encontram-se mantilhas, isto é, uma espécie de véu próprio da indumentária feminina.²³⁷ Para este facto podem existir várias explicações. É possível que tenha sido um erro de transcrição, ou mesmo um erro do próprio João Rodrigues, e que em vez de “mantilha” devesse estar escrito

²³³ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 5, p. 40.

²³⁴ Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 86, p. 277.

²³⁵ Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 87, p. 281.

²³⁶ Cf. *Historia de Japam*, vol. V, capítulo 65, p. 508.

²³⁷ Cf. Oliveira 1995, p. 140.

manto, mantão, ou mantelote.²³⁸ No entanto, se não partirmos do princípio que a inclusão desta palavra decorreu de um erro, esta menção pode também ser um indício de que a adopção de elementos do vestuário europeu por japoneses se verificou também entre as mulheres, não se limitando somente aos homens.

Todavia, entre têxteis e vestuário, há uma peça que se destaca claramente nas fontes pela aceitação que parece ter tido pelos japoneses: o chapéu ou, usando a palavra coetânea, “sombreiro”, um elemento da indumentária europeia masculina que se encontra profusamente representado nos biombos namban, com várias formas e cores. Para além disso, tal como já referimos, um dos elementos que se destacam na relação de Fróis de 1577 das prendas que poderiam ser oferecidas aos senhores gentios japoneses, são os “sombreiros de Portugal, forrados de dentro de tafeta, ou veludo.” Exemplo prático deste gosto japonês pode observar-se quando, por exemplo, Fróis é apresentado a Oda Nobunaga e lhe leva de presentes um espelho europeu, rabos de pavão, um chapéu de veludo preto e uma cana de Bengala, e a única peça que realmente agrada ao grande dáimio é o chapéu.²³⁹ Quanto a Hideyoshi, herdeiro político de Nobunaga e continuador do processo de unificação iniciado por este, também terá ficado deleitado quando Gaspar Coelho, o padre vice-provincial, em 1587, lhe ofereceu um chapéu novo de “veludo amarelo adamascado”²⁴⁰ ornado com uma trança de ouro.²⁴¹

Anteriormente, na descrição da batalha que terminou com a morte de Wada Igano-Kami, em 1571, Fróis refere que quando partiu para o combate, Wada usava um chapéu “de veludo carmezim” decorado com um fio de ouro, que o padre Francisco Cabral lhe oferecera. De forma a adaptá-lo para uma situação de guerra, este dáimio colocou dentro do chapéu um “capacete” de aço moldado à sua forma. É interessante esta sua decisão, uma vez que numa altura em que a autoridade e poder de Wada estavam a ser colocados em causa por um dáimio vizinho, Araki Murashige, que cercou uma das fortalezas do primeiro com o intento de a conquistar, Wada opta por fazer

²³⁸ Tipos diferentes de mantos que podiam ser usados tanto por homens como por mulheres. Cf. Oliveira 1995, p. 140.

²³⁹ Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 85, p. 266. CE, t. I, fl. 259.

²⁴⁰ Damasco é um têxtil de seda lisa ou bordada com desenhos, fabricado em Damasco (Síria). Este tipo de tecido chegava a toda a Europa através da cidade italiana de Lucca. Vd. Oliveira 1995, pp. 128 e 138.

²⁴¹ Cf. *Historia de Japam*, vol. IV, capítulo 52, p. 394.

frente ao seu inimigo ostentando um chapéu europeu, raro e diferente do que era comum no Japão, numa evidente tentativa de afirmar a sua distinção face ao seu adversário.

No que diz respeito à epistolografia, é de referir que nas *Cartas de Évora*, a oferta de peças de tecido ou vestuário a senhores japoneses também é amplamente mencionada, mas mais uma vez, as referências são quase todas da autoria de Fróis. Tal dever-se-á, por um lado, ao facto de este jesuíta se revelar um observador particularmente atento do fenómeno do interesse japonês pelas coisas europeias, e por outro, ao facto de grande parte destas manifestações de interesse se encontrarem associadas a Oda Nobunaga, com quem Fróis teve uma relação privilegiada. Assim, por exemplo, numa carta de 1569, este jesuíta refere que levou a Nobunaga um presente de despedida que consistia numa “camisa, & hũas ciroulas de cheila, & hũas chinelas vermelhas”, que o presenteado considerou um bom traje para o verão.²⁴² E embora a primeira referência da *Historia de Japam* à adopção de vestuário europeu pelos japoneses date de 1593, já numa carta do irmão Amador da Costa aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal escrita em Novembro de 1577, pode ler-se que os dois filhos de Ōmura Sumitada se recusavam a usar o vestuário japonês, e faziam questão de envergar sempre trajes “á Portuguesa”, que mandavam fazer na China.²⁴³

Contudo as referências mais marcantes sobre o vestuário europeu encontram-se nos Tratados de Fróis e de Sande sobre a embaixada à Europa. É, aliás, a atenção concedida ao vestuário nas duas obras que permite perceber que ambos os autores se basearam nas mesmas fontes, uma vez que o principal ponto de contacto entre os textos reside na quantidade avassaladora de descrições do vestuário e têxteis europeus, que pontuam praticamente todas as páginas. Assim, podem ler-se comentários gerais ao vestuário europeu,²⁴⁴ bem como descrições das vestes das personalidades que os jovens legados conheceram durante a sua viagem por Itália.²⁴⁵ Consideramos que o facto de vários aspectos terem merecido a atenção de ambos os autores dos tratados, provavelmente reflecte que esta temática desempenhava um

²⁴² Cf. CE, t. I, fl. 273v.

²⁴³ Cf. CE, t. I, fl. 400v.

²⁴⁴ Cf. Sande, *Diálogo*, pp. 100-102, 191, 218, 256; Fróis, *Tratado dos embaixadores*, p. 247.

²⁴⁵ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 239, 267, 279, 294; Fróis, *Tratado dos embaixadores*, pp. 151-152.

papel predominante nas notas escritas pelos emissários japoneses, que serviram de rascunho a Fróis e Sande. Outro aspecto que, a par do vestuário, merece grande atenção, principalmente de Duarte de Sande, é o uso de jóias por parte das elites europeias, que os embaixadores japoneses terão considerado um hábito extravagante, por um lado, por não ter paralelo no Japão, e por outro, pelo carácter extremamente dispendioso destes adereços.²⁴⁶

Refiram-se ainda os têxteis utilizados para a ornamentação dos interiores das residências, que, pela obra de Duarte de Sande, parecem ter causado maior admiração aos legados japoneses do que o próprio mobiliário. Várias são as referências que se podem encontrar às tapeçarias e colchas utilizadas para “distinta decoração das paredes”, e cujo elevado valor residia tanto no “material de seda, de ouro e de prata” ou de “tecido de veludo”, como na “maravilhosa arte dos tecelões em tecerem as figuras”, de “homens, animais, bosques, montes e rios”.²⁴⁷ Pode mesmo ler-se uma menção a “quatro tapeçarias tecidas de seda e ouro”²⁴⁸ oferecidas pelo Arcebispo de Évora aos embaixadores, para posteriormente poderem mostrar como exemplo da magnificência que haviam conhecido na Europa, mas o próprio Sande afirma que se perderam num naufrágio, nunca tendo chegado ao Japão.²⁴⁹ Para além do adorno das paredes, também os leitos e os sumptuosos têxteis utilizados para o seu ornamento terão impressionado os emissários, o que se pode verificar sobretudo pelo facto de Sande ter salientado o preço da cama, enquanto parte têxtil do leito, que podia ascender aos “três ou quatro mil cruzados”.²⁵⁰ Também Hideyoshi terá revelado grande agrado pelos leitos e camas europeus, uma vez que por volta de 1585, ostentaria numa das divisões do seu palácio dois leitos armados, “cozidos em ouro

²⁴⁶ Cf. Sande, *Diálogo*, pp. 100-102, 159, 193, 277.

²⁴⁷ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 98.

²⁴⁸ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 174.

²⁴⁹ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 98 e 174.

²⁵⁰ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 99. Segundo Américo da Costa Ramalho, durante a sua viagem pela Europa, os embaixadores “devem mesmo ter feito perguntas sobre preços e custos das coisas que descrevem”, por um lado, devido “ao materialismo da civilização japonesa, por outro ao desejo de impressionarem os seus compatriotas, fornecendo-lhes números esclarecedores.” (Cf. Ramalho 1997, p. 13). Esta hipótese parece-nos bastante plausível, tendo em consideração que também no *Tratado dos Embaixadores Japões* de Fróis se podem encontrar apontamentos desta natureza, donde se pode inferir que não terão sido parte da construção do autor do *Diálogo*.

com todas as peças ricas que se vsão em Europa em camas de muito preço”,²⁵¹ que provavelmente terão sido adquiridos por via de mercadores europeus a comerciarem no Japão, uma vez que certamente não foram oferecidos pelos padres, que não costumavam dar presentes dessa dimensão ou natureza.

Finalmente, são de mencionar os conceitos e vocábulos portugueses, introduzidos no Japão a partir de meados do século XVI, como “bengala, botão (ainda hoje, a palavra usada pelos japoneses é “botan”), calção, canequim, contas, capa, gibão, manto, meias, raxa, raxeta, São Tomé (um tecido), saraça, e veludo”,²⁵² que constituem o indício mais perene do impacto do vestuário europeu na cultura japonesa.

2.3.5. A cadeira

Sobre a cadeira, Fróis faz apenas uma alusão na *Historia de Japam*, que atesta a novidade deste elemento de mobiliário no Japão nos finais do século XVI. Não obstante o facto de ser uma referência única, esta talvez seja, de todas as passagens relativas ao interesse japonês em produtos oferecidos por europeus, a mais significativa e memorável. De facto, o episódio narrado por Fróis terá causado tal comoção entre os jesuítas que para além de ser descrito nesta obra e numa epístola do mesmo autor, ainda figura numa carta ânua de Gaspar Coelho, e é recordado por Duarte de Sande no seu *Diálogo*, quase dez anos depois de ter acontecido.²⁵³

Neste episódio, ocorrido em 1581, Oda Nobunaga terá dado uma festa no Miyako, “como outro rei Assuero pera manifestar sua gloria”²⁵⁴ à qual concorreram o imperador, grande número de dáimios subordinados a Nobunaga, nobres, mulheres e sacerdotes, tendo guardado o anfitrião um lugar privilegiado para os padres. É de referir que antes da festa, Valignano havia oferecido a Nobunaga “hũa cadeira de

²⁵¹ Cf. CE, t. II, “Algumas cousas tiradas de hũa carta que o padre Luis Fróis escreueo das partes do Iapão ao Padre Alexandre Valegnano, que ja la estiuera por Visitador, & de outra do padre Pero Gomez superior em Bûngo”, fl. 177.

²⁵² Cf. Santos 2011, p. 64.

²⁵³ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 99.

²⁵⁴ Cf. CE, t. II, fl. 33.

estado de veludo guarneçada de ouro, que hũ Portugues seu deuoto lhe dera na China pera este fim, por ser cousa noua, & nunca vista em Iapão.”²⁵⁵ Nobunaga terá ficado de tal forma agradado com o presente do Padre Visitador, que durante a festa, terá ordenado que quatro homens levassem aos ombros, à sua presença, a cadeira que Valignano lhe havia oferecido. Então, descendo do seu cavalo, ter-se-á sentado na cadeira, “para entrar com mais magestade e magnificencia na festa”, numa atitude claramente ostentatória de riqueza e poder.²⁵⁶

Esta cadeira, dada a Valignano por um português na China, levanta-nos algumas questões. Em primeiro lugar, o facto de ter sido adquirida por Valignano na China suscita dúvidas sobre a sua proveniência: pode, efectivamente, segundo a informação dos padres, ser uma cadeira chinesa, e não europeia; contudo, é igualmente possível que tenha sido levada da Europa por esse português ou mesmo manufacturada na China por portugueses, ao modo do mobiliário europeu. Saliente-se, a este propósito, o facto de as cadeiras representadas nos biombos *namban* terem sido identificadas por Maria Helena Mendes Pinto²⁵⁷ como cadeiras chinesas. Pode argumentar-se que a cadeira oferecida por Valignano a Nobunaga era uma destas cadeiras chinesas. Sabemos que os produtos chineses se contavam entre aqueles que os japoneses consideravam “exóticos”, e que o comércio entre a China e o Japão se efectuou principalmente durante o período que correspondeu à presença dos *namban-jin* no arquipélago, tendo Macau como porto intermediário. Para além disso, o facto de nos biombos, os europeus serem muitas vezes representados a transportar as suas próprias cadeiras sugere, no mínimo, que mesmo estas cadeiras chinesas não seriam comuns no Japão, caso contrário os europeus não teriam necessidade de as levar.

No entanto, a proveniência, ou antes, o “carácter” chinês desta peça específica é improvável. Em primeiro lugar, as cadeiras chinesas em que os capitães portugueses surgem representados nos biombos, sentados na praia, a assistir ao desembarque das mercadorias²⁵⁸ dificilmente seriam consideradas por Nobunaga dignas do seu espectáculo de magnificência. Por outro lado, estas cadeiras chinesas enquadram-se

²⁵⁵ Cf. *Ibidem*.

²⁵⁶ Cf. *Historia de Japam*, vol. III, capítulo 31, pp. 255-256.

²⁵⁷ Maria Helena Mendes Pinto, *Biombos Namban*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1986.

²⁵⁸ Imagem 1 em anexo.

num tipo de mobiliário leve, desdobrável e absolutamente portátil,²⁵⁹ e por isso não estão de acordo com as descrições do episódio, em que foram necessários quatro homens para transportar, aos ombros, a cadeira até Nobunaga.

Assim, podem apontar-se três hipóteses distintas para o tipo de cadeira que Nobunaga terá utilizado para maravilhar os seus convidados. Por um lado, esta cadeira poderá assemelhar-se à cadeira-cama transportável com varais laterais representada no biombo dos princípios do século XVII atribuído a Kano Naizen, e que se pode ver, em pormenor, na imagem 3 em anexo.²⁶⁰ No entanto, apesar de este tipo de cadeira se enquadrar perfeitamente no relato deste episódio,²⁶¹ parece pouco diferente de um palanquim, algo que se sabe que os religiosos japoneses já usavam habitualmente, pelo que não era de todo desconhecido.²⁶² Para além disso, o facto de Fróis se reportar a este objecto como uma “cadeira de estado” refuta esta hipótese.

Com efeito, a expressão “cadeira de estado” refere-se a um tipo de assento europeu, muitas vezes referido nas fontes, mas de tipo desconhecido. Isto é, não há certezas sobre o formato preciso das cadeiras de estado. Contudo, não parecem de todo ser cadeiras como a da imagem 3, que quase se assemelha a uma espécie de liteira descoberta. Bernardo Ferrão equaciona a hipótese de uma cadeira de estado corresponder a uma espécie de cadeira quebradiça de tipo “dantesco”,²⁶³ uma vez que esta não seria igual a uma cadeira “de espaldas”²⁶⁴ comum, porque podem encontrar-se em vários documentos ambos os tipos referenciados ao mesmo tempo, o que aponta para que sejam cadeiras diferentes, e nesses documentos pode inclusivamente constatar-se que as cadeiras de estado eram mais caras.²⁶⁵ Ainda segundo Bernardo Ferrão, as cadeiras de estado não corresponderiam aos típicos tronos reservados à Família Real e à Alta Nobreza de Corte, porque podem encontrar-se nos inventários de

²⁵⁹ Imagem 2 em anexo.

²⁶⁰ Hipótese sugerida por Bernardo Ferrão em *Mobiliário Português dos primórdios ao Maneirismo*, vol. 3, *Índia e Japão*, Porto, Lello & Irmão, 1990, p. 229.

²⁶¹ Nomeadamente pela sua sumptuosidade e porque a existência de varais se coaduna com um transporte por quatro homens.

²⁶² Cf. Luís Fróis, *Tratado das contradições e diferenças de costumes entre a Europa e o Japão*, edição de Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 94.

²⁶³ Imagem 4 em anexo.

²⁶⁴ Imagem 5 em anexo.

²⁶⁵ Cf. Ferrão 1990, vol. 2, pp. 145-146.

solares de Elvas e no espólio de D. Teotónio.²⁶⁶ Porém, mais recentemente, Maria da Conceição Borges de Sousa apresentou os termos “cadeira de estado”, “estadela”, “cathedra” e “trono” como sinónimos que designam uma “cadeira de cerimonial, alta e de braços” (definição de Viterbo), explicando que “cadeira de estado” é um termo mais ou menos genérico, que “pode abranger ainda outros assentos que pela sua forma, decoração e localização numa sala, se adequam ao prestígio de quem neles se senta”.²⁶⁷ Assim, a designação de “cadeira de estado” está relacionada não só com as características do assento, mas também e sobretudo com a sua função cerimonial e com o estatuto do indivíduo que o utiliza.

Em suma, embora a cadeira representada no biombo de Kano Naizen se enquadre nas descrições que se podem ler nas fontes, a utilização pelos autores da expressão “cadeira de estado” para nomear o tipo de assento usado por Nobunaga neste episódio coloca em causa esta correspondência directa. Afigura-se-nos, portanto, provável, sobretudo tendo em consideração o claro objectivo de Nobunaga de demonstrar magnificência e opulência, que a cadeira de Nobunaga fosse, na verdade, uma espécie de trono.

Por fim, atentemos em duas passagens de João Rodrigues, da sua *Historia da Igreja do Japão*, que podem ler-se nos capítulos referentes às cortesias e cerimónias dos chineses e japoneses (capítulos 22 e 23). No que diz respeito aos chineses, Rodrigues afirma que “antigamente não tinham o uzo das cadeyras, e mezas altas como agora tem, mas assantavãose em baixo nas sallas alcatifadas, e esteiradas ao modo dos Japoens e o que se uza toda a Azia, e Mourama”.²⁶⁸ Sabemos que, em meados do século XVI, a cadeira já era comumente utilizada na China, mas Rodrigues explica também que após a vulgarização do uso da cadeira, se observou uma mudança ao nível das práticas de civilidade. Uma vez que a China não é o nosso objecto de estudo, não nos deteremos sobremaneira nesta matéria. No entanto, importa salientar que no capítulo seguinte, referindo-se aos japoneses, Rodrigues faz a mesma afirmação, de que passaram a sentar-se em “cadeiras altas” e a comer em mesas, associando esta

²⁶⁶ Cf. *Ibidem*.

²⁶⁷ Cf. Maria da Conceição Borges de Sousa, “CADEIRA DE ESTADO, estadela, cathedra, trono”, in *Mobiliário. Normas de inventário – Artes Plásticas e Artes Decorativas*, s.l., Instituto Português de Museus, 2004, p. 55.

²⁶⁸ Cf. Rodrigues, *Historia*, pp. 327-328.

mudança de costumes à estrutural influência da cultura chinesa no Japão, “donde tudo vem a ser da mesma forma, e os Japoens a serem Chinas pela mayor parte.”²⁶⁹

Deste modo, não temos dados suficientes que nos permitam perceber se a cadeira foi uma importação chinesa ou europeia. Porém, o episódio descrito anteriormente sugere que a cadeira, em 1581, ainda era uma novidade à qual os japoneses não estavam acostumados. Para além disso, no *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, quando Duarte de Sande, através da personagem Miguel Chijiwa, se reporta ao hábito de os europeus se sentarem em cadeiras, apresenta unicamente as utilizadas pelos comandantes dos navios que iam ao Japão, e aquela que anos antes, Valignano oferecera a Nobunaga,²⁷⁰ como os exemplos conhecidos pelos japoneses deste tipo de mobiliário, o que parece indicar que em cerca de 1590, data da impressão da obra, o uso de cadeiras ainda não era prática comum entre os japoneses. Por outro lado, a inclusão na mesma obra de um debate entre Miguel, Lino e Leão, sobre se o uso de cadeiras era uma prática confortável e civilizada ou não, reforça este argumento, na medida em que seria ilógica se se tratasse de um costume plenamente aceite e adoptado no Japão.²⁷¹ Assim, na década de 1620, quando João Rodrigues começou a redigir a *Historia da Igreja do Japão*, se os japoneses já usavam cadeiras regularmente, este seria seguramente um hábito recente. E o facto de este tipo de mobiliário ter entrado no quotidiano chinês muito anteriormente, sem que se verificasse a sua adopção no Japão até ao princípio do século XVII, deixa-nos pelo menos a ténue hipótese de que terá sido uma importação europeia.

2.3.6. A importância da dádiva na sociedade japonesa

Uma vez analisadas e interpretadas as referências relativas ao interesse japonês em produtos e objectos europeus, presentes na documentação jesuítica, podem retirar-se algumas conclusões.

²⁶⁹ Cf. Rodrigues, *Historia*, pp. 337-338.

²⁷⁰ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 99.

²⁷¹ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 99-100.

Em primeiro lugar, a maior parte das referências em que encontramos indícios deste interesse e gosto é da autoria de Fróis e surge no seguimento da descrição de encontros dos padres com dáimios e com Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi. A estratégia adoptada pelos jesuítas em território japonês caracterizava-se por uma grande preocupação em evangelizar ou pelo menos conseguir uma aproximação às elites sociais e políticas, condição imprescindível para o sucesso da missão, na medida em que apenas a protecção por parte das autoridades locais, proporcionada pelo estabelecimento de relações diplomáticas com estas elites, garantiam a permissão para os padres desenvolverem o trabalho missionário, bem como a sua segurança na prossecução deste objectivo.²⁷² Para tal, era necessário que os missionários se adaptassem à realidade social em que tentavam penetrar. Percebe-se, sobretudo pela narrativa de Fróis, que esta adaptação implicava, por um lado, um domínio exímio da língua e a demonstração de um grande respeito pelas normas de cortesia e etiqueta das elites, o que era muito valorizado pelos senhores,²⁷³ sendo que se uma destas condições não fosse cumprida, tal poderia redundar no cessamento dos contactos, e na proibição da continuação do trabalho missionário.²⁷⁴

Para além disso, uma das condições *sine qua non* para o primeiro contacto com as elites era a dádiva de presentes, uma das normas sociais do cerimonial aristocrático japonês que os padres tinham, impreterivelmente, que respeitar. E quanto maior fosse a dignidade do indivíduo com quem se pretendia iniciar relações, mais precioso, raro e distinto deveria ser o presente.²⁷⁵ Assim, o primeiro contacto dos padres com estes indivíduos que se encontravam no topo da pirâmide social e política japonesa era sempre marcado pela oferta de prendas por parte dos jesuítas, nas palavras de Fróis, “conforme ao costume de Japão”. E era a satisfação dos senhores com estas prendas, que normalmente consistiam em produtos inexistentes no Japão, que aparentemente, em larga medida, determinava a continuação ou não dos contactos, a disponibilidade

²⁷² Cf. Pinto 2000, pp. 29-43.

²⁷³ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 19º, pp. 124-125.

²⁷⁴ Cf. *Historia de Japam*, vol. IV, capítulo 39º.

²⁷⁵ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 25, p. 161.

para ouvirem pregação, ou até somente a autorização, por parte destes senhores, para os padres permanecerem nos territórios subordinados à sua autoridade.²⁷⁶

Com efeito, não só através dos eventos relatados por Fróis na *Historia de Japam* e na epistolografia, mas sobretudo através das reflexões produzidas por João Rodrigues e Alessandro Valignano, respectivamente, na *Historia da Igreja do Japão*, e nos *Advertimentos e Avisos Acerca dos Costumes e Catangues de Jappão*, percebe-se que no Japão, a dádiva se revestia de uma extrema importância política e social. No entanto, importa referir que uma vez que cada uma destas obras se reveste de características distintas e muito particulares, as informações que os autores optaram por transmitir são, na sua essência, diferentes. Assim, por um lado, João Rodrigues descreve ao pormenor, mas sempre de uma forma genérica, os costumes e a etiqueta japonesa no que concerne à dádiva de presentes, mencionando aspectos como as diversas ocasiões em que os japoneses se visitam,²⁷⁷ e a forma correcta de preparar,²⁷⁸ dar e receber presentes.²⁷⁹ Por seu turno, Valignano estabelece uma série de directrizes para orientar o comportamento dos missionários em situações específicas com as quais garantidamente iriam ter de lidar, explicando o que deveriam fazer quando recebessem um presente,²⁸⁰ e que tipo de presentes deveriam oferecer consoante o teor da visita e a qualidade do padre e da pessoa visitada.²⁸¹ Enquanto Rodrigues produziu uma obra literária em que pretendia descrever as características da sociedade japonesa, procurando, nestes excertos, demonstrar a extrema complexidade da etiqueta, que fixava a ordem social e regulava as relações entre japoneses, Valignano tinha objectivos e preocupações práticas, relacionadas com o sucesso da missão, pelo que esta obra consiste, no seu âmago, numa sistematização de instruções com vista a regular as relações dos padres com os senhores japoneses.

²⁷⁶ Vide, por exemplo, *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 5º, pp. 39-40.

²⁷⁷ Cf. Rodrigues, *Historia*, pp. 279-305.

²⁷⁸ Cf. Rodrigues, *Historia*, pp. 314-318.

²⁷⁹ Cf. Rodrigues, *Historia*, pp. 305-314; 318-326.

²⁸⁰ Cf. Valignano, *Advertimentos*, p. 166.

²⁸¹ Cf. Valignano, *Advertimentos*, pp. 256-268.

Destes factores resultam, em suma, informações diferentes mas complementares, que analisaremos de seguida.²⁸²

Segundo a *Historia da Igreja de Japam*, de João Rodrigues, os japoneses herdaram da China grande parte da sua cultura, incluindo os hábitos de cortesia e civilidade. Na verdade, “reverencia, cortezia, Urbanidade” seriam mesmo consideradas uma das cinco virtudes morais pelos chineses e japoneses,²⁸³ constituindo aquilo que hoje se pode considerar a etiqueta: “o traje de Japão, e tempos em que o mudão, do modo como se vizitão hũns aos outros, dos presentes que costumão levar nas vizitas, da cortezia e reverencia que uzão dentro da caza, o Senhor com o Vassallo, e criado, e nobre, e baixo, e os iguaes entre sy, do modo como se convidão, e cortezias que nisso tem, e de outras varias couzas desta sorte.”²⁸⁴ Contudo, embora admita a existência de uma matriz civilizacional comum, e de um paralelo na importância conferida à polidez de comportamentos, Rodrigues salienta que a oferta de presentes sempre que se presta uma visita a alguém é um hábito ainda mais valorizado e marcante no Japão do que na China.²⁸⁵ Este costume terá igualmente conhecido uma grande exacerbação, tendo-se observado um acréscimo significativo do valor dos presentes oferecidos, a partir do período de afirmação de Nobunaga, ao qual, segundo Rodrigues, se terá seguido um aumento da prosperidade, da riqueza dos “grandes e gente das Cidades”, e do comércio.²⁸⁶ No texto da *Historia da Igreja de Japão* está patente que esta mudança terá sido bastante prejudicial para os padres, que tiveram de acompanhar as exigências dos senhores, sobretudo os gentios, de forma a garantir o sucesso da missão.²⁸⁷ A acreditar na interpretação de Rodrigues, pode intuir-se que o gosto e apetência natural de Nobunaga por objectos valiosos, raros e exóticos foram estimulados por esta conjuntura específica, o que poderá ser mais um factor, para além da estreita convivência de Fróis com Nobunaga, que explique o notório

²⁸² No que diz respeito à *Historia da Igreja do Japão* de João Rodrigues, devido ao facto de este autor ter feito uma extensa e detalhada análise sobre o cerimonial japonês a cumprir aquando da dádiva de presentes, apenas particularizaremos os comentários que interessam directamente ao tema em estudo.

²⁸³ Cf. Rodrigues, *Historia*, p. 256.

²⁸⁴ Cf. Rodrigues, *Historia*, p. 258.

²⁸⁵ Cf. Rodrigues, *Historia*, p. 311.

²⁸⁶ Cf. Rodrigues, *Historia*, p. 313.

²⁸⁷ Cf. *Ibidem*.

protagonismo deste dáimio nas referências presentes na documentação sobre o interesse japonês na cultura material europeia.

É ainda de referir a importância conferida pelos japoneses ao “ornato exterior com que se oferecem os presentes”, salientada tanto por Rodrigues²⁸⁸ como por Valignano.²⁸⁹ Todas as prendas tinham de ser embrulhadas em papel, e até as formas de dobrar o papel, que variavam consoante o produto oferecido, deveriam obedecer a regras específicas, estabelecidas nos “livros (...) de cortesias” japoneses.²⁹⁰ De facto, este pormenor era considerado tão importante pelos japoneses, e encontrava-se culturalmente tão enraizado, que ambos os autores mencionam que se um presente fosse oferecido sem ter sido embrulhado correctamente e de acordo com os preceitos nipónicos, o obsequiado poderia ficar melindrado, uma vez que tal seria considerado uma imensa falta de cortesia, que inclusivamente, segundo Valignano, poderia causar danos à reputação dos padres.²⁹¹

Finalmente, a própria natureza dos presentes oferecidos merece ser salientada, uma vez que também esta se encontrava sujeita a normas específicas. Os produtos oferecidos deveriam, então, adequar-se, por um lado, à qualidade social do indivíduo que presenteava e do indivíduo presenteado, que deveria ser proporcional ao valor do produto, e por outro, à ocasião da visita. Por exemplo, Valignano refere que os presentes que os padres podiam oferecer aos senhores se dividiam em dois grupos: os produtos de comer e as peças. No que diz respeito aos produtos de comer, os mais elevados eram conservas e comida europeia,²⁹² que se deveriam dar no mínimo todos os meses aos senhores gentios importantes em cujas terras se encontravam missionários, e que por isso era necessário agradar.²⁹³ Quanto às peças, estas seriam o tipo de oferta mais adequada para quando os padres visitavam um senhor, e à semelhança do que referimos anteriormente, os bens mais preciosos (isto é, as raridades europeias) estariam reservados aos senhores gentios mais importantes,

²⁸⁸ Cf. Rodrigues, *Historia*, pp. 314-316.

²⁸⁹ Cf. Valignano, *Advertimentos*, pp. 264-266.

²⁹⁰ Cf. Rodrigues, *Historia*, p. 315.

²⁹¹ Cf. Valignano, *Advertimentos*, pp. 264-266: “todas as cousas que se mandão se hão de mandar (...) embrulhadas com seus papeis de *suibara* dobrados, da maneira que pedem a[s] mesmas cousas [como] em Japão se acostumão, porque faze-lo doutra maneira hé cousa ridícula e que nos faz perder a reputação.”

²⁹² Cf. Valignano, *Advertimentos*, p. 258: “concervas ou cousas de comer do Nabão, feito à nossa chara”.

²⁹³ Cf. Valignano, *Advertimentos*, p. 260.

como Nobunaga ou Hideyoshi, sendo que aos cristãos os padres apenas deveriam oferecer contas de rezar e objectos ligados ao culto.

Deste modo, pode concluir-se que a dádiva era uma prática, sob o ponto de vista político e social, de extrema importância no Japão, que no século XVI, aquando da chegada dos portugueses ao arquipélago, já se havia transformado numa verdadeira arte, sujeita a complexas e rigorosas regras de cerimonial, e codificada, segundo João Rodrigues, em livros de etiqueta. Sob o ponto de vista cultural, a dádiva era, mais do que uma prática, um princípio basilar, que diferenciava normativamente os indivíduos entre si, e que constituía uma das características essenciais da sociedade japonesa, fortemente hierarquizada e marcada pela teatralidade e pelas exterioridades. Esta mesma dádiva, que não era voluntária e ainda menos era generosa e desinteressada, tornou-se, por fim, tal como se pode verificar nas páginas anteriores, num elemento fulcral, integrado habilmente na estratégia de conversão do Japão pelos jesuítas,²⁹⁴ na qual as elites representavam o alvo primordial das tentativas de evangelização. Com efeito, os objectos europeus, sob a forma de ofertas, mais do que o passaporte de entrada nas cortes dos principais dáimios do Japão, garantiram por várias vezes a continuação dos contactos e a segurança dos padres, como já foi referido. Captaram o interesse de senhores que mais tarde acabaram por se converter, e garantiram, sobretudo, uma boa relação dos missionários com Oda Nobunaga e com Toyotomi Hideyoshi, que nunca quiseram, ao que parece, converter-se, mas continuaram a receber regularmente os padres nas suas cortes. Na dádiva assentaram, portanto, em larga medida, os contactos da Companhia de Jesus com os dáimios japoneses, que por seu turno permitiram o sucesso da missão.

Assim, se estes objectos eram utilizados para chamar as elites para a conversão, por outro lado, parece por alguns episódios narrados na *Historia de Japam* e na epistolografia que as restantes camadas da sociedade eram aliciadas pelos jesuítas sobretudo através das cerimónias religiosas, como exéquias, procissões e celebrações pascais e natalícias, o que nos conduz à segunda parte do presente ensaio.

²⁹⁴ Sobre a importância dos objectos e da materialidade no Império Português e nos contactos que se travaram com outras entidades políticas, vd. Jorge Manuel Flores, “Um Império de Objectos”, in *Os Construtores do Oriente Português*, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1998, pp. 15-46.

2.4. As cerimónias religiosas europeias²⁹⁵

Quando se procuram, na *Historia de Japam* de Luís Fróis, passagens que atestem um interesse japonês em coisas europeias, são, de facto, os objectos explanados anteriormente que se destacam, encontrando-se no centro dos relatos que sugerem o espanto e maravilhamento decorrente do encontro destas duas culturas. No entanto, se procurarmos apurar este argumento, encontramos outras passagens desta obra que permitem intuir que o interesse nipónico pelo que vinha da Europa ultrapassou o universo da cultura material, tendo-se verificado também ao nível das cerimónias cristãs. E se atentarmos noutras fontes, nomeadamente na epistolografia produzida por outros missionários, verificamos que a esmagadora maioria das referências ao interesse japonês em aspectos da cultura europeia são relativas às cerimónias religiosas. Se, tal como já foi profusamente explanado no presente estudo, apenas Luís Fróis manifestou uma permanente atenção ao fascínio japonês pela cultura material europeia, foram muitos mais os padres que abordaram a questão do agrado pelas cerimónias religiosas europeias, sendo esta uma temática tocada em mais de 30 epístolas de vários missionários diferentes, só nas *Cartas de Évora*. Este destaque deve-se provavelmente ao facto de os padres da Companhia de Jesus, empenhados na conversão da população japonesa (e não apenas das elites), terem conseguido perceber como este interesse pelas cerimónias religiosas cristãs podia ser favorável à prossecução dos seus intentos proselitistas.

Numa carta de Gaspar Vilela de 29 de Outubro de 1557 aos padres e irmãos da Companhia de Jesus da Índia e Europa pode ler-se uma descrição bastante elucidativa das cerimónias realizadas na Semana Santa, na qual é evidente o esforço dos padres no sentido de impressionar os japoneses, e assim aliciá-los para a conversão. É particularmente marcante a descrição do Domingo de Páscoa, segundo a qual todos os cristãos da cidade, bem como os portugueses e os seus criados, compareceram. Vários elementos utilizados na procissão, como a “vestimenta rica” que o padre envergava, “círios e velas acesas” e rosas²⁹⁶ destinavam-se a criar um espectáculo visual que

²⁹⁵ Nesta parte do trabalho apenas abordaremos algumas das descrições de cerimónias religiosas cristãs no Japão que encontrámos na documentação. No entanto, de forma a demonstrar a profusão de referências a este respeito, as restantes poderão ser lidas nos Anexos.

²⁹⁶ Cf. CE, t. I, fl. 57v.

impressionasse os japoneses, o que terá atraído grande número de pessoas, entre as quais “muitos gentios”, movidos provavelmente pela curiosidade.

Por seu turno, logo no princípio da *Historia de Japam*, Fróis descreve as celebrações feitas por ocasião da Páscoa de 1563,²⁹⁷ marcadas por uma procissão em que participaram disciplinantes que usavam “vestimentas pretas e coroas de espinhos” ou “cruzes às costas”.²⁹⁸ Depois, nos ofícios divinos da Sexta-feira e do Sábado santos, quando os panos pretos que cobririam parte do interior da igreja foram retirados, mostrando “o altar e a igreja tão bem ornada”, ter-se-á verificado entre os japoneses não só espanto e maravilhamento, mas também “novo conceito e opinião (...) acerca do culto divino”.²⁹⁹ Segundo Fróis, após as cerimónias houve várias solicitações de senhores japoneses que desejavam receber pregação, o que demonstra como o impacto sensorial das celebrações, estranhas à matriz cultural e religiosa japonesa, podia despertar o interesse no Cristianismo. Com efeito, a exterioridade da fé, o elemento visual das cerimónias e as alegorias ao momento da Paixão apelavam à emotividade de quem assistia, e este era um meio por excelência para a conversão.

À semelhança destes dois episódios, a generalidade das descrições sobre cerimónias pascais caracterizam-se por fazer assentar todo o seu esplendor no mesmo conjunto de elementos: as vestes ricas que os padres envergavam, os panejamentos utilizados nas encenações e procissões, a presença de disciplinantes (nos festejos da Sexta-feira Santa), e genericamente, “ricos ornamentos”, os quais podiam incluir uma vasta miríade de objectos sacros europeus, que se conjugavam para resultarem sempre num grande concurso de gente. De uma maneira geral, o desfecho era sempre o mesmo: causava-se “muito espanto nos gentios, & mais gosto, & alegria nos Christãos”, como aponta Gaspar Coelho numa carta anua ao Padre Geral, de 15 de Fevereiro de 1582.³⁰⁰ É importante referir que estas referências ao interesse dos gentios japoneses pelas cerimónias religiosas europeias têm de ser lidas criticamente, na medida em que estão intimamente relacionadas, e vão claramente de encontro aos interesses proselitistas da Companhia de Jesus no Japão. As cartas pretendiam atestar

²⁹⁷ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 43, pp. 292-297.

²⁹⁸ Cf. *Ibidem*, p. 293.

²⁹⁹ Cf. *Ibidem*, p. 294.

³⁰⁰ Cf. CE, t. II, fl. 42.

o progresso da evangelização e mostrar os esforços dos missionários nesse sentido, pelo que é legítimo partir-se do princípio que em alguns dos relatos existem hipérboles e exageros, sobretudo no que diz respeito à visível comoção dos cristãos e à grande quantidade de gentios que acorriam às cerimónias. No entanto, é igualmente provável que os padres utilizassem todos os recursos materiais possíveis para preparar cerimónias religiosas magnificentes, que maravilhassem os japoneses, e aumentassem as fileiras de convertidos. E tal como já explanámos anteriormente, os japoneses demonstraram um notório agrado por elementos da cultura material europeia, como os têxteis, que eram utilizados nestas cerimónias, contribuindo certamente para que os nipónicos as apreciassem também, pelo menos visualmente. Para além disso, já existia entre os japoneses uma apetência pré-existente por celebrar as festas religiosas com alguma pompa; por exemplo, Luís Fróis, numa carta anua de 1582, menciona que mandou trazer de Gifu (para Kuchinotsu), “muitas bandeiras de seda” pintadas com cenas religiosas, lanternas e outros objectos, “por serem os lapões mui inclinados a fazerem suas solenidades, com grandes ceremonias, & aparato”.³⁰¹ Deste modo, a grandiosidade dos festejos, associada à sua estranheza, terá conduzido a que muitos japoneses assistissem às cerimónias cristãs por mera curiosidade, para admirarem um espectáculo “exótico”, isto é, excêntrico em relação aos seus padrões culturais.

Para além das cerimónias pascais, no entanto, as cerimónias fúnebres parecem ter conhecido ainda maior aceitação entre os japoneses. Na *Historia de Japam*, no relato do enterro de Yuki Saemonnojôdono, a que Fróis se refere como um dos melhores cristãos do Japão, e “senhor de hum grande morgado”,³⁰² esta aceitação é bem visível. De facto, em 1565, este terá sido o primeiro enterro cristão público no Japão,³⁰³ e o autor refere especificamente que os padres se empenharam em fazer uma cerimónia fúnebre solene e magnificante, não só devido à elevada dignidade do defunto, mas sobretudo porque as exéquias seriam algo de muito valorizado pelos japoneses.³⁰⁴ Assim, o Padre Gaspar Vilela, que conduziu a cerimónia, terá envergado

³⁰¹ Cf. CE, t. II, fl. 58v, carta ânua de Luís Fróis, 31 de Outubro de 1582.

³⁰² Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 66, p. 104.

³⁰³ No entanto, note-se que já em 1555, Baltasar Gago e Cosme de Torres explicavam como eram feitos os enterramentos cristãos no Japão, e afirmavam que eram muito apreciados pelos japoneses (CE, t. I, fl. 39v; fl. 46.).

³⁰⁴ Cf. *Historia de Japam*, vol. II, capítulo 66, p. 104.

uma capa de brocado, e durante o cortejo fúnebre alguns cristãos carregavam uma cruz ao alto, tocavam uma campainha, e levavam castiçais com velas acesas e várias bandeiras de seda com pinturas de cenas bíblicas alusivas à Paixão; por cima do caixão, “ricos panos de seda” terão sido colocados. Todo este aparato, associado à novidade da cerimónia, terá contribuído, segundo o autor, para que “mais de dez mil almas” se juntassem para assistir,³⁰⁵ o que mesmo que seja uma hipérbole de Fróis, demonstra o impacto causado por estas exéquias.

Uma das descrições de cerimónias fúnebres mais marcantes encontradas na documentação foi produzida por Luís de Almeida, em 1570, e reporta-se às exéquias de um nobre, que seria dos mais honrados cristãos de Bungo, mas que não foi identificado pelo missionário. Segundo Luís de Almeida, o caixão onde ia o defunto era forrado de damasco, e foi transportado por “quatro irmãos da misericórdia” em andas “forradas de damasquilha douradas”, da altura de um homem. Em torno das andas, terá sido colocada “hũa varandasinha com seus peitoris (...), todos pintados, dourados, & prateados”, e diante do caixão ião doze grandes bandeiras de seda branca, cada uma contendo os “martírios da paixão”. À frente do préstito, claramente o momento mais importante das cerimónias fúnebres cristãs sob o ponto de vista simbólico,³⁰⁶ era carregada a cruz da igreja, de cobre mas “muito bem dourada”, seguida pelos portacírios. De seguida, ia o padre João Baptista, e participavam no cortejo, para além dos irmãos da casa, cem cristãos, todos transportando velas acesas.³⁰⁷ A magnificência deste funeral, segundo o autor da epístola, terá conduzido a que muitos japoneses manifestassem o desejo de se converterem, e recebessem o baptismo.³⁰⁸

Posteriormente, já em 1590, na narração sobre a morte do vice-provincial Gaspar Coelho, ao explicar os motivos para o esplendor das exéquias, Fróis revela uma grande percepção destas questões. Duas das razões que aponta para a sumptuosidade da cerimónia fúnebre prendem-se com a admiração suscitada nos japoneses: por um lado, reforça a ideia transmitida anteriormente de que os japoneses conferiam uma grande importância às exéquias, e acrescenta mesmo que esta se revelou por várias

³⁰⁵ Cf. *Ibidem*, p. 105.

³⁰⁶ Cf. Philippe Ariès, *O Homem Perante a Morte*, Mem Martins, Europa-América, 1988, vol. I, p. 195.

³⁰⁷ Cf. CE, t. I, fl. 291, carta de Luís de Almeida de 25 de Outubro de 1570.

³⁰⁸ Cf. *Ibidem*.

vezes uma motivação determinante para a conversão;³⁰⁹ por outro lado, reconhece que o facto de por no Japão o Cristianismo ser ainda uma religião muito jovem, os “sinaes e ceremonias exteriores” revestiam-se de uma relevância acrescida, podendo contribuir decisivamente para o sucesso da evangelização.³¹⁰ Neste episódio, mais uma vez, a sumptuosidade do funeral, que Fróis não se deteve longamente a caracterizar, terá conduzido a uma grande afluência de espectadores japoneses.

Interessa, a título de comparação, e de forma a melhor percebermos a adopção dos japoneses dos enterramentos ao modo europeu, mencionar as diferenças entre as exéquias japonesas e as europeias. Em primeiro lugar, atentemos no *Tratado das diferenças*, a obra sintética e sistemática de Fróis, em que este autor faz uma série de comparações entre as exéquias japonesas e as europeias. Por um lado, refere que os japoneses rapavam o cabelo aos seus defuntos, hábito não praticado pelos cristãos; por outro lado, os objectos que usavam como caixão seriam redondos, em vez de compridos, como os europeus. Em relação à posição em que eram dispostos os mortos, os japoneses sentavam-nos amarrados, com o rosto entre os joelhos, para depois cremarem o corpo, ao passo que os europeus enterravam os defuntos deitados com o rosto para cima. Por fim, enquanto os cristãos se recolhiam findas as exéquias de um parente seu, os japoneses ofereciam um banquete aos sacerdotes budistas.³¹¹ Contudo através da epistolografia é possível aprofundar a comparação, e identificar os principais motivos que terão levado os japoneses a aceitarem rapidamente as práticas fúnebres cristãs. Logo em 1557, numa carta, Gaspar Vilela atribuiu o agrado em relação aos enterramentos cristãos a uma razão puramente social – o facto de os japoneses enterrarem os pobres sem qualquer aparato –, referindo depois que sempre que os padres faziam algum funeral, muitos gentios os acompanhavam para assistir à cerimónia.³¹² Também João Fernandez, numa carta de 1561, revelou partilhar a opinião de Gaspar Vilela sobre este tema, explanando-a de forma ainda mais explícita e detalhada:

³⁰⁹ Cf. *Historia de Japam*, vol. V, capítulo 28, p. 218.

³¹⁰ Cf. *Ibidem*.

³¹¹ Cf. Luís Fróis, *Tratado das contradições e diferenças de costumes entre a Europa e o Japão*, edição de Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 93.

³¹² Cf. CE, t. I, fl. 57v-58.

“Os enterramentos dos Christãos causam muita edificação, assi a gentios como a Christãos: do qual tem carregos o irmão Duarte da Sylua. Enterrão se todos, assi pobres como ricos, muito suntuosamente, porque aos pobres ajuda a casa da misericórdia. Primeiramente, se amortalhão, segundo o nosso modo, & poem nos em hum ataúde cubertos com hũ pano de seda preto, com hũa cruz branca, & cera ao redor, & em sabendo que ha defunto tangem a campa, & se ajuntão na Igreja todos os Christãos desocupados, que sam mui inclinados a esta obra de misericórdia, (...) & em chegando lá, sempre nos vestimos quatro ou cinco de sobrepelizes, ou Portugueses, ou lapões, donde antes que tirem o defunto de sua casa, ha as mais das vezes pregação, assi aos Christãos como aos gentios que estão presentes, sobre hũ ponto da morte corporal, e espiritual. (...) O qual como digo causa muita edificação tambem aos gentios, porque sam elles mui inclinados a rezar, & fazer cerimonia polos defuntos, tanto que os que não tem tanta possibilidade, se empenhão pera fazer suntuosamente as exéquias por seus defuntos, chamando Bonzos, e com outros gastos, só por costume antigo, & opinião mundana que nisso tem: donde aos principios muitos recusarão fazer se Christãos, parecendo lhes que nos não faziamos exequias polos defuntos (...). Por esta causa, vendo elles as exequias, que nos fazemos, mostrando lhes quanta rezão hai de enterrar honradamente o corpo, com que foi Deos louuado, & esperamos que ha de ser glorificado, fortificação se muito os Christãos, & edificam se os gentios, tanto que muitos, que dezião mal de nossa santa fé, vendo as exequias que a seus pais ou filhos se fizerão, vierão a se fazer Christãos, & isto acontece muitas vezes.”

Pode, deste modo, concluir-se através de ambas as referências, que se verificava uma diferenciação social, no Japão, na forma de fazer as cerimónias fúnebres, uma vez que os bonzos requeriam pagamentos substanciais para as fazerem,³¹³ o que nem sempre era possível para os mais desfavorecidos. No entanto, a

³¹³ Sobre os custos das exéquias feitas pelos bonzos, veja-se a seguinte passagem de uma carta de Luís Fróis, de 20 de Fevereiro de 1565: “Acabada a adoração, e de se queimar o corpo dão a cada Bonzo dinheiro, segundo sua dinidade. Ao que faz as exequias com a tocha dão cinco, ou dez, ou vinte cruzados, & a cada Bonzo, ou cruzado em prata, ou caxas que ha nesta terra a maneira de ceitis furados, mas cento valem passante de hum tostão, & assi destribuido o dinheiro, que pera isso deixou o defunto, os Bonzos se vão, & o comer que na mesa está, ou se da aos pobres Lazaros, ou aos que queimarão o corpo, e dali se despedem dos que os acompanharão naquella auto. (...) Nestes officios se gasta muito dinheiro, se he fidalgo, & rico, polo menos gasta nisto dous, ou tres mil cruzados, & se he pobre gasta duzentos. O

importância conferida às exéquias era algo de socialmente transversal, e não exclusivo das elites,³¹⁴ pelo que, como afirma João Fernandez, muitas vezes, os japoneses com menos posses se esforçavam por oferecer exéquias sumptuosas aos seus defuntos. Provavelmente apercebendo-se desta particularidade, e aproveitando-a, os missionários jesuítas optaram por garantir a todos os cristãos, independentemente do seu estrato social, cerimónias fúnebres aparatosas, o que terá motivado muitas conversões. Neste aspecto, o Cristianismo ter-se-á assumido no contexto japonês, através das práticas adoptadas nesta missão, como uma religião, de certa forma, revolucionária, na medida em que, no seu esforço proselitista, a Companhia de Jesus acabou por subverter a ordem social japonesa, ao alterar costumes estruturais, e garantir a mesma dignidade a todas as camadas da sociedade, na hora da morte. E numa sociedade extremamente hierarquizada, mas culturalmente muito seduzida pelas exterioridades, este terá sido um factor importante para o sucesso da missão.

Finalmente, é ainda de referir, no que diz respeito às cerimónias fúnebres e religiosas, um aspecto absolutamente fulcral. A Companhia de Jesus surgiu no contexto da Contra-Reforma, e na Europa de Antigo Regime, onde a população continuava a ser maioritariamente alheia à escrita, e por isso muito sensível ao poder da imagem e ao espectáculo. Estes factores dotaram os jesuítas de técnicas de evangelização e inculcação da fé que se revelaram muito eficazes, mesmo num meio civilizacional tão diferente como o japonês, e os rituais e manifestações de culto foram adoptados pelos padres como meio por excelência para impressionar e maravilhar. Por exemplo, numa carta a Inácio de Loyola em 1554, Melchior Nunes Barreto explicava de forma bastante directa a utilização de materiais preciosos na celebração dos “divinos ofícios”: “para [los japoneses] más se movieren por estos exteriores al conocimiento de las [cosas] interiores y espirituales.”³¹⁵ Assim, a palavra, o gesto e sobretudo os objectos, aliciavam os gentios para a conversão, mas por outro lado, simbolicamente

misero que acerta de ser tão pobre que não tem nada, de noite as escuras escondidamente, & sem pompa dão com elle nos monturos, e o enterrão.” (CE, t. I, fl. 176).

³¹⁴ A este propósito, vd.: carta de Luís Fróis, 20 de Fevereiro de 1565 (CE, t. I, fl. 174v-175); carta de Aires Sanches, 13 de Outubro de 1567 (CE, t. I, fl. 248); Carta de Luís de Almeida, 25 de Outubro de 1570 (CE, t. I, fl. 291); Carta de Gaspar Vilela, 6 de Outubro de 1571 (CE, t. I, fl. 327v); Carta de Luís Fróis, 20 de Agosto de 1576 (CE, t. I, fl. 366); Carta de Organtino Gneccchi-Soldo, 21 de Setembro de 1577 (CE, t. I, fl. 398v); Carta ânua de Luís Fróis, 31 de Outubro de 1582 (CE, t. II, fls. 48v e 59).

³¹⁵ Cf. *Documentos del Japón*, p. 471 (Documento 100, Carta de Melchior Nunes Barreto a Inácio de Loyola. Malaca, 3 de Dezembro de 1554).

também aproximavam os crentes de Deus na hora de prestar culto.³¹⁶ Por seu turno, as exéquias³¹⁷ desde cedo foram concebidas de forma a angariar públicos, os quais participavam movidos pelo desejo de prolongar por mais uns momentos a proximidade ao defunto, e manifestavam o luto através do cortejo fúnebre.³¹⁸ Todas estas questões foram compreendidas pelos jesuítas e utilizadas também em solo japonês para apelar à conversão, onde possivelmente o seu impacto terá sido potenciado pela componente da novidade. Para além disso, é importante não esquecer que aliado à solenidade das cerimónias fúnebres cristãs no Japão, se encontrava um outro elemento que também terá motivado algumas conversões: a habitual pregação sobre a eternidade da alma, um princípio aliciante que era então absolutamente novo no Japão, pelo menos nos moldes defendidos pelo Cristianismo.

³¹⁶ Cf. João Francisco Marques, “A Renovação das práticas devocionais”, in *Historia Religiosa de Portugal*, vol. 2, *Humanismos e Reformas*, coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Mem Martins, Círculo de Leitores, 2000, p. 570.

³¹⁷ Sobre a história das celebrações fúnebres e a forma de encarar a morte no Ocidente, veja-se Philippe Ariès, *O Homem Perante a Morte*, 2 vols., Mem Martins, Europa-América, 1988; e Philippe Ariès, *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Lisboa, Teorema, 1988.

³¹⁸ Cf. António Camões Gouveia, “A sacramentalização dos ritos de passagem”, in *Historia Religiosa de Portugal*, vol. 2, *Humanismos e Reformas*, coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Mem Martins, Círculo de Leitores, 2000, p. 557.

3.4. A música europeia

Para finalizar este capítulo, abordaremos agora o interesse japonês na música europeia. Optámos por individualizar a música, não a incluindo na primeira parte do capítulo, relativa à cultura material europeia, uma vez que na maior parte das referências encontradas na documentação, o interesse suscitado pela música não parece ter sido motivado pelas características dos instrumentos musicais enquanto objectos, mas antes pela estética sonora produzida através deles.

Em primeiro lugar, é importante salientar que a música europeia não foi, de todo, um tema consensual no Japão; na verdade, várias são as referências na documentação jesuítica sobre o desgosto que provocaria aos ouvidos nipónicos. Por exemplo, no seu *Tratado das diferenças*, quando tece considerações sobre a música europeia e a música japonesa, Fróis afirma que “aos japões todos nossos instrumentos lhe[s] são insuaves e desgostosos”, e que não apreciam de todo a música europeia e o “canto de órgão”, os quais consideram *caxi maxi* (japonês *kashimashi*), isto é barulhentos e perturbadores.³¹⁹ Este facto foi também verificado por Lourenço Mexia, que em 1584 afirmava que os japoneses tinham “assaz repugnancia” à música europeia, mesmo que fosse “canto dorgão”.³²⁰ Na mesma epístola, Mexia salienta igualmente a grande afeição que os japoneses demonstravam possuir pela sua própria música, que assumiria um papel muito importante em celebrações, de uma maneira geral.³²¹

No entanto, parece haver algumas excepções, na medida em que podem encontrar-se na documentação algumas referências que sugerem que terão existido manifestações de interesse, por parte dos japoneses, na música europeia, as quais abordaremos de seguida. Tal como já foi referido anteriormente, a maioria destas passagens podem ler-se nas obras de Duarte de Sande e Luís Fróis sobre a embaixada à Europa; no entanto, na epistolografia, nomeadamente nas *Cartas de Évora* também se podem encontrar algumas referências, embora mais esparsas e breves, e o episódio

³¹⁹ Cf. Fróis, *Tratado das contradições*, 2001, p. 135.

³²⁰ Cf. CE, t. II, fl. 123v, carta de Lourenço Mexia, 6 de Janeiro de 1584.

³²¹ Cf. *Ibidem*: “Fazem muitos autos & representações nas festas de cousas varias, honestas, & alegres, mas sempre anda a musica diante.”

mais marcante no que diz respeito a este elemento da cultura europeia é narrado na *Historia de Japam* de Fróis.

Sabemos, por exemplo, que em 1562 os meninos japoneses e chineses que se encontravam na residência jesuítica de Bungo eram ensinados pelo irmão Aires de Sanches não só a ler e escrever, mas também a “cantar & tanger violas darco”,³²² e que a música era uma presença constante nas missas e cerimónias religiosas. Assim, na procissão da Páscoa de 1564, terão participado 16 destas crianças, que segundo Fróis e Luís de Almeida já “tanjião arrezoadamente violas de arco”.³²³ No entanto, o episódio que se segue sugere que o ensino da música aos meninos japoneses das residências podia servir outro propósito, para além dos ofícios religiosos, nomeadamente o de impressionar, embora seja provável que, pelo menos de início, os missionários não tenham tido essa consciência, dado o desagrado que os japoneses demonstravam pela música europeia. Em 1562, numa visita de Ōmura Sumitada à residência jesuítica de Bungo, os meninos cristãos tocaram “violas de arco” durante a refeição, o que parece ter agradado “estranhamente” ao dáimio, e sobretudo ao seu filho de cinco anos, “que estando á mesa, deixou tudo, & se foi pera os mininos, por o ser elle tambem”.³²⁴ Note-se a escolha, por parte de Luís de Almeida, do advérbio “estranhamente” para qualificar este acontecimento, aludindo uma vez mais, ainda que indirectamente, ao habitual aborrecimento que a música europeia causaria entre os japoneses.

No que diz respeito às referências supramencionadas, é ainda de referir que uma vez que a viola de arco propriamente dita, com as características e configuração actuais, só surgiu no século XVII,³²⁵ mas durante o Renascimento, “viola” era um termo

³²² Cf. CE, t. I, fl. 101, carta de Aires Sanches, 11 de Outubro de 1562.

³²³ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 53, p. 378; CE, t. I, fl. 156-156v, carta de Luís de Almeida de 14 de Outubro de 1564.

³²⁴ Cf. CE, t. I, fl. 110-110v, carta de Luís de Almeida de 25 de Outubro de 1562.

³²⁵ Luís L. Henrique, na sua obra de referência para o estudo da organologia, menciona que “as violas mais antigas que se conhecem são de Andrea Amati e de Gasparo da Salò, e o seu tamanho é bastante maior que o da viola actual. Mais tarde fabricaram-se instrumentos mais pequenos, existindo belos exemplares deste tipo feitos por Andrea Guarneri entre 1676 e 1697.” (Cf. Luís L. Henrique, *Instrumentos Musicais*, 4ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 112). Também Curt Sachs, na sua obra *The History of Musical Instruments*, no capítulo sobre música renascentista, apenas refere a viola enquanto termo genérico, e só quando aborda a música barroca (1600-1750) escreve com mais detalhe sobre este instrumento (Cf. Curt Sachs, *The History of Musical Instruments*, Londres, J. M. Dent & Sons, 1978, p. 274 e 361-362).

genérico, que podia designar qualquer instrumento de cordas friccionadas.³²⁶ Existindo vários instrumentos musicais no período em estudo (segunda metade do século XVI), que se enquadram neste grupo, podemos avançar com algumas hipóteses, numa tentativa de determinar qual seria o instrumento específico ao qual Aires de Sanches, Luís Fróis e Luís de Almeida se reportavam nas suas cartas. Por um lado, é possível que seja uma viola da gamba ou outro instrumento derivado; outras hipóteses possíveis são a viela e a vihuela.³²⁷ A viola da gamba surgiu no final da Idade Média e tocava-se friccionando as cordas com um arco, sendo o instrumento colocado no colo, na posição própria da guitarra.³²⁸ A viela, por seu turno, era um instrumento medieval, que ao contrário da viola da gamba, se tocava apoiado no ombro, mas à sua semelhança, também as cordas eram friccionadas com um arco.³²⁹ Finalmente, vihuela era um instrumento palaciano espanhol, que surgiu no Renascimento. De estrutura semelhante à da guitarra, a vihuela podia tocar-se dedilhando as cordas ou friccionando-as com uma corda, sendo que neste último caso o nome correcto seria *vihuela de arco*,³³⁰ o que se assemelha bastante à “viola darco” mencionada pelos jesuítas. É, contudo, de ressaltar que estas são apenas meras suposições, que servem somente para mostrar a ambiguidade do termo utilizado na documentação, que, nesta cronologia, se podia referir a vários instrumentos diferentes.

Para além das “violas de arco”, outro instrumento é referido por diversas vezes na documentação: o órgão. À semelhança do que se verifica nas referências respeitantes às violas de arco, também grande parte das referências que se encontram sobre os órgãos surgem no contexto de descrições de cerimónias religiosas. Para além disso, importa salientar que se podem identificar dois tipos distintos de passagens: as que se reportam ao “canto de órgão”, e as que aludem aos “órgãos” ou ao “tanger dos órgãos”, que procuraremos explicar e diferenciar de seguida.

³²⁶ Cf. Henrique 2004, p. 163; Michael Kennedy, “Viola”, in *Dicionário Oxford de Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994, p. 763.

³²⁷ Optámos, propositadamente, por omitir o violone, uma vez que embora mais tarde este termo tenha vindo a designar um instrumento diferente, mais grave do que a viola da gamba, no século XVI era usado como sinónimo desta última. (Cf. Henrique 2004, p. 131).

³²⁸ Cf. Henrique 2004, pp. 128-130.

³²⁹ Cf. Henrique 2004, p. 133.

³³⁰ Cf. Henrique 2004, pp. 163-164.

No que diz respeito ao “canto de órgão”, este surge na documentação logo em 1557, numa descrição das celebrações da Semana Santa em Yamaguchi, nomeadamente de uma das procissões que se terão feito em frente à igreja: segundo o relato de Gaspar Vilela, quando o padre Cosme de Torres, do exterior da igreja, declamou o “Attollite portas” (Salmo 24 da Bíblia Católica), “Ihe respondião de dentro em canto dorgão com muita deuaçam.”³³¹ Posteriormente, já em 1581, aquando dos ofícios da Semana Santa em Takatsuki, de acordo com o testemunho de Lourenço Mexia, “disse se a paixão em vozes com canto de orgão.”³³² Por fim, numa carta de Gaspar Coelho de 1582, numa passagem sobre o que os meninos japoneses aprendiam no seminário de Arima (onde estudaram, aliás, o quatro legados da embaixada à Europa), pode ler-se que aprendiam “canto dorgão (...) cantando muitos deles com facilidade hũa missa solene.”³³³

Embora através destas referências em particular não se consiga retirar uma informação aprofundada sobre as características deste “canto dorgão”, sabe-se que esta era uma expressão mais ou menos corrente no vocabulário letrado da época, que surgia em grande parte dos tratados de música da Idade Moderna, e que neste contexto dizia respeito a um género musical, nada tendo a ver com o instrumento órgão.³³⁴ Resumidamente, canto de órgão é um sinónimo ibérico para música polifónica (também designada por Multiforme ou Mensural), que tendo surgido no século XIII, contrasta com o Cantochão, ou Canto Gregoriano (música Uniforme).³³⁵ Nas passagens supramencionadas não encontramos indícios de um particular interesse neste tipo de música, por parte dos japoneses, o que não contraria as considerações de Fróis e Lourenço Mexia acerca da relação dos japoneses com a música europeia, que enunciámos no princípio deste sub-capítulo, e em que é patente a aversão a este “canto de órgão”.

³³¹ Cf. CE, t. I, fl. 56v, carta de Gaspar Vilela, 29 de Outubro de 1557.

³³² Cf. CE, t. II, fl. 16v, carta de Lourenço Mexia, 8 de Outubro de 1581.

³³³ Cf. CE, t. II, fl. 20v, carta de Gaspar Coelho, 15 de Fevereiro de 1582.

³³⁴ Cf. José Augusto Alegria, *O ensino e prática da música nas Sées de Portugal (da Reconquista aos finais do século XVI)*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1985, p. 33.

³³⁵ Cf. Alegria 1985, p. 34; Tomás Borba e Fernando Lopes Graça, “CANTO DE ÓRGÃO”, in *Dicionário de Música (Ilustrado)*, A-H, Lisboa, Edições Cosmos, 1956, pp. 273-274; P. Manuel Valença, *O Órgão na História e na Arte*, Braga, Editorial Franciscana, 1987, p. 283.

Porém, o inverso parece ter-se verificado em relação ao “tanger dos órgãos”, isto é, a execução do instrumento órgão, que só começámos a encontrar na documentação a partir de 1580, e que aparenta ter suscitado considerável interesse. Assim, nas já mencionadas celebrações pascais de 1581, no princípio da missa do Sábado Santo “tangerão se os órgãos”, e tanto Luís Fróis como Lourenço Mexia, dois autores que, na mesma altura, não se detiveram de afirmar a aversão dos japoneses pela música europeia, assinalam a admiração e espanto que este instrumento causou, por então constituir uma absoluta novidade.³³⁶ No ano seguinte, um excerto de uma carta anua de Gaspar Coelho reforça, de forma bastante clara, o interesse dos japoneses por este instrumento:

“Entre as cousas que até gora forão a lapão, de que os lapões mais gostassem, foi o tanger dos orgãos, crauos, e violas, pello que temos ja dous orgãos hũs aqui em Anzuchiyama, & outros em Bûngo, & crauos em diuersos lugares, nos quaes aprendem os mininos, & nas missas, & outras festas se supre com elles a falta que ha de cantores, & doutros aparatos que nas nossas festas em Europa se vsão, o que cà fora mui necessario pera mouer esta gentilidade, e dar lhes de algũa maneira a entender a gloria, & magnificencia do culto diuino.”³³⁷

Neste excerto não só é visível o gosto dos japoneses pelos órgãos, cravos e violas, mas também a forma como este era consciente e propositadamente aproveitado pelos padres na sua estratégia de conversão. Verificava-se, assim, uma verdadeira apropriação por parte da Companhia de Jesus de todos e quaisquer elementos culturais europeus pelos quais os japoneses manifestassem alguma apetência, com vista a seduzir a população, sobretudo as elites, e assim cumprir o objectivo último da evangelização.

Tendo em consideração o tamanho e complexidade que os órgãos, instrumentos não portáteis, adquiriram ainda durante a Idade Média, é bastante provável que os órgãos que os missionários tinham no Japão fossem órgãos positivos

³³⁶ Cf. CE, t. II, fl. 3, carta de Luís Fróis, 14 de Abril de 1581 (“Imagine vossa reuerencia o contentamento, & alvoroço de todos, & o espanto que nelles aueria por ser pera todos cousa tam noua.”); CE, t. II, fl. 16v, carta de Lourenço Mexia, 8 de Outubro de 1581 (“Tangerão se os orgãos que leuaua pera o Miàco de que os Christãos ficarao [sic.] pasmados por nunca terem visto cousa semelhante.”).

³³⁷ Cf. CE, t. II, fl. 41, carta anua de Gaspar Coelho, 15 de Fevereiro de 1582.

ou *organettos*. Desenvolvido no século XIV, o órgão positivo caracterizava-se sobretudo por ter dimensões menores aos dos órgãos de igreja (possuía apenas um teclado, não tinha pedaleira, e os tubos eram significativamente mais pequenos) e por se poder mover “como uma peça de mobília”.³³⁸ O *organetto* ou órgão portátil, por seu turno, é um instrumento que surgiu contemporaneamente ao órgão positivo, e que podia ser transportado pelo próprio instrumentista,³³⁹ pelo que era habitual usar-se, na Europa em procissões. Tinha pequenas dimensões, uma extensão de apenas duas oitavas e somente duas fileiras de tubos, que correspondiam a um tubo por nota.³⁴⁰ Uma vez que nas referências encontradas sobre a utilização de órgãos nas cerimónias cristãs no Japão, não existem indícios explícitos da presença destes instrumentos nas procissões em si, neste momento não podemos afirmar taxativamente se seriam órgãos positivos ou *organettos*. No entanto, visto que as características de ambos permitiam que fossem transportados nas naus, desde a Europa para a Ásia, é verosímil que os japoneses tenham contactado, por via dos missionários, com estes dois tipos de órgãos.

Por fim, são ainda de referir três episódios relatados nos Tratados sobre a embaixada à Europa, nos quais os legados japoneses parecem ter ficado deveras impressionados com órgãos. O primeiro, narrado por Fróis, terá ocorrido logo em Setembro de 1584, quando o arcebispo D. Teotónio de Bragança mostrou aos embaixadores o órgão do coro da Sé de Évora, que terá maravilhado os japoneses não só pelo seu enorme tamanho, mas também porque “tocando em hũa tecla moviãose tres ordens de teclas, que são três maneiras de órgãos, e fazem hũa sonora armonia”.³⁴¹ Este órgão foi construído possivelmente por Heitor Lobo, em 1562, no tempo do primeiro arcebispo de Évora, o Cardeal D. Henrique, e é actualmente um dos poucos órgãos ibéricos deste período que se mantêm inalterados e em bom estado de conservação.³⁴² O facto de Luís Fróis ter partido para a Ásia no final da década de 1540

³³⁸ Cf. Henrique 2004, p. 361.

³³⁹ Cf. Michael Kennedy, “Órgão portátil”, in *Dicionário Oxford de Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994, p. 517.

³⁴⁰ Cf. Henrique 2004, p. 361.

³⁴¹ Cf. Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, p. 43.

³⁴² Uma vez que no século XVIII outro órgão foi instalado na Sé de Évora, este órgão renascentista escapou a alterações, sendo que o único elemento que foi acrescentado posteriormente à sua construção foi a trombeta real, no século XVII, e só em 1960 foi restaurado por Flentrop. Cf. John

impossibilita que este autor tivesse visto o órgão da Sé de Évora, o que torna muito improvável que esta passagem seja uma construção sua. Assim, é viável partir-se do princípio que este episódio se encontrava nos diários dos embaixadores japoneses, em que Fróis e Sande se terão baseado, e tendo em consideração que este seria certamente um órgão diferente daqueles que os missionários possuíam no Japão, é crível que tenha provocado alguma admiração entre os legados.

As restantes referências marcantes relativas à embaixada à Europa encontram-se no *Diálogo* de Duarte de Sande. Uma delas reporta-se ao órgão hidráulico³⁴³ que os jovens japoneses terão visto em Roma, nomeadamente em Tivoli, na célebre Villa d'Este, mandada construir pelo cardeal Ippolito II d'Este, e que os terá maravilhado por funcionar unicamente com a força da água.³⁴⁴ A outra supostamente diz respeito a um cravo (ou “clavicímalo”, como surge designado na obra de Sande), mas pela pormenorizada descrição, atribuída a Miguel Chijiwa, consegue perceber-se que há na obra uma identificação incorrecta do instrumento que terá suscitado a curiosidade dos legados, quando o observaram e ouviram em Bagnaia, estando então prestes a chegar a Roma:

“Tem o comprimento de seis palmos, a largura de quatro e a altura de um palmo, e as suas aberturas para a entrada do ar estão de tal modo dispostas, que com o seu fácil movimento e com o toque das teclas, se obtêm os sons e as vozes de vários instrumentos, diferentes entre si, por forma que, admitido variamente o ar, produz de maneira suavíssima mais de cem géneros de sons. E se, pelo contrário, quiseses ouvir os instrumentos um de cada vez, facilmente receberás nos ouvidos o suave som, ora da cítara, ora da lira, às vezes do órgão, outras vezes das flautas, agora das trombetas, finalmente da harpa, do alaúde e do saltério e de qualquer outro instrumento musical. (...)”

Acrescenta-se a esta obra uma arca, construída à maneira dum tanque que, dum lado e doutro, apresenta oito receptáculos, e todas as vezes que daquele instrumento sai o som, chamado guerreiro,

Kitchen, “Review of *Iberian Organ Music of the 16th-18th Centuries: The Organ of Évora Cathedral* by Bernard Brauchli”, *Early Music*, Vol. 15, No. 4 (Nov., 1987), p. 571.

³⁴³ Sobre o órgão hidráulico, vd. Valença 1987, pp. 45-47; Tomás Borba e Fernando Lopes Graça, “ÓRGÃO HIDRÁULICO OU HIDRAULO”, in *Dicionário de Música (Ilustrado)*, I-Z, Lisboa, Edições Cosmos, 1956, p. 323.

³⁴⁴ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 235.

outras tantas se abrem com o ar os receptáculos e trirremes feitas na perfeição descem para o combate, são tocadas trombetas, enfim, uma extraordinária forma de prélio e pugna se desenrola sob os nossos olhos. E tudo isto se obtém com a força do sopro variamente modulada (...).”³⁴⁵

É bastante provável que este instrumento seja, na verdade, um órgão. Em primeiro lugar, ressalta o facto de o cravo³⁴⁶ – instrumento da família dos cordofones de tecla – não funcionar com a entrada de ar, ao contrário do instrumento descrito. O órgão, no entanto, faz parte do grupo de instrumentos musicais chamados *aerofones*, cujos tubos tocam através do ar insuflado pelos foles,³⁴⁷ o que parece enquadrar-se na exposição supracitada. Por outro lado, pode também identificar-se nesta referência a alusão a vários registos, isto é, vários timbres, alguns dos quais correspondem aos registos do órgão, designadamente o flautado e as trombetas. O facto de o autor mencionar o próprio órgão quando enumera os timbres do instrumento em questão, e afirmar que este consegue reproduzir o som “de qualquer outro instrumento musical”, o que é claramente uma hipérbole, revela que o instrumento se encontra, tal como já foi referido, mal identificado. É possível que erros ou ambiguidades nos diários dos embaixadores japoneses nos quais Sande se terá baseado tenham provocado esta imprecisão. No entanto, este poderá também ter sido um exagero propositado, na medida em que o *De Missione Legatorum* foi uma obra produzida para um público japonês, que se pretendia impressionar e maravilhar com as magnificências da Europa, que foi, por isso, caracterizada de forma extremamente laudatória.

Finalmente, para terminar esta exposição sobre o interesse japonês na música europeia existem dois episódios incontornáveis, em que Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi são os protagonistas. No primeiro, narrado por Gaspar Coelho numa carta anua de 15 de Fevereiro de 1582, Oda Nobunaga terá feito uma visita surpresa à residência jesuíta de Azuchi-yama, segundo o autor da epístola, “pera ver a limpeza, & o concerto de nossas casas, porque elle he mui imigo de desconcerto, e pouca

³⁴⁵ Cf. Sande, *Diálogo*, p. 213.

³⁴⁶ Instrumento de teclas cujo principal centro de produção no século XVI era Itália. Tinha, nesta altura, uma extensão de aproximadamente quatro oitavas. No final do século, começaram a surgir cravos com dois teclados sobrepostos, que permitiam conseguir algumas dinâmicas e contrastes tonais, algo de bastante inovador. Cf. Karl Geiringer, *Instruments in the History of Western Music*, 3ª edição (revista e aumentada), New York, Oxford University Press, 1978, p. 106.

³⁴⁷ Cf. Henrique 2004, p. 353.

limpeza.”³⁴⁸ Tendo-se revelado satisfeito com a limpeza e arrumação da casa, Nobunaga terá subido ao andar mais alto, onde foi ver o relógio que já lhe havia sido mostrado anteriormente – e que, tal como já foi referido, lhe havia agradado sobremaneira – e terá igualmente visto “hum [sic.] crauo, & hũa viola”, que pediu que tocassem. De acordo com o testemunho do vice-provincial, Nobunaga terá apreciado a música, elogiando os meninos que tocaram para ele.³⁴⁹

No entanto, mais marcante ainda é um relato da *Historia de Japam* de Fróis, em que o autor descreve a embaixada de Valignano à corte de Hideyoshi em 1591-1592, na qual participaram os quatro jovens japoneses que haviam sido enviados à Europa dez anos antes, e que só agora retornavam ao Japão. Nesta embaixada, os legados japoneses ofereceram vários presentes a Hideyoshi, alguns dos quais do próprio rei ibérico, Filipe II, e do vice-rei da Índia, D. Duarte de Menezes, e contaram aos senhores japoneses todas as maravilhas que haviam observado na Europa.³⁵⁰ Uma das passagens mais marcantes deste episódio trata da música, e de como Hideyoshi ficou impressionado quando os quatro japoneses, que durante a sua longa viagem haviam aprendido a tocar instrumentos europeus, tocaram e cantaram para si. De acordo com Luís Fróis, os japoneses terão tocado cravo, harpa,³⁵¹ alaúde,³⁵² e rabeca³⁵³ com grande desenvoltura,³⁵⁴ o que terá agradado a Hideyoshi ao ponto de este pedir por várias vezes que continuassem a tocar. Depois, quis pegar nos instrumentos e fez diversas perguntas sobre estes aos japoneses, pedindo que tocassem novamente, desta vez “violas de arco e realejo”³⁵⁵.

³⁴⁸ Cf. CE, t. II, fl. 41, carta anua de Gaspar Coelho, 15 de Fevereiro de 1582.

³⁴⁹ Cf. *Ibidem*.

³⁵⁰ Cf. *Historia de Japam*, vol. V, capítulos 37-41 e 65.

³⁵¹ Instrumento de configuração triangular, em que as cordas se encontram dispostas num plano perpendicular ao da caixa de ressonância. Nos séculos XVI e XVII teve uma importância acrescida na música em Espanha, o que pode explicar a presença deste instrumento neste relato. Cf. Henrique 2004, pp. 141-143.

³⁵² O alaúde foi o mais importante dos instrumentos dedilhados na música europeia do século XVI, desempenhando nesta altura um papel semelhante ao do piano na música do século XIX e início do século XX (Cf. Geiringer 1978, p. 104). A caixa apresenta a forma de uma pêra, com as costas arredondadas, e o braço é muito largo e relativamente curto (Cf. Henrique 2004, p. 149).

³⁵³ Instrumento medieval de três ou quatro cordas, de fundo arredondado que se prolonga pelo braço. O corpo da rabeca é normalmente escavado num único pedaço de madeira (Cf. Geiringer 1978, p. 73; Henrique 2004, p. 133).

³⁵⁴ Segundo Fróis, terão aprendido em Itália e Portugal. Cf. *Historia de Japam*, vol. V, capítulo 39, p. 308.

³⁵⁵ Instrumento do início do Renascimento, e muito usado na música dos séculos XVI e XVII. Espécie de órgão pequeno e portátil, sem tubos, mas com palhetas livres (Henrique 2004, pp. 361-362).

Este interesse e gosto de Hideyoshi revela-se particularmente inusitado se atentarmos nas considerações anteriormente citadas de Fróis e Lourenço Mexia acerca da música europeia, que desagradaria fortemente aos japoneses. Tal não parece ter sido, no entanto, a posição de Hideyoshi. Desconhecemos se tal se deve unicamente ao gosto pessoal do *kanpaku*, ou se a música que lhe foi apresentada era efectivamente diferente da música europeia com a qual os japoneses haviam contactado, até então, por via dos padres. No entanto, sabemos que durante os anos que os legados passaram fora do Japão, aprenderam música; e sabemos que em Portugal passaram por Évora e Vila Viçosa, que se caracterizavam na altura por possuírem um ambiente cultural e musical fervilhante,³⁵⁶ e que durante a sua longa estada em Itália, estiveram em Veneza, a cidade que o impressor Francesco Sansovino, em 1581, apelidou de *la sede di musica*.³⁵⁷ Afigura-se-nos, então, possível admitir que os jovens japoneses contactaram com um tipo de música mais moderno e sofisticado, em comparação com aquela que os missionários lhes ensinavam. E, sobretudo, é provável que a música que tocaram para Hideyoshi, ao que parece exclusivamente instrumental, fosse música profana, e não a música sacra que até então, seria certamente o que os japoneses conheciam da música europeia. Independentemente da veracidade destas hipóteses, o que faz deste um dos episódios mais memoráveis sobre o interesse japonês na cultura europeia, é o facto de o mesmo Fróis que afirmou o desagrado dos japoneses face à música europeia, a coloque no cerne desta estória, em que de todas as maravilhosas prendas oferecidas ao *kanpaku*, a música, breve e efémera, é a que mais o emociona.

³⁵⁶ Sobre a música portuguesa renascentista, e a importância de Évora e Vila Viçosa, vd. João de Freitas Branco, *História da Música Portuguesa*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2005, pp. 125-193.

³⁵⁷ Cf. Jane L. Baldauf-Berdes, *Women Musicians of Venice. Musical Foundations, 1525-1855*, edição revista, Oxford, Clarendon Press, 1996, p. 30.

3. Balanço: o conceito de “exótico”

3.1. O “exótico” enquanto fonte de maravilhamento e poder

Nos séculos XV e XVI, a exploração da costa africana pelos europeus – com particular protagonismo dos portugueses – e a descoberta de rotas marítimas directas entre a Europa, a Ásia, e as Américas, possibilitaram aos habitantes do Velho Continente o contacto com culturas e realidades naturais novas e diferentes. Como consequência, foi aberto aos europeus um mercado global, o que proporcionou um coleccionismo e um consumo sem precedentes de produtos (especiarias, plantas medicinais, etc.), artigos de luxo (tais como têxteis e mobiliário), e animais “exóticos”,³⁵⁸ que passaram, então, a ser encarados pelas elites, e sobretudo pelas Casas Reais, como emblemas de distinção, tornando-se por isso parte integrante e indissociável do fausto cortesão do Renascimento.

Na Europa, estes produtos ditos “exóticos” eram coleccionados e depositados nos “guarda-roupas”, e em verdadeiras “câmaras de maravilhas” – nas quais ocupavam uma parte significativa, sendo exemplos por excelência, para o século XVI, as *Kunstkammern* dos Habsburgo criadas em Viena, Praga e Madrid³⁵⁹ – ou, no caso dos animais e plantas, em *menageries* e jardins, que funcionavam como uma extensão das *Kunstkammern* no espaço exterior das residências.³⁶⁰ Segundo a filosofia da época, na qual Samuel Quiccheberg é o autor de referência para a questão do coleccionismo, com o seu *Teatro do mundo* (impresso em Munique, em 1565), uma colecção definia o estatuto e importância do seu detentor, e ao representar o “microcosmo do mundo exterior”, sugeria simbolicamente o domínio do mundo por parte de quem a possuía.³⁶¹ Em suma, produtos e artigos exóticos, nos meios curiais, adquiriram uma função política evidente, na medida em que tinham o objectivo claro de manifestar o poder e prestígio dos seus detentores, e simultaneamente, de maravilhar quem os

³⁵⁸ Cf. Almudena Pérez de Tudela, Annemarie Jordan Gschwend, “Renaissance Menageries. Exotic Animals and Pets at the Habsburg Courts in Iberia and Central Europe”, in *Early Modern Zoology: The Construction of Animals in Science, Literature and the Visual Arts*, ed. Karl Erlenwein e Paul J. Smith, Leiden, Brill, 2007, p. 420.

³⁵⁹ Cf. Annemarie Jordan, *A rainha colecionadora. Catarina de Áustria*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012, p. 99.

³⁶⁰ Cf. Tudela e Gschwend 2007, p. 420.

³⁶¹ Cf. Jordan 2012, p. 103-104.

observasse. Aliás, o facto de estes produtos serem utilizados por elementos das famílias reais europeias em momentos politicamente relevantes comprova esta asserção. Em Portugal, por exemplo, cuja corte foi, de toda a Europa, provavelmente a mais marcada pelos Descobrimentos,³⁶² os animais e produtos exóticos tornaram-se num elemento constante do quotidiano, e representavam um papel importante nas entradas régias,³⁶³ em festas e banquetes cerimoniais,³⁶⁴ e por outro lado, eram muitas vezes oferecidos como presentes diplomáticos que funcionavam como testemunhos simbólicos de poder, sendo de referir, nesta sequência, o célebre elefante que D. Manuel I ofereceu ao Papa Leão X em 1514.³⁶⁵

É, no entanto, de salientar que muitos destes produtos e objectos não eram, na altura dos Descobrimentos, completamente novos na Europa, verificando-se já na Idade Média uma apetência cultural pela aquisição de bens extra-europeus.³⁶⁶ As grandes novidades do Renascimento residem, portanto, por um lado, na possibilidade de acesso directo a estes bens e na maior abundância com que chegam à Europa, e por outro, na paulatina afirmação de uma nova forma de encarar a soberania, cada vez mais fundada em mecanismos de distinção.³⁶⁷

Deste modo, da mesma forma que, na Europa do Renascimento, produtos “exóticos” como bezoares, ovos de avestruz, jóias e têxteis indianos, eram utilizados pelas Casas Reais como manifestação simbólica de majestade, no quadro da

³⁶² Cf. Tudela e Gschwend 2007, p. 421.

³⁶³ Cf. Ana Maria Alves, *As Entradas Régias Portuguesas. Uma Visão de Conjunto*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986, pp. 25-49.

³⁶⁴ Vd. António Camões Gouveia, “La Fiesta y el Poder. El rey, la corte y los cronistas del Portugal del Siglo XVI”, in *La fiesta en la Europa de Carlos V*, Catálogo da exposição, Sevilha, Real Alcázar – Sociedade Estatal para la Conmemoración de los Centenários de Felipe II y Carlos V, 2000, pp. 175-207; Maria do Carmo Rebello de Andrade, “Artes de mesa e cerimoniais régios na corte do século XVI. Uma viagem através das obras de arte da ourivesaria nacional”, in *A Mesa dos Reis de Portugal. Ofícios, consumos, cerimónias e representações (séculos XIII-XVIII)*, Ana Isabel Buescu e David Felismino (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, pp. 134-147; Isabel dos Guimarães Sá, “O rei à mesa entre o fim da Idade Média e o Maneirismo”, in *Ibidem*, pp. 188-207.

³⁶⁵ Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I. Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Temas & Debates, 2007, p. 241.

³⁶⁶ Cf. Rudolf Distelberger, “«Quanta rariora tanta meliora». O Fascínio pelo desconhecido na natureza e na arte”, in *Exotica: os Descobrimentos portugueses e as câmaras de maravilhas do Renascimento: Exposição / Museu Calouste Gulbenkian*, coord. João Castel-Branco Pereira, Nuno Vassallo e Silva, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 21; Erik Ringmar, “Audience for a Giraffe: European Expansionism and the Quest for the Exotic”, *Journal of World History*, vol. 17, n.º 4 (Dez. 2006), p. 377; Helmut Nickel, “Presents to Princes: A Bestiary of Strange and Wondrous Beasts, Once Known, for a Time Forgotten, and Rediscovered”, *Metropolitan Museum Journal*, vol. 26 (1991), pp. 129-138.

³⁶⁷ Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

construção de imagens de poder pessoal e dinástico, no Japão da segunda metade do século XVI, parece ter ocorrido um processo semelhante, em que os produtos europeus desempenhavam o papel de produtos “exóticos”. Neste contexto, Oda Nobunaga teve um papel de destaque, tal como foi possível verificar nos episódios descritos no capítulo anterior. De facto, pela documentação jesuítica consultada, sobretudo pela *Historia de Japam* de Luís Fróis, Oda Nobunaga parece ter evidenciado uma concepção de poder fortemente assente na magnificência e na ostentação, que foi claramente potenciada e exacerbada pelo acesso a estes objectos europeus, “estranhos” aos olhos dos seus súbditos. O episódio da cadeira, profusamente descrito por Fróis e por Gaspar Coelho, é o exemplo mais acabado desta apropriação dos objectos europeus por um japonês para proveito próprio. Numa festa em que pretendia demonstrar o seu estatuto de homem mais poderoso do Japão, diante do próprio imperador, Nobunaga fez-se aparecer sentado numa cadeira. Fosse essa cadeira um efectivo trono ou não, tal como foi explanado, era certamente um assento cerimonial, o que revela de forma bastante marcante a notável percepção por parte de Nobunaga do “espectáculo do poder”.³⁶⁸ Sobre este episódio, um contemporâneo terá afirmado que a entrada de Nobunaga “proporcionara a impressão da presença de uma divindade”,³⁶⁹ revelando que o objectivo do primeiro unificador do Japão de deslumbrar quem assistisse à sua entrada solene fora amplamente cumprido. Este episódio em particular, longe de ser inesperado para quem leia a obra de Fróis, encontra-se em conformidade com a imagem de Nobunaga que este jesuíta procurou transmitir: a imagem de um militar e político poderosíssimo cuja vontade se sobrepunha mesmo ao imperador e ao xogum.

No entanto, Nobunaga não foi o único japonês a demonstrar ter a percepção do poder simbólico de objectos e artefactos europeus. Também Wada Igano-Kami, em 1571, na já referida batalha que terminou com a sua morte, decidiu enfrentar o inimigo envergando um “chapéu de veludo carmezim”, elemento da moda europeia que não se encontrava acessível a qualquer japonês (Wada havia-o adquirido

³⁶⁸ Cf. Costa, “Oda Nobunaga e a Expansão Europeia”, p. 115.

³⁶⁹ Cf. Fujiki Hisashi e George Elison, “The political posture of Oda Nobunaga”, in J. W. Hall, K. Nagahara & K. Yamamura (eds.), *Japan Before Tokugawa: Political Consolidation and Economic Growth, 1500-1650*, Princeton, Princeton University Press, 1981, p. 175, citado em Costa, “Oda Nobunaga e a Expansão Europeia”, p. 116.

certamente através dos missionários jesuítas), e que adquiria por isso um carácter exclusivo, pelo que a sua ostentação representava uma evidente manifestação exterior de *status*, prestígio e distinção, por parte deste militar, em relação aos seus pares. Este comportamento parece, assim, sob o ponto de vista antropológico, bastante semelhante ao das elites europeias quando ostentavam produtos ou animais “exóticos”, provenientes da Ásia, África ou Américas, que pelo seu carácter raro e “maravilhoso”, se tornavam em bens altamente valiosos, e verdadeiros emblemas de poder.

Por fim, à semelhança de Wada Igano-Kami e Oda Nobunaga, também Hideyoshi manifestou grande interesse na cultura material europeia, chegando mesmo a exhibir nas suas próprias “câmaras de maravilhas”, no sentido lato da expressão, artigos europeus. Por exemplo, os luxuosos leitos e respectivas camas que em 1585, Luís Fróis terá visto no palácio de Hideyoshi parecem indiciar que o *kanpaku*, não só manifestava o seu agrado perante as coisas europeias que lhe eram mostradas ou oferecidas pelos missionários, mas também adquiria por iniciativa própria, provavelmente junto dos mercadores europeus que comerciavam no Japão, alguns artigos ao seu gosto, uma vez que tal como já referimos, os padres não costumavam presentear os senhores japoneses com artigos deste valor e dimensão. Esta atitude de Hideyoshi, ao reproduzir, de certa forma, o comportamento de Nobunaga quando este se fazia rodear de objectos “exóticos” europeus, poderá ser um simples reflexo da abertura e cosmopolitismo que então se vivia no Japão, com a presença dos europeus, mas também poderá ser um pequeno e subtil sinal da sua constante ânsia por suplantarmos os feitos do seu antecessor, de que a obtenção do título de *kanpaku*, dignidade nunca conseguida por Nobunaga, é o expoente máximo.³⁷⁰

Como conclusão, verificou-se no Japão, durante a presença portuguesa, um duplo uso dos objectos “exóticos” europeus: por um lado, tal como referimos anteriormente, estes produtos e artefactos, estranhos e, por isso, passíveis de maravilhar, eram utilizados pelos padres para conseguirem uma aproximação às elites

³⁷⁰ Vd., a este propósito, CE, t. II, fl. 174-175v, “Algumas cousas tiradas de hũa carta que o padre Luis Fróis escreueo das partes do Iapão ao Padre Alexandre Valegnano, que ja la estiueira por Visitador, & de outra do padre Pero Gomez superior em Bûngo”.

nipónicas;³⁷¹ por outro lado, eram simultaneamente utilizados pelos senhores japoneses como elemento simbólico de prestígio, estatuto e poder, no seio de uma civilização que nos surge na documentação como muito marcada pelo peso das exterioridades, da aparência, do refinamento e da ostentação.

3.2. A curiosidade japonesa

Identificados os elementos da cultura europeia pelos quais os japoneses, segundo a documentação jesuítica, se interessaram, é de salientar que a grande maioria das referências interpretadas tem em comum um factor que ressalta: a curiosidade natural que os missionários reconheceram ao povo japonês de uma maneira geral. A curiosidade dos japoneses e o gosto que demonstrariam por adquirir novos conhecimentos foram referidos inúmeras vezes por Francisco Xavier,³⁷² Cosme de Torres,³⁷³ Luís Fróis,³⁷⁴ e outros autores, como algo de intrínseco e muito particular da personalidade nipónica. Para além da curiosidade, os japoneses possuíam, segundo os jesuítas, uma racionalidade e um senso comum assinaláveis, que foram duas das principais características que lhes eram reconhecidas pelos padres, e que moveram Francisco Xavier a fundar a missão do Japão.³⁷⁵ De facto, esta curiosidade e racionalidade tornavam os japoneses, aos olhos de Xavier, num povo extremamente diferente daqueles com os quais havia contactado em Malaca e nas Molucas, uma vez que lhes conferiam uma particular sensibilidade.³⁷⁶

³⁷¹ Neste aspecto, a relação que Fróis escreveu a Valignano em 1578 (CE, t. I, ff. 397-397v.), e os *Advertimentos e Avisos Acerca dos Costumes e Catangues de Jappão*, de Valignano, evidenciam bem a importância de que se revestiam estes produtos. Esta última obra, por exemplo, reserva aos senhores gentios importantes a dádiva de curiosidades e raridades europeias, que deveriam ser utilizadas em momentos determinantes, em que era absolutamente necessário obter o seu favor.

³⁷² Cf. Cartas de Francisco Xavier de 20 de Janeiro de 1548 (*Documentos del Japon*, p. 27); 12 de Janeiro de 1549 (*Documentos del Japon*, p. 79); 20 de Janeiro de 1549 (CE, t. I, fl. 1); 22 de Junho de 1549 (CE, t. I, fl. 7); 5 de Novembro de 1549 (CE, t. I, fl. 9v).

³⁷³ Cf. Cartas de Cosme de Torres de 25 de Janeiro de 1549 (CE, t. I, fl. 5); 29 de Setembro de 1551 (CE, t. I, fl. 17v).

³⁷⁴ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 1, p. 19; capítulo 6, p. 45; capítulo 24, p. 157; capítulo 26, pp. 170-171; capítulo 37, p. 246, etc.

³⁷⁵ Cf. Santos 2011, p. 124.

³⁷⁶ Cf. Santos 2011, p. 126.

Esta curiosidade dos japoneses manifestar-se-ia não só em relação à doutrina cristã, mas também em relação ao saber de uma maneira geral, e em particular, segundo José Miguel Pinto dos Santos, à filosofia natural e à astronomia.³⁷⁷ Para além da avidez por novos conhecimentos, Xavier também reconhece aos japoneses uma notável capacidade e disciplina no acto da aprendizagem, como se pode verificar pelo seguinte excerto, sobre Anjirō,³⁷⁸ de uma epístola do missionário escrita a 20 de Janeiro de 1548:

“Este Angero escribía los artículos de la fee quando venía a la doctrina christiana, y iba muchas vezes a la iglesia a rezar. Fazíame muchas preguntas. Es hombre muy desseoso de saber, que es señal de un hombre se aprovechar mucho y de venire en poco tiempo en conocimiento de la verdad.”³⁷⁹

O facto de os japoneses, aparentemente, possuírem uma curiosidade mais aguçada do que os outros povos, contribuiu de forma decisiva para o estabelecimento de contactos com os missionários jesuítas, facilitando, desta forma, a evangelização do Japão. Contudo, é de referir que para além da curiosidade na doutrina cristã e no saber em geral, os japoneses também revelariam uma especial apetência pelas “novidades”, e “couzas raras” ou “nunca antes vistas”, expressões muito utilizadas por Fróis, que como seria expectável, coloca por diversas vezes a ênfase da curiosidade japonesa pelos padres nos objectos, produtos e práticas europeias que lhes davam a conhecer, o que se pode atestar pelas várias descrições de episódios do capítulo anterior, grande parte das quais se basearam em passagens de epístolas ou obras de Fróis.

Se esta curiosidade foi exagerada pelos padres – e em particular, por Luís Fróis – ou se era realmente manifestada pelos japoneses de forma mais explícita do que

³⁷⁷ Cf. *Ibidem*.

³⁷⁸ Aparentemente, o primeiro japonês a converter-se ao Cristianismo. Depois de ter cometido um homicídio no Japão, Anjirō partiu para Malaca na companhia do capitão português Jorge Alvarez, onde conheceu Francisco Xavier, que o baptizou em Goa, em Maio de 1548 (cf. CE, t. I, ff. 2v-3v). Paulo de Santa Fé é o seu nome de baptismo, pelo qual é identificado na maior parte da documentação. Através da sua função de intérprete no início da missão do Japão, desempenhou um importante papel na aproximação dos missionários aos japoneses. Vd. Jorge Henrique Cardoso Leão, “Anjirō ou Paulo de Santa Fé? Um estudo de caso das mediações culturais a partir da relação entre os jesuítas e o clero japonês”, in *Anais Online do IV Congresso Internacional de História, Maringá – Paraná – Brasil, 9 a 11 de Setembro de 2009* (<http://www.pph.uel.br/cih/anais/trabalho.php?tid=392>).

³⁷⁹ Cf. *Documentos del Japon*, p. 27, carta de Francisco Xavier de 20 de Janeiro de 1548.

estavam acostumados a observar em pessoas europeias, não sabemos ao certo. No entanto, duas ideias são de ter em consideração.

Por um lado, no que diz respeito aos testemunhos produzidos por Fróis, é possível que o destaque conferido, por este autor à curiosidade japonesa seja mais o reflexo do seu próprio espanto perante a surpresa dos japoneses em face de objectos que para si eram absolutamente comuns, do que o reflexo de uma muito maior expressividade dos japoneses na manifestação da sua curiosidade. Senão vejamos: Fróis encontrava-se cabalmente marcado pela sua condição de homem europeu. E para um homem europeu era natural demonstrar curiosidade e espanto perante um elefante, um rinoceronte ou um bezoar; não era natural demonstrar surpresa perante um par de óculos ou um relógio, porque estes eram objectos já muito presentes na cultura material do seu país de origem. Assim, é possível que este tenha sido o motivo ou um dos motivos do destaque conferido pelo autor da *Historia de Japam* a esta curiosidade nipónica. Ainda que esta ideia possa ser questionável, parece-nos mais segura do que partir de um princípio quase antropológico de que os japoneses são intrinsecamente mais curiosos do que os europeus, sem assumir a subjectividade do autor que nos transmite esta ideia.

Por outro lado, a curiosidade, e em particular a curiosidade face ao *outro*, é, de facto, uma característica do ser humano. Recorde-se, a este propósito, que ao vislumbrarem um negro pela primeira vez, os japoneses mostraram precisamente a mesma surpresa e desconfiança que os negros ao verem pela primeira vez, um branco.³⁸⁰ No entanto, embora seja aconselhável relativizar a extrema curiosidade que os padres parecem encontrar nos japoneses, não devemos rejeitar de todo esta ideia. Materialização por excelência desta característica são os biombos e lacas namban, onde podemos encontrar a representação propositada e explícita de grupos de japoneses a observar atentamente os séquitos de europeus que chegavam e se passeavam pelas ruas no Japão. É de ressaltar, também, que enquanto os europeus, em meados do século XVI já haviam contactado com uma grande diversidade de povos étnica e culturalmente distintos, os japoneses não estavam, de facto, habituados a

³⁸⁰ Cf. CE, t. II, ff. 2 e 3v, carta de Luís Fróis, 14 de Abril de 1581.

conhecer novas realidades culturais.³⁸¹ E a própria designação que atribuíram aos primeiros europeus com os quais contactaram,³⁸² a de *nanban-jin*, revela, segundo Yoshio Kitamura, a curiosidade e surpresa com que foram recebidos pelos nipónicos.³⁸³

No entanto, o elemento que se destaca e que realmente atesta a curiosidade e surpresa com que os *nanban-jin* foram recebidos pelos japoneses são as representações caricaturais dos primeiros, com feições exageradas, feitas por mão japonesa e certamente para um público japonês.³⁸⁴ São bastante acentuadas as características físicas dos europeus que os demarcavam dos japoneses: a pele escura, resultado de meses de navegação, o cabelo denso e encaracolado e a barba,³⁸⁵ bem como a sinuosidade e exuberância das vestes, contrastantes com os padrões nipónicos tendencialmente minimalistas. Não obstante, nestas representações adivinha-se até, um certo encantamento e entusiasmo perante os tão estranhos “bárbaros do sul” que subitamente irromperam no universo nipónico.³⁸⁶ Claramente, estas figuras são fruto de uma construção em que a identidade japonesa é percepcionada pelos próprios japoneses por oposição a uma outra drasticamente diferente. E como qualquer outra construção deste tipo, revelam muito mais sobre quem a produz do que sobre o estranho representado.

3.2. O “exótico”: tentativa de definição

Segundo a autora Christa Knellwolf, actualmente, o termo “exótico” encontra-se associado às “fantasias sensuais inspiradas pelas paisagens luxuriantes de países distantes, e aos desconcertantes, mas fascinantes rituais praticados pelos seus

³⁸¹ Cf. Landes 2005, p. 393.

³⁸² Estes europeus eram essencialmente portugueses, espanhóis e italianos.

³⁸³ Yoshio Kitamura, “Artesanato namban – Introdução”, in *Arte Namban. Galeria de Exposições temporárias*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

³⁸⁴ Cf. Oliver Impey, “Introdução”, in *After the Barbarians: an exceptional group of namban works of art*, Lisboa, Jorge Welsh, 2003, p. 9.

³⁸⁵ Cf. Ronald P. Toby, “The «Indianness» of Iberia and changing Japanese iconographies of Other”, in Stuart B. Schwartz (ed.), *Implicit Understandings. Observing, Reporting, and Reflecting on the Encounters Between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*, Cambridge, New York, Melbourne; Cambridge University Press, 1994, p. 331

³⁸⁶ Cf. *Ibidem*, p. 324.

habitantes.”³⁸⁷ Por seu turno, no que concerne ao conceito iluminista de “exótico”, G. S. Rousseau e Roy Porter definiram-no como “o fantástico compreendido para além dos horizontes do mundo quotidiano que os Europeus conheciam”,³⁸⁸ isto é, o termo sugeria uma forma fantasiosa e irrealista de perceber e interpretar o “outro”, invocando fronteiras humanas e culturais implícitas, mais do que fronteiras geográficas. Tinha, então, um significado, em parte, semelhante ao de “maravilhoso” na Idade Média, uma vez que evocava o apelo desde sempre produzido no Homem pelo desconhecido, e a forma como o desconhecimento impulsiona a criação de mitos.³⁸⁹

No entanto, foi só no século XVIII que o “exótico” adquiriu esta carga ideológica, que se encontra muitas vezes associada aos colonialismos, sobretudo ao francês e ao inglês, por estabelecer e evocar, por si só, uma subentendida relação de superioridade do colonizador face ao colonizado, visto invariavelmente com contornos de barbárie e irracionalidade, que deveria, por isso, ser ensinado e civilizado.³⁹⁰ No século XVI, quando o termo “exótico” foi introduzido nos vocabulários europeus, designava simplesmente a qualidade de algo “vindo de fora”, pelo que a mudança semântica verificada dois séculos depois é um reflexo da adaptação intelectual exigida por políticas imperialistas mais agressivas.³⁹¹

Consideramos, assim, que a utilização do termo “exótico” pode ser válida na historiografia sobre encontros culturais no Renascimento, desde que seja despido de concepções colonialistas e imperialistas posteriores. Prova de que o termo existia, de facto, no vocabulário do século XVI, é a sua utilização pelo humanista português Damião de Góis, que na sua *Descrição da cidade de Lisboa*, alude às “coisas exóticas” (“exoticis”, na versão latina original³⁹²) que chegavam à cidade anualmente,³⁹³ conferindo, por isso, à palavra um significado equiparável ao da expressão “vindo de

³⁸⁷ Cf. Christa Knellwolf, “The Exotic Frontier of the Imperial Imagination”, *Eighteenth-Century Life*, vol. 26, n.º 3 (Fall 2002), p. 10.

³⁸⁸ Cf. *Exoticism in the Enlightenment*, G. S. Rousseau e Roy Porter (eds.), Manchester, Manchester University, 1990, p. 15, citado em Knellwolf 2002, p. 11.

³⁸⁹ Jacques Le Goff, *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 2010.

³⁹⁰ Edward W. Said, *Orientalismo: representações ocidentais do Oriente*, Lisboa, Livros Cotovia, 2004.

³⁹¹ Cf. Knellwolf 2002, p. 10.

³⁹² Cf. Damião de Góis, *Vrbis Olisiponis Descriptio per Damianum Goem Equitem Lusitanum, in qua obiter tractantur nō nulla de Indica nauigatione, per Graecos et Poenos et Lusitanos, diuersis temporibus inculcata*, Eborae, apud Andream Burge[n]sem, mense Octobri 1554, p. 48.

³⁹³ Cf. Damião de Góis, *Descrição da cidade de Lisboa*, tradução do texto latino por Raul Machado, 5ª edição, Lisboa, Frenesi, 2009, pp. 61-62.

fora”. Refira-se, ainda, que o mesmo autor, na sua obra *Hispania*, recentemente editada e traduzida para português pela primeira vez, ao mencionar exactamente os mesmos artigos que na Descrição de Lisboa, indica a sua proveniência (“das inúmeras províncias da Ásia, África e Novo Mundo”; “da Índia Oriental e do Cataio”³⁹⁴), em vez de utilizar o adjectivo “exótico”, reforçando a ideia de que o uso do termo equivaleria, no século XVI, ou pelo menos para Damião de Góis, unicamente à sugestão de uma proveniência extra-europeia. Deste modo, se o “exótico” é, por definição, algo “proveniente de outro lugar que não este”, tal como é, aliás, indicado etimologicamente pelo prefixo ‘exo-’ (exterior),³⁹⁵ o adjectivo pode ser aplicado a realidades extra-europeias quando encontradas em contextos geográfica e culturalmente diferentes. Para além disso, tal como tivemos a oportunidade de observar, coincide com a atitude dos japoneses perante as novidades que lhes foram apresentadas pelos europeus.

Contudo, antes de terminarmos a nossa análise, ainda no que diz respeito ao interesse japonês pelo “exótico” europeu, são de ressaltar alguns aspectos relacionados com os objectos de culto, indissociavelmente ligados ao Cristianismo e à propagação da fé. Refira-se, por exemplo, o célebre episódio descrito por Francisco Xavier numa carta de 1549,³⁹⁶ em que a mãe do daimio de Kagoshima pede a reprodução de uma imagem da Virgem que lhe havia sido mostrada por Anjirō, por lhe ter causado grande espanto. Na mesma epístola é referido que reprodução acaba por não ser feita, por não existirem materiais adequados para o efeito. Embora seja verosímil que os japoneses tenham revelado interesse por estes objectos de carácter religioso, não os particularizámos na nossa análise, uma vez que este interesse não parece ter sido motivado pela sua estranheza e “exotismo”. Na verdade, no que diz respeito aos terços, a atenção que mereceram por parte dos japoneses cristãos³⁹⁷ pode mesmo ter-se devido a práticas de oração pré-existentes, uma vez que, segundo

³⁹⁴ Cf. Damião de Góis, *Hispania*, in *Obras de Damião de Góis*, vol. III (1541-1549), *Da Hispania ao segundo cerco de Diu*, Edição, introdução e notas de Manuel Cadafaz de Matos, versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Edições Távola Redonda – Centro de Estudos de História e da Edição, 2011, pp. 147-149.

³⁹⁵ Cf. Ralph P. Locke, *Musical Exoticism: Images and Reflections*, Cambridge, Cambridge University Press, 2009, p. 1.

³⁹⁶ Cf. CE, t. I, fl. 12v, carta de Francisco Xavier de 5 de Novembro de 1549.

³⁹⁷ Cf. *Historia de Japam*, vol. I, capítulo 47, p. 327, capítulo 50, p. 354; CE, t. I, fl. 131v-132.

uma carta de Francisco Xavier de 1552, os japoneses rezavam por contas, informação também transmitida por João Rodrigues na sua *Historia da Igreja do Japão*.³⁹⁸ Assim, os terços representariam a continuidade de uma prática usual, muito mais do que a introdução de uma realidade estranha e drasticamente diferente, pelo que não devem ser identificados como um elemento do “exótico” europeu no Japão.

Quanto ao interesse demonstrado pelos japoneses noutros artefactos de cariz religioso, como cruces ou imagens, este pode ter-se revestido de contornos mais complexos. Atentemos, por exemplo, na divisa que, segundo Luís Fróis, em 1563, D. Bartolomeu (Omura Sumitada) usava na guerra, que seria constituída por uma imagem de Cristo pintada na veste com três cravos, uma cruz de ouro ao pescoço e um terço na cintura.³⁹⁹ É certo que estes elementos teriam um marcado valor simbólico e de representação, devido, em parte ao facto de singularizarem o indivíduo que os estava a utilizar. No entanto, este carácter diferenciador não assentava apenas no facto de estes serem elementos de uma cultura extra-japonesa, evidenciando por isso uma forma e uma estética particulares, mas decorria necessariamente do seu significado inerente. Não defendemos de todo que o “exótico” seja desprovido de significado e simbolismo. Porém, consideramos que este exemplo e outras manifestações de interesse japonês em imagens e objectos directamente relacionados com o Cristianismo não devem ser equiparados, sem reservas, ao interesse manifestado pelos produtos anteriormente abordados, como relógios ou peças de vestuário, na medida em que ao carácter estranho e diferente destas imagens e objectos acrescia um valor religioso. E para um japonês convertido e devoto, o valor religioso provavelmente sobrepor-se-ia ao “exotismo”, e seria o principal motivo para o interesse por estes objectos – neste caso específico, para a apropriação destas imagens por parte de D. Bartolomeu.

Em suma, o poder intrínseco que era atribuído a estas insígnias derivava do seu valor religioso, e o seu carácter diferenciador marcava sobretudo a vinculação de D. Bartolomeu a um grupo cuja identidade era conferida pela profissão de uma mesma religião, o Cristianismo. Deste modo, se o “exótico” é, por definição, como explanámos,

³⁹⁸ Cf. *Documentos del Japón*, vol. 1, p. 307 (Documento 56, Carta de Francisco de Xavier aos Jesuítas da Europa, Cochim, 29 de Janeiro de 1552); Rodrigues, *Historia*, p. 176

³⁹⁹ Cf. CE, t. I, fl. 132v, carta de Luís Fróis de 14 de Novembro de 1563.

a qualidade de algo estranho, excêntrico e exterior, o “exótico” deixa de o ser quando passa claramente a existir uma identificação pessoal, e neste caso, ideológica, do sujeito com o objecto ou entidade em questão. Por isso, a curiosidade que um japonês revela nos rituais fúnebres cristãos pode ser considerada como uma manifestação de interesse pelo “exótico” europeu, mas se o indivíduo em questão for cristão, colocar a tónica no exotismo do ritual torna-se num exercício dúbio e possivelmente erróneo, devido ao exagerado simplismo em que a interpretação pode incorrer.

CONCLUSÃO

Os cem anos da presença portuguesa no Japão foram marcados, na longa duração, mais do que pela expansão do Catolicismo de Trento num território longínquo, pelo contacto entre duas civilizações distintas. Os contornos afáveis e benevolentes de que se revestiu este contacto *grosso modo* até ao advento do Xogunato Tokugawa foram já amplamente estudados. Interessa ainda, porém, perceber, partindo do princípio que as identidades se constroem, em larga medida, por oposição ao Outro, como este contacto civilizacional contribuiu para a formação da identidade japonesa.

Foi aquando da fundação da missão do Japão por Francisco Xavier que o Império do Sol Nascente foi descoberto e revelado ao mundo. O mundo conheceu, então, a existência de uma civilização altamente sofisticada, com um nível de erudição, refinamento e desenvolvimento que os europeus pensavam apenas existir na Europa. E foi simultaneamente neste contexto que o Japão descobriu o mundo para além da Ásia Oriental. Um mundo que para além da China, incluía “grandes cidades europeias, estranhos animais africanos e todo um novo continente, no Novo Mundo.”⁴⁰⁰

Durante o século da presença portuguesa no Japão, vários foram os elementos da cultura europeia que terão suscitado grande interesse entre os japoneses. Mais do que identificar todos estes elementos, procurámos apresentar aqueles cujo interesse parece ter sido motivado, pelo menos em parte, pela sua estranheza e diferença em relação aos padrões culturais japoneses. Alguns destes artigos, como o vestuário e a cadeira, foram adoptados pelas elites nipónicas como emblemas de poder e distinção; outros, como o relógio e os óculos, parecem ter chegado a grupos socialmente mais vastos, nos quais terão motivado expressivas manifestações de interesse e curiosidade, pelo seu “exotismo”. Não obstante, refira-se que se o impacto destes objectos europeus foi socialmente transversal, o acesso aos mesmos parece ter-se limitado a um sector restrito da sociedade japonesa: as elites políticas e sociais. Aparentemente, algumas das peças abordadas, como a espingarda, as lentes para óculos e os relógios, tornaram-se eventualmente acessíveis a uma população mais numerosa, que incluía camadas mais baixas da sociedade, mas apenas quando os japoneses adquiriram

⁴⁰⁰ Cf. Santos 2011, p. 68.

conhecimentos técnicos para produzi-las. Sabe-se igualmente que estes produtos não se difundiram apenas por meio dos jesuítas, mas também por via dos mercadores. No entanto, tal como já referimos anteriormente, os japoneses atribuíram-lhes um valor muito elevado, que provavelmente não estaria ao alcance de todos. Para além disso, o interesse nestes produtos e o seu carácter prestigiante derivavam, em larga medida, da sua raridade.

Apercebendo-se da susceptibilidade dos japoneses às exterioridades e ao impacto visual e cultural das novidades, os missionários jesuítas apropriaram-se de todo e qualquer elemento da cultura europeia passível de impressionar os japoneses para conseguirem uma aproximação aos senhores, e para atraírem a população de forma a aumentar os contingentes de fiéis. Deste modo, também as cerimónias religiosas e a música, com o seu impacto sensorial, foram enquadradas nesta estratégia de sedução dos japoneses por parte dos missionários, aparentemente com bons resultados. Pode, então afirmar-se que o interesse japonês na cultura europeia, e sobretudo a percepção deste interesse por parte dos jesuítas, desempenharam um papel decisivo na evangelização do Japão, e no sucesso das relações luso-nipónicas durante, pelo menos, a segunda metade do século XVI.

No que diz respeito ao conceito de “exótico”, ao longo da produção da presente tese, foi possível concluir que adoptemos a concepção ideológica do século XVIII ou a abrangente aceção que a palavra tinha no século XVI, é o papel do observador ou ouvinte, através da sua preparação cultural e até civilizacional, que determina o que é ou não exótico, e como este exótico é recebido e percepcionado.⁴⁰¹ Deste modo, o “exótico” nunca representa uma qualidade intrínseca do objecto, entidade ou pessoa que materializa o “Outro” mas está intimamente ligado à sensibilidade do observador ou ouvinte que os qualificam ou concebem como tal. Em suma, e de acordo com o historiador de arte Frederick Bohrer, o objecto exótico é inevitavelmente construído a partir do horizonte conceptual do observador,⁴⁰² pelo que pode afirmar-se que um objecto europeu é “exótico” no Japão, desde que

⁴⁰¹ Cf. Locke 2009, p. 12.

⁴⁰² Cf. Frederick Bohrer, *Orientalism and Visual Culture: Imagining Mesopotamia in Nineteenth-Century Europe*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003, p. 36.

tenhamos indícios de que é percebido e recebido dessa forma pelos japoneses, o que consideramos verificar-se.

Finalmente, no que diz respeito a perspectivas de futuro, consideramos que é importante procurar perceber, através de uma leitura sistemática da documentação japonesa da época, se as referências ao interesse japonês na cultura europeia são transversais, ou se são exclusivos da documentação europeia. Seria igualmente interessante aprofundar a questão da música europeia no Japão – a temática que estudámos que se encontra menos tocada pela historiografia – através do alargamento do espectro documental e de uma análise da documentação por parte de investigadores da área das Ciências Musicais. Por fim, importa também libertar o conceito de “exótico” do seu carácter marcadamente eurocêntrico, e dar um maior protagonismo às interpretações sobre os encontros de culturas sob a perspectiva de civilizações extra-europeias, na medida em que estas análises poderiam dar um contributo relevante à área da História Global, que tem conhecido um significativo desenvolvimento nos últimos anos.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues, Leitura e Notas de Armando Cortesão, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978.

Cartas Ânuas do Colégio de Macau (1594-1627), direcção e estudo introdutório de João Paulo Oliveira e Costa, e transcrição de Ana Fernandes Pinto, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Fundação Macau, 1999.

Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da Índia, & Europa, des do anno de 1549 até o de 1580, 2 tomos, Maia, Castoliva editora Lda., 1997 (edição fac-similada da edição de Évora de 1598).

COUTO, Diogo do, *Da Ásia*, Década Quinta, Parte Segunda, vol. 13, Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1974 (edição fac-similada da impressão da Regia Officina Typografica, Lisboa, 1753).

DAIRIUJI BUNJI, “Teppô-Ki (1596-1614)”, in *Orientalia*, Georg Schurhammer (ed.), Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu – Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, pp. 535-538.

FRÓIS, Luís, *Historia de Japam*, edição anotada por José Wicki, S. J., Lisboa, Biblioteca Nacional, 1976-1984.

FRÓIS, Luís, *Tratado dos Embaixadores Japões que forão de Japão a Roma no anno de 1582*, in *La Première Ambassade du Japon en Europe, 1582-1592*, edição e anotações de J. A. Abranches Pinto, Yoshimoto Okamoto e Henri Bernard S. J., Tokyo, Sophia University, 1942.

FRÓIS, Luís, *Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradisões e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta provincia de Japão. E ainda que se achem nestas partes do Ximo algumas couzas em que parese*

*comvirem os japões connosco, não he por serem commuas e universais nelles, mas por aqiridas polo comercio que tem com os portuguezes que ca vem tratar com elles em seus navios. – E são muitos de seus costumes tão remotos, peregrinos e alongados dos nossos que quasi parece incrivel poder aver tão oposta contradisção em gente de tanta policia, viveza de emgenho e saber natural como tem. E pera se não confundirem humas cousas com outras, dividimos isto com a graça do Senhor em capitulos. – Feito em Canzusa aos 14 de Junho de 1585 Annos. Cf. Luís Fróis S.J., *Kulturgegensätze Europa – Japan (1585)*. Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta provincia de Japão, ed. Josef Franz Schütte, S.J., Tokyo, Sophia Universität, 1955.*

GALVÃO, António, *Tratado dos Descobrimentos*, edição anotada e comentada pelo Visconde de Lagoa com a colaboração de Elaine Sanceau, 4ª ed., Porto, Livraria Civilização Editora, 1987.

Góis, Damião de, *Descrição da cidade de Lisboa*, tradução do texto latino por Raul Machado, 5ª edição, Lisboa, Frenesi, 2009.

Góis, Damião de, *Hispania*, in *Obras de Damião de Góis*, vol. III (1541-1549), *Da Hispania ao segundo cerco de Diu*, Edição, introdução e notas de Manuel Cadafaz de Matos, versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Edições Távola Redonda – Centro de Estudos de História e da Edição, 2011, pp. 31-151.

Góis, Damião de, *Vrbis Olisiponis Descriptio per Damianum Goem Equitem Lusitanum, in qua obiter tractantur nõ nulla de Indica nauigatione, per Graecos et Poenos et Lusitanos, diuersis temporibus inculcata*, Eborae, apud Andream Burge[n]sem, mense Octobri 1554.

Monumenta Japoniae: Documentos del Japón, 2 vols. (1547-1562), edição e anotações por Juan Ruíz-de-Medina, Roma, Instituto Histórico de la Compañia de Jesús, 1990-95.

PACHECO, Diego, *A Fundação do Porto de Nagasaki e a sua cedência à Sociedade de Jesus / The Founding of the Port of Nagasaki and its Cession to the Society of Jesus*, Macau, Centro de Estudos Marítimos, 1989.

PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação & Cartas*, 1.º volume, Lisboa, Edições Afrodite – Fernando Ribeiro de Mello, 1989.

PINTO, J. A. Abranches e BERNARD, Henri, “Les Instructions du Père Valignano pour l’ambassade japonaise en Europe. (Goa, 12 décembre 1583)”, *Monumenta Nipponica*, vol. 6, n.º 1/2 (1943), pp. 391-403.

RODRIGUES, João, *História da Igreja do Japão*, preparada por João Abranches Pinto, 2 vols., Macau, Notícias de Macau, 1954-1956.

SANDE, Duarte de, S. J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, prefácio, tradução do latim e comentário de Américo da Costa Ramalho, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Fundação Oriente, 1997.

VALIGNANO, Alessandro, *Il cerimoniale per i missionari del Giappone. Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues de Jappão*, ed. Joseph Shütte, SJ, Roma, 1946.

Dicionários

BORBA, Tomás e Graça, Fernando Lopes, *Dicionário de Música (Ilustrado)*, 2 vols., Lisboa, Edições Cosmos, 1956.

DALGADO, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.

Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª edição, revista e actualizada, Lisboa, Porto Editora, 1999.

KENNEDY, Michael, *Dicionário Oxford de Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994.

Bibliografia

ALEGRIA, José Augusto, *O ensino e prática da música nas Séis de Portugal (da Reconquista aos finais do século XVI)*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1985.

ALVES, Ana Maria, *As Entradas Régias Portuguesas. Uma Visão de Conjunto*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986.

ANDRADE, Maria do Carmo Rebello de, “Artes de mesa e cerimoniais régios na corte do século XVI. Uma viagem através das obras de arte da ourivesaria nacional”, in *A Mesa dos Reis de Portugal. Ofícios, consumos, cerimónias e representações (séculos XIII-XVIII)*, Ana Isabel Buescu e David Felismino (coord.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, pp. 134-147.

ARIÈS, Philippe, *O Homem Perante a Morte*, 2 vols., Mem Martins, Europa-América, 1988.

ARIÈS, Philippe, *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Lisboa, Teorema, 1988.

BALDAUF-BERDES, Jane L., *Women Musicians of Venice. Musical Foundations, 1525-1855*, edição revista, Oxford, Clarendon Press, 1996.

BARRETO, Luís Filipe, *Macau: Poder e Saber – Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Presença, 2006.

BOAVENTURA, Jorge e Santos, COSTA, *Óculos e Lunetas : Alguns dados colhidos para a história da sua introdução e desenvolvimento na Europa e nos Estados Unidos da América*, Lisboa, Livraria Central, 1925.

BOHRER, Federick, *Orientalism and Visual Culture: Imagining Mesopotamia in Nineteenth-Century Europe*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003.

BOSCARO, Adriana, *Sixteenth-century European Printed Works on the First Japanese Mission to Europe*, Leiden, Brill, 1973.

BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

BOURDON, Léon, *La compagnie de Jésus et le Japon. La fondation de la mission japonaise par François Xavier (1547-1551) et les premiers résultats de la prédication chrétienne sous le supériorat de Cosme de Torres (1551-1570)*, Paris, Centre Culturel Portugais, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993.

BOXER, Charles, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, Manchester, Carcanet, 1993.

BRANCO, João de Freitas, *História da Música Portuguesa*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2005.

BROWN, Judith C., "Courtiers and Christians: The First Japanese Emissaries to Europe", *Renaissance Quarterly*, vol. 47, n.º 4 (Winter, 1994), pp. 872-906.

CABEZAS, Antonio, *El Siglo Ibérico de Japón. La Presencia Hispano-Portuguesa en Japón (1543-1643)*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1994.

COOPER, Michael, "Notes on Authors", in *They Came to Japan. An Anthology of European Reports on Japan, 1543-1640*, Berkeley, University of California Press, 1981.

COOPER, Michael, *Rodrigues, o Intérprete. Um Jesuíta no Japão e na China*, Lisboa, Quetzal Editores, 1994.

CORREIA, Pedro Lage Reis, "Alessandro Valignano Attitude Towards Jesuit and Franciscan Concepts of Evangelization in Japan (1587-1597)", in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, n.º. 2 (Jun. 2001), pp. 79-108.

CORREIA, Pedro Lage Reis, "Francisco Cabral and Lourenço Mexia in Macao (1582-1584): Two Different Perspectives of Evangelisation in Japan", in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, n.º. 15 (2007), pp. 47-77.

COSTA, João Paulo Oliveira e, "A introdução das armas de fogo no Japão pelos Portugueses à luz da HISTÓRIA DE JAPAM de Luís Fróis", in *O Japão e o Cristianismo no*

século XVI: ensaios de história luso-nipónica, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 71-86.

COSTA, João Paulo Oliveira e, “Aspectos do quotidiano dos Jesuítas no Japão na conjuntura de 1587-1593”, in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaios de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 159-188.

COSTA, João Paulo Oliveira e, “Japão”, in *História dos Portugueses no Extremo Oriente: De Macau à Periferia*, A. H. de Oliveira Marques (dir.), Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 377-471.

COSTA, João Paulo Oliveira e, “Macau e Nagasaki. Os pólos da presença portuguesa no mar da China na segunda metade do século XVI”, in *Portugal e a China – Conferências no III Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI a XIX)*, Jorge Manuel dos Santos Alves (coord.), Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 79-103.

COSTA, João Paulo Oliveira e, “O Japão e os japoneses nas obras impressas na Europa quinhentista”, in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaios de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 189-290.

COSTA, João Paulo Oliveira e, “Oda Nobunaga e a expansão portuguesa”, in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaios de história luso-nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 107-128.

COSTA, João Paulo Oliveira e, “Os Jesuítas no Japão (1549-1598). Uma análise estatística”, in *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaios de história luso-nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 17-47.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, Lisboa, Instituto Cultural de Macau – Instituto de História de Além-Mar, 1995.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *D. Manuel I. Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Temas & Debates, 2007.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, dissertação de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *Portugal e o Japão. O Século Namban*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

COUTINHO, Valdemar, *O fim da presença portuguesa no Japão*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

CURVELO, Alexandra, “Nagasaki. An European artistic city in early modern Japan”, *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, vol. 2 (June 2001), pp. 23-35.

DELUMEAU, Jean, *A Civilização do Renascimento*, 2 vols., Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

DINIZ, Sofia, *A Arquitectura da Companhia de Jesus no Japão. A criação de um espaço religioso cristão no Japão dos séculos XVI e XVII*, tese de Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII) apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007.

DISTELBERGER, Rudolf, “«Quanta rariora tanta meliora». O Fascínio pelo desconhecido na natureza e na arte”, in *Exotica: os Descobrimentos portugueses e as câmaras de maravilhas do Renascimento: Exposição / Museu Calouste Gulbenkian*, coord. João Castel-Branco Pereira, Nuno Vassallo e Silva, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 21-25.

Exoticism in the Enlightenment, G. S. Rousseau e Roy Porter (eds.), Manchester, Manchester University, 1990.

FERRÃO, Bernardo, *Mobiliário Português dos primórdios ao Maneirismo*, vol. 3, *Índia e Japão*, Porto, Lello & Irmão, 1990.

FLORES, Jorge Manuel, “Um Império de Objectos”, in *Os Construtores do Oriente Português*, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1998, pp. 15-46.

FUJIKI Hisashi e ELISON, George, “The political posture of Oda Nobunaga”, in J. W. Hall, K. Nagahara & K. Yamamura (eds.), *Japan Before Tokugawa: Political Consolidation and Economic Growth, 1500-1650*, Princeton, Princeton University Press, 1981.

FUJITA, Neil S., *Japan's Encounter with Christianity. The Catholic Mission in Pre-Modern Japan*, Mahwah (New Jersey), Paulist Press, 1991.

GEIRINGER, Karl, *Instruments in the History of Western Music*, 3ª edição (revista e aumentada), New York, Oxford University Press, 1978.

GIL, Juan, “Europa se presenta a sí misma: el tratado *De missione legatorum Iaponensium* de Duarte de Sande”, in *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993). Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (eds.), Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da UCP e Instituto de História de Além-Mar da UNL, 1994, pp. 411-439.

GOUVEIA, António Camões, “A sacramentalização dos ritos de passagem”, in *Historia Religiosa de Portugal*, vol. 2, *Humanismos e Reformas*, coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Mem Martins, Círculo de Leitores, 2000, pp. 529-557.

GOUVEIA, António Camões, “La Fiesta y el Poder. El rey, la corte y los cronistas del Portugal del Siglo XVI”, in *La fiesta en la Europa de Carlos V*, Catálogo da exposição, Sevilha, Real Alcázar – Sociedade Estatal para la Conmemoración de los Centenários de Felipe II y Carlos V, 2000, pp. 175-207.

HENRIQUE, Luís L., *Instrumentos Musicais*, 4ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

IMPEY, Oliver, “Introdução”, in *After the Barbarians: an exceptional group of namban works of art*, Lisboa, Jorge Welsh, 2003, pp. 9-19.

JANEIRA, Armando Martins, *O impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, 2ª edição, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988.

PING, Jin Guo e ZHILIANG, Wu, “Nova Tradução de *Teppôki* (Crónica da Espingarda) – Uma Nova Perspectiva sobre as Datas do Descobrimento do Japão”, in *Revista de Cultura / Review of Culture*, Insitute Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, International Edition 27 (Julho / July 2008), pp. 7-24.

JORDAN, Annemarie, *A rainha colecionadora. Catarina de Áustria*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

MATSUDA, Kiichi, *The Relations Between Portugal and Japan*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar – Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965.

KITCHEN, John, “Review of *Iberian Organ Music of the 16th-18th Centuries: The Organ of Évora Cathedral* by Bernard Brauchli”, *Early Music*, Vol. 15, No. 4 (Nov., 1987), pp. 571-573.

KNELLWOLF, Christa, “The Exotic Frontier of the Imperial Imagination”, *Eighteenth-Century Life*, vol. 26, n.º 3 (Fall 2002), pp. 10-30.

LACH, Donald F., “Japan”, in *Asia in the Making of Europe*, vol. I, book 2, Chicago – London, The University of Chicago Press, cop. 1965, pp. 651-729.

LANDES, David S., “Japão: e os últimos serão os primeiros”, in *A Riqueza e a Pobreza das Nações. Por que são algumas tão ricas e outras tão pobres*, 7.ª edição, Lisboa, Gradiva, 2005, pp. 392-414.

LANDES, David S., *A Revolução no Tempo. Os relógios e o nascimento do Mundo Moderno*, Lisboa, Gradiva, 2009.

LE GOFF, Jacques, *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 2010.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso, “Anjirô ou Paulo de Santa Fé? Um estudo de caso das mediações culturais a partir da relação entre os jesuítas e o clero japonês”, in *Anais*

Online do IV Congresso Internacional de História, Maringá – Paraná – Brasil, 9 a 11 de Setembro de 2009 (<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalho.php?tid=392>).

LOCKE, Ralph P., *Musical Exoticism: Images and Reflections*, Cambridge, Cambridge University Press, 2009.

LOUREIRO, Rui Manuel, “A visão do *outro* nos escritos de Luís Fróis, S.J.”, in *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993)*. Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (eds.), Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa e Instituto de História de Além-Mar, 1994, pp. 645-663.

LOUREIRO, Rui Manuel, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000.

LOUREIRO, Rui, “Navios, Mercadorias e Embalagens na Rota Macau-Nagasaki”, *Revista de Cultura / Review of Culture*, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, International Edition 24 (Outubro / October 2007), pp. 33-51.

MAGALHÃES, Joaquim Romero, *Portugueses no Mundo do século XVI. Espaços e produtos*, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

MARQUES, João Francisco, “A Renovação das práticas devocionais”, in *Historia Religiosa de Portugal*, vol. 2, *Humanismos e Reformas*, coord. João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Mem Martins, Círculo de Leitores, 2000, pp. 558-596.

MORAN, J. F., “The Real Author of the *De Missione Legatorum Iaponensium Ad Romanam Curiam... Dialogus*. A Reconsideration”, in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 2 (Jun. 2001), pp. 7-21.

MORAN, J. F., *The Japanese and the Jesuits. Alessandro Valignano in Sixteenth-century Japan*, London – New York, Routledge, 1993.

MOURA, Carlos Francisco, "Nagasaki, cidade portuguesa no Japão", *Stvdia*, n.º 26 (1968), pp. 115-148.

NICKEL, Helmut, "Presents to Princes: A Bestiary of Strange and Wondrous Beasts, Once Known, for a Time Forgotten, and Rediscovered", *Metropolitan Museum Journal*, vol. 26 (1991), pp. 129-138.

OLIVEIRA, Fernando de, "O Vestuário Feminino dos Séculos XV e XVI", in *Oceanos*, n.º 21 (Jan.-Mar. 1995), pp. 128-142.

OLIVEIRA, Francisco Roque de, "A Treatise Inside a Treatise: Chinese Matters in the *Historia da Igreja do Japão* by João Rodrigues Tçuzu S.J.", in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, n.º. 18/19 (2009), pp. 135-173.

PARKER, Geoffrey, *The Military Revolution. Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

PINA, Isabel, "The Jesuit Missions in Japan and in China: Two Distinct Realities. Cultural Adaptation and the Assimilation of Natives", in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, n.º. 2 (Jun. 2001), pp. 59-76.

PINTO, Ana Fernandes, "Japanese Elites as Seen by the Jesuit Missionaries. Perceptions of Social and Political Inequality Among the Elites", in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, n.º. 1 (Dec. 2000), pp. 29-43.

PINTO, Ana Fernandes, *A Aristocracia Guerreira Nipónica nas Cartas Jesuítas de Évora (1598)*, Macau, Instituto Português do Oriente – Fundação Oriente, 2004.

PINTO, J. A. Abranches e BERNARD, Henri, "Les Instructions du Père Valignano pour l'ambassade japonaise en Europe. (Goa, 12 décembre 1583)", *Monumenta Nipponica*, vol. 6, n.º 1/2 (1943), pp. 391-403.

PINTO, J. A. Abranches, YOSHIMOTO Okamoto e BERNARD, Henri, S. J., "Préface", in *La Première Ambassade du Japon en Europe, 1582-1592*, vol. 1, *Première Partie. Le Traité du Père Fróis*, edição e anotações de J. A. Abranches Pinto, Yoshimoto Okamoto e Henri Bernard S. J., Tokyo, Sophia University, 1942.

PINTO, Maria Helena Mendes, *Biombos Namban*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1986.

RAMALHO, Américo da Costa, “O Pe. Duarte de Sande S. I., Verdadeiro Autor do DE MISSIONE IAPONENSIUM AD ROMANAM CURIAM...DIALOGUS, in *Humanitas*, vol. XLVII, t. II (1995), pp. 777-789.

RAMALHO, Américo da Costa, “Portugueses e Japoneses no *Dialogus* de Duarte de Sande (1590)”, in *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993). Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993*, Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (eds.), Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da UCP e Instituto de História de Além-Mar da UNL, 1994, pp. 347-368.

RAMALHO, Américo da Costa, “Prefácio”, in Duarte de Sande, S. J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, prefácio, tradução do latim e comentário de Américo da Costa Ramalho, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Fundação Oriente, 1997, pp. 9-17.

RIBEIRO, Madalena, *Samurais Cristãos. Os Jesuítas e a Nobreza Cristã do Sul do Japão no Século XVI*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar, 2009.

RINGMAR, Erik, “Audience for a Giraffe: European Expansionism and the Quest for the Exotic”, *Journal of World History*, vol. 17, n.º 4 (Dez. 2006), pp. 375-397.

SÁ, Isabel dos Guimarães, “O rei à mesa entre o fim da Idade Média e o Maneirismo”, in *Ibidem*, pp. 188-207.

SACHS, Curt, *The History of Musical Instruments*, Londres, J. M. Dent & Sons, 1978.

SAID, Edward W., *Orientalismo: representações ocidentais do Oriente*, Lisboa, Livros Cotovia, 2004.

SANTOS, José Miguel Pinto dos, *A Study in Cross-cultural Transmission of Natural Philosophy: the Kenkon Bensetsu*, Dissertação de Doutoramento em História dos

Descobrimentos, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2011.

SCHURHAMMER, Georg, S.J., “O Descobrimento do Japão pelos Portugueses no Ano de 1543”, *Anais da Academia Portuguesa de História*, Série 2, n.º 1 (1946), pp. 1-172.

SCHURHAMMER, Georg, S.J., *Francisco Javier. Su vida y su tiempo*, t. IV, *Japón – China 1549-1552*, Bilbao, Mensajero, 1992.

SOUSA, Maria da Conceição Borges, BASTOS, Celina, *Mobiliário. Normas de inventário – Artes Plásticas e Artes Decorativas*, s.l., Instituto Português de Museus, 2004.

SOUZA, George Bryan de, “Gifts and Gift-Giving in Portuguese-Indonesian Diplomatic Relations”, *Revista de Cultura / Review of Culture*, Insituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, International Edition 24 (Outubro / October 2007), pp. 21-32.

SUBRAHMANYAM, Sanjay e PARKER, Geoffrey, “Arms and the Asian. Revisiting European Firearms and Their Place in Early Modern Asia”, *Revista de Cultura / Review of Culture*, Insituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, International Edition 26 (Abril / April 2008), pp. 12-42.

The Cambridge History of Japan, vol. 4, *Early Modern Japan*, John Whitney Hall & James L. McClain (eds.), Cambridge, Nova York e Melbourne, Cambridge University Press, 1991.

TOBY, Ronald P., “The «Indianness» of Iberia and changing Japanese iconographies of Other”, in Stuart B. Schwartz (ed.), *Implicit Understandings. Observing, Reporting, and Reflecting on the Encounters Between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*, Cambridge, New York, Melbourne; Cambridge University Press, 1994, pp. 323-351.

PÉREZ DE TUDELA, Almudena e JORDAN GSCHWEND, Annemarie, “Renaissance Menageries. Exotic Animals and Pets at the Habsburg Courts in Iberia and Central Europe”, in *Early Modern Zoology: The Construction of Animals in Science, Literature and the Visual Arts*, ed. Karl Enenkel e Paul J. Smith, Leiden, Brill, 2007, pp. 419-447.

VALENÇA, P. Manuel, *O Órgão na História e na Arte*, Braga, Editorial Franciscana, 1987.

VU THANH, Héléne, “Principles of Missionary Geography in Jesuit Spirituality and Their Implementation in Japan (16th-17th Centuries)”, in *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, nº. 18/19 (2009), pp. 175-191.

WICKI, José, “Introdução”, in *Historia de Japam*, vol. I, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1976, pp. 1-45.

YOSHIO Kitamura, “Artesanato namban – Introdução”, in *Arte Namban. Galeria de Exposições temporárias*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

APÊNDICE A – IMAGENS



Imagem 1: Os capitães, sentados na praia em cadeiras de tesoura, assistem ao desembarque das mercadorias. Pormenor de um biombo atribuído a Kano Domi, c. 1593-1600. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga. Pinto 1986, p. 35.

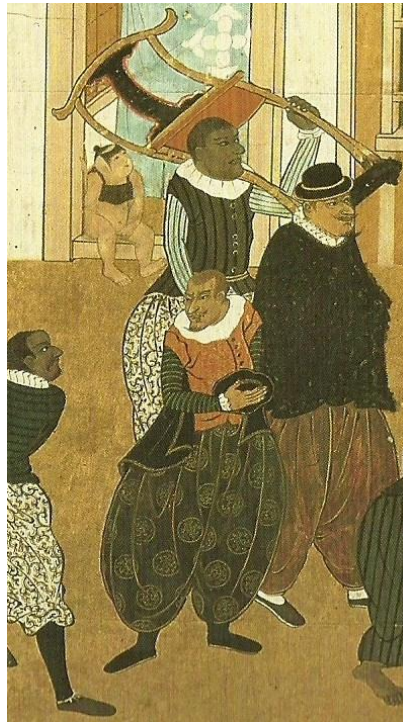


Imagem 2: Homem transportando uma cadeira chinesa. Pormenor de um biombo atribuído a Kano Domi, c. 1593-1600. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga. Pinto 1986, p. 38.

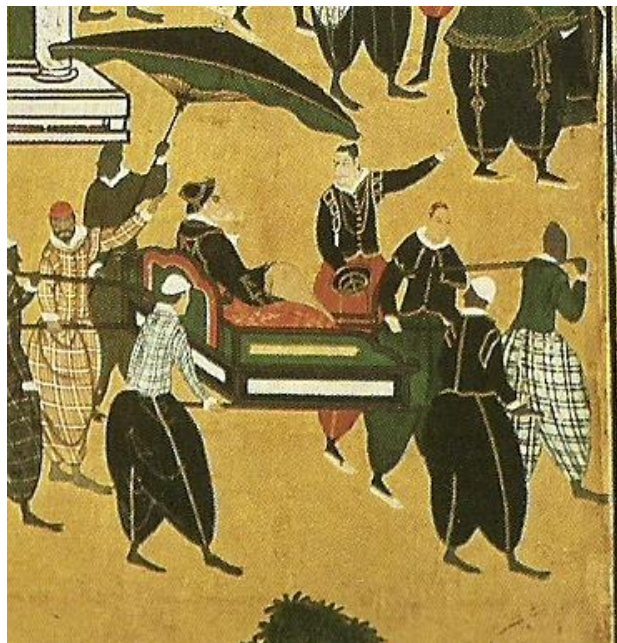


Imagem 3: Pormenor de um biombo atribuído a Kano Naizen, c. 1603-1610. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga. Pinto 1986, p. 50.

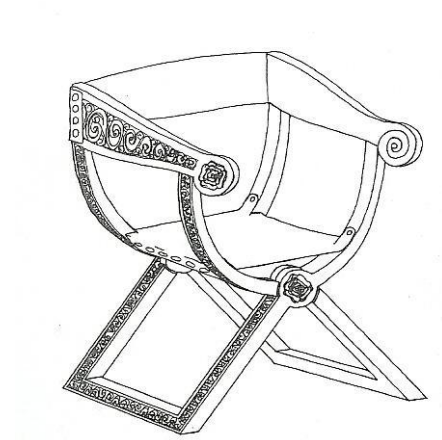


Imagem 4: Cadeira “dantesca”. Ferrão 1990, vol. 2, p. 163.

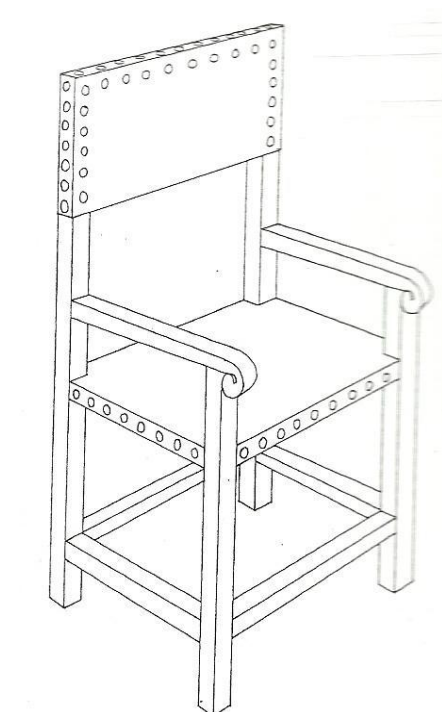


Imagem 5: Cadeira de espaldas. Ferrão 1990, vol. 2, p. 146.

APÊNDICE B – REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

P. Luís Fróis, S. J., *Historia de Japam*, edição anotada por José Wicki, S. J., Lisboa, Biblioteca Nacional, 1976.

1º. Volume (1549-1564)

- Prólogo: “Algumas paredes fazem de taipa, ainda que poucas, e estas não em cazas, mas em cercas de mosteiros e de cazas de grandes senhores: todavia para couza de madeira, a sumptuosidade das fabricas, o artificio, limpeza e policia das camaras, e a ostentação e apparato de fora, hé couza nobre e muito para folgar de ver.”, p. 8.
- Cap. 1, carta de Francisco Xavier ao Provincial de Portugal, Cochim, 20 de Janeiro de 1549, “Pela informação que me derão de huma ilha de Japão, que está diante da China passante de duzentas legoas, por ser gente de muito juizo e curioza de saber assim das couzas de Deos como de sciencias (segundo me dizem os portuguezes que daquellas partes vem; e tambem huns japões, que o anno passado vierão comigo de Malaca (...), determino, este Abril que vem, de hir ao Japão com hum Padre por nome Cosme de Torres, por me parecer que naquellas partes se há-de acrescentar muito nossa santa fé.”, p. 19, 1549.
- Cap. 3, “E assim cursando cada dia com as pregações, nam ficou, naquella tão grande e populoza cidade [de Yamanguchi], rua ou encruzilhada que tivesse concurso de gente em que não pregassem; e o mesmo fazião em muitas cazas de fidalgos, que de proposito os chamavão, huns para passar tempo com elles, outros para ouvir novidades, outros se rião delles, outros lhe mostravão amor e compaixão, outros os desprezavão, e assim cada hum dava sinal de quem era.”, p. 33, 1550.
- Cap. 5, “Tornando o Pe. Mestre Francisco com seos companheiros para o reino de Suvo e cidade de Yamanguchi, aonde el-rey rezid[i]a com sua corte, determinou o Padre, para o ter benevolo e propicio, pois era rey natural e não podião alli rezidir sem seo consentimento e favor, de o vizitar de proposito. E para isto concertou treze peças ricas que lhe havia de offerecer, as quaes erão hum relógio de horas de grande artificio, huma espingarda rica de pederneira de tres canos, bocado, vidros cristalinos mui formozos, espelhos, oculos, etc., e duas cartas escrittas em purgaminho, huma do bispo Dom João de Albuquerque, primeiro bispo da India, e outra do governador Garcia de Sá. E como o presente era todo de cousas nunca vistas naquellas partes, mostrou el-rey ficar delle muito satisfeito, e mandou logo pôr pellas ruas da cidade huma[s] taboas escrittas, em que dizia

como folgava que, naquella cidade e em seos reinos, fosse manifestada a ley de Deos, e que livremente a podesse tomar quem quizesse, mandando a todos seos subditos que não fizesse[m] nenhum aggravo aos Padres; e deo-lhes huma varela em que se recolhessem elle com seos companheiros. Dezejava el-rey mandar à India hum embaixador, bonzo ou secular, com o retorno do presente.”, pp. 39-40, 1551.

- Parágrafo seguinte: “Hindo o Pe. Mestre Francisco vizitá-lo outra vez, lhe levou a mostrar huma mui rica e excellente Byblia, de marca maior, illuminada, e huma mui fermosa Gloza ordinaria, nova e bem guarneçada, dizendo-lhe que alli estava, naquelles livros, toda nossa santa ley. Quiz el-rey ver huma vestimenta de borcado que o Padre levava e, mostrando-lha, pedio ao Padre que a vestisse, parecendo-lhe tão bem que, batendo com as mãos huma na outra, dizia: «Verdadeiramente, que se representa este Padre hum de nossos deozes vivos»”, p. 40, 1551.
- Cap. 9, “Dahi seguirão [Pe. Mestre Francisco e dois irmãos] sua viagem para Bungo, aonde chegarão com muitos trabalhos e tempestades a 7 de Setembro. El-rey lhes mandou logo dar huma caza em que pouzassem; ao dia seguinte o forão vizitar e lhe levarão humas mui fermosas armas e outras peças, que lhe mandava o Vice-Rey da India; com que muito folgou, e cada dia erão vizitados de sua parte com muitas couzas de comer assim do mar, como da terra.”, p. 63, 1552.
- Cap. 14, “Pareceo mui bem aos gentios de Funai o nosso modo de interrar os deffuntos; e no primeiro enterramento que na igreja se fez, hirião com os nossos como tres mil pessoas, gentios, para verem nossas exequias funeraes e modo de enterramento.”, p. 91, 1555.
- Cap. 18, “Pelo que com esta occasião, pareceo bem ao P^e. Cosme de Torres que o P^e. Balthazar Gago, de Firando, fosse lá fazer huma igreja aonde podesse haver concurso da gente para ouvirem a palavra de Deos. E como sempre a novidade das couzas hé estranhada, não deixou alli o Padre de ter arrezoadas contradições (...)”, p. 115, 1558.
- Cap. 23,⁴⁰³ “Estando a couza em termos de se effectuar, mandou dizer Xiquinai ao Padre que elle tinha sabido que, quando chegarão os Padres à cidade de Yamaguchi a primeira vez, que levarão mui grossos presentes e pelas muito curiozas ao rey, que então era Vochidono; e que, se a hum homem leigo ainda que rey, os Padres tinham dados presentes tão ricos, quanto mais a Sairaquin que era o summo sacerdote de Fiyeoyama, parente propinquo do Dairi e cabeça da universidade em todos os «16 valles»; e que, pois o Padre subia em tamanho grao de honra e dignidade, como era deixar-se ver ver [sic.] delle o Zasu; e pois vinha de reinos tão alongados, e era alli estrangeiro, e conforme ao costume

⁴⁰³ A partir do cap. 22, “o Padre” é Cosme de Torres.

de Japão lhe havia de offerecer alguma couza, que queria primeiro saber do presente que lhe trazia, e vê-lo para lho referir.”, pp. 149-150, 1559.

- Cap. 24, “E porque, para fazer capaz a gente plebeia das couzas divinas a elles tão novas e peregrinas, foi necessario levá-los por alguns sinaes e apparencias exteriores, e assim determinou de ornar a caza o melhor que fosse possivel, pondo huma colcha velha em huma daquellas paredes de canas por ornamento, e huma cruz de papel alli pegada, e o Padre assentado com hum manteo muito velho, e hum barrete vermelho na cabeça como sinal de pessoa agraduada, e hum banquinho diante de sy com o livro de rezar, e huma escrevaninha e papel em riba. (...) Era tanta a gente que alli concorria a ouvir pregação, pela novidade de tão estranha e nunca ouvida doutrina, que apenas havia tempo para o Padre cumprir com suas obrigações de rezar suas horas canonicas. (...) E a frequencia de toda esta gente que alli concorria, era fundada em diversos respeitos: porque huns vinhão para ver o Padre somente, persuadido[s] que teria outra figura do que as criaturas racionais ordinariamente tem; outros por curiosidade de ouvirem, e perguntarem pelas couzas e costumes da India e Europa; outros para ouvirem a novidade da doutrina e a impugnarem; outros para escarnecerem e vituperarem o Padre. O qual a todos estes encontros se offerencia com igual e alegre animo, trabalhando por contemporizar com todos de maneira que delle recebessem edificação e não fossem scandalizados.”, p. 157, 1560.
- Cap. 25, “E porque não se pode vizitar nenhum senhor nem principe de Japão sem lhe levar algum presente, e quanto a dignidade das pessoas hé mais alta, tanto hão-de ser mais aventajadas e preziosas as couzas que lhe hão-de offerecer – e o Padre era tão pobre que apenas tinha com que se sustentar a sy e aos companheiros, quanto mais ter couzas de que podesse fazer presente – acertou de levar consigo hum relógio de area, que por em Japão os não haver era couza em que podia pôr os olhos. Este relógio somente lhe offereceu, que o Padre trazia para com elle fazer seus exames e oração⁴⁰⁴.”, p. 161, 1560. O Cubosama recebeu bem o padre e deu-lhe a beber *sake*, “huma das maiores honras (...) que lhe podia fazer”.
- Cap. 26, “Veio alli ter hum bonzo do mosteiro de Murasaqui, jenxu, homem velho já perto de 80 annos (...), e era naturalmente homem benigno e enclinado a fazer obras de piedade e misericordia. E chegando àquella pobre caza, começou a perguntar pelas ordinarias curiosidades com que os mais deles entrão, scilicet, quantas legoas há de Japão à China, dahi a Sião, de Sião à India, e se nos nosso reinos era a vida dos homens mais comprida

⁴⁰⁴Exame de consciência = ¼ de hora; Oração = 1 hora

que em Japão, e se os quatro tempos do anno erão os mesmos que os do clima desta terra, etc. E depois de lhe satisfazerem as suas perguntas, lhe disse o Padre se queria ouvir hum pouco alguma couza desta ley que alli pregava. Rio-se o velho disto, dizendo que já sabia as couzas da salvação, pelo que somente aquellas curiozas da India e Europa folgava de ouvir.”, pp. 170-171, 1560.

- Cap. 28, “Sabendo el-rey de Bungo que o Padre [Balthazar Gago] se havia de partir, lhe deo para el-rey D. Sebastião, que santa gloria haja, que ainda naquelle tempo era menino, huma fermoza adaga guarneçada com huma bainha cuberta de ouro; e ao Vice-Rey da India mandou huma rica espada e humas armas guarneçadas de seda mui fermozas, huma celada dourada e hum rosto de cobre para a guerra bem guarnecido, e duas nanguinatas⁴⁰⁵ com as asteas chapeadas de prata com labores de grande artificio, com que o Conde do Redondo, vice-rey da India, muito se alegrou [d]este presente.”, p. 182, 1560.
- Cap. 37, “Os bonzos do Miaco, vendo que, pelas outras vias que tinham intentado, não podião effectuar seo dezejo, por lhes não ficar nada por fazer, se forão ter com este Yuquindono e lhe disserão: «Bem vos parece que tereis, Senhor, sabido quam perjudicial e odiozo hé este Padre do Tenjicu [o padre Gaspar Vilela], no Goquinai, e quanto trabalha por a[ba]ter e desacreditar as seitas dos camis e fotoques, que em 1Japão são tão veneradas. Pelo que se não compadece deixar de o desterrar, e podeis-lhe tomar a caza e o fato e as couzas boas e curiozas, que deve ter dos reinos da India (...)”, p. 246, 1562.
- Cap. 38, “E era nisto tão continuo, que não perdia ponto em fazer a todos esta persuasão, athé que os outros fidalgos, assim por condecenderem com elle como por curiosidade, lhe disserão que dezejavão que o Padre [Gaspar Vilela] viesse alli ter do Miaco com elles e, se não era possivel, que ao menos lhe mandasse lá hum Irmão pregador para ouvirem sua doutrina.”, p. 256, 1562.
- Cap. 41, “Disse-lhe mais o Padre [Cosme de Torres] que não tinha ao presente com que servi-lo, senão com hum abano dourado, que tinha hum Jesus muito bem feito e huma cruz e tres cravos em cima, que lhe tinha mandado o Padre Gaspar Vilela do Miaco. Perguntou Sumitanda ao Irmão João Fernandes, que querião dizer aquellas letras? Respondeo o Irmão que, pelo grande dezejo que o Padre tinha que elle tivesse aquelle nome impresso no coração, se movera a dar-lhe aquelle avano, e que, para entender couzas tão altas, era necessario mais tempo, e que elle despuzesse a ouvir as materias em as pregações por extenso. Respondeo que sem falta nenhuma o determinava fazer assim. E tornou-se para caza.”, p. 278, 1562.

⁴⁰⁵ *Naginata* = lança japonesa, meio espada, meio alabarda.

- Cap. 47, “Sabendo os christãos das ilhas de Firando que os novos Padres [Luís Fróis, João Baptista de Monte e o Irmão Miguel Vaz] trazião contas bentas e veronicas, huns deixavão suas cazas, outros vinhão com mulheres e filhos, fretando para isso embarcações, sendo pobres, e assim se partirão para Yocoxiura (...) a pedir huma conta benta e huma veronica. E alguns dos que as pedião andavão primeiro, oito e dez dias, rezando para que Deos desse em vontade aos Padres que uzassem com elles desta mizericordia; e quando as recebião, com as lagrimas que choravão de alegria, mostravão bem sua fé e devoção; e se lhes parecia que por sy as não poderião alcançar, punhão por intercessores os portuguezes que vinhão na nao.”, p. 327, 1563.
- Cap. 47, “Hum mez depois de sua chegada [dos padres supramencionados] foi Dom Bartholomeo de Vomura a vizitar os Padres a Yocoxiura, e ao capitão e portuguezes. Derão-lhe os Padres humas contas ricas, com huma conta benta encastoadada em ouro. Estimou-as em muito e logo as poz ao pescoço.”, p. 327, 1563.
- Cap. 53, “Continuou o Padre [Cosme de Torres] segundo a fraca possibilidade que então havia, de lhes hir introduzi[n]do e representando os officios da Semana Santa, para se nelles mais hir corroborando a fé e a devoção. A primeira Pascoa que alli celebrou [2 de Abril de 1564], acodindo os christãos de diversas partes, pouco depois da meia noite, de maneira que tinham a igreja e o terreiro cheio, lhe ordenou o Padre huma procissão; e hião a ella 16 meninos, vestidos de branco, com suas cruces nos peitos, capelas de rozas nas cabeças e velas de cera nas mãos, cantando hymnos em louvor do Senhor. Estes meninos erão quazi todos offerecidos por seos pays ao serviço da Igreja, e com elles se officiavão as missas, e os que criavão em caza tanjião arrezoadamente violas de arco.”, p. 378, 1564.

2.º Volume (1565-1578)

- Cap. 57, “Porque já dantes o tinha o Padre Gaspar Vilela vizitado duas vezes [ao Cubosama], da primeira com sobrepeliz e estola, e da segunda com manteo e roupeta de pano de Portugal novo; e desta vez, agora o Pe. Gaspar Vilela levava huma loba aberta de chamalote, e huma capa d’asperges com sabastos de borcado de Ormus, ainda que velha, e seo barrete; [e o P. Luis Frois] com manteo e roupeta, e huns chapins de retroz, como os trazem os mandarins da China e pessoas de autoridade (...) e pelo Pe. Luiz Frois ser estrangeiro e a primeira vez que o ia vizitar, lhe levou de presente hum espelho de cristal

grande, hum sombreiro preto, hum pouco de almiscar, e huma cana de Bengala; e o Pe. Gaspar Vilela seo papel⁴⁰⁶ e avano dourado.”, pp. 13-14, 1565.

- Cap. 62, “(...) porque estes senhores gentios não se regem mais que pelo exterior e, segundo isto, vos fazem honra.”, carta de Luís de Almeida, p. 62, 1565.
- Cap. 66, “E como o Miaco hé muito propenso ha ver novidades, foi grande o concurso da gente, homens, mulheres, meninos e bonzos, que affirmavão todos os christãos e gentios que [se] acharião alli mais de dez mil almas.” Sobre a curiosidade que despertou o primeiro enterro público solene, de um nobre japonês cristão que morreu por volta dos 32 anos, p. 105, 1565.
- Cap. 66, continuação do mesmo episódio, “E depois de o Padre [Gaspar Vilela] sahir da liteira e lhe dizer muitos responsos, e o defunto enterrado com aquellas peças de seda rica[s] que levava, fez alli o Irmão Damião huma pregação, como ordinariamente se faz nos enterramentos de pessoas nobres, acerca da morte e da conta que os homens hão-de dar a Deos, de que aquella gentilidade toda ficou admirada.”, p. 105, 1565.
- Cap. 73, “Sabido isto⁴⁰⁷ pelos portuguezes, que estavam em a nao no porto de Fucunda, se lhe [a D. Bartholomeu] forão offerecer muitos delles para o ajudar, e lhe emprestarão muitas espingardas que alli tinham, o que visto pelos inimigos, areceando o encontro, se tornarão a recolher.”, p. 154, 1566.
- Cap. 77, “(...) foi o Padre [Fróis] tres vezes, por conselho dos christãos, vizitar o Mioxidono, senhor do reino de Cavachi, que o tinha deitado fora do Miaco, em huma fortaleza aonde estava por nome Acutangava [Akutagawa]. E depois foi visitando outros por diversas partes que podião concorrer em seo favor, levando-lhe sempre alguma couza de presente conforme ao costume de Japão dessa pobreza que tinha que lhe mandavão do Ximo.”, pp. 193-194, 1568.
- Cap. 81, sobre a conversão de Amakusa, “Ficando com isto algum tempo a terra pacifica e parecendo ao Irmão [Luiz de Almeida] que o demonio não havia de fazer alli termo, ponderando o que se podia seguir, mandou dalli hum christão com huma carta a el-rey de Bungo, dizendo-lhe como estava naquella terra e tinha necessidade de huma carta sua para o senhor della. Elle logo escreveo da mesma maneira que o Irmão lhe pedio, mandando-lhe com a carta tres peças de damasco muito ricas: e o intento da carta era

⁴⁰⁶ Ditava o protocolo que quando se visitava o Kubô na celebração do Shôgatsu, entre as prendas que se devia levar, uma delas era papel.

⁴⁰⁷ Omura. Levantamento da fortaleza e povoação de Sonogi (em Hizen) contra D. Bartholomeu. Segundo Fróis, esta era uma das principais possessões deste daimio.

pedir-lhe muito que em toda sua terra consentisse manifestar-se a ley de Deos.”, p. 225, 1569.

- Cap. 84, “Elle [Oda Nobunaga] foi, segundo affirmão, o mais prospero, rico e poderoso principe de todos os que lhe precederão em Japão: prospero pelo bom sucesso que sempre teve nas guerras, das quaes raramente deixou de sahir vencedor; rico porque, alem do ouro e prata que tinha em muitas quantidade, as couzas preziosas da India, as curiozas da China, as fermozas de Corai e de outras partes remotas, que vinhão ter ou estavam já dantes em Japão, quasi todas lhe hião a cahir na mão; as peças de chanoyu, que servem para quando se bebe o chá com agua quente, que em Japão tem preço, valia e estimação que entre nós a pedraria, especialmente aquellas que por largo discurso de annos os homens em diversos reinos de Japão forão adquirindo e ajuntando, com que suas cazas erão conhecidas e elles tinhão nomes de ricos e ditozos em as possuirem, pela maior parte das melhores e mais afamadas foi senhor, porque huns lhas davão de presente e a outros as comprava com muita copia de ouro e prata; os traçados e adagas que em Japão tinhão nome e erão de grande preço, os jaezes ricos dos cavalos e finalmente todas as mais peças lindas e curiozas, de que os homens se agradavão e podião nellas deleitar-se, elle era o centro onde se recolhião.”, pp. 256-257, 1569.
- Cap. 85, “Passados tres dias depois do Padre [Luís Fróis] ser chegado ao Miaco ordenou Vatadono a vizita do Padre a Nobunaga, e levava-lhe de presente hum espelho mui grande de Europa e huns fermozos rabos de pavão, hum sombreiro de veludo preto e huma cana de Bengala, por serem tudo couzas que não há em Japão. (...) Depois do Padre alli estar hum pedaço e Nobunaga ter vistas as peças, tornou a mandar ao Padre as tres ficando-lhe somente o sombreiro de veludo, porque assim o costumava fazer com outras pessoas tomando somente de seos presentes o que lhe agradava.”, p. 266, 1569.
- Cap. 86, “(...) e os fidalgos cavaleiros e cidadões, que tinhão continuamente negocios com elle [Nobunaga], vierão a imaginar que folgava Nobunaga com vestidos e couzas da India e Portugal. Era tanto o numero das que lhe apresentavão que huns se admiravão dos outros, sem saberem donde a estas partes tão remotas podia vir tanta multidão de peças, nem donde os japões as podião ter adquiridas, porque lhe davão vestidos de Europa, capaz de grã, gorras e sombreiros de veludo com suas plumas, e medalhas d’ouro com a imagem de N. Senhora, peças de cordovão, relógios, pelicas requissimas, vidros de Veneza cristalinos mui ricos [=vidros de Murano], damascos, setins e outras diversas pessas da India, de que enchião muitos e grandes caxões.”, pp. 273-274. 1569.

- Cap. 86, “Passados quatro ou sinco dias tornou outra vez Vatadono a vizitar o Padre [Fróis] e levava comsigo cento e sincoenta homens, e elle mesmo em pessoa os fez ficar a todos fora,⁴⁰⁸ metendo somente comsigo hum filho seo e 6 ou 7 fidalgos da Corte do Cubosama que o acompanhavão, aonde os christãos o convidarão o melhor que poderão; e a elles se offereceo com palavras de amor para o que lhes fosse necessario; e ao Padre disse que fosse com elle e levasse hum relógio pequeno despertador, de grande artificio, que o Padre lhe tinha já mostrado, dizendo que o tinha dito a Nobunaga e que o dezeja[va] muito ver. Forão e acharão-no só com 2 ou 3 fidalgos somente. Vio o relógio e muitas vezes se admirou, e disse ao Padre, que já lho tinha duas ou tres vezes offerecido: «Posto que o dezejo muito, todavia não o quero por ser em minha mão perdido», pela diffculdade que sentia em o consertar. Fez entrar ao Padre dentro no seo mesmo lugar onde estava e duas vezes lhe mandou dar chá pela mesma porsolana por onde elle bebia, e mandou dar ao Padre hum caxão quadrado de figos passados de Mino, que são os mais estimados que há em Japão, e estaria duas horas perguntando ao Padre e ao Irmão Lourenço pelas couzas de Europa e da India; e Vatadono estava de fora em huma varanda de joelhos ajudando em tudo o que podia. E antes de se o Padre partir lhe disse Nobunaga que elle estava de caminho para seo reino, e que antes de sua partida o tornasse o Padre a visitar e lhe levasse a mostrar huma vestimenta de borcado de Europa, por ser couza que nunca tinha visto.”, pp. 276-277, 1569.
- Cap. 87, “Chegando o Padre [Fróis] o recebeo Nobunaga benignamente, e havendo alli muita gente de fora que com elle tinha diversos negocios, a todos fez esperar e se poz mui de proposito a fallar com o Padre, perguntando-lhe pela capa de borcadilho de Ormuz, se a trazia. Respondeo o Padre que, por ser noite e Sua Alteza estar mui occupado e de caminho, o guardava para quando embora tornasse ao Miaco, mas que todavia alli a trazia, posto que era couza de pouco momento para se apresentar aos olhos de tão grande Principe. Esteve-a vendo muito devagar, dizendo ao Padre que a vestisse, louvando a maneira daquelle trajo sacerdotal e que representava pompa e aparato. Acabado de a ver, pedio-lhe o Padre licença para se tornar por não impedir tantos negocios como o estavam esperando. Nobunaga que se deixasse estar, e acendeo por sua mão hum rolo de candeas que o Padre lhe levou.”, p. 281, 1569.

⁴⁰⁸ Neste mesmo capítulo fica-se a saber que por patente de Nobunaga e chapa do Cubosama, no Miaco o Padre ficava isento da obrigação de aposentadoria para com os nobres japoneses (estes gozavam de direito de aposentadoria nos mosteiros budistas, um pouco à semelhança dos nobres nos mosteiros em Portugal).

- Cap. 88, “O Padre [Fróis] como ao presente não tinha couza que levar ao Cubosama, offereceo-lhe hum fermoço rolo de candear por ser couza que não há em Japão. Entrou Vatadono dentro e o Cubosama lhe mandou dizer por elle que folgava com a sua vinda, e o que tinha passado com o Dairi sobre elle que se não desconsolasse que elle o favorecia, e que o não via então por estar mal disposto. Todavia Vatadono, como homem prudente e intimo amigo do Padre, vendo que fazia então muito ao cazo vê-lo o Cubosama, para que o povo e gente nobre da Corte não cuidasse que pela persuasão de Nichijo⁴⁰⁹ estava já o Padre fora de sua graça, occorreo-lhe logo o remedio que para isto poderia haver, e disse ao Padre que mandasse muito depressa a caza trazer o relógiozinho de espertador que, por ser couza rara e linda, de necessidade para vê-lo havia de chamar o Padre para que o consertasse diante delle, que com esta ocasião o meteria dentro. Vindo o relógio fez o Cubosama logo chamar o Padre e folgou sumamente de o ver, e chamou Congandono seo tio, cunha dos principaes do Dairi, e a muitos fidalgos para lho mostrar, fazendo chegar ao Padre perto de sy e lhe esteve perguntando muitas particularidades do relógio.”, pp. 295-296, 1569.⁴¹⁰
- Cap. 93, carta do Irmão Luís de Almeida (Hirado, 15 de Outubro de 1570), “Neste tempo morreo hum christão dos mais principaes desta cidade [de Funai], a cujo enterramento veio o Pe. João Baptista por achar-se perto, e pelos japões fazerem muito cazo das exequias funerais lhe fizemos hum honrado enterramento de que os gentios se maravilharão. Levamo-lo em huma tumba cuberta de damasco, posto em huma maneira de andas guarnecidas todas de damasquilhos dourados, e sobre ellas hum calvario dourado com ouro e prata. Diante hião 12 bandeiras de seda branca e em cada huma dellas hião pintadas as insignias da paxão, e logo se seguirão cem christãos cada hum com sua vela acesa; depois vinha a cruz de nossa caza e o Padre com os Irmãos, e detraz delles muitos christãos, homens e mulheres e meninos. Foi este enterramento cauza que muitos gentios se dispuzessem a serem christãos, como depois se fizeram.”, pp. 336-337, 1570.
- Cap. 94⁴¹¹, sobre os favores que Vatadono fazia ao Padre e aos cristãos e a sua morte, “Os fidalgos e senhores grandes, que de diversos reynos vinhão ao Miaco quando Nobunaga

⁴⁰⁹ Bonzo com quem o irmão Lourenço e o padre Fróis tiveram uma disputa em frente a Nobunaga no capítulo anterior. Para se vingar, conseguiu do Imperador, para quem estava a construir um novo palácio por ordem de Nobunaga, uma patente para expulsar o padre do Miaco e do Sacai. Para garantir a permanência dos padres no Miaco, Fróis e Wada Igano-Kami apelam ao *Kubôsama*, que tal como Nobunaga, havia dado aos padres patente para poderem permanecer no Miaco. A forma de captar o interesse e a ajuda do *Kubôsama* é através de um relógio que causa grande admiração.

⁴¹⁰ Episódio relatado também em CE, vol. I, fl. 266.

⁴¹¹ Todas as citações do capítulo 94 que se seguem são de uma carta de Luís Fróis ao Vice-Provincial da Índia, de 28 de Setembro de 1571, sobre Wada Igano-Kami, que Fróis incluiu na sua *Historia de Japam*.

ahi estava, que por serem amigos ou conhecidos do Vice-Rey o hião vizitar, elle os persuadia que viessem à igreja e, com pretexto de lhe mostrar hum relógio de horas que alli tinhamos pequeno, que para os japões era couza nova, mandando-nos primeiro avizar, os acompanhava e incitava que ouvissem pregação (...).”, p. 344, 1571.

- Cap. 94, ainda sobre Wada, “Das couzas que nos mandavão das partes do Ximo, especialmente se erão brincos curiozos, retroz, peças de damasco e outras couzas semelhantes que vinhão da China ou da India, partiamos às vezes com elle; e quando lhas offerciamos mostrava que lhe agradavão muito, pondo-as na cabeça em sinal de estima e acatamento, e mostrava aos seos dizendo-lhes que, quem lhe poderia a elle dar semelhantes peças senão o Padre [Fróis].”, p. 347, 1571.
- Cap. 94⁴¹², “Vatadono, como era intrepido e em extremo animozo, tendo comsigo duzentos senhores dentro na fortaleza, as melhores lanças e mais valerosos em armas de todo Goquinai, não lhe deo a repentina nova para mais, que sahir de repente com a gente que então estava dentro na fortaleza, que ainda não [erão] 7 centos soldados, porque toda a outra gente morava dalli tres, quatro, sinco e oito legoas. Sahio o Vice-Rey na dianteira de vanguarda levando na cabeça hum sombreiro de veludo carmezim com seo cordão de fio d’ouro, que de Bungo lhe mandou o Pe. Francisco Cabral, e pelo estimar em muito lhe tinha metido dentro seo capacete de asso, feito à maneira da copa do mesmo sombreiro. Levava somente comsigo aquelles duzentos fidalgos que digo e os quinhentos soldados vinhão na retaguarda seguindo-o com hum filho do Vice-Rey, que seria de 16 annos.”, pp. 353-354, 1571.⁴¹³
- Cap. 95, “Aconteceo aqui huma couza gracioza, e foi que por serem os Padres gente (...) estrangeira e mui peregrina, por nunca os terem visto nem conhecerem, excepto a gente da Corte de Nobunaga que frequentava hirem ao Miaco e tinhão com a Igreja comunicação e amizade, em o Pe. Francisco Cabral entrando pela cidade do Guifu, como tinha a vista curta, ajudou-se dos oculos para ver o sitio e nobreza daquella terra. A gente plebeia se muito os estranhava pelos vestidos, sem comparação foi nelles mayor a admiração que tiverão dos oculos, e como o Padre passava de caminho e elles não podião fazer reflexão sobre o que vião, totalmente se persuadio alguma gente simplex que o Padre tinha 4 olhos, dous no logar comum, onde os tem naturalmente todos os homens, e

⁴¹² Antes desta citação, Fróis explica que Wada havia construido duas fortalezas na fronteira com Ikeda, que era possessão de Araki Murashige, um seu inimigo. Não contente com a construção destas fortalezas, Araki decidiu cercar uma delas para a conquistar. Wada, que se encontrava “dalli a 3 legoas” foi avisado pelo capitão da fortaleza quando este soube que o exército de Araki estava a caminho, mas acaba por morrer, decapitado por um inimigo, neste episódio.

⁴¹³ Relato descrito mais pormenorizadamente em CE, vol. I, fls. 314-315 (Carta de Luís Fróis para António de Quadros, 28 de Setembro de 1571).

outros dous, com alguma distancia deitados para fora, que reluzião como espelho e que era couza temeroza de ver. Correo esta fama pela gente popular por couza tão certa e infallivel, que não somente a gente da cidade mas de muitos logares remotos e do reino de Voari, concorreo no dia em que se os Padres havião de tornar tanta multidão de homens, mulheres e meninos que foi estimada em 4 ou 5 mil almas, que estavam esperando para quando sahisses poderem ver esta maravilha do mundo.”, p. 363, 1571.

3º. Volume (1578-1582) – Segunda Parte

- Cap. 1, “E como [Ôtomo Yoshishige] hé grandemente curiozo de saber, não há homem (ao que parece) em Japão que mais particularidades tenha inquiridas dos estados secular e ecclesiastico de Europa e da India que este rey.”, p. 8, 1578.
- Cap. 5, “Levava [el-rey D. Francisco] consigo huma arrezoadá armada e algumas peças de artelharia, e na sua embarcação huma bandeira quadrada de damasco branco com sua cruz vermelha atrocelada [=atorcelada] d’ouro, que foi do Vice-Rey Dom Affonso de Noronha, que a tinha dada ao Pe. Mestre Belchior com outras peças quando veio para Japão.”, pp. 37-38, 1578.
- Cap. 20, cerimónia religiosa em Arima, “(...) se fizerão os officios daquelle dia e de toda a Semana com grande solemnidade e apparato, fazendo-se tres sepulcros, hum principal e mui rico, no qual se encerrou o Senhor quinta-feira de Endoenças, e outro todo preto no qual, fazendo-se a procissão em representação da sepultura do Senhor, se tornou a meter sexta-feira, como hé costume nos reinos de Portugal, no qual esteve athé o sabado pela manhã. E estava feito com tal artificio que, em se entrando a Gloria na missa do sabado, se tirou de repente tudo o que estava de preto e ficou por baxo todo de branco, dando sinal da Ressorreição de Christo N. Senhor. E com o tanger dos orgãos e das campainhas, parece que renovava a alegria nos corações; e depois na madrugada da Pascoa, hu[m]a hora antes de amanhecer, se fez a prossição da Resorreição, vindo todos os christãos a ella com lanternas de papel pintadas e muito bem feitas, que davão testemunho da alegria e triunfo daquelle dia. Tudo se fez com tanta ordem e perfeição, que ficavão os japões admirados assim das cerimonias, como dos ornamentos, ricos e custozos que o Padre [Visitador] trazia, que era hum terno de veludo carmezim com seos sabastos⁴¹⁴ ricos de seda e ouro, e outro de setim branco e outro roxo com capas, frontaes e sobreceos mui bem guarneceidos e lustrozos.”, pp. 147-148, 1580.

⁴¹⁴ Tira de cor diferente.

- Cap. 25, “E porque os japões naturalmente são amigos de novidades e o Pe. Organtino lhe[s] conhecia já os umores, não deixava perder occasião alguma em que podesse mais corroborar aos christãos na fé e estimular os gentios para entenderem em sua salvação. E por lhe parecer este adequado meio, como a experiência lhe ia mostrando, uzava deste ardil que, pelas festas principaes do anno, fazia concorrer os christãos de todas as outras partes e em huma destas fortalezas ou no Miaco celebrava aquella solemnidade, aonde ordenava huma solemne procrissão publica com quanta pompa e apparato elle podia. Aonde logo, pelo rumor que havia, concorria grande numero de gentios a ver a festa e, levados da novidade da couza e da união e amor que os christãos tinham entre sy, muitos movidos por este meio ouvião pregação e se fazião christãos. Seguião-se daqui mais outros proveitos, que era andarem os christãos em continuo fervor enlevados nestas festas e trazerem entre sy huma santa emulação, porque os christãos de Sanga não querião ser inferiores ao que se tinha feito na festa precedente em Vacay, e os de Vacayama querião exceder aos de Sanga, e os de Tacaçuqui aos outros, e desta maneira andavão sempre em quem melhor o faria. Seguia-se mais, que desta mutua comunicação que os de hum reino tinham com outro, crescia em suas almas o amor e caridade e, segundo sua possibilidade, os que mais podião ajudavão ainda aos pobres em suas necessidades temporaes. E estes senhores principaes dos logares por sua devoção, naquelle dia em que a tal festa se celebrava na sua terra, dava[m] de comer aos que alli concorrião de diversos reinos ou partes remotas, e isto mui abundantemente com que mais se liava entre elles o vinculo da caridade.”, pp. 189-190, 1580.
- Cap. 30, “Não menos satisfação derão estes christãos [de Sacay] ao Pe. Visitador com as obras e devoção interior, do que mostram no gazalhado exterior, porque vivem muitos delles de maneira que poem admiração aos gentios, guardando a ley de Deos N. Senhor de coração, uzando dos sacramentos com muita frequencia e tendo as reliquias, contas bentas e imagens em grande veneração: porque muitos fidalgos e pessoas nobres o seguião [ao Padre Visitador] quinze ou vinte dias, hindo de huma parte para outra com tantos rogos e pias importunações por alcansar hum Agnus Dei, huma imagem ou huma conta benta, fazendo orações e disciplinas e outras penitencias para conseguir o que dezejavão.”, p. 248, 1581.
- Cap. 30, “Nesta fortaleza de Tacaçuqui por comum consentimento de todos determinou o Pe. Visitador celebrar alli os officios da Semana Santa, os quaes se fizerão com muita solemnidade, concorrendo os christãos não somente dos reinos confins, mas ainda os do Mino e Voari em tão breve tempo que os poz em admiração. E como esta festa se fez com tanto apparato e solemnidade, acrescentou muito a fé e devoção nos christãos, porque foi

celebrada com mui ricos ornamentos e cantares, capela, órgãos, castiças de prata, naveta e turibulo, retabulos. Foi sobremodo o contentamento e alegria que todos receberão. Fizerão-se sepulcros mui solemnes e houve tanta multidão de disciplinantes com disciplinas de sangue, que dizia o Pe. Visitador que lhe parecia mais estar em Roma que em Tacaçuqui.

A festa da Resurreição se fez duas horas antes de amanhecer, e certo tão celebrada que se podera igualar com algumas nobres de Europa: porque, allem do grande numero de bandeiras de seda pintadas de diversas cores que hião na procissão, cada christão levava alevantada em alto lanterna de papel com muitas pinturas, e cada huma destas lanteiras feitas de mui variadas feições, humas como naos, outras como castelos, outras como pexes, e sendo grandissima multidão. E tudo isto fazia huma vista mui alegre e pompoza, e conforme ao que dizião se ajuntarão alli mais de vinte mil pessoas, porque alem dos christãos veio grande quantidade de gentios a ver a festa.”, pp. 250-251, 1581.

- Cap. 31, Valignano foi ao Miaco visitar Oda Nobunaga: “Nesta mesma conjunção quiz Nobunaga fazer huma festa mui nobre e assinalada para mostrar como ou[t]ro rey Assuero⁴¹⁵ sua gloria, para a qual se ajuntarão no Miaco todos os principes e senhores de seo estado, para que todos, vestidos a mais rica e lustrozamente que pudessem, entrassem com suas librés em os torneos que fazia, de maneira que, conforme ao que ordinariamente se dizia pela cidade, achar-se hião naquelle campo, que para isto estava cercado e ornato, setecentos senhores de cavalo, com os cavalos mui ageezados [ajaezados], e cada hum vestido o mais lustramente que podia. E a juizo de todos, a gente que de diversos reinos alli se ajuntou a ver seria pouco menos de duzentas mil almas; e o Pe. Visitador affirmava que nunca em seos dias tinha visto couza tão lustroza e magnifica, pela muita quantidade de ouro e sedas com que hião ornados. Alli estava presente o Dairi [Ôchimachi, imperador do Japão] com toda a mais nobreza de homens, mulheres e bonzos que concorrerão a ver as festas.

Na qual festa Nobunaga mandou particularmente que se achasse o Pe. Visitador com todos os Padres e Irmãos, fazendo-lhe dar para isso hum logar acomodado e decente à maneira de palanque, para se poder ver de alto, do que se não podião os Padres escuzar por não ser Nobunaga pessoa a quem se podia replicar, especialmente tendo-se isto dos christãos por mui especial favor, nem se fazendo outra couza na dita festa mais que correrem seos cavalos junto de huma tea que tinham armada fazendo seos jogos. E porque quando o Padre visitou a Nobunaga lhe tinha dado, conforme ao costume de Japão, de

⁴¹⁵ Assuero no terceiro ano do seu governo fez um grande convívio com toda a sua gente, persas e medos, para durante 180 dias lhes mostrar as suas riquezas e majestade (Wicki).

prezente huma cadeira de estado de veludo carmezim guarneçada d'ouro, que hum seo devoto portuguez na China lhe tinha dado para este effeito, como era couza nova em Japão folgou com ella tanto, especialmente por lhe ser dada em tal tempo, que para entrar com mais magestade e magnificencia na festa, quiz que a levassem diante delle quatro homens aos hombros em alto, e no meio das festas se desceo huma vez do cavallo e se assentou na cadeira para mais ostentaçam e grandeza de seo estado e com que elle se differenciava dos outros.”, pp. 255-256, 1581.

- Cap. 33, “Tornando-se o Padre [Gregorio de Cespedes] com o Irmão [Paulo de Amacusa] para a cidade do Guifu, acertou logo ao dia seguinte de morrer alli hum menino de três annos, christão, que foi a primeira pessoa christã que alli morreo. E porque a gente da cidade que são gentios dezejavão ver a nossa maneira de enterramento, pelo muito cazo que todos em Japão disto fazem, determinou o Padre enterrá-lo com a maior solemnidade que fosse possivel. E assim fez ajuntar os christãos todos, que levavão muitas bandeiras de seda e lanternas com huma cruz de latão dourada, e o corpo do menino em huma tumba bem consertada. E (...) passarão por quatro ou sinco ruas principaes da cidade, em as quaes era tanta a multidão da gente que os estava esperando para ver, que apenas podião romper por elles; e todavia não houve nenhum que fizesse huma minima descortezia, posto que todos erão gentios, antes em certa maneira mostravão reverencia e admiração.”, pp. 272-273, 1581. Depois, segundo o relato de Fróis, durante alguns dias os gentios não falaram noutra coisa e pediram quando o padre lá voltasse para os fazer cristãos.
- Cap. 37, “Foi lá [a Amakuza] o Pe. Vice-Provincial [Gaspar Coelho] com alguns Padres e Irmãos e os meninos do seminário, e se lhe [ao senhor de Amakuza, Amakuza Izu-no-kami, D. Miguel] fez hum dos mais nobres enterramentos que até aquelle tempo, se tinham feitos em Japão, por ser isto couza de que os japoens em particular fazem muito cazo.”, p. 308, 1582.
- Cap. 38, “(...) Da mesma maneira se fizerão os officios das trevas e paixão da quinta-feira e sexta com a solemnidade e cerimoniaes que foi possivel. A quinta-feira apparece o sepulcro em que se encerro o Senhor, couza de que todos os japões se maravilharão, por ser couza tão nova a seos olhos e feita com tanta pompa e apparato que lustrava muito.”, p. 321, 1582.
- Cap. 40, “Acumulou Nobunanga seos thezouros em grande numero e quantidade, de maneira que todas as principaes riquezas de Japão e couzas preciosas elle era o que as tinha em sua mão, e para mais ostentaçam de seo poder fez muitas couza[s] nesta provincia dignas de grande memoria.”, p. 330, 1582.

- Cap. 42, “Chegados todos a nossa caza do Miaco com este pagem de Aquechi, os Padres lhe derão muitas graças pelo benefício que lhes tinha feito, e o Pe. Organti[n]o lhe deo hum sombreiro de Portugal que parece o outro dezejava. E com a graça de Deos Nosso Senhor e seo divino favor salvarão as vidas e a prata da igreja e ornamentos que trazião comsigo.”, p. 350, 1582.

4º. Volume (1583-1587) – Continuação da Segunda parte

- Cap. 1, “Fizerão-lhe [ao Irmão Luís de Almeida] os Padres hum solemne enterramento, de que os christãos grandemente se edificarão, por ser esta huma das cousas em que os japões mais põem os olhos.”, p. 5, 1583.
- Cap. 4, “De maneira que Faxiba com estas victorias e bom sucesso que teve, se foi, em brevissimo tempo, alevantando e fazendo senhor de mais de 20 reynos, e com isto determinou ampliar seo estado, perpetuar seo nome e haver-se de tal modo no governo e no estado, que lhe ficasse Nobunanga inferior em tudo. E para mais ostentação de sua arrogante soberba, no lugar de Ozaca, que Nobunanga teve seis annos de cerco, comessou logo a fazer outros paços e fortaleza, e outra nova cidade que na magnificencia e grandeza dos edificios excedia aos de Anzuchiyama por ser o sitio mui adequado e conveniente.”, p. 33, 1583.
- Cap. 6, “Na semana de Lazaro⁴¹⁶ se partio o Pe. Vice-Provincial de Nangazaqui para Tacacu, e de Cuchinocçu foi logo a Arima vizitar D. Protazio. E (...) determinou, para o animar, de lhe dar hum dos melhores relicarios de ouro e esmalte, que o Summo Pontifice Gregorio 13.º lá tinha enviados para se repatirem pelos principaes senhores christãos destas partes. E porque os jappões são muitos pontuaes e amigos de ceremonias, e segundo o modo com que lhe dão as couzas, assim formão a opinião e conceito dellas, ao domingo seguinte, acabando D. Protazio de ouvir missa e pregação, estando a igreja cheia de gente, sahio o Pe. Belchior de Moura, reitor do seminario, com sobrepeliz e estolla e, nos degraos da capella, com as mais ceremonias requizitas, precedendo primeiro declarar-se-lhes o que lhe davão e a estima em que devia ter aquella peça, maxime por ser enviada do Summo Pontifice, e lho deitou ao pescoço com huma arelhana de ouro, estando elle de joelhos com as mãos alevantadas diante do altar.”, pp. 45-46, 1584.
- Cap. 22, “E como este Chicugendono [Hideyoshi] não tem muita nobreza no sangue, nem cabia nelle pela estirpe de sua progenitura ter o dominio e monarquia da Tenca, e intitular-

⁴¹⁶ 4ª semana da Quaresma, lê-se na missa o evangelho sobre a ressurreição de Lázaro. Wicki.

se por senhor de Japão, posto agora nesta eminencia e prospera fortuna, e havendo socedido a Nobunanga, que foi o mais famozo e insigne principe e capitão que, segundo dizem, houve em todas as idades de Japão passadas: poem todas suas forças em se decorar e ornar por todas as vias que lhe são possiveis para transmutar e pôr em sy os conceitos e opinião que todos os reynos de Japão têm postos na pompa e magestade do ser e governo de Nobunanga. Pelo que os edificios e apouzentos da fortaleza, e o augmento em que se vai dilatando a mesma cidade de Vozaca, e os paços dos principes e senhores de Japão que alli forão edificando ao redor, regundo o commum juizo, já vão muito sobrepujando a fermoza cidade e fortaleza de Anzuchi.”, pp. 170-171, 1585.

- Cap. 30, “Não deixa de ser posta em grande admiração aos japões, ver huma couza tão exorbitante e extraordinaria, como foi de tão escuro e baixo sangue subir este homem tão de repente e em breves annos a tanta sublimidade e eminencia, como para Japão tem adquirida. Porque, segundo a experiencia o mostra, com evidencia clara, veio a exceder seo antecessor, cujo criado era, no estado, no poder, na honra e nas riquezas. No estado, porque se serve com muito apparato; no poder, porque tem mais gente e senhoreado mais reynos; em honra, porque nunca Nobunanga, com quanta valia e poder teve, pode chegar a esta dignidade de se fazer Quambaco, que hé depois de Vô de Japão a immediata e mais illustre pessoa; em riqueza, porque parece que o grosso e medula destes reynos assim de ouro e prata, como de todas as mais couzas preciozas que nelles tem valia, se vão alli reconsentrar, posto que não com a equidade e justiça que entre nós tem os reys catholicos.

Em extremo hé temido e obedecido à risca, porem isto à força de violencia e tirania. Aos principes e senhores de Japão que lhe estão sugeitos tem quazi aos mais delles desnaturalizados de suas terras, patrias e reynos, usurpando para sy o que lhe bem parece e o demais faz trocar, bem contra suas vontades, huns com os outros.”, p. 222, 1586.

- Cap. 31, “Por huma camara [do palácio de Hideyoshi] passamos, aonde estavam dez ou doze capaz de grana [grã] novas dependuradas em cordas, couza que em Japão hé muy rara e estimada, por ser couza que não há nestas partes.”, p. 230, 1586.
- Cap. 41, “(...) e isto porque as couzas de Europa e da India não se podem cá achar ainda que as queirão comprar.”, p. 303, 1586.
- Cap. 44, “Mandou o Padre Vice-Provincial hum Padre, seo companheiro [Luís Fróis], a vizitar Quambacudono, e levar-lhe a elle e à Raynha algumas couzas que lhe têm encomendadas.

(...) E acabando elle de jantar, lhe apresentarão o que o[s] Padres lhe levavão. E o que sobretudo mais lhe aggradou, forão dous paos de aguila⁴¹⁷ grandes e grossos, que alli deixou ficar para sua ostentação por muito tempo naquella camara.”, p. 327, 1587.

- Cap. 46, “Foi o Padre [Francisco Passio] vizitar a Gofonjo [Oda Nobuo, filho de Oda Nobunaga, favorecido por Hideyoshi], o qual lhe fez muito gazalhado, e o deteve com pratica familiar e domestica hum grande pedaço, perguntando-lhe miudamente por muitas couzas da India e de Europa.”, p. 346, 1587.
- Cap. 50, “Fomos tres Padres e tres Irmãos e tres portuguezes a hum sala grande aonde nos mandarão entrar, e alli se poz no meio o presente que se lhe mandava da Nao [da China] [a Hideyoshi], de ceda, retroz e pessos douradas.”, p. 370, 1587.
- Cap. 50, “[Hideyoshi] Folgou muito de ver os portuguezes, porque ião bem vestidos e lustrosos, e aquella era a primeira vez que em sua vida os via.”, p. 371. 1587.
- Cap. 50, [Hideyoshi] Quiz ver hum espada larga dos portuguezes e, desembainhando-a, alevantou na mão direita, e tomando na esquerda huma rodela que alli trazião, de que os japões não uzão, teve aquelle genero de armas por couza nova, mas mostrou mais satisfação das de Japão.”, p. 372, 1587.
- Cap. 52, “Ao tempo que [Hideyoshi] se queria sahir da fusta mandou buscar hum barrete seo de tafetá não muito bom, feito à maneira das nossas carapuças brancas. E parecendo este bom ensejo, por conselho de alguns christãos que alli estavam, lhe offereceo o Padre [Vice-Provincial] hum sombreiro novo de veludo amarelo adamascado com sua trança d’ouro, de que ficou muito satisfeito e, pondo-o na cabeça, com elle se foi, dizendo ao Padre que se ficasse e não desembarcasse em terra porque fazia calma.”, p. 394, 1587.
- Cap. 52, “Tinha Quambacu mandado dizer que, porquanto nunca tinha visto a nao, que aquella que estava em Firando fosse athé o Facata para a ver. E porque lá não havia porto onde se ella meter, e o caminho ser muito perigozo de pedras e baixos, foi lá o capitão-mor Domingos Monteiro vizitá-lo com hum presente, que valia mais de quinhentos cruzados, dando-lhe as cauzas por onde a nao corria risco e não podia deixar de se pôr a notavel perigo de se perder, se cometesse aquelle caminho. Recebeo bem ao capitão e aos portuguezes e deo ao capitão-mor hum traçado bom, sahindo fora a ver outra vez os portuguezes que todos hiam bem vestidos, mostrando ficar satisfeito das rezões que lhe derão para a nao não poder hir ao Facata. E por mostrar agradarem-lhe muito os sellos de lacre, mandou pedir o sinete do Padre e o lacre que tivesse, e diante delle hum Irmão poz alguns sellos em papel

⁴¹⁷ Wicki, nota 3, p. 327: “lenho aromático da Ásia”.

que folgou muito de ver, e poz outros por sua mão, e mandou dar ao Irmão huma catabira de verão.”, p. 395, 1587.

- Cap. 55, Édito de expulsão dos Padres por Hideyoshi. “Das couzas que o tirano ordenou contra a Igreja, Padres e christandade”. Para além de ordenar a expulsão dos padres e irmãos (europeus e japoneses), e de proibir a prática do Cristianismo e que as naus levassem pregadores, Hideyoshi “Mandou que lhe levassem os relogios de horas que se achassem nas igrejas do Ximo.”, p. 419, 1587. (Ver Jap-Sin 51, ff. 53-54.).

5º. Volume (1588-1593) – Terceira Parte

- Cap. 25, “Neste anno de 1590 chegou a nao de Henrique da Costa a Nangazaqui aos 18 de Julho, e nella vinha o Pe. Visitador com os quatro fidalgos que forão a Roma, japões, scilicet, Dom Mansio, Dom Miguel, Dom Martinho e Dom Julião. E assim na mesma nao, como em hum junco que então veio da China, vinhão repartidos doze Padres da Companhia e quatro Irmãos.

// (...) E porque Dom Miguel estava em cama doente ao tempo que a nao chegou, pelo haver estado da mesma maneira em toda a viagem da China // para Japão, depois de Dom Protazio ter os primeiros cumprimentos com o Padre Visitador, com Dom Mancio e os mais fidalgos que o forão receber, se foi direito a ver com Dom Miguel, e esteve com elle em sua camara a primeira vez por espaço de tres horas, ou passante dellas, fallando diversas couzas e mostrando-lhe tanto amor e tratando-o tão cortezmente, que em huma certa maneira se pode dizer que foi excesso: dizendo que lhe tinha enveja pelas couzas que vira e pelas honras e mercês que recebera de Sua Santidade e dos mais reys e senhores christãos, das quaes foi informado miudamente; maravilhando-se elle com todos os outros das pessos e vestidos que trazião. (...)”, p. 186-187, 1590.

“E certo que se vio e experimentou de quão acertada foi e guiado por Deos Nosso Senhor a missão destes fidalgos japões: porque foi tanto o concurso dos fidalgos e christãos, que em todas as partes aonde vão, acode para os ver e ouvir-lhe contar o que dizião da magestade da corte romana e dos mais reys e senhores e couzas de Europa, que era muito para folgar de lhas ouvir recitar. E o que mais importa hé darem-lhe credito ao que dizem, com que ficou tomado em Japão diferentes conceitos dos que primeiro tinham das nossas couzas. E sem duvida que assim com nossos Irmãos japões, com os fidalgos e christãos de fora, fizeram mui grande fruto e impressão das couzas que dizião e relatavão, porque, como erão seos naturaes e testemunhas de vista e sabião mui bem em sua lingua dizer nossas couzas, e de tudo o que lhes perguntavão davão muy boa rezão. E fazem tambem em seos corações

grande impressão do que ouvem, fazendo novo conceito da magestade da Igreja romana e da fé e ley christã que receberão, entendendo que está recebida de tão grandes reys e senhores, e a diferença que tem os que esta ley receberão de todas as mais nações e provincias dos infieis e gentios. Muito se deleitavão todos de os ouvir tanger e cantar, com tanta variedade de instrumentos como de lá trouxerão, admirando-se da consonancia de tantos instrumentos juntos e da correspondencia que tem entre sy.” P. 189.⁴¹⁸

- Cap. 28, “Acerca do enterramento e pompa funeral com que o Padre [Gaspar Coelho] foi enterrado, hé necessario, para nos reynos remotos se poder tomar sincero e devido conceito disto, entenderem-se primeiro os motivos e cauzas em que se fundarão os Padres para se fazer com tanto apparato e acompanhamento como se fez.

1. – Das quaes a primeira hé que, como os costumes de Japão são totalmente oppositos e differentissimos dos da India e Europa, não se compadece em alguns delles deixar de condecender e conformar-nos com os japões, maxime naquelles de que resulta maior edificação sua e bom conceito e opinião do estado ecclesiástico.
2. – Porque huma das couzas que os japões tem mais por alvo diante de seos olhos, e de que fazem mayor cazo, hé de pompa funeral e das exequias feitas a seos defuntos. E não poucas vezes tem acontecido ser este hum dos motivos, pelo qual se moverão muitos gentios a deixar sua infidelidade e se fazerem christãos.
3. – Porque, como ainda esta christandade hé nova e a gente muito propensa a sinaes e ceremonias exteriores, quanto com isto se lhes mais enchem os olhos, tanto de nossas couzas concebem maior credito e opinião; e pelo contrario a falta e carencia disto, o diminue e debilita nelles.
4. – Porque, como havia de haver grande concurso de gente de diversos reynos a este enterramento, e todos sabião ser o Padre Vice-Provincial pessoas constituida nesta dignidade, e que era como pay e mestre de Arimadono, dezejava e pedia o mesmo Dom Protazio, que pelo que tocava a sua honra e opinião, que não houvesse falta ou detrimento algum em couza que havia de ser tão publica e notada de todos.”, p. 218, 1590.

- Cap. 28, “Acabado o Padre de espirar e consertado religiosa e honestamente, foi revestido em huma vestimenta de damasco branco, e metido seo corpo em hum caixão decentemente consertado, com seo barrete na cabeça e servilhas calsadas e hum calix nas mãos. E posto o caixão sobre humas alcatifas, esteve com velas acezas e cruz alli posta todo aquelle dia de

⁴¹⁸ Vd. Jap-Sin 50, 97-102.

segunda-feira athé noite em huma caza; e todo o dia em pezo, sem nunca faltarem, concorria grande numero de christãos, homens, mulheres e meni//nos que, como pay tão antigo e pastor de suas almas, com muitas lagrimas lhe vinhão beijar os pés.”, p. 218-219, 1590.

- Cap. 28, “Foi esta pompa funeral e enterramento a mais solemne e grande couza que athé aquelle tempo se tinha visto em Japão, porque, como a maior parte da gente da Companhia rezidia nas terras de Dom Protazio por cauza da perseguição de Quambacu, e os que estavam nas residencias das ilhas adjacentes era a distancia pouca, de maneira que em dous dias ou tres se podião alli ajuntar, vierão com facilidade.”, p. 220, 1590.
- Passando isto assim no tempo que o Padre [Diogo de Mesquita] de deteve em Murò, sobreveio o Xoguachi⁴¹⁹, e assim foi mui grande o concurso dos senhores que passavão por aquelle porto de Murò. Os quaes, convidados de couza tão nova, em extremo folgavão de ver os 4 fidalgos japões e os portuguezes, e a maior parte delles hião tambem vizitar o Padre Vizitador. E com esta occazião tratavão muito devagar com os fidalgos japões, fazendo-lhes todos aquelles senhores muitas honras e gazalhado, folgando em grande maneira de ouvir o que lhes contavão acerca de nossas couzas, mostrando-lhes por mappas e cartas de marear que trouxerão, e especialmente por huma figura de Italia que se pintou na China, com muita curiosidade em debuxo // grande, e caminho e terras por onde tinhão passado e as cidades que virão, especialmente Roma que estava mui bem traçada. E com estas e outras diversas couzas que lhe mostravão, como astrolabio, esfera, relogios e outros livros de grande curiosidade que elles de Italia trouxerão, os fazião estar attonitos e admirados todos, especialmente vendo a riqueza dos vestidos que trazião, e que Sua Santidade lhes tinha dado; e não menos se admiravão de ver a graça e destreza com que tangião, e para alcansarem delles o fizessem, lho pedião e rogavão com muita instancia e curiosidade. E por esta via, alem de se dar grande nome e conhecimento de nossas couzas a diversos senhores japões, que nunca as tinhão ouvido, foi o Padre [Valignano] fazendo amizade e tomando conhecimento com muitos delles, especialmente com Moridono,⁴²⁰ rey de Yamanguchi, que depoes de Quambacu hé o mayor senhor de Japão, por lhe ficarem ainda nove reynos dos quinze que tinha primeiro, que Quambacu lhe tem tomados. O qual em extremo folgou assim em Murò, como depois no Miaco com a communicação e amizade destes fidalgos, fazendo-lhes mui grandes honras e favores.”, pp. 280-281. 1591-1592
- Cap. 39, “Com estas couzas que se mandarão todas diante, tirando o cavalo e algumas outras couzas que o Pe. Vizitador offereceo de sua parte, conforme ao costume de Japão por ser

⁴¹⁹ Shôgatsu, primeiro mês do ano. Em 1592 o ano no Japão começou em 13 de Fevereiro (Wicki).

⁴²⁰ Mōri Terumoto (1553-1625) (Wicki).

assim necessario, se deo o primeiro contentamento à vista de Quambacudono. O qual antes de se vestir e pôr no apparato de sua magestade, foi com grandissima curiosidade vendo cada huma das ditas pessas huma por huma, gabando-as e louvando-as muito, mostrando grande alegria de lhe virem couzas tão novas e tam longes partes.”, p. 299, 1591-1592. Sobre os presentes enviados pelo vice-rei da Índia, D. Duarte de Meneses, a Hideyoshi, a saber, “dous corpos d’armas brancas de Milão, guarnecidas de ouro mui lustrozas e ricas” [armaduras], “dous estoques ou montantes com suas guarnições todas de prata, em parte dourados, mui ricos”, “duas espingardas muy estranhas para Japão”, “hum traçado que juntamente era espingarda, bem guarnecido e com seos aparelhos”, “quatro godamexins [guadamecins] de figuras de oleos, mui ricas e novas em Japam”, um cavalo arábio e uma tenda de campo “muy fermosa”.

- Cap. 39, “E desta maneira se offereceo a carta [do vice-rei, D. Duarte de Meneses], porque os japões estão sobre todas as nações postos em ceremonias e apparatos exteriores, e costumão ter em gradissima conta todas as cartas que desta maneira se mandão.”, p. 302, 1591-92. A carta ia dentro de uma caixa, escrita em pergaminho iluminado e com muitos enfeites.
- Cap. 39, “Finalmente, tornando [Hideyoshi] de novo aonde o Pe. Vizitador estava, havendo-se entretanto tiradas as mezas, comessou a dizer diversas couzas e mandou que fossem diante delle os quatro fidalgos, porque queria ouvir sua muzica.

E logo vierão os instrumentos que para isso estavam aparelhados, e os quatro fidalgos começarão a tanger descantando com cravo e arpa, laude e rabequinha, o que fizerão com muito ar e graça e despejo, por terem mui bem aprendido em Italia e em Portugal. E mandou-os cantar, ouvindo-os com grande atenção e curiosidade, porque elles depoes que tangião hum pouco deixavão, como por reverencia de o continuar para o não enfadar; e elle lhe mandou tres vezes que tornassem a tanger e cantar com os mesmos instrumentos. E depoes tomou cada hum dos instrumentos por sy nas mãos e comessou sobre elles a fazer diversas perguntas aos 4 fidalgos japões.

Quis mais que tangessem com as violas de arco e o realejo, e tudo vio com muita curiosidade, movendo diversas praticas com elles, dizendo-lhes que, poes elles erão japões, se alegrava muito, quazi querendo // com aquillo mostrar que os teria comsigo, com que assim a elles como ao Padre não deo pouca pena e materia em que cuidar.

Deteve-se assim na muzica, como em fallar com elles mui grande espaço. E tornou a dizer ao Pe. Vizitador que queria ter grande amizade com o Vice-Rey da India, e que lhe tinha mandado muito ricas pessas.⁴²¹

(...) E finalmente em tudo se mostrou naquelle dia tão alegre, tão contente e satisfeito, que se não podia mais dezejar.”, pp. 308-309, 1591-92.

- Cap. 41, Presentes de Hideyoshi ao Vice-rei da Índia: “queria mandar hum presente ao Vice-Rey que fosse de mais ricas peças das que elle lhe mandara, e que somente quanto ao cavalo e à carta havia de ficar inferior, mas que em todas as mais peças lhe havia de levar vantagem.”, p. 317, 1591-92.
- Cap. 41, “E ao dia seguinte depoes de jantar o tornou de novo a chamar [ao irmão João Rodrigues], e com elle Dom Mancio, para lhe ensinar a temperar hum relógio que o Padre Vizitador lhe tinha dado, os quaes deteve tambem ahi todo o restante dia, fazendo-lhes cem mil perguntas e dizendo-lhes como havia de hir conquistar a China.”, p. 317.
- Cap. 41, “E o mesmo Quambacu disse que os japões parecião pedintes, quanto ao vestido, em comparação dos de Europa, e que era espanto que, vindo de tão longe tivessem ainda tão ricos e limpos vestidos; e que gente que diante delle e de todos os mais senhores de Japão, procedia com tanta confiança e seguridade em suas couzas, sem mostrar nenhuma sorte de perturbação, não podia ser senão gente nobre e de grande ser. E assim se entendeu que ficou com huma certa maneira de enveja, de ver que os portuguezes excedião aos japões no tratamento de suas pessoas, posto que, para consolar, disse aos seus que não serião tão valentes como os japões.

E com este conceito com que ficou dos portuguezes [tem feito até agora aos portuguezes] da nao grandes e importantes favores, porque os livrou de diversas tiranias que lhe fazião primeiro seus regedores de Nangazaqui, e lhe deu diversos privilegios, concedendo-lhes tudo o que pedião em seu favor, o que estava bem longe de lhe conceder primeiro.”, p. 320, 1591-1592.

- Cap. 57, “Grande esperança vão dando de si os meninos do seminário, os quaes assim no latim, como nas mais couzas em que os occupão fazem grande progresso, e em muy breve tempo aprenderão com grande facilidade a tanger qualquer maneira de instrumento muzico; e sendo ensinados pelos quatro fidalgos japões que forão à Europa, que agora são nossos Irmãos, logo aprenderão muitos delles e tangião muzica tão consertada, como fazião os mesmos que aprenderão em Europa, pela grande destreza e facilidade que tem nas mãos.”, p. 434, 1591-1592.

⁴²¹ Vd. Jap-Sin 51, fl. 316-320.

- Cap. 65, “Depoes da embaixada do Pe. Vizitador ficarão nossas couzas em tanto conceito acerca dos japões, que quem não tem na corte alguma couza de vestido portuguez, não se tem por homem; e assim correm que hé couza estranha, e muitos senhores tem diversas esquipações de capas, mantilhas, camizas d’avanos, meas, calças, chapeos, gorras, etc. E quando se foi Taicosama [Hideyoshi] de Nangoya para o Miaco, toda a cidade e corte de Nangoya o acompanhou vestidos ao nosso modo, e assim tambem entrou no Miaco. Os alfayates de Nangazaqui não tem vagar, porque todos são occupados e vão para o Miaco. Correm tambem agora entre elles pellas d’ambre, cadeas de ouro, botoens, etc^a. O nosso comer hé tambem delles muito dezejado, maxime iguarias de ovos e vaca, couza a que os japões athé agora mostravão ter muito asco, e o mesmo Taicosama hé muito inclinado a ellas. E tem tanto nome as couzas dos portuguezes entre elles que hé espanto. Quererá Nosso Senhor que por aqui se hirão tambem affeiçoando a sua santa ley.”, p. 508. Carta de João Rodrigues, 1593.⁴²²

⁴²² Vd. Jap-Sin 52, 30-33v? lettera annua 1593 (Wicki).

Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, dès do anno de 1549 até o de 1580 (edição fac-similada da edição de Évora, 1598), Maia, Castoliva editora, lda., 1997.

Primeiro Tomo

- **Carta de Francisco Xavier** para o Provincial de Portugal, Padre Mestre Simão. Goa, 20 de Janeiro de 1549.

“Pola muita enformação que tenho de hũa ilha de Iapão que està alem da China dozentas legoas, ou mais, por ser gente de muito juyzo, & curiosa de saber, assi nas cousas de Deos, como nas outras cousas de sciencia, segundo me dão enformação os Portugueses que daquellas partes vierão & tambem hũs homens Iapões, que o anno passado vierão de Malaca comigo, & se fizerão Christãos (...)”, fl. 1.

- **Carta de Cosme de Torres** para os irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. Goa, 25 de Janeiro de 1549, traduzida de castelhano para português.

“Partiremos no mês de Abril deste anno de M.D.XLIX, para esta terra do Iapão: ate gora não está determinado quem mais aia de ir: temos muita esperança que se há de fazer muito seruiço a Deos, por duas causas especialmente, a primeira, porque tem elles quasi por maneira de profecia, que hão de ter outra lei melhor da que elles tem agora: & a outra he, porque os padres & religiosos daquela terra sam mui desejosos de saber cousas novas. Isto dá ao padre mestre Francisco grande esperança de se auer de frutificar muito.”, fl. 5.

- **Carta de Francisco Xavier** ao padre mestre Simão e aos irmãos da Companhia de Jesus na Europa. Malaca, 22 de Junho de 1549.

Sobre os japoneses: “Dizem me que he gente muito desejosa de saber.”, fl. 7.

- **Carta de Francisco Xavier** aos irmãos do Colégio de S. Paulo de Goa. Cangoxima (Japão), 5 de Novembro de 1549.

“No lugar de Paulo de Santa fè [Cangoxima], nosso bom & verdadeiro amigo, fomos recebidos do Capitão do lugar, & do Alcayde da terra, com muita beninidade & amor, e assi de todo o pouo: marauilhando se todos muito de ver padres de terra de Portugueses. Não estranharão nenhũa cousa Paulo fazer se Christão, // mas antes o tem em muito, & folgão todos com elle, assi seus parentes, como os que o não sam, por auer estado em a India, & auer visto cousas que os de cà não virão. E o Duque desta terra folgou muito com elle, e lhe fez muita honra, & lhe perguntou muitas cousas acerca dos costumes, & valia, & mando dos Portugueses, & do império que tinhão na India (...). Quando Paulo foy falar com

o Duque, o qual estaua a cinco legoas de Cangoxima, leuou consigo hũa imagem de nossa Senhora mui deuota, que trazíamos connosco, & folgou á marauilha o Duque quando a vio, e se pos de giolhos diante da imagem de Christo nosso Senhor, e de nossa Senhora, e a adorou com muito acatamento & reuerencia, & mandou a todos os que com elle estauam que fizessem o mesmo: & depois mostrando a á mãy do Duque, se espantou em ve la, mostrando muito prazer: & depois que tornou Paulo a Cangóxima, donde nos estauamos, dahi a poucos dias mandou a mãy do Duque hũ fidalgo para dar ordem como se podesse fazer outra imagem como aquella, & por não auer materiaes na terra se deixou de fazer. Mandou pedir esta senhora que per escrito lhe mandássemos aquillo em que os Christãos crem: & assi Paulo se occupou algũs em o fazer, & escreueo muitas cousas de nossa fé em sua lingua. Crede hũa cousa. & della day muitas graças a Deos nosso Senhor, que se abrem caminhos donde vossos desejos se possam exercitar, & se nos soubermos falar, já tiueramos feito muito.”, fl. 12-12v.

- **Carta de Francisco Xavier** para D. Pedro da Silva, Capitão de Malaca. Japão, 5 de Novembro de 1549.

“Com a muita ajuda & fauor que V. M. nos deu, assi em nos dar tão abundantemente o necessario, como em nos dar presentes para estes senhores, & em nos dar tão bom nauio para fazermos nossa viagem, chegamos a lapão dia de nossa Senhora d’Agosto, de paz & de saúde, ao lugar de Paulo de Santa fé (...)”, fl. 15v.

- **Carta de Cosme de Torres** para os Irmãos da Companhia de Jesus na Índia. Yamaguchi, 29 de Setembro de 1551.

“Determinou o padre [Francisco Xavier] levar a carta que trazíamos do senhor Governador, & do senhor Bispo, com o crauo e relógio, & algũas cousas que nos mandou dar o Capitão de Malaca, & todas embarcadas, foi o padre com o irmão Ioão Fernandez, & dous lapões, a hum lugar que está cem legoas mais adiante do lugar onde eu estaua, que se chama Yamánguchi. He esta cidade das mayores que há na terra. E depois de ter chegado, & apresentado a carta & o demais ao senhor da terra, que he grande senhor de terras e vassallos: o qual por serem cousas nunca vistas, folgou em grandíssima maneira, & deu lhe licença escrita em tauoas polas ruas, como elle folgaua que nesta cidade, & em todos seus Reinos e senhorios fosse manifestada a lei de Deos, & que quem a quisesse tomar a tomasse: & assi mandou a todos seus súbditos que não fizessem mal a algum dos padres que pregasse a lei de Deos: & mais deu hum mosteiro para estar nelle o padre, e seus companheiros. Começaram a vir toda a maneira de gente, hũs para ouuir a lei de Deos, & para a tomar, outros para ouirem cousas nouas, & outros para ver se aueria algũa cousa que podessem reprender (...)”, fl. 17.

“Estes lapões (...) são curiosos de saber mais que quantas gentes eu tenho conhecido (...). Em todo o descuberto não há homens da sua maneira: tem mui linda conuersação, que parece que todos elles se criáão em paços de grandes senhores: os cumprimentos que tem hũs com os outros, he impossuiel poder se escreuer: murmurão pouco de seus próximos, & a nenhum tem enueja. Não são jogadores, porque assi matão por jugar, como por furtar: por passa tempo tem occupar se em as armas, nas quaes são mui destros (...). Se ouuera de escreuer todas as boas partes que ha nelles, antes faltaria tinta & papel, que a matéria.”, fl. 17v.

- **Carta de Baltasar Gago** para os irmãos da Companhia de Jesus na Índia e em Portugal. 23 de Setembro de 1555.

“A maneira do enterramento, he esta. Quando algum falece, primeiro he visitado, & amoestado como se ha de despor, para aquella ora, & logo em acabando de morrer, ajuntão se muitos Christãos, & ordenão lhe hũa tumba, ou caixão de tauoas, que para isso tem, com a qual enterrão o corpo, & aquelles que sam pobres, que nam tem para isso, faz se lhes das esmolos dos outros, & cuberta com hũ pano de seda leuam no quatro homens, & o irmão com hum crucifixo, & sua sobrepeliz, & hum moço com agoa benta, & os Christãos respondem todos, & de cada banda leuão muitas lanternas altas com lume. Destas cousas se conuencem muito os gentios, & dizem, que nam ha outra cousa senam a lei dos Christãos. Antes que sayamos da casa com o defunto, detenho me com algũa oraçam, & tres pater nostres, que os Christãos tambem dizem, & juntamente comigo entoado, & a coua o mesmo antes de o cobrirem: & ao outro dia ajuntão se os Christãos na igreja, & feita sua sepultura, & com velas acesas digo lhe o responso entoado, & o pater noster da maneira acima dita pola sua alma: para isto desejo hũa cruz dourada, com hum // crucifixo muito bem feito com seu pé que se possa aleuantar em hũa procisam destas quando imos a estes officios.”, fl. 39v-40.

- **Sumário de algumas cartas do padre Cosme de Torres** em Agosto (de 1555?), Yamaguchi.

“Mui edificados estão os Gentios da nossa maneira de enterrar os mortos. Da primeira vez que enterramos defunto, irião comnosco mais de tres mil pessoas, que hião a ver isto, não tanto porque fosse pomposamente, como porque a gente a seu mesmo pay tanto que morre o leuão a enterrar, mas não pola porta por onde se seruem, senão por detras que o não vejam, & quando vem a caridade & irmandade dos Christãos que aos mais pobres fazem a mesma honra que ao rico, & como os enterram desta maneira edificação se muito, e dizem que não hay outra cousa como a lei de Christo nosso Senhor.”, fl. 46.

- **Carta de Luís de Almeida** para o Padre Mestre Belchior. Japão, 1 de Novembro de 1557.

“Neste mesmo dia à noite [Quinta-feira de Páscoa] fizemos hũa procissão com o crucifixo grande aleuantado, & fomos ate a igreja, que esta no campo de baixo, onde era para dar lououres a nosso Senhor dos muitos disciplinantes que ouue, meninos & mancebos, & velhos todos brancos. Os Portugueses que ca inuernarão com muita edificação de todos se disciplinarão tambem (tirando dous que ficarão muito bem armados guardando o sepulcro) & com tanto feruor, que as nossas sobrepelizes, & toda a casa erão boas testemunhas do muito sangue que derramauão os penitentes, & a igreja a todos seus tempos esteue muito bem concertada.

A manhaã da Pascoa fizemos a resurreição, com ir o padre de baixo de hũ fresco paleo, que ca fizemos, leuando o Senhor nas mãos ao redor do pateo (que ficou grande & fermoso) com muita alegria, & festa que fizerão os Portugueses. De maneira que nestes dias andaua a cidade toda aluoroçada com a nossa festa: a qual prazera a nosso Senhor, que todos os annos se fará muito melhor, e com muito aumento dos Christãos.”, fl. 53v.

- **Carta de Gaspar Vilela** aos padres e irmãos da Companhia de Jesus da India e Europa. Japão, 29 de Outubro de 1557.

“Chegada a somana santa, fizemos os officios com a solennidade & deuação que podêmos, e veo muita gente. Primeiramente, ouue missa cantada, e benzerão se os ramos, e depois de repartidos pola gente, de que estaua a igreja chea, saymos em procissam por hum cerreiro que tinhamos defronte da porta, com cruz aleuantada com grande alegria: á volta ficou o padre com a cruz de fora, & dissemos os versos cantados com as portas fechadas, e dizendo o padre, Attollite portas, lhe respondião de dentro em canto dorgam com muita deuaçam: acabadas as tres vezes se abrio a porta, de que resultou em todos grande alegria: & indo em procissam ao altar começamos a missa, e chegando ao tempo da paizam, que se disse a voz cantada, foy tanto o abalo em todos, que des que começarão a paixão ate o cabo, forão tantas as lágrimas, assi nos que a dezião, como nos Christãos, que bem parecia ser cousa do Espirito santo. (...)”, fl. 56v.

“Logo o dia seguinte de Pascoa celebramos a Resurreição com o santissimo Sacramento que na procissam leuamos de baixo de hum paleo, dentro da cerca do nosso campo, & foy da maneira seguinte. Antemanhã vierão todos os Christãos da cidade, & algũs de fora vestidos de nouo, & os Portugueses com seus criados, que serião quinze, ou vinte. Quatro Portugueses leuauão o paleo, & hia o padre reuestido com hũa vestimenta que ca temos rica, com o santissimo Sacramento de baixo do paleo, com círios & velas acesas, com hũa capella na cabeça verde, e de rosas muito fescas. Logo se seguia hum irmão reuestido, com hum incensario, com hũa capella na cabeça, & íamos logo quatro cantando em canto dorgão (que he cousa que nunca ouuirão) muito Psalmos, e Alleluya, com sobrepelizes, &

grinaldas na cabeça, & rosas de diuersas cores. Hião dous Portugueses com duas tochas logo pegados com o paleo, e alem dous lapões mais antigos, com dous castiçais com duas velas: mais alem hião dous ceroferarios com suas sobrepelizes, todos com tanta alegria, que parecia que mostrauão claramente serem seus mouimentos de outro spirito. O Senhor prospere tudo em seu louuor. Assi com esta ordem andamos o terreiro tres vezes de rredor, no qual estauão treze ou quatorze moços dos Portugueses, todos com espingardas, & de todas as tres vezes dauão salua, com dispararem ao santissimo Sacramento: ao que acudiram muitos gentios, de modo que quando nos recolhemos era ja o campo e tudo cheo. Foy tanta a gente, que não pode auer pregação polo estrondo que fazia. Disse lhes então hũa missa rezada, com muita deuação dos Christãos.”, fl. 57v.

“O modo de enterrarmos os defuntos ca, he o seguinte. Imos com cruz aleuantada rezando hũas ladainhas com muitos Christãos que acompanham ao defunto, cousa de que se dá muita edificação, porque costumão elles a enterrar os seus, se são pobres, a maneira de cães, sem nenhum aparato, e vedo [sic.] que fazemos aquella maneira de enterramento, ficão edificados, & tambem se lhes faz hũa pregação. Quando os imos a enterrar seguem nos muitos // gentios a ver o que fazemos.”, fl. 57v-58.

- **Carta de Baltasar Gago** para os irmãos da Companhia de Jesus da Índia. Japão, Bungo, 1 de Novembro de 1559.

Sobre os enterramentos japoneses: “Nestes seus enterramentos se ajuntão todos os de casa, e chamão a grandes vozes por quantos nomes de pagodes ha.”, fl. 64v.

- **Carta de Gonçalo Fernandez** para um irmão da Companhia de Jesus de Coimbra. Goa, 1 de Dezembro de 1560.

“Era o amor tanto que os Christãos [japoneses] tinham aos Portugueses, que parecia aos Portugueses quando entrauão em casa de hum Christam, que entrauão em casa de sua mãy. Antes destes trabalhos ao tempo que eu inda ahi [no Japão] estaua, se fez hũa procissam dia da Cruz, que parecia que estauamos em Portugal, com irem todos os Christãos com suas velas de cera nas mãos, com auer ahi frautas, & espingardas, que foi aquelle dia bentito o Senhor de tanto prazer, que os Gentios estauão tão mudados, que parecia que todos se querião fazer Christãos, com ir elRey [de Bungo] receber nos onde estaua a bendita cruz.”, fl. 72v.

- **Carta de João Fernandez** para os irmãos da Companhia de Jesus. Bungo, 8 de Outubro de 1561.

“Os enterramentos dos Christãos causam muita edificação, assi a gentios como a Christãos: do qual tem carrego o irmão Duarte da Sylua. Enterrão se todos, assi pobres como ricos, muito suntuosamente, porque aos pobres ajuda a casa da misericórdia.

Primeiramente, se amortalhão, segundo o nosso modo, & poem nos em hum ataúde cubertos com hũ pano de seda preto, com hũa cruz branca, & cera ao redor, & em sabendo que ha defunto tangem a campã, & se ajuntão na Igreja todos os Christãos desocupados, que sam mui inclinados a esta obra de misericórdia, que ainda que esta a casa do defunto hũa legoa, ou legoa e meã daqui, vão todos com muita deuação, assi homens como molheres ao enterramento, & em chegando lá, sempre nos vestimos quatro ou cinco de sobrepelizes, ou Portugueses, ou lapões, donde antes que tirem o defunto de sua casa, ha as mais das vezes pregação, assi aos Christãos como aos gentios que estão presentes, sobre hũ ponto da morte corporal, e espiritual. Depois de feitas as cerimoniaes que se costumão fazer, saymos com a cruz aleuantada diante, & o defunto atrás, & nos no meo dizendo hũa Ladainha, a qual respondem quasi todos os Christãos, & assi imos ate a coua que está fora da cidade em lugares determinados, donde se enterrão; porque aqui em Bungo não temos ainda adros pera os Christãos, como o tem os de Firândo, & Yamánguchi, & em a sepultura quando se enterrão se fazem as // cerimoniaes todas inteiramente, rezando tres ou quatro vezes o pater noster todos: o qual como digo causa muita edificação tambem aos gentios, porque sam elles mui inclinados a rezar, & fazer cerimoniaes polos defuntos, tanto que os que não tem tanta possibilidade, se empenhão pera fazer suntuosamente as exéquias por seus defuntos, chamando Bonzos, e com outros gastos, só por costume antigo, & opinião mundana que nisso tem: donde aos principios muitos recusarão fazer se Christãos, parecendo lhes que nos não faziamos exequias polos defuntos (...). Por esta causa, vendo elles as exequias, que nos fazemos, mostrando lhes quanta rezão hai de enterrar honradamente o corpo, com que foi Deos louuado, & esperamos que ha de ser glorificado, fortificação se muito os Christãos, & edificam se os gentios, tanto que muitos, que dezião mal de nossa santa fé, vendo as exequias que a seus pais ou filhos se fizerão, vierão a se fazer Christãos, & isto acontece muitas vezes.”, fl.80v-81.

- **Carta do irmão Aires Sanches** para os irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. Bungo, 11 de Outubro de 1562.

“Ao presente me exercito em curar os doentes, & ensinar a ler & escreuer, & cantar & tanger violas d arco a quinze mininos lapões, & Chinas, que aqui em casa estão, pera que sendo Deos seruido, se fação os diuinos officios com toda a solenidade. Esperamos em o Senhor que seja este meo mui vtil à conuersão destes lapões.”, fl. 101.

- **Carta de Luís de Almeida** para os irmãos da Companhia de Jesus. Japão, Vocoxiura, 25 de Outubro de 1562.

“Eu me vim pera o porto [de Vocoxiura⁴²³], com tenção de mandar recado ao senhor da terra, que se fizesse tudo como elle mandasse, pera começar a fazer assento na terra ate ver o parecer do padre. Tanto que cheguei ao porto me fizerão logo hũa casa, em que me agasalhou hum criado do senhor da terra, onde tinha hũa maneira de altar, & ali os Portugueses & Christãos da terra se vinhão encomendar a Deos. Começarão logo a quererem ouuir algũs as cousas de Deos, & outros a se fazerem Christãos, ainda que estes erão os que vinhão de Firando em companhia dos Christãos; os quaes tanto que souberão minha vinda, me começarão a vir visitar com muitos presentes ao costume da terra, dando me nouas do muito fruto que la fazia Damião.”, fl. 109v.

“Neste tempo, sabendo os Christãos de Firando, que o padre [Cosme de Torres] era chegado, polos desejos grandes que tinhão de o ver, o começarão vir a visitar com muitos presentes, mostrando o amor que lhe tinhão (...)”, fl. 109v.

“Parti me do porto de Vocoxiura, leuando comigo a Belchior, & Damião, que veo de Firando pera o deixar no Facáta, polo muito que la o desejauão, & o irmão Ião Fernandez se viesse pera o padre, porque era la muito necessario pera pregar aos de Firando da penitencia, porque todos se querião confessar. (...) Chegamos a Búngo em noue dias, & dahi a sete auia elRei de vir jantar a casa. Neste meo tempo se proueo a casa dalgũas cousas de que tinha necessidade. Chegada a hora que auia de vir elRei, com antes o ter visitado, & pedido ouuesse por bem de trazer o Principe seu filho, mo concedeo com muita alegria. A todos os que vierão com elle, que erão os nobres de seu Reino, recebemos com lhe ter a casa concertada como podemos. Depois de assentados á mesa, forão seruidos de igoarias á sua maneira, & á nossa, tendo no comer musica de violas darco // que bem se poderão tanger diante de hum principe Christão, & os mininos que as tangião erão Christãos, & estauão vestidos todos de branco. Folgarão estranhamente de as ouirem, principalmente o principe, que estando á mesa, deixou tudo, & foi se pera os mininos, por o ser elle tambem, porque não he de mais que de cinco annos”, fl. 110v.

- **Carta de Luís Fróis** para os padres da Europa. Japão, locoseura, 14 de Novembro de 1563.

“Búngo auia mais de hũ anno que não tinha missa, & pola muita necessidade que temos del rei de Búngo, por ser agora dos principaes senhores de todo Iapão, & elle desejar muito que ouuesse padre naquella casa, & ter pedido ao padre que quisesse tornar pera la, o que por então não era possiuel, pola muita boa obra que auia que fazer: poucos dias depois de nossa chegada foi o padre Bautista pera la. Foi visitar a el rei ao lugar de Vsuqui,

⁴²³ “algũas sete ou oito legoas alem de Firando.”

o qual mostrou muito contentamento de o ver, & lhe fez seus costumados offerecimentos.”, fl. 131v.

“Hum mes pouco mais ou menos depois de estarmos neste porto [de Firando] chegou a elle dom Bertolameu, que vinha ver o padre [Cosme de Torres] e os Portugueses. Fomos logo com o capitão visita lo: demos lhe hũas contas de caualo marinho, que eu trouxe da India, com hũa conta benta // encastoadada em ouro. Estimou as muito, e po las ao pescoço: os Portugueses lhe fizerão grande festa (especialmente quando chegou á nao) de tudo o que na terra era possiuel fazer se lhe: e por sua filosomia ser das mais apraziueis que se virão em nenhũ homem desta terra, todos os Portugueses lhe erão estranhamente afeiçoados. Deu nos dom Pedro Dalmeida hũ presente que lhe leuamos, por ser antre elles cousa noua. Fomos a sua casa o irmão loão Fernandez & eu: deu nos muitos agardcimentos do que lhe leuauamos, e era hũ catre dourado, e hũ colchão de seda, & hũa colcha rica, e hũa almofada de veludo, com outras pequenas, hũa esteira de Borneo fina, & outras quatro ou cinco peças boas, que depois o mesmo dom Pedro lhe deu. Vinha todos os dias a ouuir missa a casa ás tres horas depois de mea noite, porque costumão os senhores dormir de noite muito pouco (...)”, fl. 131v-132.

“A diuisa que [dom Bertolameu] na guerra trazia entre os outros principes, era hum IESVS com tres crauos pintados no vestido, que lhe ficaua hum em cada ombro, outro nas costas, & hũa cruz douro ao pescoço, & suas contas na cinta.”, fl. 132v.

“Depois de o padre [Cosme de Torres] ser chegado a esta terra, auendo ja algũs meses que nella estaua, a segunda somana da coresma veo este principe [Gotondono] ver se com o padre, porque ate então o não tinha visto. Vierão com elle algũs senhores principaes, e antes de vir a casa, em sinal de amor, mandou de presente mea duzia de selhas de vinho, que são hũs vasos de pao, em que o ca costumão guardar, e muito peixe, & hum porco do mato muito fermoso & tres mil caxas, cousa que nenhum homem nobre fez em lapão aos padres. Folgou o padre muito com o presente, não pola valia delle, mas por ver a boa vontade deste senhor. (...) O padre lhe disse que não tinha outra cousa ao presente que lhe // offerecesse mais que hũ abano de ouro, com hum IESVS muito bem pintado, de hũs que mandou o padre Gaspar Vilela do Miáco, com hũa cruz em cima, & tres crauos em baixo. Preguntou que era o que querião dizer aquellas letras? Disse lhe o irmão loão Fernandez, que polo desejo grande que o padre tinha que S. A. tiuesse em seu coração imprimido aquelle sinal da cruz com o nome de IESV, se mouera a lhe offerecer aquelle abano: & pera entender cousas tão altas auia mister mais tempo, & elle despor se a ouuir destas materias pregações largas. Respondeo que elle o faria assi sem nenhũa falta, & com isto se foi pera casa.”, fl. 133-133v.

- **Carta de Luís de Almeida** para os irmãos da Companhia de Jesus da Índia. Bungo, 14 de Outubro de 1564.

“O sabado santo se fizerão todos os officios com muita solenidade, & o cirio pascoal grande, & muito bem feito. Não lhe trato de como a capella estaua ornada pera o tal dia, nem na alegria dos Christãos: todauia lhe direi algũa cousa da resurreição, a qual foi hũa das frescas cousas que vi, porque saymos da capela todos vestidos de branco, conuem a saber, os meninos de casa que serão quinze, entre lapões & Chinas, todos com suas lobas brancas, & com suas cruces mui fermosas de veludo verde, atorceladas douro, com suas capelas de muitas inuenções de flores, que neste tempo ha muitas nesta terra, com suas velas na mão, que bem hião parecendo seruos de tal Rei. Os mais delles são ja arzeoados musicos, e tangem suas violas d arco // que he muito pera os ouuir: assi sahio o padre loão Bautista, & os mais irmãos, com leuarem quatro ciriaes, & o palio. De maneira que assi fomos recebidos dos Christãos, porque todos estauão com os milhores vestidos que tinham com suas capelas. Fomos ate a Cruz, que esta no campo junto do espirital, cantando muitos canticos de alegria & de louuor ao Senhor: ouue em aquelle dia entre os Christãos conuites cheos de muitas praticas espirituales. Acabada a pascoa dahi alguns dias me mandou chamar o padre Cosme de Torres, que fosse curar ao irmão Duarte na Silua, que estaua naquelle lugar (que disse de gentios) pregando a lei do Senhor, porque estaua muito doente.”, fl. 156-156v.

- **Carta de Luís de Almeida** para os irmãos da Companhia de Jesus, sobre o “caminho que fez com o padre Luis Froes ao Miáco”. Facunda, 25 de Outubro de 1565.

“Auera dias que morreo aqui hum fidalgo, a quem todos estes Christãos do Ximabará tinham como pai, & valedor contra os gentios, & contra o mesmo Senhor da terra, o qual era muito seu parente, & porque os gentios aos taes enterrão com grande solenidade em suas varellas, que elles tem muito limpas, & concertadas, & com grande fausto de gente com muitos lumes que o acompanhão, etc. Vendo os Christãos que não se podia enterrar este Senhor Christão com tanta solenidade como elles desejauão, escreuerão ao padre Cosme de Torres, que estaua em Cochinoçu, que sam sete legoas, que os socoresse, porque dom Lião (pai de todos) era morto com peçonha que lhe derão os gentios, ou Bonzos por tanto fauorecer a lei de Deos, parecendo lhes que com terem este morto, que bem pouco auia que fazer pera os mais Christãos tornarem atras, o que foi bem polo contrario pola bondade de Deos. Ouuiendo o recado dos Christãos de Ximabará o padre Cosme de Torres, quisera ser o que fora enterra lo, todauia por sua má disposição lhe pedirão muitos Christãos que não fosse, e em seu lugar me mandou a mim, & eu por conhecer quanto esta gente se rege polo exterior ordenei lhe o seu enterramento quanto

se podia dizer, & minhas forças alcançauão pera ser bem feito, onde me parece que o acompanharão setecentas almas todas Christaãs com nossas ladainhas em voz alta com muitas candeas acesas, que ainda que fora o Senhor da mesma terra não podera fazer mais. Enterramo lo em hũa tumba, que os christãos ja tinham feita, toda cuberta de seda, e assi com a tumba, e panos de seda quizerão todos que se enterrase, pera lhe mostrarem nisto o amor que lhe tinham. Ao outro dia, porque isto foi a tarde, lhe fizerão hũ moimento de pedras muito bem feitas d altura de hũ couado com hũa cruz a cabeceira, e ao redor do moimento hũa braça apartado delle hũa cerca de esteos de madeira fechados hũs com outros por hũ // muito bom official. De maneira que ficaua a sepultura no meo, & hũ caminho de obra de cinco braças de hũa banda, & doutra dos mesmos esteos com hũa porta por onde podem entrar dentro na sepultura, & em cima da porta outra cruz. Ver este caminho, & a limpeza desta obra, parece que prouoca a deuação a todos os que ali entrão. He este lugar tam continuado dos Christãos a virem fazer oração, quasi como a igreja, porque em elles acabando de fazer oração na igreja (a qual he hũa ferosa casa, que o mesmo defunto deu) logo se vão a sepultura, que he nas costas da casa em hum quintal, que elle tambem deixou. Foi esta hũa obra que muito os esta animando, porque nella se ve o grande amor com que os Christãos se amão hũs aos outros.”, fl. 171-171v.

- **Carta de Luís Fróis** aos padres e irmãos da Companhia de Jesus da China e da Índia. Miyako, 20 de Fevereiro de 1565.

Sobre os japoneses: “aos fildalgos, posto que pobres, sempre lhes guardão o decoro nas honrras: sobejamente são inclinados a cumprimentos, & cortesias, e nellas são tão pontuaes que por leues descuidos cortão o fio da amizade (...). Nas cortesias dos banquetes gastão muito tempo, e tanto, que pera elles não cometerem erros entre gente nobre, ha liuros de cortesias, que estudão. (...) Toda a gente nobre he mui cortes, & bem ensinada, & folgão muito de verem gente estrangeira, & sam muito meudos, & curiosos, em quererem saber as particularidades minimas dos reinos estranhos.”, fl. 172v.

“Os lapões como desejão tanto perpetuarem se em fama com os decendentes, e hũa // das cousas que sobre maneira estimão & em que poem grande parte de sua felicidade he em a pompa, e aparato das exequias, quando morrem. Isto poderão entender facilmente do processo que tem em seus enterramentos nesta cidade do Miàco que he o seguinte. Hũa ora antes que leuem o defunto á sepultura vão muitos homens, amigos, & conhecidos seus com os milhores vestidos que tem espera lo á sepultura, vão logo muitas mulheres parentas, & amigas do defunto, as honrradas e ricas em palanquins, ou andas de cedro muito galantes vestidas de vestidos de seda branca, a maneira de roupões, ou saios altos, com seu manto na cabeça, que he hũ pano delgado pintado de diuersas pinturas, o branco

tem por dó mas não que o tragão communmente. estas mulheres vão acompanhadas de outras muitas segundo o estado de cada hũa, & todas vão vestidas de hũa seda branca a maneira de tafeta. Passadas estas vão muitos homens a pè com os milhores vestidos que tem. Estes homens, que assi vão, ou são velhos ou fidalgos. Acabado de passarem estes por grande espaço vem hum Bonzo, que he seu sacerdote vestido de seda e borcado, de maneira que vão os taes vestidos dando resplendor. Vem em hũas andas muito grandes, ricas, & altas com suas janelinhas, elle todo rapado cabeça, & barba, ao qual acompanhão vinte, ou trinta Bonzos, todos rapados vestidos de seda, com hũs capelos como camisas, e muito delgadas, & aluas em riba hũs abitos pretos e curtos delgados, que dão por mea perna. O Bonzo que vai nas andas diante, he o que ha de fazer a encomendação na coua ao que chamão Indò, que quer dizer, mostra o caminho pera seu paraíso. Vai logo hum homem vestido de pardo com hũa tocha de pinho fendido as costas, de comprimento de hũa lança acesa, a qual he pera que alumie o caminho da alma do tal defunto ate a coua pera que não empeçe no caminho, por não ser sabido do defunto.

Vem logo cento, ou duzentos Bonzos rapados & vão cantando o nome do santo, a que o defunto adorou com hũa bacia grande em que vai hũ batendo a modo de sino ate a coua. Logo o seguem dous com hũs cestos de papeis grandes a feição de sino postos em asteas de lanças, & dentro muitos papelinhos de cores a maneira de rosas, & vão brandindo as hasteas de maneira que os papelinhos poucos & poucos saltão fora, e voão com o vento, & porque os papelinhos são de muitas cores a maneira de rosas, dizem que choue rosas em sinal, que está ja no paraíso, e vão muito devagar. Apos estes vão oito Bonzos, quatro de cada parte, & estes mancebos de dezasete, ou dezoito annos bem vestidos, & leuão nas mãos hũas canas delgadas compridas, & na ponta dellas tem hũas bandeirinhas compridas de beatilha fina, que vão as pontas arrojando polo chão, são de largura de dous palmos, & de alto abaixo leuão escrito o nome do diabo que adorou este defunto.

A estes se seguem oito ou des lanternas de mão, as ilhargas das quaes vão enroladas com beatilhas delgadas, e escrito o nome do seu pagode, & dentro hũas candeas acesas. A estes seguem dous mancebos cada hũ de sua parte vestidos de pardo, que he sinal de tristeza pera os taes officios. Estes leuão duas tochas de pinho de comprimento de hũ couado aleuantadas, não vão acesas, são pera por foguo ao corpo do // defunto na sepultura. Vão logo muitos vestidos de pardo com hũs barretes muito pequenos, a maneira de meas gualteiras de tres quinas, que antre elles he honrra, & vão postas na coroa da cabeça atadas debaixo da barba, & são de couro preto burnidas, que vão reluzindo, que se chamão lebuxi. Estes leuão nas testas escrito em papel, o nome do pagode, que o defunto adorou.

De tras destes vai hũ com hũa tauoa de hũ couado em comprido, e de hũ palmo em largo dourada, & de ambas as partes escrita com letras de ouro o nome de seu pagode, & vai cuberta com hum veo branco muito delgado. Logo se seguem quatro com hũas andas muito galantes, & ricas, e dentro vai o defunto assentado com a cabeça posta nos gíolhos, & as mãos juntas como que vai fazendo oração, a cabeça inclinada pera a terra, olhando pera o lugar onde a misera alma està sepultada. Vai vestido de branco em sinal de sua limpeza, & em riba do vestido hũ habito de papel, em que vai escrito hum liuro, que o seu pagode deixou escrito, confiado que em seus merecimentos se salua.

Vão logo os filhos com vestidos muito galantes, & o mais pequeno leua hũa tocha de pinho pera por fogo ao pai na coua, onde ha de ser queimado Detras delle vão muitos homens com hũs baretinhos de couro preto burnido, & leuão nas testas escrito o nome do diabo, que adorou. Chegando ao lugar determinado, todos os Bonzos juntos bradão com grandes vozes polo nome do pagode de balde, com toda a mais gente, que ali esta junta, & tangem os sinos, & bacias, & isto fazem por espaço de hũa hora.

A sepultura, ou lugar onde ha de ser queimado, he da maneira seguinte. Hũ campo em largura de hũa casa grande, todo cercado de paos compridos, arrodeado de hũas beatilhas grossas, feito em quatro paredes com quatro portas ao norte, & ao sul, ao leste & oeste. Dentro esta hũa coua chea de lenha, & defronte da coua estão duas mesas altas, as quaes tem muitos figos, laranjas, boloso, & muito comer: porem não tem carne nem peixe. Este comer pode ser aualiado em corenta cruzados, segundo he a pessoa rica, ou pobre. Em riba de hũa mesa está hũ porfumador com brasas acesas, & aguila em hũ prato. Chegando ali o defunto, atão as andas em que vai a hũa corda comprida em que todos pegão os que podem, & bradão polo nome do pagode que adorou, & cercão por dentro a casa tres vezes. Isto acabado poem as andas em cima da coua, que está chea de lenha. Em cima da coua está feito hum telhado nouo de tauoas de bordo muito galantes. Acabada esta procissão (o Bonzo que acima disse) que vai mui ricamente vestido pera lhe fazer as exequias, toma hũa tocha de pinho acesa na mão, & diz em voz muito alta hũas palauras, que os circunstantes não entendem. Acabadas as palauras lança a tocha que tem acesa na mão, rodeando a em volta na mão por riba da cabeça tres vezes. O sentido disto he, como a roda não tem principio nem fim, o tal defunto não teue principio, nem tera fim: & lançada a tocha da mão, dous filhos do defunto ou parentes, dos quaes hum se poem da banda do poente, & outro do oriente, tomão a tocha acesa por cima do defunto hũ ao outro tres vezes, a maneira de comprimento. Depois lanção a tocha acesa na coua, & logo azeite, // & aguila, & outras cousas cheirosas se he rico. Os filhos se vão á mesa, que está diante da

coua com o comer, & poem aguila no perfumador, & em gíolhos a offercem ao pai morto, & o adorão em sinal que ja he santo.

Acabada a adoração, e de se queimar o corpo dão a cada Bonzo dinheiro, segundo sua dinidade. Ao que faz as exequias com a tocha dão cinco, ou dez, ou vinte cruzados, & a cada Bonzo, ou cruzado em prata, ou caxas que ha nesta terra a maneira de ceitis furados, mas cento valem passante de hum tostão, & assi destribuido o dinheiro, que pera isso deixou o defunto, os Bonzos se vão, & o comer que na mesa está, ou se da aos pobres Lazaros, ou aos que queimarão o corpo, e dali se despedem dos que os acompanharão naquelle auto.

Ao dia seguinte os filhos, parentes, & amigos se vão á noua [sic.], e leuão hum vaso dourado, & apanhão a cinza com os ossos, & dentes, & tornando se põe isto no meo da casa cuberto com hũ pano, & vem muitos Bonzos fazer lhe exequias, e dali a sete dias fazem o mesmo, & depois se leuão os ossos a hũ lugar deputado, e os sepultão, e poem em cima hum padrão de pedra quadrado, & escrito nelle dalabaixo o nome do diabo que adorou & cada dia vão os filhos aquelle lugar por rosas, & agoa pera vir beber o defunto. Assi que o setimo dia, setimo mes, setimo anno, & cada quinze dias continuadamente lhe fazem officio em casa, onde os Bonzos comem, & leuão seu premio. Nestes officios se gasta muito dinheiro, se he fidalgo, & rico, polo menos gasta nisto dous, ou tres mil cruzados, & se he pobre gasta duzendos. O misero que acerta de ser tão pobre que não tem nada, de noite as escuras escondidamente, & sem pompa dão com elle nos monturos, e o enterrão. Mas como esta gente seja muito grandiosa pola maior parte fazem os taes enterramentos.”, fl. 174v-176.

- **Carta de Luís Fróis** para o padre Francisco Perez e irmãos da Companhia de Jesus na China. Miyako, 6 de Março de 1565.

“Cahio este anno o anno nouo dos lapões no primeiro de Feuereiro. He costume em todos os reinos desta terra dos noue da lũa ate os quinze, ou vinte irem os Senhores visitar os reis, e leuarem lhe seus presentes, especialmente se guarda isto com grande ordem neste reino do Miáco, por ser o Cubòcama supremo Emperador, que ainda que não he obedecido, todauia os que o vão visitar são todos Senhores nobres, & Bonzos de muita dinidade, & pera isto he por costume antigo levar lhe cada pessoa dez mãos de papel, que são muito maiores que as nossas, & hũ abano douro & isto depois de apresentado o tomão algũs moços fidalgos pera si, e desta maneira se visita sua mãi, & a rainha & algũas pessoas leuão algũas peças ricas, & armas. A nenhũ falaua palaura, somente a algũs Bonzos de grande renda & estado, inclina lhes hũ abano, que tem na mão hũ tamanino, pola soberba da honra, & opinião, em que está posto. De pessoas desta calidade pera baixo não se deixa

visitar, ainda que lhe offereção hũa casa d ouro, & porque pera bem dos Christãos, & os gentios não desprezarem a lei de Deos conuinha que o padre Gaspar Vilela fizesse esta visitação ao Cubòcama, & pera que fazendo lha ficasse tambem o padre em algũa maneira debaixo de sua proteiçã, meteo logo no primeiro anno hum Senhor por terceiro, pera que o apresentasse: o qual depois tendo desejo grande de se fazer Christão o matarão na guerra, & porque os lapões não estimão as pessoas mais que polo aparato de fora, não entraria o padre nos paços indo como commumente andamos, foi necessario naquelle dia pera gloria do Senhor, & bem dos Christãos por se o padre de pontifical. As primeiras duas vezes que o visitou foi com hũa estola, & sobrepeliz, & hum barrete vermelho na cabeça, e as outras duas com bons quimões, & manteo de pano de Portugal em cima.

E porque como digo foi minha chegada ao Miào treze dias antes desta visitação pareceo bem ao padre, e aos Christãos, que fossemos ambos a hum fidalgo Christão que o serue, com que tomamos conselho, que eu por vir de nouo lhe leuasse algũas cousas novas da India, ou de Portugal, porque todos ca a estimão por serem de tão longe. Acertei eu trazer de Búngo hũa capa velha de asperges, que foi dos meninos que vierão com o padre mestre Belchior, que tinha hum sabastro de Borcado muito antigo & hum cobertor de chamalote vsado. Deste fez o padre hũa loba aberta de mangas largas, & com ella, & com a capa de asperges, & em cima ainda com outros vestidos mais ricos, & seu barrete preto, & eu com quymões, & manteo de pano de Portugal, nos fizemos prestes. Hia o padre em hũa liteira, & eu em outra, que sam quasi como as cadeiras cerradas dos Mandarins da China, hião quinze, ou vinte Christãos. O presente que leuei por não auer outra cousa, foi hum espelho de cristal grande, & hum sombreiro, huns alambres, & hum pouco dalmiscar, & hũa cana de bengala. Sera tão longe de nossa casa // aos paços de Cubòcama, como hũ quarto de legoa, tudo por ruas dereitas & caminho chão”, fl. 178v-179. Depois de entrarem nos paços do Cuboçama, e de os padres serem recebidos: “mandou [o Cubòcama] dizer ao padre polo seu trinchante mor (que nos guiaua) que desejaua ver aquella capa que o padre trazia, por ser menzuraxi, que em nossa lingua se diz cousa fresca. Leuarão lha, tornou a logo a mandar. Depois se abriu outra porta no meo de hũa camara. Estaua assentada a Rainha, offereceo lhe o velho a aguila. (...)”, fl. 179.

- **Carta de João Baptista** (italiano), para os irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. Bungo, 1565.
“Sempre [que] ha bautismos, hũs acodem mouidos somente do Senhor, & outros por meo dos Christãos.”, fl. 198v.
- **Carta de João Fernandes** para os padres e irmãos da Companhia de Jesus na China e na Índia. Firando, 23 de Setembro de 1565.

Sobre a celebração do Natal feita em Firando, à qual compareceram alguns senhores japoneses: “De maneira que assi em o interior; como no exterior se via nelles grande deuação, & contentamento mostrando sua alegria ainda em os vestidos, porque todos vinhão vestidos de mui ricas sedas, cada hũ conforme ao que podia, especialmente dom Antonio e dom Ioão mostrarão nesta noite particular alegria, e familiaridade pera com todos os Christãos, porque como são as principaes pessoas nesta terra depois del Rei, tem-lhe todos grande acatamento, & respeito. Dom Antonio se assinalou muito em chaneza, & familiaridade porque por sua mão repartio aos meninos algũas frutas que se trouxerão pera os que cantauão, & a hum Christão que dançando cantou hũs versos em louuor do Senhor mandou dar hũa rica roupa, que pera isso ja tinha mandado preparar (...)”, fl. 200.

- **Carta de Luís de Almeida** para os irmãos da Companhia de Jesus. Ilha de Xiquy, 20 de Outubro de 1566.

“Eu me embarquei em cochinocçú quasi meado laneiro pera a ilha do Gotó, que sera de trinta e cinco legoas de costa, e passei por Facundà, porto de dom Bertolameu, onde estiue hum dia, por causa do tempo. Aqui me vierão visitar alguns Christãos com seus presentes obra de duas legoas por terra, & me pedirão que auia dez crianças, que não erão ainda bautizadas, que as quisesse bautizar, e que pola menhaã as trarião.”, fl. 214.

“Depois de casados com suas mulheres, & lhes fazer todos os exames que pude, porque auião estes de ser espelhos de todos os outros que depois de auião de fazer Christãos, com a maior solenidade, & aparato que eu pude, os bautizei, porque como naturalmente são soberbos trago sempre comigo todo o necessario pera os bautizar. (...) Neste comenos vierão as mulheres dos Christãos dar me os agardcimentos com seus presentes, desejando tambem chegar se sua hora pera ouirem pregação, e receberem o santo bautismo.”, fl. 220.

- **Carta de Miguel Vaz** para os padres e irmãos da Companhia de Jesus. Japão, Bungo, 16 de Setembro de 1566.

“Passados algũs dias chegou a festa do Natal [de 1565], pera a celebração da qual se ornou a igreja quanto foi possiuel conforme a terra, & se fez hũ presepio, & com ser a igreja grande se fizeram varandas leuadiças pera esta noite, por não caberem dentro na igreja, na qual se ajunta muita gente assi desta cidade como doutros lugares, dos quaes vierão hũ dia e dous antes da festa, de quatro ou cinco legoas, & isto fazem não somente nas festas, mas aos sabados pera estarem ao domingo a missa ora de hũs lugares ora d’outros, & fizeram os Christãos muitas representações do testamento velho, assi como da caida de Adão & Eva, & da arca de Noe, & outros, tudo tirado na lingua da terra, com muita deuação que fazia chorar a todos & depois sua consoada, & a missa se disse com violas

darco, & com muitos motetes [sic.], e mostras dalegria, ainda que os christãos tomarão poderem se confessar por auer annos que o não fazião, mas por os padres não saberem a lingoa, não efetuauão seu desejo. Festejarão a noite com muita deuação, & lagrimas, & tiuerão ali sua pregação, & ao outro dia vierão dar as boas festas com seus presentes, por ser costume entre elles nestas festas, & da mesma maneira, se festejou o dia de IESVS.”, fl. 226v.

- **Carta de Belchior de Figueiredo.** Bungo, 27 de Setembro de 1567.

“O que geralmente se costuma fazer na nossa igreja pera a conseruação dos Christãos he o mesmo que la na Christandade se vsa, s. dizer missa cada dia, a que vem bom numero de Christãos, pregar ao domingo o euangelho, & aos dias santos da vida do santo de que se faz a festa: & entre a somana muitas vezes bautizar os filhos dos Christãos, que nouamente nace: & assi em conuersar os Christãos que vem muitas vezes visitar a casa, e tratar comnosco: pola coesma se continua a pregação não somente aos domingos e dias santos, mas as sextas feiras tem pregação da paixão & logo á noite depois das ladainhas que cada dia se dizem hũa memoria & lenbrança da precedente pregação com seu colloquio // pera os mouer á disciplina, a qual disciplina se fez com muito feruor, & ainda que sò hum padre com os irmãos que ca estauamos trabalhamos por fazer os officios da somana Santa no que parece que sò poderião faltar a multiplicação de ministros, & vozes que la ha, & assi se seguio a Resurreição, com sua procissão polo nosso campo da igreja, pera a qual vierão os Christãos, alem da renouação da alma, tambem com vestidos o melhor que puderão, e com suas capelas & candeas. No natal passado da festa que houue não digo nada, porque polo que cadano se escreue sobre isto se entendera o que fizemos este anno: a esta festa acodirão muitos dos Christãos das aldeas com suas mulheres & filhos, representa se nesta festa sempre na noite do nascimento no meio da igreja, algũs passos da escriptura por figuras que o representam assi como passou. São os passos como hora a caida de Adão, & o sacrificio de Abrahão, o passo de Lot, o diluio & arca de Noe: a que se acrescentou este anno o caso de Ioseph & seus irmãos, com seu pai Iacob, ate a entrada do egipto. Custumão os lapões nestas representações mostrar os principaes paços por figuras, & o que mais conuem, he praticada polas mesmas figuras por seus ditos; & o que pertence ao escritor cronista, ou euangelista, cantão em hum coro algũs de fora ordenados pera isto, com se entremeter algũa doutrina, que faz ao caso pera declaração da cousa, e edificação dos Christãos, & por estas cousas serem missterios [sic.] de nossa Santa Fé admirauéis, cousa tão noua nesta gentilidade, e acomodada á representação de seu proprio modo acode a esta festa muita gente, não somente Christãos, mas muitos gentios parentes dos mesmos Christãos, que por sua entercesão como podem &

escondidamente vem, á a qual se se não tiuesse a porta, acodiria toda a gente polo gosto que nisto sentem, o que em parte fora bom, se pudera ser, pera que por qualquer via tiuerão noticia do que tanto faz ao caso pera a saluação das almas: mas porque em ajuntamento de gente assi solta á sua vontade não deixa de acontecer muitos inconuenientes, se abre a porta do campo da igreja somente aos Christãos, e com elles entrão os que por sua intercesão o alcanção, os quaes por entrarem assi se acomodão á paz & silencio: o fruto que nisto se colhe ainda pera com os gentios he muito, por ser isto hum lume, & conhecimento, & principio de que a conuersão se segue.”, fls. 242v-243.

- **Carta de Miguel Vaz.** Cochinoçú, 22 de Novembro de 1567.

“Elle [o rei de Arima, irmão mais velho de D. Bartolomeu] em tudo o que pode fauorece a Christandade, & permite que todos os que quiserem ser Christãos o sejam: & assi todas as somanas neste Cochinoçú ha baptismo de pessoas que dos lugares de seu reino vem ouuir as cousas de Deos: porque os deste lugar, todos grandes & pequenos são ja Christãos sem auer antre elles hum sò gentio, & viuem como se forão Christãos mui antigos, confessando se & comungando as mais vezes que podem, não sendo possiuel quantas querem, & o desejo, polo padre ser muito velho, e cansado: celebrão se todas as festas do anno, & especialmente as principaes com muita deuação & alegria, & he muito pera louuar a Deos ver hũ dia de pascoa, no qual está toda esta pouoação feita hum jardim mui fresco, & em todas as portas seus oratorios, panos de festa, & perfumes. Saem todos nestes dias mui bem vestidos, & com muitas inuenções de danças, & tangeres, mostrando com muitas particularidades o contentamento, que em sua alma nos taes dias tem: como foi hũa de hũ velho de oitenta annos, o qual hia bailando diante do santissimo Sacramento como outro Daud, & outras semelhantes que deixo.”, fl. 246.

- **Carta de Aires Sanches.** Xiqui, 13 de Outubro de 1567.

“Faleceo aqui neste Xiqui hũa mulher de boa idade, // a qual auia muito que estaua enferma, & auendo poucos dias que fora baptizada, morreo com tão inteira fé que dizia ao marido, & filhos, que nenhũa tristeza tomassem por sua morte, que ella nenhũa duuida tinha de sua saluação (...). A esta mulher, ainda que muito pobre, fizemos hum enterramento o mais solene que foi possiuel: assi por ser o primeiro que aqui se fez, como tambem por esta gente se mouer muito polo exterior, porque sendo gentios, trabalhão por fazer seus enterramentos o mais sumptuosamente que podem, tanto que por esta causa dão quanto tem aos Bonzos. Ficarão assi os Christãos como gentios tão edificados deste enterramento, que dizem que não podia auer no mundo mais charidade, & misericordia, & algũs dos Christãos dizem que sendo gentios rogauão aos pagodes & idolos que lhes alongassem a vida, mas que ja agora lhes não pesaua de morrer quando o Senhor

fosse seruido, & cuido que disto se moueo hum velho que passaua de nouenta annos, e auia muito que de velhice se não leuantaua de hũa cama, a pedir que queria ouuir as cousas de Deos, & se dellas fizesse entendimento, se faria Christão, & assi foi, porque á sua petição o trouxerão em hum leito á igreja, onde recebeo o bautismo. Ficou tão alegre, e agardecido que se não fartaua de levantar as mãos ao ceo, & de repetir muitas vezes Iesus Maria. Passados algũs dias, estando ja no cabo não se podendo dantes menear, se pos em giolhos com as mãos aleuantadas diante de hũa Cruz, onde deu alma a seu Criador.”, fls. 247v-248.

- **Carta de João Baptista.** Goto, 26 de Outubro de 1567.

“Vinda a quaresma lhe começamos a tratar da paixão de Christo N. S. principalmente às sextas feiras, nos quaes dias a noite se disciplinauão todos com grande feruor, & deuação. Na somana santa se fizerão os officios, & se encerrou o Santissimo Sacramento polo melhor modo que foi possiuel. Estes dias esteue sempre a igreja acompanhada dos principaes Christãos da terra, & de muitos outros: guardarão o Santo Sepulchro quatro Christãos armados, & acabados os officios pera lhes mostrar o que o Senhor neste dia fizera a seus discipulos, lauei os pès a doze dos mais velhos. Neste tempo erão tantas as lagrimas, & choro dos Christãos que se não pode contar. Forão muitos os disciplinantes que acompanharão a procissão de quinta feira, e fizemos tambem a da Resurreição dia de Pascoa de madrugada de que ficarão em estremo consolados, e depois jantarão todos juntos com muito amor, & caridade. O dia de Pascoa gastarão em danças, & cantares tendo as casas & ruas enramadas com muitos ramos e flores. No meo de hũa dança entrou hũ christão do Reino de Arima com hũa cruz às costas // & hũa coroa de espinhos na cabeça, dizendo algũs ditos em sua lingua, muito deuotos.”, fls. 249-249v.

- **Carta de Luís de Almeida** para o padre e bispo D. Belchior Carneiro. Japão, Outubro de 1568.

“Cochinoçũ he hũ villa pequena, aonde auera mil & duzentas almas todas Christãs (...). Aqui se celebrão as festas com muita deuação, especialmente procissão de endoenças se faz com as mais lagrimas, & soluços que eu vi depois que naci, porque eu vi com meus olhos quinta feira da somana santa, diciplinarense mais de quatrocentos homens, & mais de quinhentas molheres, todos com deciplinas de rosetas com grande crueldade, feruor, lagrimas, e gemidos. Outros hião com traues muito pesadas, outros com cruces as costas, outros com cadeas de ferro ao longo da carne. Fogo he isto do Spirito Santo, que em corações bem despostos com tanta facilidade se atea. Foi a procissão de nossa casa a nossa Senhora do Cabo, que estará daqui hum tiro de hũa boa espingarda, em hum lugar alto muito deuoto: acertou el Rei de Arima estar em parte donde a vio, e mouido com a

noudade da cousa, não com pouco sentimento disse: bem comprão os Christãos o repouso da outra vida. Não trato da Resurreição, em a qual com excessos de alegria & contentamento lhes pagou nosso Senhor o intimo sentimento que de sua sagrada paixão tinham mostrado, as ruas com as frescuras parecião bosques, e com os muitos e deuotos oratorios parecião igrejas. Affirmo a vossa Senhoria que ainda que não esperassemos outro premio, bastauão as grandes consolações que nosso Senhor communica, em ver hũ feruor tão arreigado em corações tão modernos no conhecimento de seu Criador, e assaz ficauão recompensados os trabalhos que padecemos, por lho denunciar (...)”, fl. 253v.

- **Carta de Luís Fróis** para Belchior de Figueiredo. Miyako, 1 de Junho de 1569.

Excerto da descrição da primeira visita de Fróis a Nobunaga: “Fui daqui com Lourenço, Belchior, Antonio, & Cosme, & os principaes Christãos até a fortaleza [de Nobunaga], & por elle estar ouuindo musica recolhido dentro, lhe leuarão Sacuma, & Vatandono o que lhe eu leuaua, que era o sombreiro de veludo, que vossa Reuerencia me mandou auera tres annos de Búngo, & hum espelho & huma cana de Bengala, & hum rabo de pauão, que era cousa de pouca importancia & preço pera o conceito que todos tinham de riquezas que lhe eu poderia levar: tomou somente o sombreiro, que das outras cousas não tinha necessidade, que folgaua com minha vinda, & que outra vez desocupado me veria: trouxe Xacumandono de dentro hum lequixò (que he hũa boceta grande dourada) com muitas sacanàs, que são cousas de comer, & teue muitos cumprimentos com Vatadono, sobre qual delles ma daria: sairão ambos comigo fora, & com muitos cumprimentos, & mostras de amor se despedirão de mim.”, fl. 259.

“A primeira oitaua da Pascoa por mandado de Nobunaga, & fauor de Vatadono fui ao mosteiro de Rochiò acompanhado dos Christãos principaes a visitar o Cubòcama, leuei lhe hum vidro que ainda era quebrado por huma aza, & hũa peça de seda, o qual por estar enfermo me não vio mas mandou sua Ama que me visse, a qual tem como mãi sua, & lhe gouerna toda a casa, offerecendo se juntamente pera tudo o que me fosse necessario. Ali dentro fui visitar a algũs Senhores principaes de sua corte pera os ter propiçios ao diante, & com isto nos tornamos.”, fl. 260.

“Feitas estas visitações que erão principio de nosso assento no Miaco, por ser mais principal, & mais solida cousa ser a patente a do sello vermelho que se chama Goxum [dada por Nobunaga, depois de aliciado por Fróis em como isso lhe valeria fama na Cristandade], & em nossa lingoa, mandado de Nobunaga, & a patente ou Gogensi do Cubòcama, especialmente na de Nobunaga fazíamos mais instancia: da qual Vatadono tomou mais assumpto de ma negociar, & pera vossa Reuerencia saber mais em particular, quão estranha & summamente este homem he venerado, pera a cidade do Sacay, tirar hũa

patente sua de quatro regras, lhe mandou perto de quarenta mil cruzados, // de Vozáca mais de quinze mil de cada mosteiro dez, quinze, vinte, barras de ouro: & isto por duas & tres vezes & o mesmo das fortalezas, de maneira que parece increiuel sua riqueza de prata & ouro, & tanto que ja tem fastio de lho apresentarem. Tanto que os fidalgos, Bonzos, & cidadãos, & homens que tem negocio com elle vierão auentar que desejaua Nobunanga vestidos, & cousas da India, & de Portugal, realmente que foi tanto o numero de cousas que lhe apresentarão que eu fiquei espantado, & alheio de mim, sem saber donde a estas partes tão remotas pode vir tanta multidão de peças, nem donde os lapões as ouuerão dos Portugueses, conuem a saber, todas as capas, & cabayas de escarlata, gorras de veludo, com suas prumas, & medalhas de nossa Senhora da Graça, todas as peças de setim carmesim, pelles de cordouão, relógios darea, & de sol, rolos de candeas todas as pelicas da China, & roupões de martas, vidros excellentissimos, todos os damascos requissimos, & outras muitas infinitas cousas que não me lembrão: & disto tanta abundância que tem algũas doze ou quinze arcas como as do reino cheas destes presentes de tres ou quatro meses pera ca, assi que sem duuida ja não sei que cousa de lá possa vir que pera elle seja noua.”, fls. 261-261v.

“Passados quatro ou cinco dias veo aqui Vatadono com obra de cento & cincoenta homens, & elle mesmo em pessoa os fez ficar todos fora, trazendo somente hum filho seo consigo, & sete ou oito fidalgos do Cubòcama que o acompnhauão: derão lhe os Christãos de merendar, & a todos aqui se offereceo com palauras de amor, pera o que lhe fosse necessario, e a mim disse que fosse com elle, & leuasse o relógio do despertador, porque desejaua Nobunanga de o ver, o qual estaua so em hũa sala, com dous ou tres moços fidalgos. Vio o relógio, & pasmou, dizendo me que posto que o desejaua, o não queria por ser em sua mão perdido: segundo era laboriosa a tempera, & concerto delle: fes me entrar dentro na mesma sala, duas vezes me mandou dar o seu cha pola sua porçolana. Nisto vierão huns figos passados mui grandes do reino de Mino, mandou me dar hum caixansinho delles: estaria duas horas de relógio perguntando me por cousas de Europa, & da India, & Vatadono fora da sala na varanda que em tudo nos ajudaua. (...) Antes de me tornar me disse que elle estaua de caminho pera se partir pera o seu reino de Voári, que antes da partida o tornasse a uer, & fosse com os vestidos á Portuguesa, assi como fora a casa de Cubocama.”, fl. 262.

“O dia antes que Nobunanga se tornasse pera o seu reino de Voári, fui la pera me despedir delle, & por como atras disse, elle me ter dito que antes de sua partida o fosse ver outra vez, estando as salas de fora cheas de gente esperando por despachos que com el Rei tinham, tanto que Vatadono disse que eu ali estaua, logo me mandou entrar, que era já

quasi em se cerrando a noite: leuei lhe hũa mão de papel de marca maior vermelho da China, & hum rolo de candeas dos que me V. Reuerencia mandou, que acertarão vir tres dias antes, na mais ocasionada oportunidade que pudera ser, o qual el Rei logo acendeo por sua mão & o teue nella grande espaço, perguntando me com sua acostumada affabilidade polos vestidos com que visitara dantes o Cubocama? respondi lhe que por sua Alteza estar ocupado, & ser de noite, & elle de caminho, o guardaua pera quando embora tornasse ao Miáco, mas que todauia ali os trazia: mandou que os trouxessem, e que diante delle os vestisse que foi hũa capa de asperges muito curta & velha de damasco de Ormuz, com sabastro de brocado velho, & hum barrete preto, vendo a muito devagar & louuando a maneira, quisera me logo aleuantar, & assi lho disse Lourenço pera não ser impedimento aos despachos de fora: deteu nos por força, dizendo nos que não releuaua.”, fl. 263v.

“Eu como não tinha cousa que levar a Cubòcama, remeti me a hum rollo de candeas que Vossa Reuerencia me mandou, bem que quisera levar seis que auia: mas por não auer ja em casa cousa algũa pera dar, os guardei pera outras necessidades: foi Vatadono la dentro, mandou me o Cubòcama dizer por elle que folgaua com minha vinda, & o que tinha passado com Dayrî, sobre mim que me não desconsolasse, porque elle me fauoreceria, & que me não via então, por estar mal desposto. Todauia Vatadono como discreto & intimo amigo nosso vendo que fazia então muito a meu caso verme o Cubòcama, pera tambem o pouo não cuidar que pola persuasão de Niquijoxonim estaua eu já fora de sua graça: me disse que mandássemos depressa a casa em busca do relógio do despertador, & que de necessidade pera o ver eu o auia de temperar diante delle, que com isto me meteria dentro. Vindo o relógio, foi o dizer Vatadono a Cubòcama & logo com elle me fez entrar dentro, folgou summamente de o ver: & mandou chamar Cungandono, & muitos fidalgos pera lho mostrar, & fazendo me chegar muito perto de si me esteue perguntando muitas particularidades do relógio, & dizendo lhe Cungandono que muito mais miraculoso era o relógio que estaua em Búngo, que elle o vira & daua horas de noite, & de dia sem lhe porem a mão: pasmou, dizendo que o mandasse buscar que desejaua de o ver; & dizendo lhe Vatadono que se seruísse sua Alteza daquelle; respondeo que nunca vira melhor cousa, mas que nelle era perdido, porque o não entendia: porem que o guardasse muito bem, louuando por muitas vezes o engenho, & discrição da gente de Europa.”, fl. 266.

- **Carta de Luís Fróis** para o padre Belchior de Figueiredo. Miyako, 12 de Julho de 1696.

“leuei lhe [a Nobunaga] hũ presente por despedida, hũa camisa, & hũas ciroulas de cheila, & hũas chinelas vermelhas: (...) calçou logo Nobunánga as ciroulas, & as chinelas, & nisto me mandou chamar: recebeo me com me dizer que pera o verão lhe parecia bom trajeo aquelle.”, fl. 273v.

- **Carta de um homem português** (desconhecido) para os padres e irmãos da Companhia de Jesus de Portugal. Japão, 15 de Agosto de 1569.

“Determinou dom Bertolameu festejar o nascimento de nosso Senhor Iesu Christo com representarem ao pouo a vida de Ioseph, & outras cousas à sua maneira, & a noite do Natal representarão a vinda dos pastores ao presepio, & outros antre meses que durarão até meia noite, & estauão na igreja presentes a elles dom Bertolameu, & sua molher, que ainda era gentia, & outras senhoras: vindo o tepo [sic.] da missa do gallo se foi pera sua casa ficando a igreja chea de gente que nella dormirão, & acabadas as tres missas, e hũa curta pregação que fez hũ irmão lapão, por nome Paulo, se forão cada hum a sua casa: isto foi á sexta feira á noite, quando veo ao sábadado que dom Bertolameu determinaua fazer sua representação, depois de jantar choueio, e fez grande frio, e ficou pera o domingo feito hũ grande cadafalso em que a obra se fez // em hum campo pegado com a igreja, que por verem os que ver quisessem se fez esta obra fora della; ao redor deste campo forão feitos muitos palanques, em que estiuerão muitas senhoras gentias Christãs e muitas outras molheres, ajuntarão se pera esta festa passante de duas mil almas, estaua a molher de dom Bertolameu, dum grande palanque, com algũas senhoras que a acompanhauão, no outro estaua o padre com dous irmãos lapões, & eu que a tudo estieue presente, & com muita enueja áquelles que melhor que eu entendião o que dezião as figuras que na obra entrarão. Os mais erão gentios filhos dos principaes de Vómura, homens mui honrados, que apesar dos seus Bonzos se vestirão galantes, e o mais que puderão custosos, pera festejarem o nascimento do seu criador. Todos estes Christãos, & gentios dançaram, & cantaram, & tangeram seus instrumentos, que todos a sua chara o sabem fazer; dom Bertolameu tambem tudo o mesmo fez com muito contentamento, por ser o cano por onde corre o honrarem & festejarem os gentios o nascimento de nosso Senhor, & em verdade que mui galantes, & com muita graça se mostrarão, ella lhe naceo daquelle, a quem elles festejauão, porque nas festas que aos seus pagodes fazem nenhũa tem; mas na maneira dellas se ve logo claro a quem se fazem.”, fls. 284-284v.

- **Carta de Luís de Almeida** para os padres e irmãos da Companhia de Jesus. Firando, 25 de Outubro de 1570.

“Deixando [no Usuqui] hũ irmão lapão pera que os doutrinasse [aos cristãos] me vim pera a igreja de Búngo aonde reside o padre Ião Bautista, ao qual mandaua o P. Cosme de Torres que visitasse todos os Christãos das Comarcas de Búngo, & nisto se fez muito seruiço a Deos, porque além dos Christãos muito se aproueitarem, se fizerão muitos gentios Christãos, nisto gastaria o padre Ião Bautista dous meses & meo, ficando eu em seu lugar na igreja de Búngo, no qual tempo socedeo morrer hũ Christão dos mais

honrados desta cidade, ao qual enterramento veo o padre Ião Bautista por se achar aqui mui perto, & ser a pessoa mui nobre: fiz lhe seu officio, & enterramento muito solene cousa que os gentios ficarão marauilhados, porque a caixa em que hia o corpo, & se auia de enterrar, era toda forrada de damasco, a qual hia metida em hũas andas que leuauão quatro irmãos da misericórdia, & as andas erão todas forradas de damasquilho douradas, & hũa varandasinha com seus peitoris ao redor das mesmas andas, todos pintados, dourados, & prateados: & da mesma maneira era a cubertura barrada: erão estas andas postas no chão de altura de hũ homem, por terem os pés de tres palmos, sobre os quaes se sustentauão quando os que a leuauão cansauão: em cima leuaua hũ monte Caluairo douro, e prata, com hũa cruz douro, e em cada quina leuaua hũ cirial prateado, com suas candeas douradas todas, as quaes hião encaixadas nos cantos das andas. Diante da tumba hião doze bandeiras de seda branca de mais de hũa braça de comprido, & de tres palmos de largo, em cada hũa dellas hião debuxados todos os martírios da paixão, em hũa a Cruz, e em outra a coroa, &c. & logoa hião cem Christãos cada hũ com sua vella acesa na mão, e logo a cruz da nossa igreja, que ainda que de cobre, he muito bem dourada, com seus ciriaes, e logo o P. com os irmãos de casa, & detras muitos Christãos homens, & mulheres, e meninos. Foi este enterramento causa com que muitos gentios se despusessem a serem Christãos como depois se fizerão.”, fl. 291.

- **Carta de Luís Fróis** para o padre António de Quadros, provincial da Índia. Miyako, 28 de Setembro de 1571.

“hia o Visorei na dianteira, leuando na cabeça hũ sombreiro de veludo carmesim, com seu cordão de fio douro que de Bungo lhe mandou o Padre Francisco Cabral, que elle muito estimaua, e lhe tinha metido dentro seu capaçete de aço, feito a maneira de sombreiro (...)”, fl. 314v. Este episódio também é descrito na *Historia de Japam*, no capítulo 94 do volume 2.

- **Carta de Gaspar Vilela** para os padres do convento de Avis, em Portugal. Goa, 6 de Outubro de 1571.

“(...) [os japoneses] morrendo rogão que seus corpos sejam enterrados com pompa, & pedem aos Bonzos que roguem por elles (...)”, fl. 327v.

“(...) celebramos lhe [aos japoneses] com grande festa, e solenidade o Nascimento de Christo N.S. & Resurreição, nestas duas festas especialmente mostram hũa alegria infinita (...)”, fl. 329v.

- **Carta de Alexandre Vallaregio** aos padres da Companhia de Jesus em Portugal. Índia, 1572.

“Ao outro dia que era dia dos finados se tornarão todos a juntar na igreja onde eu ja tinha mandado vir os ossos de huns Christãos // estrangeiros, que morrendo aqui [Japão, ilha de

Gotò] ha muitos anos, estauão enterrados na praia, & metidos em hũa tumba os leuamos em procissão a enterrar ao campo, com tam boa ordem que os gentios estauão espantados, tendo concorrido muitos a este espectáculo. (...) Abalou isto tanto aos gentios, que ouuimos dizer huns aos outros não poder deixar de ser cousa santa, o que pregauão homens que tanta honra fazião aos ossos dos defuntos que não conhecião, & assi compungidos vierão dahi por diante muitos a ouuir pregação”, fls. 333v-334.

- **Carta de Luís Fróis** para Francisco Cabral. Miyako. 20 de Abril de 1573.

“Dia de Pascoa fizemos a procissão antes de amanhecer ate a Cruz com muitas alinternas de papel, que os Christãos tinham feitas, nella cantauamos nos hum pedaço, tangendo Mateus a viola darco, & os Christãos outro pedaço, de maneira que foi de muita alegria, todos os gentios de Sánga vierão a ver, & tornando nos, pregou Lourenço & disse eu a missa cantada, & comungarão a ella os Christãos, & assi quanto ao esperitual, passamos aquella manhã // em alegria in domino, quanto ao corporal: deu Sangadono hum banquete aos Christãos que vierão do Sacáy, & das outras fortalezas. fl. 338v-339. (Excerto do sumário que Fróis fez de uma carta que o Padre Organtino lhe escreveu).

- **Carta de Gaspar Coelho.** Omura, 5 de Outubro de 1575.

“Os mesmos Bonzos logo depois de auer poucos dias que forão bautizados acompanhauão os defuntos, & pedião que se lhes ensinasse o modo de os enterrar, porque querião mudar o officio que primeiro tinham em seruiço do demonio em o de Deos nosso Senhor.”, fl. 353.

- **Carta de Luís Fróis.** Usuki (Bungo), 20 de Agosto de 1576.

“He custume em lapão, quando morrem entre gentios estes soldados pobres, & gente desemparrada leuarem lhe os corpos a queimar, hũs homens a que chamão Fígriris, que commummente são despresados, & tidos por gente baixa. Morrendo ali [na jurisdição de Dario, que era senhor da fortaleza de Sáva, no reino de Yamáto, Takatsuki] dous pobres Christãos naquella fortaleza mandou Dario fazer hũa tumba como as nossas da misericórdia com sua capa de damasco, & mandou chamar todos os Christãos, assi fidalgos como os populares homens & mulheres, & que todos trouxessem lanternas com candeas acesar pera acompanhar os defuntos, & porque os gentios fazem muito caso da pompa funeral, & são muito dados aquellas ceremonias exteriores, mandou mais fazer oito ou dez estandartes de seda branca, & no meo de cada hum delles pintar hum dos instrumentos da paixão, & o nome de IESVS com letras dourado, & as chagas pera se leuarem aruorados no enterramento, o qual custume he vniuersal em todas as partes de lapão, alem da Cruz que vai diante, & em lugar destes Fígriris desprezados, & baixos, elle & seu filho leuarão a tumba as costas, que pera a soberba arrogância, & opinião dos lapões, foi hũa cousa, que

pos a todos em grande espanto por onde os fidalgos todos a sua imitação fazem o mesmo.”, fl. 366

- **Carta de Luís Fróis.** Usuki (Bungo), 5 de Junho de 1577.

“Casi cada dia temos agora aqui pregação aos catecumenos, tres, & quatro vezes, que moidos polo que virão nesta controuersia se determinarão de fazer Christãos. Outros fidalgos nobres, tendo noticia do que passaua, esperão por ocasião, & tempo pera ouuirem as cousas de Deos. O mão conceito, & opinião que os gentios da Christandade tinhão, se conuerteo em admiração, & espanto, dizendo muitas palauras bem diferentes dos despresos, & blasfémias com que tè ali costumauão vituperar a lei santíssima de Deos, Dom Sebastião frequenta mais a meude a igreja quasi todos os dias hũa, & duas vezes, & muitas dellas se não vai se não depois da mea noite. O appetite das relíquias, o desejo das contas bentas, se dantes nos Christãos era arrezoadado, agora he imenso, que mais direi.”, fl. 387v.

- **Carta de Luís Fróis para o Padre Visitador.** 10 de Agosto de 1577

“He custume vniuersal de lapão, assi dos naturaes como dos forasteiros, religiosos, & seculares, que quando se vai visitar qualquer senhor, sempre lhe hão de levar algũa cousa, & com este custume correo o nosso padre Mestre Francisco de santa memoria & seu sucessor o padre Cosme de Torres, e o padre Francisco Cabral, & finalmente quantos padres, & irmãos ha em lapão, porque não lho leuando, alem de se lhe não guardar o decoro, não se pode com elles ter entrada, & em tanta maneira se obserua isto, que se trinta vezes no anno se for falar a hum senhor, de todas trinte se lhe ha de levar algũa cousa. Polo que como elles ja cà tem noticia da vinda de vossa Reuerencia, & sabem que he superior vniuersal da India, & destas partes de todos os da companhia hão de esperar. Quero dizer os gentios senhores grandes, a quem há de visitar, o presente conforme a calidade da pessoa, as cousas que agora boamente me occorrem que elles estimão são sombreiros de Portugal, forrados de dentro de tafeta, ou veludo, relógios de area, vidros, oculos, peles de cordouão, bolsas de veludo, ou de grã, lenços finos laurados, frascos de confeitos, algũas conseruas boas, fauos de mel, capas de pano de Portugal, cheilas boas ainda que sejam da China, peças douradas da China boas, esteiras da China que se poem ás janelas que são lauradas com fios de seda, algũa aguila, ou calamba fina, algũs papos dalmiscre, bocetas grandes de pegu, ou de bengala, ou de Cambaia, retros carmisim, alguns liquiros da China bons que são hũas bocetas grandes, que tem dous ou tres, hũs sobre os outros, qualquer lapão ahi sabe que cousa he liquiro que se fazem em Cantão, hũa jarra de bolos dacucar, e outra de fartens, algũa pimenta em achar, algũs panos de frandes ou godomecim, ou alcatifa. Aponto nestas cousas todas pera vossa Reuerencia

mandar buscar ahi as que boamente puder achar pera as visitas, que como digo hão de ser muitas, & em diuersos reinos, isto que até aqui aponto he pera os gentios.

Pera alguns fidalgos Christãos nobres assi do Miâco, como doutras partes podia vossa Reuerencia mandar fazer dez ou doze relicairos de prata de diuersas feições, porque os fazem ahi os Chinas muito bem feitos, contas pera rezar não muito meudas, nem muito grandes, as quaes se fazem na China brancas, & pretas, algũs alambres se os ouuer, contas // de santo Thome estimão em muito, idest do pão de são Thome, algũas Imagens de Christo nosso Senhor, ou nossa Senhora, ou de santos, & sobretudo contas bentas, isto he o que se pode dar aos Christãos, & o porque elles esperão.

Tambem seruem pera os de riba algũas cangas da China brancas, & pretas, & Nunos, & damasquilhos. E finalmente as cousas que la não parecem ás vezes serem de nenhũ momento, são nestas partes muito estimadas.” Fl. 397-397v.

- **Carta do padre Organtino para o padre Visitador.** Miyako, 21 de Setembro de 1577.

“Tambem moueo esta obra [a igreja que se construiu no Miyako] a estes senhores Christãos a fazerem outras igrejas grandes, & fermosas, & já dentro deste anno se começou duas, hũa na fortaleza de Sánga, & outra na de Vocáyama, onde auera passante de tres mil Christãos que este anno fizemos, & pois assi he folgaríamos que vossa Reuerencia pera o ornamento da dita igreja nos procurasse de auer dasses [sic.] senhores capitães Portugueses algũas peças boas, como serão duas alcatifas grandes pera o altar, & capela, algũs paramentos de borcado, ou de veludo com algumas imagens fermosas, porque sejam elles tambem participantes do bem que disto esperamos, que resultará, que não será pouco, pois estes lapões // gentios com o exterior de taes cousas, se mouem em grande maneira a se fazerem Christãos.”, fl. 397v-398.

“Depois disto quinze dias, morrendo hũa filha do Capitão da fortaleza de Tacacçúqui, fizemos o mais solene enterramento que até gora se fez em lapão, & quis nosso Senhor que viesse a elle grande parte da gente, que fora á festa do Tingín com a mesma pessoa principal que disse com que parece que lhe ficou mudado seu coração, porque sobre as outras cousas todas, os enterramentos bem feitos mouem aos lapões a se fazerem Christãos (...), fl. 398.

- **Carta do irmão Amador da Costa.** Aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. China (estava de caminho para o Japão). 23 de Novembro de 1577.

“No estado de dom Bertolameu, não ha ja gentio nenhũ, & está muito poderoso, tem feito agora de nouo hũa fermosa fortaleza sobre hũa rocha viua, com a qual, & com lhe morrer agora o derradeiro, & maior de seus inimigos, está em summa pax. Tem dous filhos muito bons caualeiros, & chatholicos Christãos, de nenhũa maneira se querem vestir ao modo de

lapão, senão á Portuguesa. Aqui á China mandão fazer seus vestidos, por lá lhos não saberem fazer.”, fl. 400v.

- **Carta de Luís Fróis para o padre Francisco Cabral.** Japão, Outubro de 1578.

“Tiemos [Fróis e a rainha, mulher com quem o rei de Bungo se casou depois de repudiar a “Jezebel”] outra pratica sobre as cousas da Virgem nossa Senhora, porque desejo eu muito em extremo de encastoar nos corações dos principes, & senhores de lapão hũa especial deuação à Virgem nossa Senhora polos muitos bens que dahi lhe podem resultar, e eu lhe disse como vossa reuerencia [Francisco Cabral] tinha hum retabolo pequeno de nossa Senhora, & hum rosairo de contas de coraes pera dar â rainha como se fizesse Christã com que ella não pouco se alegrou. Rogou me o principe que quando cá viesse logo pola menhã lhe mostrasse o retabolo de nossa Senhora, porque o queria ver, & tambem auia de tomar a traça deste nosso altar, e capela pera melhor poder fazer o seu.”, fl. 431v. Nota: o principe, filho mais velho do rei de Bungo, na altura desta carta, segundo o que Fróis afirma mais adiante, ainda não era baptizado.

- **Carta do Padre Visitador Alessandro Valignano para D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora.** Arima, 15 de Agosto de 1580.

“A quarta [razão contra a nomeação de um Bispo para o Japão] porque fora mister mui grossa renda, & grande gasto pera se poder sustentar porque o modo de viver de lapão não sofre outra cousa porque elle ha de sustentar as igrejas, & ha de dar infinitos presentes a senhores Christãos, & gentios, a huns pera que fauoreção, & aos outros pera que não contrariem a conuersão & o pouo de lapão depende tanto de seus senhores que se não pode fazer nada sem o fauor delles. Alem disto conforme ao costume de lapão se não pode Visitar nenhũ Señor sem lhe dar presente, & se o Bispo não tiuer que gastar não farão delle nenhũ caso, & forçadamente ha // de correr no modo de viuer em sua casa conforme aos costumes de lapão aos quaes elles estão aferrados tam fortemente que lhes parece que todas as mais gentes são barbaras em sua comparação, & como nosso Senhor não concede agora as graças de resuscitar mortos, & fazer outros milagres que fazião os santos, e prelados da primitiua igreja, não podem os prelados agora correr com os lapões da maneira que corrião em Europa em aquelle primeiro tempo.”, fl. 478-478v.

“Recebemos o relógio, & breuiario grande que V. S. nos mandou, o relógio por ser hũa peça tam grande a leuarei ao Miàco, & pode ser que a dê a Nobunanga, ou a seu filho, ou a algũ outro senhor grande, pois V. S. me dà essa liberdade de da lo a quem for melhor enpregado [sic.].”, fl. 478v.

- **Carta de João Francisco.** Miyako, 1 de Setembro de 1580.

“porque não aparece ninguém diante delle [Nobunaga] sem o melhor presente que podem (...)”, fl. 479v.

Segundo Tomo

- **Carta de Luís Fróis** a outro padre no Japão. Miyako, 14 de Abril de 1581.

“No mesmo Domingo de Ramos nos partimos pera Vocáyama & ao sair polla cidade de Sacáy fora auia infinidade de gente que estaua esperando pollas ruas pera verem a extraordinária estatura do padre Visitador, & a cor do Cafre que hia comnosco, era tanta a gente, & tantos os fidalgos que com ser o Sacáy tam liure comquanto a multidão da nossa gente não podia passar sem derrubarem algũas tendas // polas ruas estreitas, todauia não ouue falarem palavra desconcertada fora do Sacáy auia mais de trinta, e cinco bestas dalbarda, & alguns trinta ou quarenta homens de carga pera o fato, & outros tantos caualos pera os nossos, fizeram muita instancia que o cafre tambem caualgasse, & cada passo nos saião por aquelles caminhos, acompanharão nos muitos fidalgos prouendo nos de todas as cavalgaduras necessarias, & por aquelles caminhos saião muitos fidalgos a caualo que vinhão ao nosso encontro.”, fl.2-2v.

“Ao Sabbado santo quando se começou o officio, & depois no principio da missa se começarão a tanger os órgãos. Imagine vossa reuerencia o contentamento, & alvoroço de todos, & o espanto que nelles aueria por ser pera todos cousa tam noua.”, fl. 3.

“Domingo da Resurreição se fez hũa das nobres procições, & de maior pompa, & aparato de quantas eu tenho visto em Iapão. Ali se acharão todos os fidalgos, & gente nobre Christã, & muitos gentios, dizem que seria em numero somente dos Christãos quinze mil almas todo o caminho até a cruz que he longe estaua concertado de nouo, & junto da mesma cruz doze homens armados com limpas, & lustrosas armas. // Os fidalgos todos principaes leuaua cada hum seu retabolo na mão por auer muitos que o padre Visitador trouxe, & obra de vinte & cinco meninos do seminario com suas aluas, & retabalos nas mãos: hia na procissão hũa charola que leuauão quatro fidalgos muito bem concertada, & os retabolos grandes, & panos postos a maneira de bandeiras de misericordia aleuantadas em alto & grande numero de alenternas feitas de mil enuenções com suas candeas que lustrauão muito. O padre Visitador leuaua hum relicairo do lenho da cruz debaixo de hum pallio, & os padres com capas, & almaticas, muitas particularidades ouue nesta procissão que se não podem escrever porque seria cousa muito difusa.”, fl. 3-3v.

“Logo á segunda feira primeira oitaua foi a gente tanta a nossa porta, por estar aqui Nobunánga no Miáco todos a ver o cafre que ouue alguns principios de arroidos, & alguns feridos de pedradas, & outros que estauão pera se matar, & quebrauão as portas, & com auer muita gente de guarda ás portas, com dificuldade se lhe podia resistir, & todos dizião que se mostrasse pera ganhar dinheiro, que polo menos ganharia hum homem como elle com grande facilidade oito ou dez mil cruzados em breue tempo, & he grande, & excessivo o desejo que tem de o ver, Nobunánga o mandou chamar, & leuou lho o padre Organtino, fez estranha festa com elle fazendo o despir da cinta pera riba não se podendo persuadir que era aquillo cousa natural senão artificiosa: tambem o mandarão chamar os filhos de Nobunánga, & com cada hum deles ouue extraordinárias graças, & hũ sobrinho de Nobunánga que agora he capitão de Ozáca lhe deu dez mil caixas, folgou em extremo de o ver, & temos bem de trabalho com suas vistas.

A quarta feira logo seguinte foi o padre Visitador a visitar a Nobunànga que estaua aqui perto em hum pagode agasalhado, o qual pagode temtomado pera si, & deitado os Bonzos fora, fomos com elle somente o padre Organtino, & eu, & de presente se lhe leuou hũa cadeira dourada, & hum pedaço de veludo carmesim, & hum vidro christalino, mostrou grande agasalhado ao padre, & espantou se não pouco de sua grande estatura, & esteue hum grande pedaço comnosco falando de diuersas cousas, & por lhe parecer que o padre estaua // mal desposto com palavras de grande amor falou sobre sua conualecencia, & sobre as mezinhas que lhe poderião ser boas, & sendo o padre já saído fora do pagode, me tornou a chamar a mim, & ao irmão Lourenço, mandando por nós ao padre dez patos brauos que naquela hora lhe mandara hum Rei de Bandòu por hum seu embaixador os maiores que nunca aqui vimos, cousa de que todos muito se espantarão, por ser isto em Nobunánga fauor extraordinário. Dahi nos fomos a visitar o filho mais velho de Nobunánga, & depois a Muraydono, que tambem fez muito agasalhado, & honrra ao padre, & o filho de Nobunánga deu a Lourenço que lhe leuou o recado dous vestidos de seda bons. Isto sumariamente he o que toca ao processo de nossa viagem, posto que todas as particularidades que são muitas em numero não se podem aqui explicar (...)”, fl. 3v-4.

“Agora tem [Nobunaga] feita outra festa pera fazer aqui no Miáco perto de Voári, a qual he a mais nobre, & esplendida, & custoza de quantas tem feito em todo seu tempo, & nella pretende dilatar seu nome, & fama se [sic.] poder por todas as partes do mundo. Tem pera isto chamado todos seus filhos, & todos os reis confins, & todos seus vassalos principaes, & senhores de todos os reinos seus vezinhos, & amigos, a qual festa não consiste em mais que em cada hum mostrar a nobreza, & fausto de seu vestir, & de seus caualos, & criados, & cada hum ha de sair com sua inuenção diuersa, & tem mandado dizer

a todos, que todo aquelle que não gastar pelo menos de mil & quinhentos cruzados douro, & dahi pera riba, que não saia a esta festa, polo qual os mediocres Tònos gastão cinco & seis Ichimais douro, & outros dez, quinze, e vinte, & outros muito mais, & somente Xibatadono que antontem aqui chegou de Yechigèn tras consigo dez mil homens, & dez mil quiles [sic.]. Ontem foi vsitar [sic.] a Nobunánga, & offereceo lhe em ouro trinta Ychimaïs, & tres dongus de Chanoya, que val cada hum sanjengua, & são por todos trinta mil cruzados que // são vinte mil takis de presente somente, & dizem que no caminho, e vestidos, & ornamentos dos seus, gasta trinta mil takis que são cincoenta mil cruzados. Aqui se vestio todo de gran, & o seu caualo tambem cuberto de gran, todauia não quis Nobunanga que elle saise desta maneira porque porventura reserua esta libre pera si mesmo. Vcondono tem feito sete maneiras de vestidos pera si, & outras tantas pera seus caualos. Mandou lhe Nobunánga pedir que lhe mostrasse o que auia de leuar na cabeça, & contentou lhe muito dizendo lhe sobre isto muitas palauras de fauor, & o mesmo ao Iquetan. Outro senhor leua somente junto do seu caualo cincoenta homens vestidos do borcado da China o melhor que pode achar & onde as peças douradas da China valião por hum tael, nem por tres se achão no Sacày, dizem que somente na primeira saída em que hão de sair setecentos de caualo com sua gente, se gasta mais de cem mil takis, segundo a conta de Vcondono, & de Reuçã, & doutros homens que polla maior parte sabem a despesa que se tem feita.”, fl. 4-4v.

“Da festa de Nobunánga tinha muito que dizer, a qual vimos hoje // Sabbado antes da Pascoela. Digo a vossa Reuerencia que tiradas as cousas de Europa em minha vida vi cousa semelhante. Fez Nobunánga hum terreiro em hūs caminhos cubertos de area que teria duas ou tres vezes a ribeira de Lisboa, & nella sua tea como de justa pollo meo, fizeram tambem muitos palanques, & hum se fez pera Dairi, no qual elle em pessoa veo fazer justa. Aueria segundo dizem passante de cento, & trinta mil pessoas que fazião a justa: estauão os fidalgos dos reinos repartidos, & seus criados com librès diuersas, & os tres filhos de Nobunànga cada hum postos em seus lugares determinados. Veo Nobunánga com grande potestade trazendo gentis, & ligeiros caualos á destra, & detras deles a cadeira de veludo que o padre visitador lhe deu, que leuauão quatro fidalgos aos hombros, & toda a sua gente de pé com diuersas enuênções. Huns dizem que serão todos os de caualo que sairão ao terreiro passante de oitocentos, & outros dizem que passauão de mil, correrão de diuersas maneiras, & Nobunánga mais que todos com muita graça, e ar mudando os caualos, & seus filhos da mesma maneira. Durou a cousa até perto das quatro horas do meo dia: dizer a vossa Reurencia a riqueza, & o lustro, & fermosura de seu concerto, & atauios seria não acabar, porque tirando nossos veludos, & borcados, quanto o mais elles a

fizeram mui lustrosa, & ornadamente. (...) O lustro que dauão seus vestidos, & ornamentos com a claridade do sol, acrescentaua ainda mais a fermosura da justa, & pera que não ficasse a dignidade da cadeira sem se consumir nella seu effeito, com grande tempestade descendo se Nobunànga pera mudar as deuisas que trazia na cabeça se assentou no terreiro nella, & quando se acabou a festa, o contentamento, & alegria que todos os Christãos tiuerão deste fauor da cadeira por em tão ocasionada conjunção: vossa Reuerencia entendera quão grande seria, porque como aqui concorreo gente de diversos reinos por todas as partes se ha de deuulgar o muito que Nobunángá estima nossas cousas.”, fl. 4v-5.

- **Carta de Luís Fróis** para outro padre no Japão. Quitanòxo, 19 de Maio de 1581.

“Fomos primeiramente ver o filho de Xibatadono que he seu erdeiro [sic.], ao qual Nobunángá dá hũa filha sua pera casar com elle, he moço de muitas esperanças, bem ensinado, modesto, do qual Tacáfi conta muitas cousas dinas de notar, saio fora comnosco. & fazendo nos bom gasalhado nos despedimos delle. Tem lhe ja o pai dado quarenta mil fardos de arroz de renda, o seu ayo que o gouerna, & rege em tudo nos fauoreceo ali, & disse a Tacafi que auia ca de vir ouuir pregação, mas como he muito ocupado em grande extremo não sabemos se virá.

Depois fomos a Xibatadono & lhe apresentamos a peça de damasco de vossa Reuerencie [sic.], & sua carta, & recado, & eu lhe offereci hũ bordão & hũa boceta pequena // dazeitonas conuida nos com figos, & concha, & fez me assentar junto de si, perguntou me algũas cousas de vossa reuerencia (...), & que bem sabia que Tacafi se alegrara com minha vinda, & que folgaria que a nao viesse a este reino de Canga, & que se fosse necessario emprestar elle aos Portugueses dez ou quinze ou vinte mil taes, que o faria pollo desejo que tinha somente de ver hũa cousa tam noua nestas partes, como he a nao da China.”, fl. 11-11v.

“Se ouuesse de escreuer o que cada hora aqui se passa, ainda que não fizesse outra cousa não acabaria, como os lapões são amigos de nouidades, & nos, & nossas cousas todas são pera elles neste reino nouas: esta tarde se foi aqui ajuntando gente popular de toda a sorte, muitos somente por me verem, outros pera ouuirem, outros moidos polla nouidade do pouo, & antre elles hum Bonzo principal de hum pagode de Fotquèixus com outros dous Bonzos, & huns se sobirão aos telhados, outros em hũas aruores, outros cercarão toda a casa, & começarão arrombar as paredes, & a bater rijamente nas portas que em todo o caso querião entrar, & ouuir pregação, estando ja a casa chea, & alem disso esta rua que he arrezoadamente comprida, chea de homens molheres, & meninos, que tambem querião ouuir.”, fl. 12v.

- **Carta de Lourenço Mexia** para o padre Pero da Fonseca. Funay, 8 de Outubro de 1581.

“Alegrarão se sumamente os Christãos todos das partes do Miáco quando nos virão porque auia muito tempo que nos esperauão, & sairão ao encontro no caminho mais de setenta homens a caualo acompanhando nos com muito amor, & cortesia tiuemos a somana santa em Tacaçúqui que he a terra de Iusto donde são quasi todos Christãos, disse se a paixão em vozes com canto de orgão. Na Ressurreição ouue muito fogos, & infinidades de lanternas de varias cores, & figuras, disse o padre Visitador a missa com diácono, & subdiacono, & dous assistentes. Tangerão se os orgãos que leuaua pera o Miáco de que os Christãos ficarao [sic.] pasmados por nunca terem visto cousa semelhante. Dia de Pascoa à noite chegamos ao Miáco, & logo dahi a sete dias foi a festa de Nobunánga que chamão do sanguixo donde nos achamos presentes polo ter beneuolo, & saber que gente de Europa o via em tanta festa que foi cousa muito pera ver porque se ajuntou gente de muito longe que cobria os campos, não me lembra ver tanta junta. Aqui saio Nobunánga com quinhentos senhores de caualo mui lustrosos, & mui ricamente vestidos escaramuçando até a tarde.”, fl. 16v.

“Leuou o padre [Visitador a Nobunaga] hum cafre, o qual porque nunca foi visto no Miáco, fez pasmar a todos, era a gente que o vinha ver que não tinha conto, & o mesmo Nobunanga pasmou de o ver nem se podia persuadir que naturalmente era negro, mas que era artificio de tinta, & assi não se fartaua de o ver muitas vezes, & falar com elle, porque sabia mediocrementemente a lingua de lapão, & tinha muitas forças, & algũas manhas boas, de que elle muito gostaua, agora o fauorece tanto que o mandou por toda a cidade com hum homem seu muito priuado pera que todos soubessem que elle o amaua: dizem que o farâ Tõno.”, fl. 17.

- **Carta ânua de Gaspar Coelho** ao padre geral da Companhia de Jesus. Nagasaki, 15 de Fevereiro de 1582.

Referência à embaixada dos meninos japoneses à Europa: “Esperamos que leuando nosso Senhor todos a Roma ficara vossa Paternidade mui consolado, e toda Europa entendendo de quanta importancia seja a impresa, que a Companhia tem em lapão, & quando embora tornarem como são pessoas tam nobres, & que terão visto Europa, poderão dar em lapão testemunho da grandeza, & gloria da religião Christã, pelo que sem duuida // esperamos ser esta hũa das importantes cousas que pera o bem, & Christandade do lapão se podia a este preposito imaginar, principalmente sendo elles tratados de vossa Paternidade, & de todos os senhores Christãos de tal maneira que não somente elles tornem mui contentes, & edificados, mas que tambem cause sua tornada a lapão em os senhores Christãos delle grande contentamento, & alvoroço com muito credito.”, fl. 17v-18.

“Alem disto como o rei de Sácuma pretende irem os nauios dos Portugueses a seus portos pollo grande interesse que dahi lhe pode vir, & parecendo lhe que se ouuer // igrejas, & Christãos em suas terras se mouerão mais facilmente os Portugueses a ir a ellas, tratou este negoceo com o padre Visitador & com o padre viçe Prouincial tomando ocasião de hũa visitação, que os padres lhe mandarão fazer: & ao tempo que o padre Visitador tornando de Búngo passaua por suas terras o mandou visitar precedendo muitos recados, & lhe mandou hum presente rico, mandando lhe hum caualo, & hũa espada pera que em seu nome a desse ao Viso-rei da India, mostrando o grande desejo que tinha de ter amizade com os padres, & Portugueses”, fl. 19v-20.

Sobre o que os meninos japoneses aprendem no seminário de Arima: “(...) tambem aprendem o canto dorgão, & a tanger crauo, & tem já hũa capella mui arrezoadá, cantando muitos deles com facilidade hũa missa solene.”, fl. 20v.

“Pera dalgũa maneira mostrarem estes Christãos [do Miyako] ao padre Visitador o amor que lhe tinhão lhe offerecerão alguns brincos de lapão, e posto que o padre replicou muito, não se pode escuzar de lhos aceitar, polla grande instancia, que lhe fazião, & por ser grande descortesia entre os lapões, & por elles lhe dizerem, que leuarião muito gosto de o padre levar algũa cousa de lapão, que podesse mostrar em Roma.”, fl. 31.

“Desejou o padre [Visitador] de chegar a tempo a esta cidade [do Miyako], em que podesse celebrar os officios da somana santa da Pascoa, mas porque soube que no mesmo tempo estaua Nobunánga com muitos senhores preparando se pera hũas festas, & jogos que hauia de fazer na mesma cidade, se deteue em hũa fortaleza de hũ senhor christão que está seis legoas daqui. Sabendo Nobunánga que o padre era chegado ali perguntou por elle a hum nosso irmão pelo que pareceo bem aos Christãos, que o padre fosse logo ao Miáco, & assi no dia de Pascoa depois da missa se partio // acompanhado de muita gente, & á tarde chegou à cidade, & ao dia seguinte mandou visitar a Nobunanga pedido lhe licença pera elle por si o fazer. Indo depois lhe fez Nobunánga muito gasalhado fazendo lhe diuersas perguntas, & â tornada lhe mandou hum presente que no mesmo dia lhe viera da parte do bandòu, que he nos confins de lapão. Erão dez aues grandes a maneira de patos brauos, que em lapão são de muita estima, & não se achão senão naquellas partes, o que foi de todos tido por grande fauor como na verdade o era, & assi correo logo por toda a cidade acodindo todos os Christãos a casa dar nos os perabens do grande fauor, que de Nobunánga recebemos. Outro fauor maior se acrecentou a este, e foi que estando Nobunânga pera começar as festas que determinaua fazer, como outro rei Assuero pera manifestar sua gloria, chamou todos os principaes senhores de seu estado, que a ellas viessem, & assi se ajuntarão em hum campo, que pera isso estaua ordenado cercando o

todo ao redor setecentos senhores, e fidalgos nobres de caualo, vestidos mui ricamente, com grande concurso doutra gente, tanto que os padres todos affirmarão, que nunca virão cousa tão lustrosa, & magnifica, nem tam grande numero de gente junta, porque a juizo de todos chegariam a duzentas mil pessoas todas em hũ campo, onde estaua o Diarí com toda a mais nobreza de homens, molheres, & Bonzos, que concorrerão a ver a festa. Mandou Nobunanga dizer ao padre Visitador, que folgaria muito que elle, & os mais padres se achassem tambem presentes, mandando lhe dar pera isso hum lugar mui decente, & acomodado, do que se não poderão os padres escusar, porque não he Nobunanga pessoa a quem se possa replicar, & principalmente porque os Christãos todos tinham isto por fauor mui particular, que se nos fazia. Nas festas não auia mais que correr de hũa parte pera outra fazendo seus jogos. Quando o padre Visitador foi ver a Nobunanga lhe leuou de presente (conforme ao costume de lapão) hũa cadeira de estado de veludo guarnecida de ouro, que hũ Portugues seu deuoto lhe dera na China pera este fim, por ser cousa noua, & nunca vista em lapão. Estimou Nobunanga muito esta peça, & mais por chegar a tempo, que podesse entrar na festa por mostrar seu estado, & magnificencia, & assi mandou que a leuassem diante delle aleuantada em alto com grande pompa de maneira, que era hũa das principaes cousas por onde elle se defereçaua dos outros, & como era cousa tam noua espalhou se logo por toda aquella gente correndo a fama, que aquella era a cadeira, que o maioral dos padres lhe dera, de modo que foi hum publico pregão pera a Companhia ser conhecida de todos os reinos de lapão, por se acharem presentes muitos senhores, & gente de todos elles.”, fl. 32v-33.

“Tornando o padre [Visitador] de visitar os Christãos, lhe fez Nobunanga muito mores fauores, do que até então lhe fizera, & logo correo a fama por todo lapão, resultando nos disso mui grande credito pera com todos. Hũ dos fauores que digo, foi que tendo Nobunanga feitos hũs panos darmar da maneira que os senhores lapões vsão, & são entre elles de grande estima, os quaes chamão beòbus, que auia hum anno, que os mandara fazer pelo mais insigne pintor que auia em lapão, & nelles mandou pintar esta cidade noua com a sua fortaleza tanto ao natural, que nada quis que discrepasse da verdade, pintando o sitio do lago, das casas, & de tudo o mais quam propriamente pudesse ser, gastando nisso muito tempo, por qualquer cousa que lhe parecia que em algũa cousa discordaua da verdade logo fazia borrar, & pintar de nouo finalmente sairão a seu gosto, sendo hũa obra mui bem acabada, & perfeita, & como forão feitos estes panos, com tanta diligencia por hũ pintor insigne, & a obra em si saio tal que contentou a Nobunanga, & delle foi muito estimada, foi grande a fama que em toda a corte tinham estes panos, o que acrescentaua mais a estima delles era serem visto de tão poucos porque por particular fauor os

mostraua Nobunánga a algũ grande priuado seu. Chegou a fama ao Dairi mandando pedir a Nobunãnga que os mostrasse, & lhe contentarão tanto, que fez saber a Nobunanga, que os desejaua, mas Nobunánga dissimulou, & nunca lhos quis dar. Sabendo pois que o padre [Visitador] se queria tornar [a Europa], lhe mandou hum recado mui amoroso, & cortes, dizendo // que pois elle viera de tam longe a velo, & naquella sua cidade se detiuera muito tempo, & mostrara desejo de fazer muita conta da casa, que elle ali tinha dado aos padres de tudo lhe daua os agradecimentos, & juntamente desejaua de lhe dar algũa cousa, que por lembrança, & sinal do amor que tinha aos padres leuasse quando se tornasse pera sua terra, & que cuidando nas peças que tinha em estima não achou cousa que lhe contentasse, porque todas as peças ricas vem de Europa, saluo se o padre desejasse de leuar pintado o seu mesmo Collegio, de maneira que lhe mandou os seus beòbus pera que os visse, e que se lhe contentassem os deixasse ficar, & não lhe contentando lhos tornasse a mandar. Ainda bem não começamos a abrilos pera os ver, quando chegou mui depressa hum fidalgo com outro recado de Nobunãnga em que lhe mandaua dizer que logo lhe mandasse os seus beòbus se não contentarão ao padre, & isto com tanta festa, & alegria, que bem mostrauão os recados, & quem os trazia o muito amor & familiaridade de quem os mandaua. O padre lhe mandou dizer quanto lhe contentarão os beòbus do que Nobunánga ficou mui contente, dizendo que entenderia por ali o padre o muito amor que lhe tinha, pois aquellas peças eraõ [sic.] tanto de seu gosto, que com o Dayri lhas pedir, lhas negara, mas que folgaua muito de as dar ao padre, pera que em todo lapão se soubesse em quanta conta o elle tinha, & quando o estimaua, & assi fosse testemunho do quanto o fauorecera porque ainda que lhe dera mil cruzados não fazia tanto, pois ouro, & prata lhe não faltaua, mas priuar se de hũa cousa tanto de seu gosto pola dar ao padre, que isto era o que se auia muito de estimar. Diulgou se logo a cousa por toda a cidade, & depois por todos os reinos ao redor ficando assi os gentios, como os Christãos, espantados de huma cousa tam noua como era ouuir, que Nobunánga fizera hum tam grande fauor ao padre chamando o por isso bem auenturado. (...) Era tanto o concurso de gente que corria a ver o beóbus, não somente em Anzuchiyama, mas tambem no Miáco, Sacáy, & Búngo, & em todas as partes por onde passaua o padre, que era necessario pera poder satisfazer a todos pôlos na igreja pera que todos os podessem ver à vontade, & assi acodião homens, & mulheres de toda a sorte, polo que sabendo todos os senhores que os vião, como Nobunánga os dera ao padre cobrarão grande conceito de nos, & tiuerão nos em grande reputação.”, fl. 39-39v.

“Dahi a algũs dias tornando o padre Organtino de acompanhar o padre Visitador, foi // hum dia Nobunánga de subito a nossa casa, & antes que se soubesse da sua vinda se

acharão os padres com elle em casa, & parece sem duuida que os quis tomar de sobresalto pera ver a limpeza, & o concerto de nossas casas, porque elle he mui imigo de desconcerto, e pouca limpeza, & como o padre Organtino lhe sabe a condição trabalha sempre de estar sobreauiso, pera que o não ache nesta falta, e assi achou a casa tam limpa, & com tanto concerto, que nenhũa cousa achou que notar, & sobindo acima ao mais alto das casas mandando ficar a todos em baixo, se pos a falar com grande amor, & familiaridade com os padres, & irmãos, & foi ver o relógio, e vio tambem hum crauo, & hũa viola, que em casa tinhamos, e fez tanger hum e outro, folgando de os ouuir tanger, & gabou muito ao minino que tangia o crauo, que era filho del rei de Fiúnga, & gabando tambem o que tangia a viola, foi ver o sino, & outras cousas curiosas, que os padres tem naquella casa, as quaes são mui necessarias pera atrahir os gentios, que como são mui curiosos acodem a ve las, & fica lhes seruindo de isca pera os fazerem familiares a nós, & ouuirmos as pregações, como em cada dia esprementamos. Entre as cousas que até gora forão a lapão, de que os lapões mais gostassem, foi o tanger de orgãos, crauos, e violas, pello que temos ja dous orgãos hũs aqui em Anzuchiyama, & outros em Bûngo, & crauos em diuersos lugares, nos quaes aprendem os mininos, & nas missas, & outras festas se supre com elles a falta que ha de cantores, & doutros aparatos que nas nossas festas em Europa se vsão, o que cà fora mui necessario pera mouer esta gentilidade, e dar lhes de algũa maneira a entender a gloria, & magnificencia do culto diuino. Depois de ter passado Nobunânga bom pedaço de tempo em conuersação com os padres se tornou pera sua casa sem querer que os padres o acompanhassem, nem decessem a baixo, mas que ficassem em cima como estauão, & depois de chegar mandou hũ presente ao padre Organtino de cousas de comer mandandolhe dizer que folgara muito aquelle dia de ver sua casa, & que por sinal do muito gosto que leuara lhe mandaua aquelle presente.”, fl. 40v-41.

Sobre as celebrações da Semana Santa em Takatsuki: “Era cousa pera dar graças ao Senhor ver a deuação, & alegria de toda aquella gente, as mesmas senhoras fidalgas se forão com seus maridos a Tacacçúqui pera se achar aos officios, que o padre [Visitador] ahi auia de celebrar, & como forão os primeiros officios que com solenidade se celebrarão, & com ricos ornamentos, & orgãos que se tangião a seus tempos, foi tanto o concurso da gente que era pera espantar: fizerão se tambem os sepulchros mui solenes, & deuotos, visitando os innumeravel gente, & tantos disciplinantes, que mais parecia ao padre estar então em Roma, que em Tacacçúqui. Ao dia de Pascoa durante as horas ante menhã fizerão sua procissão tam solene que se pudera igualar com as procissões que em Europa se fazem, festejando a Resurreição de Christo nosso Senhor, porque alem do grande numero de bandeiras de seda pintadas de diuersas cores, que hião na procissão cada Christão leuaua

hũa lanterna leuantada em alto feita de papel de varias cores, & pinturas todas de diuersas feições, hũas a maneira de barbas, outras de castellos que que [sic.] sendo quasi infinitas fazião a procissão mui solene, & pomposa. Ajuntarão se a esta festa passante de vinte mil pessoas, porque alem dos Christãos vierão tambem muitos gentios, que depois dizião mil mil [sic.] bens das festas que os Christãos fazem. (...) tornando o padre Visitador de Anzuchíyama a Tacaçùqui celebrarão a festa, & procissão de Corpus Christi com auentejada solenidade, & concurso de gente, fazendo seus portaes mui bem feitos na rua, por onde auia de pasar a procissão, todas cheas de candeas acesas, concertando a Cruz que no cabo de hũa mui comprida & direita rua estaua mui ricamente, & tanta foi a solenidade desta festa, que sem comparação sobrepojou a primeira, & causou muito maior espanto nos gentios, & mais gosto, & alegria nos Christãos”, fl. 42.

- **Carta ânua de Luís Fróis** para o Padre Geral da Companhia. Kuchinotsu, 31 de Outubro de 1582.

“Là foi o padre vice prouincial com algũs padres, & irmãos, & os mininos do seminario, e lhe fizemos o mais nobre enterramento, que até gora se tem feito em lapão, por ser isto cousa que os lapões em particular fazem muito caso.”, fl. 48v.

“El rei Francisco trabalhou muito nas obras da igreja de Vsuiqui de maneira que se podessem fazer nella os officios da somana santa, & a solenidade da Pascoa, & pera isso pedio que todos os de Funáy fossem a Vsuiqui, pera que sendo maior o numero, se representasse mais a solenidade da festa, & posto que pera tudo se julgaua a igreja por capaz, todauia o concurso da gente foi tal que na festa pareceo bem pequena, & o officio de domingo de Ramos, procissão, paixão, & o mais se fez com notauel consolação de todos os Christãos, & especialmente del rei que em cada cousa destas se alegra estranhamente. Fez el rei logo ali mordomos os principaes, & mais ricos Christãos de Vsuiqui. Muita rezão temos de rogar a Deos polla vida deste bom velho.

Da mesma maneira se fizerão os officios das treuas, & paixão de quinta & sexta feira com a solenidade, & ceremonias possiueis. A quinta feira appareceo o sepulchro em que se encerrou o senhor, de que todos os lapões se marauilharão.

Mandou el rei pòr ali doze homens armados, & as armas erão del rei nouas, & muito lustrosas. O officio da sexta feira moueo a tanta deuação que não sei se ficou alguem que não derramasse lagrimas. Sairão os mininos lapões com suas aluas, & coroas despinhos nas cabeças, & leuauão os martirios nas mãos, dizendo cada hum delles seu dito na mesma lingua em que se declaraua aquelle misterio, & os mesmos mininos moudos com deuação chorauão de maneira que não podião ir por diante com seus ditos, & por a gente ser muita em grande quantidade ficou pera depois de jantar, beijarem o crucifixo, quase ate a tarde.

Na fonte do sabado santo não tínhamos nada, porque a mandou el rei fazer a maneira de lapão: auia na fonte hũa laranjeira que tinha as folhas de seda, & muitas laranjas de ouro, & hum pinheiro que tinha as espinhas de seda verde crua tam tozas [sic.] que parecia picarião se lhes posessem a mão, & em cada ramo tinha hũa pinha braua como são as de cá muito natural. tinha mais // algũas canas, cujo tronco era de pao, & as folhas de ceda tam naturaes, que escaçamente se podia adiunhar, que erão contrafeitas. No meo da fonte estaua hũa tartaruga tam fermosa, & natural, que parecia ao menos depois que a agoa lhe foi chegando aos pès, que se queria lançar nella.

Em se chegando a noite concertarão os Christãos muita diuersidade de lanternas de papel de diuersas figuras pera a procissão do dia seguinte, tanto pera ver que me affirmo não ter visto nestas partes cousa em que mais enxergasse a sotileza dos lapões em cortar com faca, que naquellas peças. O numero das lanternas, que quasi parecião todas diuersificarem nas figuras forão estimadas em numero de tres mil & as principaes forão tres, que trouxe Pantalião filho del rei, hũa das quaes era da figura de hũa igreja, com sua capella, & altar, seu frontal de brocado da China de tantos lauores, & tam sotis nas colunas, que a todos punha admiração, á porta della estaua hum disciplinante todo ensangoentado, ouue outras muitas de diuersas historias de lapão, ao tempo de sair a procissão, estando a rua toda cuberta de arcos, & de muitas flores com grande serenidade, auia ahi grandes engenhos & inuenções de fogo, de tantos, & tam diuersos artificios pello ar, que juntamente leuauão os olhos de todos apos si, & nãa [sic.] auia quem se não torcesse pera os ver. Os mininos que na sesta feira hião com coroas despinhos, as leuauão agora douradas, & prateadas mui lustrosas, ouue duas danças, hũa que fez Pantaliaão terceiro filho del rei, & outra hum genro seu, vestido ricamente ao seu modo. De hũs tres baluartes saião muitas rodas, aruores, & outros artificios de fogo, que dauão grande lustro á procissão, era tanta a gente, que com de noite se lançar fora, & fecharem todas as portas, quando veo á mea noite, & antes della estaua a igreja chea sem poder caber mais huma sò pessoa, & a mais desta gente tinha entrada por mar em embarcações. O contentamento, & alegria que el rei Francisco tinha em cada hũa destas cousas, não se podia explicar, perguntou depois o principe lá na guerra onde está, a hum homem que se achou na procissão se era verdade, que fora a cousa tanto como la soaua, respondeo que impossuiel era soar tanto como fora, & que duas cousas vira que o mais ali satisfizerão. A primeira muito numero de gente, que se ali ajuntou, porque esta só bastaua pera elle destruir seu imigo, & tornar se a restituir em seu primeiro estado. A segunda a obediencia, & sogeição que todos os Christãos ali tinhão, porque ser o numero da gente tam grande, bastaua assenarenlhe com hum auano sem falar, pera tudo se meter logo em ordem. Finalmente resultou daqui fazerem se muitos

gentios Christãos, & estarem muitos mais agora pera o serem como ouuer tempo, & occasião pera se lhes poder pregar.”, fl. 56v-57.

“(…) todos quantos ali se bautizarão, que passarão de cento, antes ainda de receberem o bautismo, & não tendo acabado de ouuir as pregações do catequismo, quebrauão, & queimauão com suas proprias mãos os idolos, & nominas que toda a sua vida adorarão, & ate gora tiuerão em grande veneração, & estima, & acabado o bautismo me trazirão todas as contas por que primeiro rezauão sendo gentios pedindo me as queimasse, & em seu lugar lhe desse outras das nossas, & alguma insignia de Christãos, como cruzes, veronicas, ou quasquer imagens que podessem ter em suas casas por serem os lapões naturalmente mui dados ao culto, & adoração.”, fl. 58v.

“(…) mandei trazer do Guyfu muitas bandeiras de seda, em que estauão os misterios de nossa redenção pintados, & muitas alenternas, & outras cousas necessarias por serem os lapões mui inclinados a fazerem suas solenidades, com grandes ceremonias, & aparato, & assi aleuantamos hũa fermosa, & alta cruz, que foi o primeiro estandarte de Christo que naquella reino se aleuantou. Concorreo de diuersos lugares grande numero de gentios a ver esta nossa festa, & polla virtude da santissima Cruz ficarão muitos mouidos, & pedem que se lhe vâ pregar no principio da primavera, porque deseão ouuir.”, fl. 58v.

“Tornando nós pera Guifu, ao dia seguinte acertou de morrer naquella cidade hum minino de tres annos Christão, que foi a primeira pessoa Christã, que ali morreo, & porque a gente da cidade, que são gentios, desejauão de ver a nossa maneira de enterramento polo muito caso que todos em lapão disto fazem, determinei enterralo com a mor solenidade, que podesse, & assi fiz ajuntar os Christãos todos que leuauão muitas bandeiras, & alanternas com nossa cruz de latão dourada, & o corpo do minino em hũa tumba bem concertada, partimos ás dez horas da noite de casa com os Christãos postos por ordem, & passamos por quatro ou cinco ruas, as principaes da cidade, em as quaes era tanta a multidão da gente, que nos estaua esperando pera ver, que apenas podiamos passar, não ouue quem nos fizesse hũa minima descortesia, antes em hũa certa maneira nos fazião hũa certa reuerencia, & admiração grande, chegamos ao cemeterio, que era hum lugar espaçoso, que logo pera isso applicou hum dos Christãos, & lá nos estauão esperando dez ou quinze mil almas, feita nossa oração antes de enterrar ao minino o irmão Paulo estando em pè fez a todos hũa pregação em voz muito alta, breue, & de boa materia acomodada ao tempo: ficamos todos admirados de ver, que em o irmão começando de falar se socegou toda aquella multidão de gente de tal maneira que parecia não estar ali ninguem. Contentou lhes muito a pregação porque acabada os gentios dizião muitos lououres de nossa santa fê, & que não auia cousa mais santa, & por grande espaço de dias falarão nisso, & desde então

pera ca se enxerga em toda aquella cidade bem differente conceito do que primeiro tinham de nós, & muitos ficão abalados pera quando ali tornarmos ouuirmos [pregação], & se fazerem Christãos (...)", fl. 59.

- **Carta de Alexandre Valignano**, Provincial da Índia a D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora. Goa, 17 de Dezembro de 1583.

"Vão tambem [comigo para a Europa] quatro moços fidalgos lapões, dos quaes os dous são filhos de grandes senhores, por ser hum delles neto del rei de Fiúnga, & outro neto, & sobrinho del rei de Arima, & dom Bertolameu, os quaes manda el rei de Búngo, & os ditos senhores seus tios, pera beijar a mão a sua Magestade, & os pès a sua Santidade, dando lhe a diuida obediencia, & pareceo nos isto bem, assi pera que os lapões fossem conhecidos em Europa, como tambem por que elles conheção a grandeza de nossa lei Christã, & a gloria, & magestade de sua Sanctidade, & mais principes de Europa, vendo essa corte, & a corte Romana, pera que depois tornando a lapão possam dar testemunho do que virão, & entendão os seus naturaes o que em lapão pretendemos, & qual he a lei que lhe prégramos, polo que importa muito que sejam fauorecidos, & tratados de tal maneira que tornem contentes, & satisfeitos a lapão (...)", fl. 89.

- **Carta de Lourenço Mexia** para o Padre Miguel de Sousa, Reitor do Colégio de Coimbra. Macau, 6 de Janeiro de 1584.

"A musica, assi a natural, como a artificial, ainda que vsão de ponto, s. subir, & decer, he tão dissonante, e tam repugnante ás orelhas, que he assaz pena ouui la hũ quarto: & todauia por agradar aos lapões são os nossos forçados ouui la muitas horas: & elles estão tão affeiçoados a ella, que não lhe parece auer cousa no mundo igual, & a nossa ainda que seja canto dorgão lhe tem assaz repugnancia. Fazem muitos autos & representações nas festas de cousas varias, honestas, & alegres, mas sempre anda a musica diante.", fl. 123v.

"As cerimoniaes do lapão são innumeraveis, porque não ha quem as saiba de todo, & tem muitos liuros que não tratão de outra cousa, so pera beber hũa pouca de agoa vsão mais de sete ou oito. E pera o vso do abano mais de trinta, pois no comer, mandar presentes, e no trato humano he cousa infinita, basta que não tem outra sciencia, nem outro estudo senão este, e o da letra.", fl. 124.

- **Carta ânua de Luís Fróis** para o Padre Geral da Companhia de Jesus. Nagasaki, 1 de Outubro de 1585.

"Em Nangaçàqui residem quatro padres, & dous irmãos. Este pouo he sogeito á Companhia, porque no lo deu dom Bertolameu, posto que a gente delle não tem terras fora do muro nem hum palmo, mais que o sitio de suas casas, & a Companhia o começou a pouoar, & a juntar ali a gente. E por respeito da nao da China, (que leua deste porto cada anno

quinhentos mil cruzados em prata) se vai cada vez ennobrecendo mais, porque como a nao vem aqui carregada de seda, damascos, almiscre, ouro, & outras ricas fazendas, concorrem a este porto como a feira vniuersal, mercadores gentios de diuersos reinos de lapão, polo qual muitos que em outras partes não tem tam accomodado remedio de vida se vem com suas familias a morar neste Nangaçáqui, dos quaes commummente se bautizão aqui cada anno trezentas pessoas, & mais: & como a pouoação vai desta maneira sempre em crescimento os padres que o cultiuão tem bem em que exercitar sua charidade, por serem continuas as confissões, assi dos sãos, como dos enfermos, & pera os enterramentos.”, fl. 129.

“Todas as quaresmas se prega ás sextas feiras algũa cousa da paixão, & depois sae o padre, & os irmãos com todo o pouo, & fazem hũa solenne, e deuota procissão até hũa cruz mui grande fora do pouo[ado] onde elles se enterrão, & nesta procissão hião como trezentos disciplinantes, com hum crucifixo grande, & deuoto, que se fez na China. Algũs mercadores gentios que estauão aqui a Coresma passada // admirados de ver cousa tão noua, & tam pouco vsada entre elles chorauão, dizendo bem differente he isto que vemos das desordens, & peccados que nos ensinão, & fazem nossos Bonzos.”, fl. 129v-130.

- **Carta de Luís Fróis** para o Padre Geral da Companhia de Jesus. Nagasaki, 27 de Agosto de 1585.

“Os Christãos de Miáco estauão mui faltos de lugar determinado, onde podessem enterrar seus defuntos: comprarão agora abaixo da nossa igreja tres ou quatro ruas, hum sitio de mais de cinquenta braças em comprido, & trinta de largo cercando com suas cauas á roda, que de muito tempo estauão feitas, & logo determinarão de aleuantar ali hũa cruz, que he o primeiro estandarte de Christo, que junto daquella cidade se aleuanta publicamente contra o demonio, & como tomarão posse do sitio, fizerão logo hũa casinha em que poserão hum velho pera que tenha cuidado da cruz, & de ter limpo, & concertado aquelle lugar, porque os lapões nisto tem muito primor, & cuidado.”, fl. 154v.

“Comprio Dosam sua promessa [se ouvir pregação], & veo á igreja, & trouxe dous presentes conforme ao costume de lapão, hum pera o padre Organtino superior daquellas partes, & outro pera o padre Belchior de Figueiredo (...)”, fl. 158.

- **Carta de Luís Fróis, Nagasaki, 1 de Outubro de 1585. “Das guerras de Faxiba Chicugendono Senhor da Tenca, & da destruição de tres, ou quatro republicas de Bonzos, e dos edificios da noua cidade de Ozaca.”**

“(...) como Chicugendono ainda que he fidalgo não he de mui alta linhagem, nem cabia nelle por rezão de seu sangue a monarquia de lapão, posto elle agora nesta eminencia, & fortuna, & tambem por ter socedido em ella, a Nobunángá que foi o mais famoso, &

insigne Principe, & capitão que ouue em os tempos passados em lapão, poem todas suas forças em se autorizar, & ornar por todas as vias pera conuerter a si o animo de todos, & ganhar a opinião que o mundo tinha da pompa, & magestade, ser, & gouerno de Nobunànga, polo qual os edificios, & aposentos da fortaleza, & cidade de Ozáca, os paços dos senhores de lapão, que ali vão edificando segundo o commum juizo vão ja excedendo muito a fermosa cidade, & fortaleza de Anzuchi, & a cidade passa ja de hũa legoa de comprimento, isto nos escreueo hum padre, o qual em auzencia de Chicugendono teue oportunidade de poder ver todas estas cousas de vagar.”, fl. 161.

- **Carta de Pero Gomes**, superior de Bungo, para D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora. Usuki, 8 de Novembro de 1585.

“Com a confiança que de vossa Senhoria tenho & amor, que sei tem aos lapões me atreuo a pedir hũa merce a vossa Senhoria, & he que nos faça merce mandar algũa imagem de pena das que vem das Indias de Castella pequena, ou grande, ou qualquer outra cousa de pena ainda que não seja imagem, porque estas, & outras cousas autorizadas com virem da mão de vossa Senhoria são nestas partes de grande estima (...)”, fl. 168.

- **Algumas cousas tiradas de hũa carta que o padre Luis Fróis escreueo das partes do lapão ao Padre Alexandre Valegnano, que ja la estiuera por Visitador, & de outra do padre Pero Gomez superior em Bûngo.**

“E porque V. Reuerencia folgara de sabe os gasalhados & fauores grandes que Quambacudono fez ao padre Viceprouincial, direi nesta breuemente o estado em que està posto, porque sem nenhũa comparação veo a exceder a seu senhor & antecessor Nobunânga no estado, no poder, na honra, & nas riquezas.

No estado, porque tem mais gente & se serue com muito maior aparato: no poder, porque tem senhareados & metidos debaixo de seu imperio mais senhores & numero de reynos: em honra, porque nunca Nobubànga com quanta valia & poder teue pode chegar a estas dignidade [sic.] de se fazer Quambacudono, que he depois do Rey de lapão logo a immediata & maior pessoa em riquezas, porque o grosso & a medula do ouro & prata de lapão e das peças & cousas preciosas que nelle tem valia, todas estão em sua mão, & he em grande maneira temido & obedecido.”, fl. 174v.

“E pera mais arrogancia & ostentação de seu poder (porque como elle diz nenhũa outra cousa pretende mais que deixar grande nome de si) tem tres cousas no Miáco cada hũa de grande admiração, com as duas vay ja no cabo, a terceira começou auerà mes & meo. A primeira foi mandar fazer pera si outros paços fortaleza & fabrica como a de Vozàca fora do Miàco hum pouco desuiado das casas do Dairi (...). A segunda // cousa foy fazer agora de nouo hũs ricos & sumptuosos paços pera o Rey de lapão, não inferiores aos que dizem

tinhão antigamente aquelles Reys. A terceira, não por deuação nem por respeito, & acatamento que tenha aos Cãmis, & Fotoquès, mas puramente por aquirir grande nome, manda fazer o Daybut da cidade de Nara (...)”, fls. 175-175v.

Aquando da visita dos padres a Hideyoshi: “Deceo Quambacudono de cima com soo hũa mulher rapada como freira que trazia as chaues da porta, a qual aberta elle se pos em pè na entrada, & mandou que todos os que acompanhauão o padre [vice-provincial] subissem, mas que não entrasse ninguem com armas, & assi entrarão. Quambacudono os hia fazendo // guia, como se fora hum homem particular, & abrindo as portas, & janellas por sua mão: desta maneira nos leuou até o oitauo sobrado, & em cada hum nos daua conta das riquezas que nelle tinha guardadas dizendo esta camara que aqui vedes està chea de ouro, & esta de prata, estoutra de retros, & peças de damasco, aquella de vestidos, estas de catanas, & armas ricas: em hũa das camaras por onde passamos estauão dez ou doze capas de gram nouas penduradas em cordas de seda, que em lapão he cousa mui rara mostrou nos tanta diuersidade de cousas, & tanta quantidade de caixões, que olhando hũs pera os outros ficauamos marauilhados, & não auendo em lapão nem sendo costume da terra dormir em catres nem em leitos, nôs lhe vimos dous armados cozidos em ouro com todas as peças ricas que se vsão em Europa em camas de muito preço. Mostrou nos outra camara que auia pouco mandara fazer toda de ouro a qual he portatil, & está metida em muitas caixas compridas, dizendo nos que o dia dantes a tiuera armada, & folgara não estar desfeita pera no la mostrar.”, fl. 176v-177.

- **Carta de Luís Fróis de 1578 (relação das grandes guerras, alterações, & mudanças, que ouue nos reinos de lapão, & da cruel perseguição que o rei vniuersal de lapão aleuantou contra os padres da Companhia, & contra toda a Christandade)**

“Indo [Hideyoshi] hum dia polo mar, vendo a fusta em que o padre Viceprouincial estaua, mandou endereitar pera ella a sua embarcação, & desembarcou na mesma fusta, fazendo ao padre grande gasalhado. Depois de a ver toda com muita curiosidade (por ser mui diferente das embarcações dos lapões) & gabando seu artificio, se assentou no baileu pera comer algũas conseruas, que conforme ao costume de lapão lhe ofereceo o padre, & esteue grande tempo falando com os padres familiarmente, & gabando lhe as conseruas, & o vinho de Portugal: & pera lhe fazer maior fauor disse, que lhe mandassem hum pouco de vinho & daquellas conseruas como tornasse pera sua casa, aduertindoos, que não se fiaua senão delles, & que por isto lhas mandassem muito bem fechadas. Finalmente depois de tratar varias cousas, se tornou a embarcar, & foi pera sua casa, deixando aos padres & aos Christãos todos mui satisfeitos, & os gentios admirados.”, fl. 199v.

Após a morte de D. Francisco, rei de Bungo: “Mande logo chamar os padres, Gonçalo Rebelo, & Ioão Francisco, que estauão em duas residencias, por não auer então mais padres, nem irmãos em Búngo, & os outros estarem recolhidos todos no reino de Yamánguchi: os quaes com muita difficuldade poderão chegar a tempo, por ser inuerno, & na força das maiores chuvas que ha em Iapão: & não correrão pouco risco por acharem as ribeiras mui grandes, das quaes algũas passarão com caualos nadando, ajuntandonos tres padres com dous irmãos que estauão comigo lhe ordenamos hum mui celebre & sumptuoso enterramento, soprindo a falta dos padres & irmãos a infinita multidão de gente que se ajuntou pera seu enterramento, porque se acharão tambem presentes todos os Tònos & senhores que então auia (tirados os que estauão com o Principe) que por estar longe & ocupado na guerra não se pode achar presente, & os regedores & mais principaes Tònos leuauão as costas a tumba que hia mui ricamente concertada & ao redor della grande numero de bandeiras com suas Cruzes, & de tras hia Iulia⁴²⁴ com todos suas filhas [sic.], & infinidade de gente. Fizemos lhe tambem hũa esa com muitos degraos mui rica & bem concertada com grandissimo numero de velas douradas ao derredor, & o irmão Ioão fez hum sermão funebre em seu louuor, tratando de suas virtudes & do muito que lhe deuia aquelle reino com todos os seus naturaes polo muito que sempre trabalhara por sua conseruação, & bom gouerno com que ficarão todos mui satisfeitos & edificados, & se lhe fez hũa sepultura muito bem feita & ornada, que representa a authoridade de sua pessoa, na qual com muitas lagrimas & grande sentimento de todos o enterramos, & posto que elle foi a descansar bem, podem vossas reuerencias julgar quam tristes ficaríamos todos os que tanto tempo gozamos do fauor, amor, & afabilidade de tão bom rei, especialmente sendo sua morte em tempo que estaua ja todo o reino pera se baptizar (...)”, fl. 202v.

- **Carta de Alessandro Valignano, Provincial da Índia, para D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora. Goa, 1 de Dezembro de 1597.**

Sobre o retorno dos meninos japoneses que foram à Europa ao Japão, e à sua estadia em Goa: “[os Iapões] forão aqui mui bem recebidos do Visorei, & dos fidalgos, & com sua chegada ouue contentamento vniuersal por toda a India, & tanto maior, quanto estiuemos todos por muito tempo em grandes perplexidades, & angustias do que lhes pudesse ter acontecido fez lhe o Visorei muitas honras & merces, & lhes mandou de presente quatro caualos Arabios muito fermosos em que pudessem passar, & com ajuda de Deos se embarcarão em Abril pera Iapão, & eu com elles (...)”, fl. 232.

⁴²⁴ Segunda mulher, cristã, de D. Francisco, com quem este rei se casou depois de repudiar a célebre “Jezebel”.

“(...) em extremo pesou a elles [japoneses] e a mi, & pesara tambem aos padres todos de lapão a perda tão grande que se fez na nao Santiago dos ricos panos de seda & ouro que vossa Senhoria mandaua, os quaes a elles contentarão em grande maneira, & eu sobre todas as cousas que de Europa até agora vierão os desejauão, assi pera ornamentos das igrejas como por meter em espanto aos lapões com tão ricas cousas.”, fl. 232v.

“Entre as outras peças dou muitas graças a vossa Senhoria pello relógio tão rico, & feroso que me mandou a mim em particular, & não sei com que pagar tantas merces como vossa Senhoria me faz mais (...)”, fl. 232v.